

UMA PRINCESA TEM DE TER O SEU PRÍNCIPE



DESTRUIR O REINO

ALEXANDRA CHRISTO

SENSAÇÃO DO TIKTOK
E BESTSELLER INTERNACIONAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

UMA PRINCESA TEM DE TER O SEU PRÍNCIPE



DESTRUIR O REINO

ALEXANDRA CHRISTO

SENSAÇÃO DO TIKTOK
E BESTSELLER INTERNACIONAL

casadasletras

Índice

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

Alexandra Christo

Destruir o Reino

Tradução
Sofia Ribeiro


casadasletras

Ficha Técnica

Título: Destruir o Reino
Título original: To Kill a Kingdom
Autora: Alexandra Christo
Editora: Marta Ramires
Tradução: Sofia Ribeiro
Revisão: Isabel Garcia
Capa: Neusa Dias
ISBN: 9789895811380

CASA DAS LETRAS
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2018, Alexandra Christo
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico
www.leya.com

Para aqueles que amo, que nunca tiveram
oportunidade de ver isto acontecer

Tenho um coração para cada ano da minha vida.

Há dezassete escondidos na areia do meu quarto. De vez em quando, esgaravato o cascalho, só para ver se continuam lá. Enterrados bem fundo e ensanguentados. Conto-os um a um, para me certificar de que nenhum foi roubado durante a noite. Não é um medo assim tão estranho de se ter. Os corações são poder e se há coisa por que a minha espécie anseia mais do que o oceano, é o poder.

Já ouvi coisas: histórias de corações perdidos e mulheres arpoadas presas no leito do oceano como punição pela sua traição. Deixadas a sofrer até o seu sangue se tornar sal e elas se dissolverem em espuma do mar. São mulheres que recebem a dádiva humana dos seus parentes. Sereias mais peixe do que carne, com uma parte superior do corpo a condizer com as escamas decadentes das suas barbatanas.

Ao contrário das sirenas, as sereias têm cascas e membros azuis esticados em vez de cabelo, e a falta de maxilares faz com que a boca atinja o tamanho de pequenos barcos e engula tubarões inteiros. A sua carne azul-escura é pontilhada com barbatanas que se estendem pelos braços e pela espinha. Tanto peixe como humano, sem a beleza de nenhum.

Têm a capacidade de ser mortíferas, como todos os monstros, mas enquanto as sirenas seduzem e matam, as sereias permanecem fascinadas pelos humanos. Roubam bugigangas e seguem navios na esperança de que o tesouro caia do convés. Às vezes, salvam a vida de marinheiros, levando apenas amuletos em troca. E quando roubam os corações que guardamos, não é pelo poder. É por pensarem que, se os comerem em número suficiente, podem tornar-se elas próprias humanas.

Odeio sereias.

O meu cabelo serpenteia pelas costas abaixo, vermelho como o meu olho esquerdo – apenas o esquerdo, claro, porque o olho direito de qualquer sirena é da cor do mar onde nasceu. No meu caso, é o grande mar dos Diábolos, com

águas de maçã e safira. Uma seleção de ambas, de modo que não é nenhuma das duas. Nesse oceano encontra-se o reino marítimo de Keto.

É sabido que as sirenas são belas, mas a linhagem de Keto é real, tendo a sua própria beleza inerente. Um esplendor forjado em água salgada e realeza. Temos pestanas nascidas de aparas de icebergue e lábios pintados com o sangue dos marinheiros. É de espantar que precisemos sequer do nosso canto para roubar corações.

– Qual vais tirar, prima? – pergunta a Kahlia, em *psáriin*.

Está sentada ao meu lado na rocha, a olhar o navio ao longe. As suas escamas são de um acobreado intenso e o cabelo louro mal lhe chega aos seios, que estão cobertos por uma trança de algas cor de laranja.

– Estás a ser ridícula – digo-lhe. – Tu sabes bem qual.

O navio atravessa ociosamente as águas calmas de Adékaros, um dos muitos reinos humanos que jurei destituir de príncipe. É mais pequeno do que a maior parte e feito de madeira encarnada, que representa as cores do seu país.

Os humanos gostam de ostentar os seus tesouros ao mundo, mas isso só os torna alvos para criaturas como eu e a Kahlia, que podemos detetar facilmente um navio da realeza. Afinal, é o único da frota com a madeira pintada e a bandeira do tigre. A única embarcação em que o príncipe adékarosino navega.

Presa fácil para os que estão na disposição de caçar.

O sol pesa nas minhas costas. O seu calor pressiona-me o pescoço e cola-me o cabelo à pele molhada. Anseio pelo gelo do mar, com o seu frio tão cortante que lembra gloriosas adagas nas fendas entre os meus ossos.

– Que pena – diz a Kahlia. – Quando eu o estava a espiar, parecia que olhava para um anjo. Tem um rosto tão belo.

– O coração há de ser mais belo ainda.

A Kahlia abre um sorriso selvagem.

– Há séculos que não fazes uma matança, Lira – provoca. – Tens a certeza de que não estás destreinada?

– Um ano não é bem uns séculos.

– Depende de quem conta.

Suspiro.

– Então diz-me quem é aquele, para eu o poder matar e acabar com esta conversa.

O sorriso da Kahlia é pérfido. Do tipo reservado para os momentos em que estou mais terrível, porque esse é o traço que supostamente as sirenas mais valorizam. O nosso horror é precioso. Ensina-se que a amizade e o parentesco são tão estranhos como a terra. A lealdade é reservada exclusivamente à Rainha do Mar.

– Estás um bocadinho sem coração hoje, não estás?

– Nunca – digo. – Há dezassete debaixo da minha cama.

A Kahlia sacode a água do cabelo.

– Tantos príncipes que provaste!

Diz isto como se fosse motivo de orgulho, mas isso é porque a Kahlia é jovem e só tomou dois corações por si própria. Nenhum deles da realeza. Essa é a minha especialidade, o meu território. A reverência da Kahlia deve-se, em parte, a isso. A maravilha de saber se os lábios de um príncipe têm um sabor diferente dos de outro ser humano. Não sei dizer, porque só provei príncipes.

Desde que a nossa deusa, Keto, foi morta pelos humanos, tornou-se costume roubar um coração a cada ano, no mês do nosso nascimento. É uma celebração da vida que Keto nos deu e uma homenagem de vingança pela vida que os humanos lhe tiraram. Quando eu era demasiadamente pequena para caçar, a minha mãe fazia-o por mim, como é tradição. E sempre me deu príncipes. Alguns tão jovens quanto eu. Outros velhos e franzidos, ou filhos do meio que nunca tiveram oportunidade de governar. O rei da Armonia, por exemplo, teve em tempos seis filhos e, nos meus primeiros aniversários, a minha mãe trouxe-me um a cada ano.

Quando eu finalmente tinha idade suficiente para me aventurar por conta própria, não me ocorreu renunciar à realeza e orientar-me para os marinheiros, como fazia o resto da minha espécie, nem sequer caçar os príncipes que um dia assumiriam os seus tronos. Não sou nada senão uma fiel seguidora das tradições da minha mãe.

– Trouxeste a tua concha? – pergunto.

Kahlia afasta o cabelo para mostrar a concha laranja que traz enlaçada ao pescoço. Uma semelhante, apenas uns tons mais sangrentos, balança do meu. Não parece grande coisa, mas é a maneira mais fácil de comunicarmos. Se as levamos ao ouvido, podemos ouvir o som do oceano e o canto do palácio subaquático de Keto, a que chamamos lar. Para a Kahlia, pode funcionar como um mapa do mar dos Diábolos, se formos separadas. Estamos muito longe do nosso reino, e levámos quase uma semana a nadar até aqui. Como a Kahlia tem catorze anos, tem tendência a ficar perto do palácio, mas fui eu a decidir que isso devia mudar e, na qualidade de princesa, os meus caprichos são lei.

– Não nos vamos separar – diz a Kahlia.

Em circunstâncias normais, não me importaria se uma das minhas primas ficasse encalhada num oceano estrangeiro. No seu todo, são um grupo entediante e previsível, com pouca ambição ou imaginação. Desde que a minha tia morreu, tornaram-se nada mais do que lacaias adoradoras da minha mãe. O que é ridículo, porque a Rainha do Mar não é para ser adorada. É para ser temida.

– Não te esqueças de escolher só um – instruo. – Não percas o foco.

A Kahlia anui.

– Qual? – pergunta. – Ou vai cantar para mim quando eu lá estiver?

– Seremos as únicas a cantar – digo. – Isso vai encantar todos, mas se colocares o teu foco num, ele apaixona-se por ti tão resolutamente que, mesmo ao afogar-se, gritará apenas a tua beleza.

– Normalmente, o encantamento é quebrado quando eles começam a morrer – diz a Kahlia.

– Porque te concentras em todos e, portanto, lá no fundo, eles sabem que nenhum deles é o desejo do teu coração. O truque é querê-los tanto como eles te querem.

– Mas eles são nojentos – diz a Kahlia, embora não pareça que ela acredite nisso, mas quer que eu pense que sim. – Como se pode esperar que os desejemos?

– É que agora não estás só a lidar com marinheiros. Estás a lidar com a realidade e, com ela, vem o poder. O poder é sempre desejável.

– Realeza? – A Kahlia fica de queixos caídos. – Pensei...

Perde o fio à meada. O que ela pensava era que os príncipes eram meus e eu não os partilhava. Isso não é falso, mas onde há príncipes, há reis e rainhas e esses nunca me serviram de muito. Os governantes são facilmente depostos. São os príncipes que detêm o fascínio. Na juventude. Na aliança do seu povo. Na promessa do líder em que, um dia, podem vir a tornar-se. São a próxima geração de governantes e, ao matá-los, estou a matar o futuro. Tal como me ensinou a minha mãe.

Pego na mão da Kahlia.

– Podes ficar com a rainha. Não tenho interesse no passado.

Os olhos da Kahlia iluminam-se. O direito tem a safira do mar dos Diábolos que tão bem conheço, mas o esquerdo, de um amarelo cremoso que mal se distingue do branco, cintila com uma alegria rara. Se ela roubar um coração real pelo seu décimo quinto aniversário, com certeza ganhará clemência da raiva perpétua da minha mãe.

– E tu ficas com o príncipe – diz a Kahlia. – O que tem o rosto belo.

– O rosto dele não faz diferença. – Largo-lhe a mão. – É o coração dele que procuro.

– Tantos corações. – A sua voz é angélica. – Não tarda, ficas sem espaço para os enterrar a todos.

Passo a língua pelos lábios.

– Talvez – digo. – Mas uma princesa tem de ter o seu príncipe.

2

Sinto o navio áspero sob a espinha dos meus dedos. A madeira está lascada, a tinta, estalada e a descascar sobre o corpo. Corta a água de uma maneira demasiado irregular. Como uma faca romba, pressionando e rasgando até cortar. Há podridão em alguns pontos e o mau cheiro faz-me franzir o nariz.

É o navio de um príncipe pobre.

Nem todos os membros da realeza são iguais. Alguns aparelham-se com roupas finas, joias insuportavelmente pesadas e tão grandes que se afogam duas vezes mais depressa. Outros estão malvestidos, com apenas um ou dois anéis e coroas de bronze pintadas de ouro. Não que isso me importe. Afinal de contas, um príncipe é um príncipe.

A Kahlia mantém-se ao meu lado e nadamos com o navio, que rasga o mar. É uma velocidade constante e que podemos facilmente acompanhar. Esta é a espera angustiante, quando os humanos se tornam presas. Passa algum tempo até o príncipe pôr finalmente o pé no convés e lançar o olhar para o oceano. Não nos consegue ver. Estamos muito perto e a nadar muito depressa. A Kahlia olha-me sobre o rasto do navio e os seus olhos suplicam a pergunta. Com um sorriso que vale o mesmo que um aceno, retribuo o olhar da minha prima.

Saímos da espuma e entreabrimos os lábios.

Cantamos em perfeito uníssonos, na língua de Midas, a língua humana mais comum e que todas as sirenas bem conhecem. Não que as palavras importem. É a música que os seduz. As nossas vozes ecoam no céu e voltam embaladas pelo vento. Cantamos como se houvesse um coro inteiro de nós e, enquanto a persistente melodia faz ricochete e se eleva, enrola-se no coração da tripulação até que finalmente o navio abrande e para.

– Está a ouvir, mãe? – pergunta o príncipe. A sua voz é aguda e sonhadora.

A rainha encontra-se junto dele, no convés.

– Não creio...

Falha-lhe a voz quando a melodia a acaricia, em submissão. Trata-se de um comando e todos os seres humanos pararam, os corpos petrificados, enquanto os seus olhos perscrutam os mares. Fixo o meu foco no príncipe e canto mais suavemente. Em instantes, os olhos dele pousam nos meus.

– Ó deuses – diz ele. – És tu.

Sorri e, do olho esquerdo, desliza uma única lágrima.

Paro de cantar e a minha voz transforma-se num suave zumbido.

– Meu amor – diz o príncipe –, encontrei-te por fim.

Agarra os cabos de aço e espreita para longe, por cima da borda, o peito espalmado na madeira, uma mão estendida para me tocar. Usa uma camisa bege, com os cordões soltos no peito, as mangas rasgadas e levemente picadas pela traça. A sua coroa é uma fina folha de ouro, com ar de se poder quebrar se ele se mexer depressa demais. Tem um ar desolado e pobre.

Mas, depois, há o seu rosto.

Suave e redondo, com pele que lembra a madeira envernizada e olhos de um penetrante tom mais escuro. O seu cabelo balança e encaracola-se firmemente na cabeça, uma bela confusão de argolas e espirais. A Kahlia tinha razão; ele é angelical. Magnífico, mesmo. O seu coração dará um belo troféu.

– És tão bela – diz a rainha, olhando para a Kahlia com veneração. – Não sei como alguma vez posso ter considerado outrem.

O sorriso da Kahlia é primordial quando estende a mão para a rainha, acenando-lhe para que vá para o oceano.

Viro-me novamente para o príncipe, que estende freneticamente a mão para mim.

– Meu amor – implora. – Vem para bordo.

Abano a cabeça e continuo a cantarolar. O vento geme com a minha voz de embalar.

– Então, irei eu ao teu encontro! – grita ele, como se tivesse escolha.

Com um sorriso alegre, ele lança-se ao oceano e, com o respingo do seu corpo vem um segundo, que sei ser da rainha, atirando-se à mercê da minha prima. Os sons das suas quedas despertam algo na tripulação e, num instante, põem-se a gritar.

Debruçam-se sobre a borda do navio, são cinquenta, agarrados a cordas e madeira, assistindo ao espetáculo lá em baixo com horror. Mas ninguém se atreve a atirar-se ao mar para salvar os seus soberanos. Sinto o cheiro do medo deles, misturado com a confusão que vem da súbita ausência da nossa canção.

Os meus olhos encontram os do meu príncipe e acaricio-lhe a pele angelical. Suavemente, com uma mão na sua face e a outra apoiada nos ossos finos do seu ombro, beijo-o. E quando os meus lábios provam os dele, puxo-o para baixo.

O beijo é interrompido quando estamos suficientemente em baixo. O meu canto já terminou há muito, mas o príncipe continua enamorado. Mesmo quando a água enche os seus pulmões e a sua boca se abre num arquejo,

mantém os olhos postos em mim com uma expressão gloriosa de paixão.

Enquanto se afoga, toca com os dedos nos lábios.

Ao meu lado, a rainha da Kahlia debate-se. Agarra-se à garganta e enxota a minha prima. Zangada, a Kahlia fica agarrada ao tornozelo dela e mantém-na sob a superfície; o rosto da rainha é um esgar, enquanto tenta escapar. Em vão. O aperto de sirena é um vício.

Acaricio o meu príncipe moribundo. O meu aniversário é só daqui a duas semanas. Esta viagem foi um presente para a Kahlia: segurar nas suas mãos o coração da realeza e chamar-lhe o seu décimo quinto. Não é suposto eu roubar um coração quinze dias antes, quebrando a nossa regra mais sagrada. No entanto, está um príncipe a morrer lentamente diante de mim. Pele morena e lábios azuis como o oceano. O cabelo deslizando atrás de si como algas negras. Há algo na sua pureza que me lembra a minha primeira morte. O menino que ajudou a minha mãe a transformar-me na besta que agora sou.

Que cara tão linda, penso.

Passo o polegar pelo lábio do pobre príncipe, saboreando a sua expressão pacífica. E depois solto um guincho como nenhum outro. O tipo de ruído que desfaz ossos e enterra garras na pele. Um ruído para deixar a minha mãe orgulhosa.

Num único gesto, mergulho o punho no peito do príncipe e arranco-lhe o coração.

3

Tecnicamente, sou um assassino, mas gosto de pensar que essa é uma das minhas melhores qualidades.

Ergo a faca à Lua, admirando o polimento de sangue antes que se infiltre no aço e desapareça. Foi forjada para mim quando fiz dezassete anos e se tornou claro que matar já não era apenas um passatempo. Era indecoroso, disse o rei, que o príncipe de Midas andasse por aí com lâminas enferrujadas. Portanto, agora trago uma lâmina mágica que bebe o sangue da sua matança tão rapidamente que mal tenho tempo de admirá-lo. O que é muito mais decoroso, ao que parece. Até mesmo um pouco teatral.

Olho a coisa morta no meu convés.

O *Saad* é uma embarcação poderosa que se estende até ao tamanho de dois navios, com uma tripulação que poderia ser de mais de quatrocentos, mas é exatamente metade disso, porque valorizo, acima de tudo, a lealdade. Velhas candeias negras adornam a popa e o mastro alonga-se como uma adaga penetrante. O *Saad* é muito mais do que um navio: é uma arma. Pintado de azul-ultramarino, com velas do mesmo tom creme da pele da rainha e um convés com o mesmo polimento do rei.

Convés esse que, neste momento, abriga o cadáver sangrento de uma sirena.

– Não é suposto agora derreter?

São palavras do Kilton Torik, o meu imediato. O Torik tem quarenta e poucos anos, um bigode branco puro e uns bons dez centímetros a mais do que eu. Cada braço seu é do tamanho de uma perna minha, é um homem bem robusto. Nos meses de verão como estes, usa calções cortados, o tecido desfiado pelos joelhos, e camisa branca com um colete preto amarrado com fita vermelha. O que me diz que, entre todas as coisas que ele leva a sério – que, na verdade, é a maior parte –, o seu papel de quase pirata provavelmente não é uma delas. É uma contradição para tripulantes como o Kye, que não leva absolutamente nada a sério e, no entanto, se veste como se fosse um

membro honorário dos infames ladrões de Xaprár.

– Sinto-me esquisito só de olhar para isto – diz o Torik. – É toda humana na parte de cima.

– Gostas de olhar para a parte de cima, não é?

O Torik enrubesce um tom e desvia a atenção dos seios expostos da sirena.

Claro que entendo o que ele quis dizer, mas algures nos mares esqueci-me de como ficar horrorizado. Não há como olhar para além das barbatanas e dos lábios vermelhos de sangue, ou dos olhos que brilham com duas cores diferentes. Homens como o Torik – homens bons – veem o que estas criaturas podiam ser: mulheres e raparigas, mães e filhas. Mas eu só consigo vê-las como são: monstros e bestas, criaturas e demónios.

Não sou um homem bom. Acho que há muito que já não sou.

Diante de nós, a pele da sirena começa a dissolver-se. O seu cabelo derrete num verde-marinheiro e as escamas tornam-se espuma. Até o seu sangue, um mero instante antes de ameaçar sujar o convés do *Saad*, começa a borbulhar até restar apenas espuma de mar. E, passado um minuto, também isso desaparece.

Estou grato por essa parte. Quando uma sirena morre, volta para o oceano, o que significa que não há queima indecorosa de corpos. Nada de despejar os cadáveres putrefactos no mar. Posso não ser um homem bom, mas sou bom o suficiente para achar isto preferível.

– E agora, Cap?

O Kye faz deslizar a espada de volta ao seu lugar e posiciona-se ao lado da Madrid, a minha segundo-imediato. Como de costume, o Kye está todo vestido de preto, com retalhos de couro e luvas que terminam na ponta dos dedos. Tem o cabelo castanho-claro rapado de ambos os lados, como a maior parte dos homens que são de Omorfíá, onde a estética é valorizada acima de tudo. Incluindo, no caso do Kye, os princípios morais. Felizmente para ele – e, porventura, para todos nós –, a Madrid é especialista em estimular decência nas pessoas. Para assassina profissional, é estranhamente ética e a relação entre os dois conseguiu impedir o Kye de deslizar até das encostas mais escorregadias.

Laço um sorriso ao Kye. Gosto que me chamem «Cap». Capitão. Qualquer coisa que não seja «Meu Suserano», «Meu Príncipe», «Sua Alteza-Real Sir Eïian Midas». Seja o que for que os devotos gostam de cuspir entre as vénias constantes. Cap combina comigo de uma maneira que o meu título nunca combinou. Sou muito mais pirata do que príncipe, de qualquer maneira.

Tudo começou quando eu tinha quinze anos e, nos últimos quatro, não conheci nada como conheço o oceano. Quando estou em Midas, o meu corpo anseia por dormir. Uma fadiga constante acompanha o meu agir como príncipe, em que até mesmo conversas com os que, na corte, me julgam um dos seus se tornam demasiado cansativas para me manter acordado. Quando estou a bordo do *Saad*, mal durmo. Parece que nunca estou suficientemente

cansado. Há um batuque e um pulsar constantes. Faíscas como relâmpagos que disparam nas minhas veias. Estou alerta, sempre, e tão cheio de empolgação ansioso que, enquanto o resto da minha tripulação dorme, fico deitado no convés a contar as estrelas.

Faço formas com elas e, a partir dessas formas, crio histórias. De todos os lugares onde estive e estarei. De todos os mares e oceanos que ainda tenho de visitar e dos homens que ainda tenho de recrutar e dos demónios que ainda tenho de matar. Essa emoção nunca para, mesmo quando os mares se tornam fatais. Mesmo quando ouço o canto que tão bem conheço e me toca a alma, fazendo-me acreditar no amor como se fosse a primeira vez. O perigo deixa-me ainda mais sedento.

Na qualidade de Elian Midas, príncipe herdeiro do trono Midas, sou bem enfadonho. As minhas conversas são sobre o Estado, riquezas, a que baile ir, qual a senhora que tem o melhor vestido e se há alguma que eu considere valer o meu afeto. Sempre que atraco em Midas e sou obrigado a desempenhar esse papel parece-me tempo perdido. Um mês, uma semana, um dia que não consigo voltar. Uma oportunidade perdida, ou uma vida não salva. Mais um membro da realeza que posso ter dado a comer à Desdita dos Príncipes.

Mas quando sou apenas Elian, capitão do *Saad*, transformo-me. Quando o barco atraca em qualquer ilha que eu tenha escolhido nesse dia, desde que tenha a minha tripulação, posso ser eu mesmo. Beber até ficar tonto e folgar com mulheres de pele morna das suas explorações. Mulheres que cheiram a rosa e cevada e, ao ouvirem dizer que sou um príncipe, desatam a rir e me dizem que isso não me dá direito a uma bebida de graça.

– Cap? – chama o Kye. – Diz em que pé estamos.

Subo a correr os degraus até ao convés do castelo de proa, saco do telescópio dourado da argola do cinto e colo-o aos olhos pintados com lápis. Na borda do gurupé, vejo o oceano. Estendendo-se por milhas e mais milhas. Eternidades, até. Nada além de águas claras. Passo a língua pelos lábios, faminto de mais da emoção.

Há realeza em mim, mas mais forte do que isso, há aventura. Indecoroso para o herdeiro de Midas, dissera o meu pai, ter uma faca enferrujada, ou zarpar para águas abertas e desaparecer durante meses de cada vez, ou chegar aos dezanove anos sem ter uma esposa apropriada, ou usar chapéus em forma de triângulos e trapos com cordões soltos no lugar de fios de ouro.

Indecoroso, ser pirata e caçador de sirenas, em vez de príncipe.

Suspiro e viro-me para enfrentar a proa. Tanto oceano, mas à distância, muito longe para ser avistada, há terra. Há a ilha de Midas. A minha terra.

Olho para a minha tripulação. Duzentos marinheiros e guerreiros, que veem a minha demanda como sendo honrosa e brava. Não pensam em mim como os da corte, que ouvem o meu nome e imaginam um jovem príncipe que tem a exploração entranhada no corpo. Estes homens e mulheres ouviram o meu nome e juraram lealdade eterna.

– Muito bem, miscelânea de moelas de sirena – chamo –, virem a senhora para a esquerda.

A minha tripulação ruge, em aprovação. Em Midas, asseguro-me de que são mimados com toda a bebida e comida que desejam. Barriga cheia e cama com lençóis de seda. Muito mais luxo do que aquele a que estão acostumados quando dormem no *Saad*, ou nas camas forradas de feno das hospedarias que encontramos nas terras por onde passamos.

– A minha família vai querer ver como nos saímos – digo-lhes. – Vamos para casa.

Uma trovoadas de pés a bater. Aplaudem, triunfantes, com o anúncio. Rasgo um sorriso e decido manter a alegria estampada no rosto. Não vou vacilar. É uma parte fundamental da minha imagem: nunca perturbado, zangado ou desanimado. Sempre dono da minha vida e do meu destino.

O navio vira bruscamente para estibordo, balançando num círculo largo, enquanto a minha tripulação corre pelo convés, ansiosa pelo regresso a Midas. Não são todos nativos, alguns são de reinos vizinhos, como Armonía ou Adékaros. Países de que se aborreceram ou que foram atirados para o caos após a morte dos seus príncipes. São de todos os lugares e não têm lar em nenhum, mas chamam assim a Midas porque eu o faço. Mesmo sendo uma mentira, para eles e para mim. A minha tripulação é a minha família e embora eu nunca pudesse dizê-lo – talvez, não precise de o dizer –, o *Saad* é o meu verdadeiro lar.

O lugar para onde nos dirigimos agora é só mais um ponto de paragem.

Em Midas, o oceano brilha ouro. Pelo menos, é essa a ilusão. Na realidade, é tão azul como qualquer mar, mas a luz faz estas coisas. Coisas inexplicáveis. A luz pode mentir.

O castelo ergue-se acima da terra, construído na pirâmide maior. É feito de ouro puro, de modo que cada pedra e tijolo é uma extensão reluzente de luz solar. As estátuas espalham-se no horizonte e as casas das cidades mais baixas estão todas pintadas da mesma forma. As ruas e as calçadas têm um brilho amarelo, de modo que, quando o sol bate no oceano, ele brilha com um reflexo inconfundível. É apenas durante as partes mais escuras da noite que o verdadeiro azul do mar de Midas pode ser visto.

Como príncipe de Midas, o meu sangue deve ser feito desse mesmo ouro. Cada terra nos cem reinos tem os seus próprios mitos e fábulas para os seus membros da realeza. Os deuses esculpiram a família Págos na neve e no gelo. Cada geração é presenteada com cabelos como o leite e lábios azuis como céus. Os membros da realeza Eidýllion são os descendentes do Deus do Amor e, portanto, qualquer um que toquem encontrará a sua alma gémea. E os monarcas de Midas são feitos a partir do próprio ouro.

Reza a lenda que a minha família inteira sangra ouro, nada mais. Claro que eu sangrei imenso no meu tempo. As sirenas perdem toda a serenidade quando passam de caçador a presa e pedaços das suas unhas ficam cravados nos meus braços. O meu sangue foi derramado mais vezes do que o de qualquer príncipe e posso atestar o facto de nunca ter sido ouro.

A minha tripulação sabe disto. Foram eles que limpavam as minhas feridas e me coseram a pele. No entanto, divertem-se com a lenda, rindo e acenando dubiamente sempre que as pessoas falam de sangue dourado. Nunca trairiam o segredo da minha normalidade.

– Claro – dirá a Madrid a quem perguntar. – O Cap é feito das partes mais puras do sol. Vê-lo sangrar é como olhar nos olhos dos deuses.

O Kye inclina-se sempre para a frente neste ponto e baixa a voz como só

uma pessoa que conhece todos os meus segredos poderia fazer.

– Depois de estarem com ele, as mulheres choram lágrimas de metal líquido durante uma semana. Metade por saudades terríveis do seu toque e a outra metade para voltarem a comprar o orgulho.

– Sim – acrescenta sempre o Torik. – E também caga arco-íris.

Detenho-me no castelo de proa do *Saad*, ancorado nas docas de Midas. Inquieta-me a ideia de ter os pés em terra firme, depois de tantas semanas. É sempre assim. Mais estranho ainda é pensar que terei de deixar as partes mais verdadeiras de mim no *Saad* antes de ir para a pirâmide e para a minha família. Já se passou quase um ano desde que aqui voltei e, embora tenha tido saudades deles, parece-me que foi tão pouco tempo.

O Kye está ao meu lado. O resto da tripulação começou a caminhada, como um exército a marchar para o palácio, mas ele raramente sai do meu lado, a menos que lhe seja pedido. Contramestre, melhor amigo e guardacostas. Ele nunca admitiria esta última parte, embora o meu pai lhe tenha oferecido dinheiro suficiente para o cargo. Claro que, na época, já o Kye estava na minha tripulação há tempo suficiente para saber que não devia tentar salvar-me, e era meu amigo há tempo suficiente para estar disposto a tentar, fosse como fosse.

Ainda assim, ficou com o ouro. Ficou com a maior parte das coisas simplesmente por ter essa possibilidade. Vinha com o privilégio de ser filho de um diplomata. Se o Kye ia desiludir o pai, juntando-se a mim numa caça à sirena, em vez de passar a vida na política e nas negociações entre reinos, não o faria pela metade. Ia jogar tudo o que tinha. Afinal de contas, a ameaça de deserção já tinha sido concretizada.

À minha volta, tudo brilha. Edifícios, pavimentos e até as docas. No céu, centenas de pequenas lanternas de ouro flutuam para o alto, celebrando o meu regresso a casa. O conselheiro do meu pai é da terra dos adivinhos e profetas, por isso ele sabe sempre quando estou a voltar. De todas as vezes, os céus dançam com lanternas flamejantes, joias por entre as estrelas.

Inalo o cheiro familiar da minha terra natal. Midas parece sempre cheirar a fruta. Tantos tipos diferentes ao mesmo tempo. Peras e pêssegos, a polpa de mel misturada com o doce licor dos alperces. E sob tudo isso, o leve aroma do alcaçuz, que vem do *Saad* e, muito provavelmente, de mim.

– Elian. – O Kye põe um braço por cima do meu ombro. – É melhor pormo-nos a caminho, se quisermos alguma coisa para comer hoje à noite. Sabes bem que essa malta não nos deixa nenhuma bucha, se lhes dermos oportunidade para isso.

Rio-me, mas mais parece um suspiro.

Tiro o chapéu. Já troquei a minha roupa de mar pelo único conjunto respeitável que tenho a bordo do navio. Uma camisa creme, com botões em vez de cordões, e calças azul-escuras, seguras por um cinto dourado. Não é bem adequado para um príncipe, mas também não tem nada de pirata. Até tirei o meu brasão de família do fino fio que trago ao pescoço e coloquei-o no

polegar.

– Certo. – Penduro o chapéu no leme do navio. – O melhor é acabarmos já com isto.

– Não vai ser assim tão mau. – O Kye puxa o colarinho. – Podes dar por ti a gostar das vénias. Podes até abandonar o navio e deixar-nos a todos encalhados na terra do ouro. – Estende a mão para me despentear o cabelo. – Não seria assim tão mau – diz ele. – Até que gosto de ouro.

– Um verdadeiro pirata. – Empurro-o, a meio gás. – Mas podes tirar essa ideia da cabeça. Vamos ao palácio, marcamos presença no baile que, sem dúvida, farão em minha honra e zarpamos antes do fim da semana.

– Um baile? – O Kye ergue a sobancelha. – Que honra, meu suserano. – Curva-se numa vénia profunda, com uma mão no estômago.

Empurro-o de novo. Com mais força.

– Ó deuses! – Estremeço. – Por favor, não.

Mais uma vez ele se curva, embora desta vez mal consiga evitar rir.

– Como vos aprouver, Vossa Alteza.



A minha família está na sala do trono. A câmara é decorada com bolas flutuantes de ouro, bandeiras impressas com o brasão de Midas e uma grande mesa cheia de joias e presentes. Dádivas do povo para celebrar o regresso do seu príncipe.

Tendo abandonado o Kye, que se dirigiu ao salão de jantar, observo a minha família da porta, não estando preparado para anunciar a minha presença.

– Não é que eu ache que ele não merece – diz a minha irmã.

A Amara tem dezasseis anos, olhos de toupeira e cabelo tão preto como o meu, e quase sempre salpicado de ouro e pedras preciosas.

– Só que duvido que ele queira. – A Amara segura uma pulseira de ouro em forma de folha e apresenta-a ao rei e à rainha. – Realmente – argumenta ela. – Estão a ver o Elian a usar isto? Estou a fazer-lhe um favor.

– Então, agora furtar é um favor? – pergunta a rainha. As tranças de ambos os lados da sua franja balançam quando se vira para o marido. – Mandamo-la viver para Kléftes com o resto dos ladrões?

– Nem em sonhos – diz o rei. – Mandar o meu diabito para lá e eles entenderem como um ato de guerra quando ela roubar o anel do brasão?

– Disparate. – Entro finalmente na sala. – Ela seria inteligente o suficiente para primeiro ir à coroa.

– Elian!

A Amara corre para mim e lança os braços ao meu pescoço. Retribuo o abraço e levanto-a do chão, tão empolgado por vê-la como ela está por me ver a mim.

– Estás em casa! – diz ela, quando a pouso no chão.

Olho para ela fingindo-me magoado.

– Há cinco minutos, e já estás a planear roubar-me.

A Amara dá-me uma dedada no estômago.

– Só um bocadinho.

O meu pai ergue-se do trono e os seus dentes brilham na pele escura.

– Meu filho.

Envolve-me num abraço e dá-me uma palmadinha em ambos os ombros. A minha mãe desce os degraus para se juntar a nós. É franzina, mal chegando ao ombro do meu pai, e tem feições delicadas e graciosas. Usa o cabelo cortado pelo queixo e os seus olhos são verdes e felinos, delineados com traços de negro que lhe lambem as têmporas.

O rei é o seu oposto em todos os sentidos. Grande e musculoso, com uma pera presa com missangas. Os seus olhos são castanhos, combinam com a pele, e tem o maxilar pronunciado e quadrado. Com imagens hieráticas de Midas a decorar-lhe o rosto, parece ser inteiramente um guerreiro.

A minha mãe sorri.

– Começávamos a temer que nos tivesses esquecido.

– Só por um tempo. – Beijo-lhe a bochecha. – Lembrei-me mal atracámos. Vi a pirâmide e pensei: Ah, a minha família vive ali. Lembro-me da cara deles. Espero que tenham trazido uma pulseira para celebrar o meu regresso. – Dirijo um sorriso à Amara, que me dá novamente uma pontada.

– Já comeste? – pergunta a minha mãe. – Há um belo festim no salão de banquetes. Acho que os teus amigos estão lá dentro.

O meu pai resmunga.

– Sem dúvida a comer tudo, menos os talheres.

– Se queres que comam os talheres, deves mandar fazê-los de queijo.

– Sinceramente, Elian. – A minha mãe bate-me no ombro e estende a mão para me afastar o cabelo da testa. – Tens um ar tão cansado – diz ela.

Pego na sua mão e beijo-a.

– Eu estou bem. É só de dormir num navio.

De facto, acho que só fiquei com um ar cansado quando saí do *Saad* para o cimento dourado de Midas. Bastou um passo para ficar esvaziado de vida.

– Devias tentar dormir na tua cama mais do que uns meros dias por ano – diz o meu pai.

– Radames – ralha a minha mãe. – Não comeces.

– Estou só a falar com o rapaz! Lá fora, só há oceano.

– E sirenas – recordo-lhe.

– Ah! – O seu riso é um bramido. – E o teu trabalho é procurá-las, não é? Se não tiveres cuidado, ainda ficamos como Adékaros.

Franzo o sobrolho.

– O que significa isso?

– Significa que a tua irmã pode ter de assumir o trono.

– Não teremos de nos preocupar, então. – Coloco o braço em volta de Amara. – Definitivamente, daria melhor governante do que eu.

A Amara engole uma gargalhada.

– Ela tem dezasseis anos – repreende o meu pai. – Uma criança deve ter direito a viver a vida sem se preocupar com um reino inteiro.

– Ah! – Cruzo os braços. – Ela deve, mas eu não.

– És o mais velho.

– A sério? – Finjo ponderar. – Mas tenho um brilho tão jovial.

O meu pai abre a boca para responder, mas a minha mãe pousa delicadamente a mão no seu ombro.

– Radames – diz ela. – Acho melhor o Elian dormir um pouco. O baile de amanhã vai alongar o dia e ele tem um ar efetivamente cansado.

Aperto os lábios num sorriso tenso e faço uma vénia.

– Claro – digo, e peço licença para me retirar.

O meu pai nunca entendeu a importância daquilo que eu estou a fazer, mas de cada vez que volto a casa, convenço-me de que talvez, por uma vez que seja, ele consiga colocar o seu amor por mim acima do seu amor pelo reino. Mas ele teme pela minha segurança porque isso afetaria a coroa. Passou demasiados anos a preparar o povo para que me aceite como futuro soberano para mudar as coisas agora.

– Elian! – chama a Amara.

Ignoro-a, caminhando a passo largo e rápido, sentindo a raiva borbulhar sob a pele. Sabendo que a única maneira de deixar o meu pai orgulhoso é abdicar de tudo o que sou.

– Elian – diz ela, com mais firmeza. – Correr não é próprio de uma princesa. Ou, se for, então, farei um decreto para que deixe de ser, se alguma vez for rainha.

Com relutância, paro e enfrento-a. Ela suspira de alívio e encosta-se à parede com glifos gravados. Descalçou os sapatos e, sem eles, é ainda mais baixa do que eu me lembrava. Sorrio e, quando ela o vê, faz uma careta e bate-me no braço. Estremeço e estendo a mão para a dela.

– Tu provocas o pai – diz ela, pegando no meu braço.

– Ele provoca-me primeiro.

– Hás de dar um bom diplomata, com essas competências de debate.

Abano a cabeça.

– Não, se ficares tu com o trono.

– Pelo menos, nesse caso, ficava com a pulseira. – Dá-me uma cotovelada. – Como foi a tua viagem? Quantas sirenas mataste, como grande pirata que és?

Diz isto com um sorriso rasgado, sabendo muito bem que eu nunca lhe vou contar o que passa quando estou no *Saad*. Partilho muitas coisas com a minha irmã, mas nunca como é ser assassino. Agrada-me a ideia de a Amara me ver como um herói e os assassinos são tantas vezes vilões.

– Quase nenhuma – digo. – Estava tão cheio de rum que nem pensava nisso.

– És um grande mentiroso – diz a Amara. – E quando digo «grande»,

quero dizer «horrível».

Paramos à porta do quarto dela.

– E tu és uma grande abelhuda – digo-lhe. – Isso é novidade.

A Amara ignora estas palavras.

– Vais ao salão de banquetes ver os teus amigos? – pergunta ela.

Abano a cabeça. Os guardas haverão de se assegurar de que a minha tripulação tem boas camas para passar a noite e eu estou muito cansado para mais uma rodada de sorrisos.

– Vou deitar-me – digo-lhe. – Como ordenou a rainha.

A Amara acena com a cabeça, põe-se em bicos dos pés e beija-me a bochecha.

– Então, até amanhã – diz ela. – E posso inquirir o Kye sobre as vossas explorações. Não creio que um diplomata mentisse a uma princesa. – Com um sorriso brincalhão, vira-se para o seu quarto e fecha a porta atrás de si.

Eu faço uma pausa momentânea.

Não gosto muito da ideia de a minha irmã trocar histórias com a minha tripulação, mas, pelo menos, posso confiar que o Kye conte as suas histórias com menos morte e horror. Ele é fantasioso, mas não é estúpido. Sabe que eu não me comporto como um príncipe, da mesma maneira que ele não se comporta como o filho de um diplomata. É o meu maior segredo. As pessoas conhecem-me como caçador de sirenas e os da corte proferem essas palavras com diversão e ternura: *Oh, o príncipe Elian, a tentar salvar-nos a todos*. Se eles tivessem noção do custo, dos gritos horrendos e esganiçados que as sirenas dão. Se eles vissem os cadáveres das mulheres no meu convés, antes de se dissolverem em espuma do mar, então o meu povo não olharia para mim com tanta ternura. Deixaria de ser um príncipe para eles e, por mais que eu o possa desejar, sei que não deve ser assim.

O palácio de Keto fica no centro do mar dos Diábolos e sempre foi o lar da realeza. Embora os humanos tenham reis e rainhas em todos os recantos da terra, o oceano tem apenas um governante. Uma rainha. Trata-se da minha mãe e, um dia, hei de ser eu.

Esse dia há de ser em breve. Não é que a minha mãe seja demasiado velha para governar. Embora as sirenas vivam cem anos, nunca envelhecemos além de algumas décadas e não tarda a que as filhas pareçam mães e as mães parecem irmãs, e fica difícil dizer que idade alguém realmente tem. É outra razão pela qual temos a tradição de colecionar corações: assim, a idade de uma sirena nunca é determinada pelo seu rosto, mas sempre por quantas vidas roubou.

É a primeira vez que quebro essa tradição e a minha mãe está furiosa. Olhando-me de cima, a Rainha do Mar é a soberana tirana, sem tirar nem pôr. Para alguém de fora, ela pode até parecer eterna, como se o seu reino pudesse não ter fim. Não parece alguém que perderá o trono dentro de poucos anos.

Como é costume, a Rainha do Mar retira a sua coroa quando tem sessenta corações. Eu sei o número exato que a minha mãe escondeu no cofre sob os jardins do palácio. Outrora, anunciava-os todos os anos, orgulhosa da sua coleção. Mas deixou tais declarações quando chegou aos cinquenta. Parou de contar ou, pelo menos, de dizer às pessoas que contava. Mas eu nunca parei. Todos os anos, contei os corações da minha mãe com o mesmo rigor com que contava os meus. Portanto, sei que tem três anos até a coroa ser minha.

– Quantos são mesmo, Lira? – pergunta a Rainha do Mar, olhando-me do alto.

Relutantemente, inclino a cabeça. A Kahlia permanece atrás de mim e, embora eu não consiga vê-la, sei que está a fazer sombra do gesto.

– Dezoito – respondo.

– Dezoito – pondera a Rainha do Mar. – Que graça teres dezoito

corações, quando faltam duas semanas para o teu aniversário.

– Eu sei, mas...

– Deixa-me contar-te o que sei. – A rainha instala-se no seu trono de carcaça. – Eu sei que devias levar a tua prima para ela obter o seu décimo quinto, mas, por alguma razão, isso revelou ser muito difícil para ti.

– Não particularmente – digo. – Eu levei-a.

– E também trouxeste uma coisinha para ti.

Os seus tentáculos alongam-se à volta da minha cintura e empurram-me para a frente. Num instante, sinto o estalar das costelas sob o seu aperto.

Todas as rainhas começam como sirenas e, quando a coroa lhes é passada, a sua magia rouba-lhes as barbatanas deixando, em seu lugar, poderosos tentáculos, que têm a força de exércitos. Tornam-se então mais lula do que peixe e, com essa transformação, vem a magia, grandiosa e inexorável. O suficiente para moldar os mares aos seus caprichos. Tanto Rainha do Mar como Bruxa do Mar.

Nunca conheci a minha mãe como sirena, mas não consigo imaginá-la com um ar tão mundano. Tem runas e símbolos antigos tatuados a vermelho sobre o estômago, que se estendem até às maçãs do rosto gloriosamente esculpidas. Os seus tentáculos são pretos e encarnados, desvanecendo-se uns nos outros como sangue derramado em tinta, e há muito tempo que os seus olhos se transformaram em rubis.

Até a sua coroa é uma magnífica peça que termina em chifres ao cimo da cabeça e flui como membros pelas costas abaixo.

– Não vou caçar no meu aniversário, para compensar – admito, sem fôlego.

– Ah, vais sim. – A rainha acaricia o seu tridente negro. Um único rubi, como os seus olhos, brilha na lança do meio. – Porque o dia de hoje nunca aconteceu. Porque nunca me desobedecerias nem prejudicarias de nenhuma maneira. Estou enganada, Lira?

Aperta-me as costelas.

– Claro que não, mãe.

– E tu? – A rainha vira-se para a Kahlia e eu tento esconder qualquer sinal de estar pouco à vontade. Se a minha mãe visse preocupação nos meus olhos, seria apenas mais uma fraqueza para ela explorar.

A Kahlia avança a nadar. O seu cabelo é puxado para trás do rosto por um laço de algas marinhas e as suas unhas ainda têm pedaços da rainha de Adékaros. Baixa a cabeça num gesto que poderia ser interpretado como uma demonstração de respeito. Mas eu sei a verdade. A Kahlia nunca pode olhar a Rainha do Mar nos olhos, porque se o fizesse, então a minha mãe poderia ficar a saber exatamente o que a minha prima pensa dela.

– Eu só pensei que ela ia matá-lo – diz a Kahlia. – Não sabia que também lhe arrancaria o coração.

É mentira e deixa-me contente.

– Bem, perfeita estupidez não conheceres a tua própria prima. – A minha

mãe olha-a, vorazmente. – Não sei se me ocorre um castigo suficientemente desagradável para a completa idiotice.

Aperto a mão no tentáculo que me cinge a cintura.

– Seja qual for o castigo, eu aceito-o – digo.

O sorriso da minha mãe contrai-se e eu sei que ela está a pensar em todos os sentidos em que isto me torna indigna de ser sua filha. Ainda assim, não posso fazer nada. Num oceano de sirenas que só pensam em si, proteger a Kahlia tornou-se uma espécie de reflexo. Desde aquele dia em que fomos as duas obrigadas a ver a mãe dela morrer. E ao longo dos anos, em que a Rainha do Mar tentou moldar-me e à Kahlia como descendentes perfeitas de Keto. Trabalhar as nossas arestas até à forma certa para ela admirar. Trata-se do espelho de uma infância que eu preferia esquecer.

A Kahlia é como eu. Talvez demais. E, embora seja isso que faz a Rainha do Mar odiá-la, é também a razão pela qual opto por me importar. Fiquei do lado dela, protegendo-a das partes da minha mãe que são as mais brutais. Agora, proteger a minha prima não é uma decisão que eu tome. É instinto.

– Que carinhoso da tua parte – diz a Rainha do Mar com um sorriso desdenhoso. – Será daqueles corações todos que roubaste? Ficaste também com um pouco da sua humanidade?

– Mãe...

– Tamanha fidelidade a uma criatura que não a tua rainha. – Suspira. – Pergunto-me se também é assim que te comportas com os humanos. Diz-me, Lira, choras os seus corações partidos?

Larga-me, com repugnância. Odeio aquilo em que me torno na presença dela: banal e indigna da coroa que vou herdar. Através dos olhos dela, vejo o meu fracasso. Por mais príncipes que eu cace, nunca serei o tipo de assassina que ela é.

Ainda não sou suficientemente fria para o oceano que me deu à luz.

– Dá-mo, para podermos avançar – diz a rainha, impaciente.

Franzo o sobrolho.

– Dar-to – repito.

A rainha estende a mão.

– Não tenho o dia todo.

Demoro um momento a perceber que se refere ao coração do príncipe que matei.

– Mas... – Abano a cabeça. – Mas é meu.

Em que criança incrível me tornei.

A rainha faz um trejeito com os lábios.

– Vais dar-mo – diz ela. – Imediatamente.

Ao ver a expressão do seu rosto, viro-me e vou a nadar para o meu quarto sem mais uma palavra. O coração do príncipe encontra-se aí sepultado, juntamente com mais dezassete. Com cuidado, escavo o cascalho recém-colocado e retiro o coração do chão. Está incrustado de areia e sangue e ainda

o sinto quente nas mãos. Não paro para pensar na dor que a perda me trará e volto a nadar para junto da minha mãe, para lho apresentar.

A Rainha do Mar estende um tentáculo e arranca o coração da minha palma aberta. Fica um tempo a olhar-me nos olhos, a avaliar cada reação minha. A saborear o momento. E depois aperta.

O coração explode numa massa horrível de sangue e carne. Partículas minúsculas flutuam como borbotos oceânicos. Alguns dissolvem-se. Outros caem como penas no leito do oceano. Sinto disparos no peito, que me atingem como remoinhos quando a magia do coração me é retirada. Os solavancos são tão fortes que as minhas barbatanas ficam presas numa concha ali perto e rasgam-se. O meu sangue jorra com o do príncipe.

O sangue de sirena não é nada parecido com o humano. Em primeiro lugar, porque é frio. Em segundo, porque arde. O sangue humano flui, goteja e faz poças, mas o sangue de sirena faz bolhas, borbulha e penetra na pele, fundindo-se nela.

Caio no chão e arranho a areia tão profundamente que o meu dedo esfaqueia uma rocha, que me arranca toda a unha. Estou ofegante, inspirando grandes suspiros de água, que voltam para me engasgar momentos depois. Acho que posso estar a afogar-me e quase me rio com essa ideia.

Quando uma sirena rouba um coração humano, fica ligada a ele. É um tipo antigo de magia que não se quebra facilmente. Ao ficarmos com o coração, absorvemos o seu poder, roubando a juventude e a vida que o ser humano deixou e ligando-as a nós. O coração do príncipe de Adékaros está a ser-me arrancado e qualquer poder que tenha tido é derramado no oceano diante dos meus olhos. No nada.

Levanto-me a tremer. Sinto os membros pesados como o ferro e as minhas barbatanas latejam. A gloriosa alga vermelha que me cobre os seios continua enrolada à minha volta, mas os fios soltaram-se e pendem, frouxos, sobre o meu estômago. A Kahlia afasta-se, para evitar que a minha mãe veja a angústia estampada no seu rosto.

– Ótimo – diz a rainha. – Hora do castigo.

Agora rio-me. Sinto a garganta arranhada, e mesmo essa ação, o som da minha voz tão imbuído de magia, tira-me energia. Nunca me senti tão fraca.

– Isso não foi castigo? – digo, cuspiendo as palavras. – Arrancar-me assim o poder?

– Foi o castigo perfeito – diz a Rainha do Mar. – Acho que não podia ter pensado numa lição melhor para te ensinar.

– Então, que mais há?

Ela sorri com presas de marfim.

– O castigo da Kahlia – diz ela. – Por pedido teu.

Sinto novamente o peso no peito. Reconheço o brilho terrível nos olhos da minha mãe, pois é um olhar que herdei. Um olhar que odeio ver em qualquer outra pessoa, porque sei exatamente o que significa.

– Tenho a certeza de que me ocorrerá algo adequado. – A rainha passa a

língua pelas presas. – Algo que te dê uma lição valiosa sobre o poder da paciência.

Debato-me contra a vontade de ser sarcástica, porque sei que não trará nada de bom.

– Não me deixes na expectativa.

A Rainha do Mar dirige-me um olhar malicioso.

– Sempre gostaste da dor – diz ela.

Não hei de receber elogio maior do que este, por isso faço um sorriso doentivamente agradável e digo:

– A dor nem sempre dói.

A Rainha do Mar olha-me com desdém.

– Ah sim? – As sobrancelhas sobem num trejeito e a minha arrogância vacila um pouco. – Se é isso que tu achas, não tenho alternativas a não ser decretar que, pelo teu aniversário, terás oportunidade de infligir toda a dor que quiseses quando roubares o teu próximo coração.

Miro-a com cautela.

– Não estou a perceber.

– Só que em vez dos príncipes, que tanto gostas de apanhar – continua a rainha –, irás adicionar um novo tipo de troféu à tua coleção. – A sua voz é mais perversa do que nunca. – O teu décimo oitavo coração pertencerá a um marinheiro. E, na cerimónia do teu nascimento, com todo o nosso reino presente, apresentar-lhes-ás isto, como fizeste com todos os teus troféus.

Olho para a minha mãe, e mordo a língua com tanta força que os meus dentes quase se tocam.

Ela não quer castigar-me. Quer humilhar-me. Quer mostrar a um reino cujo medo e lealdade conquistei que não sou diferente deles. Que não me destaco. Que não sou digna de tomar a coroa dela.

Passei a vida toda a tentar ser exatamente o que a minha mãe queria que eu fosse – a pior de nós todos –, num esforço para mostrar que sou digna do tridente. Tornei-me a Desdita dos Príncipes, um título que me define em todo o mundo. Pelo reino, pela minha mãe, sou implacável. E é isso que faz com que toda e qualquer criatura marinha tenha a certeza de que posso reinar. Agora a minha mãe quer tirar-me isso. Não só o meu nome, mas a fé do oceano. Se eu não sou a Desdita dos Príncipes, não sou nada. Só uma princesa que herda a coroa, e não que a conquista.

6

— Não me lembro da última vez que te vi assim.

– Assim como?

– Composto.

– Composto – repito, ajustando o colarinho.

– Bonito – diz Madrid.

Arqueio uma sobrancelha.

– Geralmente não sou bonito?

– Geralmente não és asseado – diz ela. – E geralmente o teu cabelo não está tão...

– Composto?

A Madrid arregaça as mangas da camisa.

– Principesco.

Sorrio e olho-me ao espelho. Tenho o cabelo bem penteado para trás e todas as partículas de sujidade foram esfregadas, não deixando em mim um grama do oceano. Trago vestida uma camisa branca de colarinho alto e botões e um blusão dourado-escuro que parece seda na minha pele. Provavelmente porque é. Tenho o brasão da minha família no polegar, com desconforto, e de todas as peças de ouro que trago, é a que mais parece brilhar.

– Tu estás na mesma – digo à Madrid. – Mas sem as nódoas de lama.

Ela dá-me um soco no ombro e prende o cabelo preto azulado longe da cara com um lenço, revelando a tatuagem de Kléftes na bochecha. É uma marca para crianças levadas pelos navios de escravos e obrigadas a serem assassinas contratadas. Quando a encontrei, a Madrid tinha acabado de comprar a sua liberdade com o cano de uma arma.

À porta, o Kye e o Torik aguardam. Tal como a Madrid, não estão diferentes. O Torik, com as bermudas desfiadas nas canelas e o Kye com as maçãs do rosto salientes e um sorriso manhoso. Têm a cara mais limpa, mas nada mais mudou. São incapazes de ser outra coisa que não o que são. Invejo isso.

– Vem connosco – diz o Kye, entrelaçando os dedos nos da Madrid. O olhar dela é fulminante perante a atípica manifestação de afeto (são os dois muito melhores lutadores do que amantes) e quebra a união para passar a mão pelo cabelo.

– Gostas muito mais da taberna do que deste sítio – diz a Madrid.

É verdade. A minha tripulação já se pôs, em massa, a caminho do *pub* Ganso Dourado, com ouro suficiente para beber até o Sol nascer. Só restam os meus três mais confiáveis.

– É um baile em minha honra – digo-lhes. – Não seria muito honroso da minha parte não aparecer.

– Talvez eles não reparem. – O cabelo da Madrid é sacudido selvaticamente enquanto fala.

– Isso não é reconfortante.

O Kye dá-lhe uma cotovelada e ela empurra-o para trás com o dobro da força.

– Para com isso – diz ela.

– Então, para de o deixar nervoso – diz-lhe ele. – Vamos deixar o príncipe ser príncipe por uma vez na vida. Além disso, preciso de uma bebida e sinto que estou a estragar esta sala imaculada só com a minha presença.

Anuo.

– Sinto-me pior de olhar para vocês.

O Kye estende o braço para o sofá ali perto e atira-me uma das almofadas com fios de ouro com tão má pontaria que aterra aos meus pés. Dou-lhe um pontapé e tento repreendê-lo.

– Espero que sejas melhor a lançar a faca.

– Ainda nenhuma sirena se queixou – diz ele. – Tens a certeza de que não te importas que vamos embora?

Olho para o espelho, para o príncipe que está à minha frente. Imaculado e frio, quase sem brilho nos olhos. Como se fosse intocável e o soubesse. A Madrid tinha razão; tenho um ar principesco. Que é o mesmo que dizer que pareço um grande filho da mãe.

Ajusto novamente o colarinho.

– Tenho.



O salão de baile brilha como um sol. Tudo reluz e cintila, em toda a parte, tanto que se me concentrar demais numa coisa em concreto, a minha cabeça começa a latejar.

– Quanto tempo planeias ficar com os pés em terra firme?

Nadir Pasha, um dos nossos mais altos dignitários, gira um copo dourado de *brandy*. Ao contrário dos outros Pashas com quem passei a noite em amena cavaqueira ociosa – de patente militar ou políticos –, não é nada enfadonho. É por isso que o guardo sempre para último quando consulto a

corte. As questões de Estado não podiam estar mais longe do seu pensamento, especialmente em ocasiões em que os copos de *brandy* são tão grandes.

– Só mais uns dias – digo.

– Que aventureiro! – Nadir bebe um gole da sua bebida. – Que alegria ser jovem, não é?

Halina, a sua mulher, alisa a parte da frente do vestido esmeralda.

– Bastante.

– Não que tu ou eu nos lembremos – comenta o Pasha.

– Não que reparasse nisso. – Levo a mão da Halina aos lábios. – Brilha mais do que qualquer tapeçaria nossa.

A transparência do meu elogio é fácil de reconhecer, mas a Halina faz uma vénia na mesma.

– Obrigada, meu senhor.

– É espantoso ver até onde vais no cumprimento do dever – diz o Nadir.

– Até já ouvi rumores de todas as línguas que se diz que falas. Sem dúvida, será uma ajuda em futuras negociações entre reinos vizinhos. Quantas são, mesmo?

– Quinze – recito. – Quando eu era mais novo, meti na cabeça que conseguia aprender as línguas dos cem reinos. Acho que falhei esplendorosamente.

– Qual é o sentido dessas coisas, afinal? – pergunta a Halina. – Praticamente não há ninguém vivo que não fale midês. Estamos no centro do mundo, Vossa Alteza. Qualquer pessoa que não se der ao trabalho de aprender a língua não vale a pena ser conhecida, pura e simplesmente.

– É bem verdade – anui o Nadir, rezingão. – Mas eu referia-me, Vossa Alteza, à língua delas. A língua proibida. – Baixa um pouco a voz e inclina-se para se aproximar mais, de modo que o seu bigode me faz cócegas na orelha. – *Psáriin*.

A língua do mar.

– Nadir! – A Halina bate no ombro do marido, horrorizada. – Não devias falar dessas coisas! – Vira-se para mim. – Lamentamos ofendê-lo, soberano – diz ela. – O meu marido não quis insinuar que maculásseis a língua com esse idioma. Bebeu *brandy* a mais. Os copos são mais fundos do que parecem.

Aceno com a cabeça, sem me ofender. Afinal, é apenas uma língua e, embora nenhum ser humano saiba falá-la, também nunca nenhum humano dedicou a vida a caçar sirenas. Não é descabido imaginar que eu decidisse adicionar o dialeto da minha presa à minha coleção. Mesmo sendo proibido em Midas. Mas, para tal, precisaria de manter uma sirena viva durante tempo suficiente para mo ensinar, e isso não é algo que eu planeie fazer. Claro que apanhei algumas palavras aqui e ali. Depressa aprendi que *arith* significa «não», mas há tantas mais. *Dolofónos*. *Choíron*. Só posso pôr-me a adivinhar o que significam. Insultos, maldições, súplicas. De certa forma, é melhor eu não saber.

– Não se preocupe – digo à Halina. – Já me acusaram de coisas piores.

Ela parece um pouco aflita.

– Bem, as pessoas falam – sussurra delicadamente.

– Não só sobre ti – esclarece o Nadir, exalando sonoramente. – É mais sobre o teu trabalho. É definitivamente apreciado, considerando os acontecimentos recentes. Eu diria que o nosso rei ficaria orgulhoso de te ter a defender a nossa terra e a dos nossos aliados.

O meu sobrolho vinca-se com a ideia de o meu pai estar perto de se orgulhar de ter um caçador de sirenas por filho.

– Acontecimentos recentes? – pergunto.

Halina arqueja, embora não pareça nada chocada.

– Não ouviu as histórias sobre Adékaros?

Há algo terrível no ar. Ainda ontem o meu pai falou de Adékaros e de como, se eu não tivesse cuidado, Midas acabaria igual.

Engulo em seco e tento fingir indiferença.

– É difícil acompanhar todas as histórias que ouço.

– É o príncipe Cristian – diz a Halina, em tom de conspiração. – Morreu. A rainha também.

– Assassinados – esclarece o Nadir. – As sirenas atacaram o navio e a tripulação não pôde fazer nada. Foi o canto, compreende. O reino está em sobressalto.

O quarto fica mortiço. Do ouro, à música, aos rostos de Nadir Pasha e Halina. Tudo fica desfocado e abafado. Por um instante, hesito em respirar, quanto mais em falar. Nunca tive muito contacto com a rainha, mas sempre que o *Saad* estava perto de Adékaros, atracávamos sem hesitação e o príncipe Cristian recebia-nos de braços abertos. Certificava-se de que a tripulação era alimentada e juntava-se a nós na taberna para poder ouvir as nossas histórias. Quando partíamos, oferecia-nos alguma coisa. Muitos países o faziam – pequenas lembranças para as quais nunca tivemos muito uso –, mas era diferente com o Cristian. Ele dependia de colheitas escassas e empréstimos de outros reinos apenas para sobreviver. Cada presente que ele dava era um sacrifício.

– Ouvi dizer que foi a Desdita dos Príncipes. – Halina abana a cabeça com pena.

Cerro os punhos.

– Quem disse?

– A tripulação disse que o cabelo dela era vermelho como o fogo do inferno – explica o Nadir. – Quem mais podia ter sido?

Eu quero argumentar, mas estaria a enganar-me a mim próprio. A Desdita dos Príncipes é o maior monstro que já conheci e a única a escapar da morte desde que me foquei nela. Tenho percorrido os mares incansavelmente, à procura dos cabelos flamejantes de que ouvi falar em tantas histórias.

Nunca a vi.

Tinha começado a pensar que não passava de um mito. Nada mais do que uma lenda para assustar a realeza a não sair das suas terras. Mas sempre

que penso isso, outro príncipe aparece morto. É mais uma razão pela qual não posso voltar a Midas para ser o rei que o meu pai quer que eu seja. Nunca posso parar. Só quando a matar.

– Claro, como poderiam saber? – pergunta a Halina. – Não é o mês certo para isso.

Dou-me conta de que fala verdade. A Desdita dos Príncipes ataca sempre no mesmo mês todos os anos. E se matou o Cristian, estava mais de quinze dias adiantada. Quererá isso dizer que modificou os seus hábitos? Que nenhum príncipe está a salvo dia nenhum?

Os meus lábios fazem um trejeito.

– O mal não segue o calendário – digo, embora este mal em particular pareça ter sempre feito exatamente isso.

Ao meu lado, alguém pigarreia. Viro-me e vejo a minha irmã. Não sei ao certo há quanto tempo aqui está, mas o sorriso simpático que tem estampado no rosto leva-me a supor que ouviu a maior parte da conversa.

– Irmão. – Pega-me no braço. – Dança comigo, danças?

Aceno com a cabeça, congratulando-me com a rutura no tipo de conversa de cortesia de que o Pasha e a mulher parecem gostar. E que me faz querer ser tudo menos cortês.

– Não há pretendentes a disputar a tua atenção? – pergunto à Amara.

– Nenhum que valha o meu tempo – diz ela. – E que o nosso encantador pai aprovasse.

– Esses são os melhores.

– Tenta explicar isso quando o rapaz tiver a cabeça no cepo.

Resfolego, desdenhoso.

– Então o prazer seria meu – digo-lhe. – Quanto mais não fosse para salvar a vida de um pobre rapaz.

Volto-me para o Nadir e a Halina e faço uma rápida vénia, depois deixo que a minha irmã me leve para o salão.

Apesar do nome, o Ganso Dourado é uma das únicas coisas em Midas que não está pintada a condizer com a pirâmide. As paredes são castanhas encrostadas e as bebidas seguem a mesma tonalidade. A clientela está acima de brutal e, na maior parte das noites, os copos estilham debaixo dos pés, com manchas de sangue nas mesas encharcadas de cerveja.

É um dos meus lugares favoritos.

A proprietária é a Sakura, que sempre foi apenas Sakura. Não se lhe conhece apelido. É bonita e roliça, com cabelo louro quase branco, cortado acima das orelhas, e olhos finos e angulados do mesmo tom castanho das paredes. Usa batom vermelho-escuro o suficiente para cobrir os seus segredos e tem a pele mais pálida que eu já vi. A maioria das pessoas tem o palpite de que é de Págos, que vê neve constante e pouco sol. Uma terra tão fria que só os nativos conseguem lá sobreviver. Há rumores, inclusive, de que os habitantes de Págos raramente migram para outros reinos porque acham o calor sufocante. Mas eu não me lembro de quando Sakura se tornou proprietária do Ganso Dourado. Parecia estar sempre lá ou, pelo menos, estava lá desde que comecei a frequentá-lo. E, embora ela seja bonita, é também cruel o suficiente para que nem mesmo os ladrões e criminosos tentem passar por ela.

Felizmente, a Sakura gosta de mim. É do conhecimento geral que sempre que estou em Midas frequento o Ganso Dourado e nem os criminosos resistem a uma oportunidade de conhecer o famoso príncipe pirata, seja para me apertarem a mão, seja para me tentarem enganar às cartas. E, portanto, quando lá vou, a Sakura dá-me um sorriso que mostra os seus dentes direitos e leitosos e deixa-me beber de graça. Um agradecimento por trazer mais clientes. Significa também que a minha tripulação pode ficar muito tempo depois de encerrar para discutir, na calada da noite, assuntos sensíveis com pessoas que não me atrevo a levar ao palácio.

Desconfio que isto se deve, em parte, por a Sakura gostar de privar com

os meus segredos. Mas isso não me incomoda. Por mais segredos que a Sakura saiba sobre mim, eu sei muitos mais sobre ela. Muito piores. E embora ela possa optar por vender os meus melhores a quem oferecer mais dinheiro, mantenho os seus mistérios mais valiosos por perto. À espera do preço certo.

Esta noite, o meu núcleo duro senta-se à volta da mesa torta no centro do Ganso Dourado a observar o estranho homem à nossa frente mexer nos botões de punho.

– As histórias não mentem – diz.

– É isso que uma história é – diz a Madrid. – Um monte de mentiras dito por coscuvilheiros que não prestam e têm demasiado tempo livre. Certo, capitão?

Encolho os ombros e saco do relógio de bolso do blusão para ver as horas. É o único presente do meu pai que não é de ouro, nem novo, nem sequer principesco. É simples e preto, sem ornamentos nem pedras cintilantes e, no interior da tampa, de encontro ao mostrador do relógio, existe uma bússola.

Eu sabia que não era uma relíquia quando o meu pai mo ofereceu – todas as relíquias de Midas são de ouro e nunca perdem o brilho –, mas quando perguntei ao meu pai de onde vinha o relógio, ele disse simplesmente que me ajudaria a encontrar o meu caminho. E é exatamente isso que faz. Porque a bússola não tem quatro pontos, mas dois, e nenhum deles representa os pontos cardeais. O Norte é para a verdade e o Sul para as mentiras, com um espaço de repouso entre eles que indica que ambos são possíveis.

É uma bússola para separar os mentirosos dos leais.

– A minha informação é sólida – diz o homem.

É um dos muitos que se aproximou de mim perto do fecho de portas, garantindo ter informações para caçar a poderosa Desdita dos Príncipes. Depois do baile, passei a informação de que só paro quando a encontrar e quaisquer pistas que conduzam a isso serão recebidas com uma recompensa. A maior parte da informação era inútil. Descrições do cabelo flamejante da sirena, conversa sobre os seus olhos ou os mares que aparentemente frequenta. Houve até quem dissesse conhecer a localização do reino subaquático de Keto, afirmação que a minha bússola rapidamente desenganou. Além de que eu já sei onde fica o reino: no mar dos Diábolos. O único problema é que não sei onde fica o mar dos Diábolos. Nem mais ninguém sabe, aparentemente.

Mas este homem despertou o meu interesse. O suficiente para que, ao chegar a meia-noite, quando a Sakura anunciou que ia fechar, fazendo sinal para que todos saíssem, eu lhe fizesse um aceno e ela trancasse as portas comigo e com a minha tripulação – e esse homem estranho – dentro, antes de ir para a sala dos fundos, para seja o que for que faz quando os príncipes estão no comando, no seu bar.

O homem vira-se para mim.

– Estou a dizer-lhe, senhor príncipe – diz ele. – O cristal é tão real como

eu.

Olho para ele. É diferente do calibre habitual que vejo no Ganso Dourado, refinado de uma maneira forçadamente precisa. O seu casaco é feito de veludo preto e usa o cabelo num rabo-de-cavalo bem penteado, com os sapatos polidos até brilhar, em contraste com as tábuas encrostadas do soalho. Mas é também excepcionalmente magro – o casaco luxuoso engole os seus ombros descarnados – e tem a pele escura acolchoada de vermelho do sol, como a minha tripulação quando passa muito tempo no convés depois de um dia de navegação difícil.

Quando o homem tamborila os dedos na mesa, impaciente, a ponta das unhas roídas fica presa nas rachas da madeira.

– Conta-me mais.

O Torik atira as mãos ao alto.

– Queres mais lixo para forrar os ouvidos?

O Kye tira uma pequena adaga do cinto.

– Se é mesmo lixo – diz ele, passando o polegar pela lâmina –, então vai ter aquilo que o espera.

Viro-me para o Kye.

– Guarda isso.

– Queremos segurança.

– É por isso que te digo para guardares a adaga, não para a deitares fora.

O Kye rasga um sorriso e torna a guardar a adaga no cinto.

Inclino o copo para o homem.

– Conta-me mais.

– O Cristal de Keto trará paz e justiça ao nosso mundo.

Um sorriso puxa-me os lábios.

– Não me digas.

– Salvar-nos-á a todos do fogo.

Lambo o álcool dos lábios.

– Como é que isso funciona? – pergunto. – Apertamo-lo com força e pedimos um desejo a uma estrela? Ou talvez o enfiemos debaixo do travesseiro e o troquemos com as fadas por boa sorte.

O Kye despeja um pouco de bebida num copinho.

– Mergulha-se em cera e acende-se até queimar as chamas da guerra – diz ele, fazendo deslizar o copo para a Madrid.

Ela ri-se e leva o copo aos lábios.

– Beija-se o cristal e talvez ele se transforme num príncipe que não diz disparates – diz ela.

– Ou atira-se para o monte de esterco de que foi feito. – Esta é do Torik, cujo rosto perfeitamente neutro só me faz rir ainda mais, até que o único som que se ouve é dos nossos risos e das fortes pancadas quando a minha tripulação bate com as mãos nas mesas.

Então, no meio daquilo tudo, surge uma voz mortalmente calma:

– Matando a Rainha do Mar.

Paro de rir.

O meu olhar dispara para o homem e saco da adaga que trago no laço do cinto, sentindo a sua sede de matar. Devagar, levo-a à garganta do homem.

– Repete lá isso.

Ele engole quando a ponta da lâmina lhe pressiona a jugular.

Devia ter medo. Parece assustado; comprime os olhos da maneira certa e as suas mãos até tremem quando pega no copo. Mas parece ensaiado, porque quando fala, a sua voz é suave. Nenhum sinal de medo. É como se ele estivesse acostumado a ter uma faca na garganta.

– O cristal foi forjado para trazer justiça ao nosso mundo, destruindo a Rainha do Mar – explica.

– Forjado por quem? – pergunto.

– Pelas famílias originais – diz. – Eram os maiores magos da época e, juntos, acordaram os territórios do mundo, cada um tomando um canto para si para que pudessem ter paz e nunca viessem a ser vítimas das antigas guerras fronteiriças.

– Sim – digo, impaciente. – Estamos todos cientes das famílias originais. É um conto de fadas que todas as crianças dos cem reinos conhecem. – Embolso a adaga com um suspiro. – Até estes escroques.

– Não é um conto de fadas! – O homem bate os punhos na mesa. – O que essas histórias nunca contaram é que as famílias originais criaram a paz na terra, mas por baixo travava-se uma batalha. Uma deusa governava o oceano, espalhando o seu mal pelas águas. Não tardou a ter filhos que se tornaram demónios. Criaturas monstruosas cujas vozes trouxeram a morte dos homens.

– Sirenas.

O homem anui.

– Eram capazes de se transformar, existindo em terra e debaixo dela. Sob o domínio da deusa Keto, aterrorizaram a humanidade e, assim, os cem magos uniram o seu poder e declararam guerra ao oceano. Após uma década de morte, conseguiram finalmente destruir Keto e enfraquecer os monstros que ela tinha criado. Dos seus restos mortais, conjuraram uma lembrança que poderia destruir as sirenas para sempre.

– Se isso é verdade – digo –, então porque não a usaram?

– Porque as sirenas também fizeram uma pedra a partir dos seus restos mortais. Ela conferia à nova rainha o poder de controlar a sua espécie e ela prometeu mantê-las à distância. Até tirou às sirenas a capacidade de andar em terra, em sinal de boa-fé. Sem isso, não eram ameaça suficiente para justificar que as famílias originais cometessem um genocídio. Portanto, tiveram misericórdia e fizeram um tratado. A terra pertencia aos humanos e os mares pertenciam aos demónios. Se um deles cruzasse os territórios do outro, então seria uma presa justa. O cristal ficou escondido para um dia em que os cem reinos já não pudessem honrar esse acordo.

Ao meu redor, a minha tripulação desfaz-se a rir de gozo, mas eu mal

consigo ouvi-los por cima do som do meu pulso quando baixo os olhos para a face da bússola.

Norte.

Resolutamente, o ponteiro nem se mexe, nem balança. Sacudo-a, incrédulo, e como continua a não tremer, bato com ela no tampo da mesa. O ponteiro fica onde está.

Norte.

Verdade.

Por esta altura, já a minha tripulação retomou a zombaria, assinalando incongruências no mito e descompondo o desconhecido por ousar trazer contos de fadas ao seu capitão. Algo em mim, ali mesmo à superfície, acha que eles têm razão. Que não passa de histórias para crianças e uma perda de tempo. Diz-me para dar ouvidos à minha tripulação e ignorar a loucura. Mas a bússola nunca se enganou e, lá no fundo, nas minhas vísceras, eu sei que não se pode enganar. É a minha oportunidade para, finalmente, matar a besta.

– Onde está? – pergunto.

A minha voz atravessa o riso da minha tripulação, que fica a olhar para mim como se eu tivesse enlouquecido.

O homem bebe um gole da bebida e olha-me nos olhos com um sorriso.

– Falou numa recompensa.

Arqueio uma sobancelha para o Kye, que não precisa de ser persuadido e enterra a faca na mesa. O homem estremece, olhando horrorizado a lâmina, perfeitamente aninhada no espaço entre o seu polegar e o indicador. A expressão de medo agora estampada no seu rosto já não é assim tão ensaiada.

– Terás a tua recompensa – diz-lhe o Kye. – Seja como for.

– Encontra-se no único lugar aonde eles tinham a certeza de que a Rainha do Mar nunca poderia alcançá-lo – diz o homem muito depressa. – O mais longe possível do oceano. O cume mais alto do mundo.

O meu coração afunda. O cume mais alto do mundo. Demasiado frio para alguém se aventurar a ir lá e viver para contar a história.

– A Montanha das Nuvens de Págos – diz o homem.

E, com isto, a esperança esvai-se.

Uma semana é tudo o que tenho. Daqui a sete dias faço dezoito anos e a minha mãe vai obrigar-me a roubar o coração de um marinheiro. Uma criatura melhor aceitaria o castigo e ficaria contente por ser a única coisa que a Rainha do Mar decretou.

Eu não sou uma criatura melhor.

É uma idiotice pensar em desobedecer à rainha novamente, mas a ideia de me dizerem quem devo ou não devo matar mexe comigo. Faz-me sentir completamente o cão raivoso que a minha mãe solta em quem ela decretar. Claro que, como matar humanos é, em si, uma ordem dada por ela, acho que sempre foi assim. Habituei-me de tal maneira a ser brutal que quase me esqueço de que não começou por ser uma escolha, mas uma exigência. Matar os humanos. Ajudar a terminar a guerra que eles começaram quando mataram Keto. *Ser uma verdadeira sirena.*

Penso por um momento se ainda seria um monstro se a minha mãe e os que a antecederam decretassem a paz em lugar da guerra. Que a morte de Keto seja a morte da nossa batalha e transforme o ódio em águas passadas. Somos ensinadas a nunca questionar nem a pensar em nós mesmas como sendo outra coisa diferente do que somos e será inteligente, porventura, ignorar a ideia. Afinal, a punição pela recusa em matar estaria para lá da imaginação.

Prendo o cabelo numa trança lateral. Nadei até aos limites do meu mar, o mais longe da minha mãe que consigo sem abandonar o reino. Não sei em que se transformará a minha raiva se a vir agora. Nem consigo pensar na reação imprudente que poderia ter.

Deito-me no leito do oceano e dou uma cotovelada à alforreca que está ao meu lado. Os seus tentáculos raspam o meu estômago e sinto uma explosão maravilhosa de dor. Do tipo que entorpece e acalma e limpa a minha mente. É uma libertação como nenhuma outra e, quando a dor diminui, repito. Desta vez, prendo a criatura no lugar e deixo os seus tentáculos dançarem na minha

pele. Sinto relâmpagos subirem pelo meu estômago e entrarem no meu coração quedo. Arde e faz comichão e deixo que a minha mente se turve de agonia.

Não há nada no mundo além da dor e dos raros momentos que existem pelo meio.

– Princesa só e tão bela – diz um sussurro em *psáriin*. – Quer a dor, quer os ossos dela.

– Não, é um coração que clama – diz outra. – Vê lá dentro, vê a chama.

Afasto a alforreca e sento-me para olhar as duas criaturas que pairam ali perto. São as duas azul-escuras, com barbatanas escorregadias e corpo de enguias. Têm os braços cobertos de guelras negras, como lâminas, até aos cotovelos, e o estômago forma músculos grandes e rígidos que pressionam os seios esqueléticos. Quando falam, as suas mandíbulas soltas são frouxas como as dos peixes.

Sereias.

– Bela princesa – diz a primeira das duas. Tem o corpo coberto de metal enferrujado, sem dúvida retirado de navios piratas ou dado como tributo quando salvou um ser humano ferido. Espetou-o na sua carne. Broches e punhais e moedas com arame roscado, tudo a perfurando como joias.

– Quer ser livre – diz a sua companheira.

– Livre da rainha.

– Libertar o coração.

– Tomar um coração.

– Tomar o da rainha.

Franzo o nariz para elas.

– Vão atrás de um navio humano até aos confins da terra até caírem todos de lá.

A que tem o metal enferrujado agita o seu cabelo de tentáculos e um pedaço de limo cai até à sua cauda de enguia.

– Cair da terra – diz-me ela.

– Cair em desgraça.

– Não se pode cair em desgraça quando nunca se teve graça.

Riem-se em sibilos.

– Vai lá então – dizem em coro. – Vai à procura do coração.

– Do que estão a falar? – pergunto, impaciente. – Que coração?

– Conquista o coração da rainha.

– Um coração para conquistar o da rainha.

– Para o teu aniversário.

– Um coração digno dos dezoito.

O tédio delas é irritante. As sereias são coisas horríveis, com mentes que trabalham em mistérios e lábios feitos de enigmas. Cansada, digo:

– A Rainha do Mar decretou que eu roube o coração de um marinheiro pelo meu décimo oitavo aniversário. Como tenho a certeza de que sabem.

Elas inclinam a cabeça no que imagino ser a sua maneira de acenar. As

sereias são espias, em todos os sentidos, vivem com as orelhas coladas a todos os cantos do oceano. É isso que as torna perigosas. Devoram segredos com a mesma facilidade com que poderiam soltar as mandíbulas e devorar navios.

– Vão – digo-lhes. – O vosso lugar não é aqui.

– Aqui é o limite.

– O limite é o nosso lugar.

– Devias pensar menos no limite e mais no coração.

– Um coração de ouro vale o seu peso para a rainha.

A que tem o metal arranca um broche da base da barbatana e atira-mo. É a única coisa da sereia que não enferrujou.

– A rainha – digo devagar, revirando o broche nas mãos – não quer saber do ouro.

– Haveria de querer saber do coração da terra dele.

– O coração de um príncipe.

– Um príncipe de ouro.

– Luminoso como o sol.

– Mas não tão divertido.

– Para a nossa espécie, não.

– Nem para ninguém.

Estou prestes a perder a paciência quando compreendo o peso das suas palavras. Os meus lábios entreabrem-se quando assimilo e volto a fundar-me na areia. O broche é de Midas, a terra do ouro, governada por um rei em cujo sangue ele flui. Um rei que será sucedido por um príncipe pirata. Um andarilho. Um assassino de sirenas.

Olho para as sereias, com os seus olhos negros sem pálpebras, como orbes intermináveis. Eu sei que não são de confiança, mas não posso ignorar o brutal brilhantismo das suas palavras. Quaisquer segundas intenções que possam ter de nada importam se eu for bem-sucedida.

– O príncipe de Midas é o nosso assassino – digo. – Se eu levar o seu coração à rainha no meu décimo oitavo, poderia reconquistá-la.

– Um coração digno da princesa.

– Um coração digno do perdão da rainha.

Volto a olhar para o broche. Reluz com um brilho que eu nunca vi. A minha mãe quer negar-me o coração de um príncipe, mas o coração deste príncipe seria suficiente para apagar quaisquer sentimentos maus entre nós. Eu poderia continuar com o meu legado e a rainha não teria de se preocupar mais com sermos caçadas. Se eu fizer isto, conseguimos as duas aquilo que queremos. Ficariamos em paz.

Atiro o broche de volta à sereia.

– Não me vou esquecer disto – digo-lhe – quando for rainha.

Olho-as uma derradeira vez e vejo os lábios delas curvarem-se em sorrisos, depois começo a nadar atrás do ouro.

Quatro dias passados a esquadrihar a biblioteca do castelo sem encontrar nada. Inúmeros textos detalham o gelo mortal da Montanha das Nuvens e ilustram, de forma bastante explícita, aqueles que morreram durante a sua escalada. O que não é um começo fantástico. O único mérito parece ser que a família real é feita de gelo mais frio do que o resto dos seus nativos. Há até uma tradição em Págos, na qual a realeza é obrigada a escalar a montanha assim que atinge a maioridade, para provar a sua linhagem. Não há registo de um único membro da família real que tenha falhado. Mas como eu não sou um príncipe paguês, isso não é particularmente encorajador.

Deve estar a escapar-me alguma coisa. As lendas que se danem. Custa-me acreditar que haja algo na linhagem paguesa que lhes permite resistir ao frio. Sei melhor do que ninguém que não devo acreditar nos contos de fadas das nossas famílias. Se fossem verdadeiros, eu seria capaz de vender o meu sangue para comprar alguma informação a sério.

Os pagueses devem ser feitos mais de carne e osso do que de geada e gelo e, nesse caso, deve haver uma explicação para sobreviverem à escalada. Para ter alguma esperança de me vingar da morte do Cristian, preciso de saber as respostas. Com esse conhecimento, poderia arranjar maneira de matar a Desdita dos Príncipes e a Rainha do Mar. Se eu fizer isso, as sirenas que restam não terão magia para as proteger. Talvez até percam algumas das suas capacidades. Afinal, se a Rainha do Mar tem um cristal como o que está escondido na Montanha das Nuvens, levá-lo deve retirar algumas das dádivas que ele concedeu à sua espécie. No mínimo, ficariam enfraquecidas e expostas a um ataque. E passado algum tempo, por mais longo que seja, poderíamos empurrar os demónios que sobram para os confins do mundo, onde eles não podem fazer mal.

Fecho o livro e arrepio-me um pouco com a brisa. A biblioteca está sempre fria, quer tenha as janelas abertas, quer não. Parece haver algo na sua própria estrutura concebido para me fazer tremer. A biblioteca alonga-se por

quinze metros, com prateleiras brancas que se estendem do chão às arcadas do teto. O chão é de mármore branco e o teto é de cristal puro que cobre toda a sala. É um dos únicos lugares em Midas intocados pelo ouro. Apenas o vasto branco, das cadeiras pintadas às almofadas grossas, passando pelas escadas que sobem até os volumes no topo. A única cor está nos livros – o couro, o tecido e o pergaminho – e no conhecimento que encerram. É o que eu gosto de chamar Sala de Metáforas, porque é essa a única explicação para a extensão do branco. Todos são uma tela em branco, à espera de serem preenchidos com a cor da descoberta.

O meu pai é mesmo teatral.

Eu esperava que houvesse alguma coisa naqueles tomos para me ajudar. O homem do Ganso Dourado estava tão seguro da sua história e a minha bússola tão segura da sua verdade. Não há dúvida em mim de que o Cristal de Keto está por aí, mas parece que o mundo nada sabe sobre ele. Livros e mais livros de textos antigos e nenhum deles me diz nada. Como pode existir alguma coisa de que não há registo?

Contos de fadas. Ando atrás dos malditos contos de fadas.

– Bem me parecia que te ia encontrar aqui.

Levanto os olhos para o rei.

– Não é de admirar que não venha mais vezes a casa – digo. – Quando tens o teu conselheiro a seguir-me os passos sempre que estou no interior do castelo.

O meu pai pousa uma mão delicada na minha nuca.

– Esqueces-te de que és meu filho – diz ele, como se isso fosse possível.

– Não preciso de um vidente para me dizer o que andas a fazer.

Puxa a cadeira ao meu lado e examina os vários textos sobre a mesa. Se eu pareço deslocado no castelo, o meu pai parece ainda mais na pura brancura da biblioteca, vestido de ouro cintilante, os olhos escuros e pesados.

Com um suspiro, o rei reclina-se na cadeira, como eu fiz.

– Estás sempre à procura de alguma coisa – diz ele.

– Há sempre alguma coisa para encontrar.

– Se não tiveres cuidado, a única coisa que vais encontrar é o perigo.

– Talvez seja exatamente isso que eu procuro.

O meu pai estende a mão e pega num dos livros que está em cima da mesa. Foi cuidadosamente encadernado com couro azul e tem o título gravado com letras cinzento-claras. Há impressões digitais no pó de onde o tirei da prateleira.

– *As Lendas de Págos e Outras Histórias da Cidade do Gelo* – lê ele. Dá uma palmadinha na capa. – Então, estás focado em morrer congelado?

– Estava a pesquisar uma coisa.

O meu pai volta a colocar o livro na mesa com uma certa brusquidão.

– A pesquisar o quê?

Encolho os ombros, sem vontade de dar ao meu pai mais razões para me manter em Midas. Se eu lhe dissesse que queria ir atrás de um cristal mítico

em montanhas que me poderiam roubar o fôlego em segundos, não me deixaria partir, de maneira nenhuma. Arranjaria uma maneira qualquer de manter o seu herdeiro em Midas.

– Não é nada – minto. – Não te preocupes.

O meu pai reflete sobre estas palavras, os lábios castanhos formando uma linha apertada.

– Um rei tem o dever de se preocupar quando tem um herdeiro tão imprudente.

Reviro os olhos.

– Então, ainda bem que tens dois.

– Também é dever de um pai preocupar-se quando o filho nunca quer voltar para casa.

Hesito. Posso nem sempre estar de acordo com o meu pai, mas odeio a ideia de que se culpe pela minha ausência. Se o reino não fosse um problema, levava-o comigo. Levava-os a todos. Ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã e até ao conselheiro real, se ele promettesse guardar as suas adivinhações para si. Carregava-os no convés como bagagem e mostrava-lhes o mundo, até terem o brilho da aventura no olhar. Mas não posso, portanto lido com a dor da saudade, que é muito melhor do que a dor de perder o oceano.

– Isto tem alguma coisa que ver com o Cristian? – pergunta o meu pai.

– Não.

– Mentiras não são resposta.

– Mas soam muito melhor do que a verdade.

O meu pai pousa a mão grande no meu ombro.

– Desta vez, quero que fiques – diz ele. – Passaste tanto tempo no mar que te esqueceste do que é ser quem és.

Eu sei que devia dizer-lhe que é a terra que rouba quem eu sou e o mar traz-me de volta. Mas dizer isso ao meu pai só haveria de nos magoar aos dois.

– Tenho um trabalho a fazer – digo. – Quando terminar, volto para casa.

A mentira deixa-me um mau sabor na boca. O meu pai, rei de Midas e, portanto, rei das Mentiras, parece sabê-lo e sorri com tamanha tristeza que eu desabaria se não estivesse já sentado.

– O príncipe pode ser objeto de mitos e lendas – explica ele –, mas não pode viver neles. Deveria viver no mundo real, onde pode criá-los. – Tem um ar solene. – Devias prestar menos atenção aos contos de fadas, Elian, caso contrário, é nisso que te vais tornar.

Quando ele sai, fico a pensar se isso seria horrível ou belo. Seria realmente uma coisa tão má, tornar-me uma história sussurrada às crianças na calada da noite? Uma canção que cantam umas às outras enquanto brincam. Mais uma parte das lendas de Midas: sangue dourado e um príncipe que outrora navegou pelo mundo em busca da besta que ameaçou destruí-la.

E depois ocorre-me.

Sento-me um pouco mais direito. O meu pai disse-me para parar de

viver dentro dos contos de fadas, mas talvez seja exatamente isso que eu preciso de fazer. Porque o que aquele homem me disse no Ganso Dourado não é um facto que possa ser compilado entre as páginas dos manuais escolares e das biografias. É uma história.

Rapidamente, levanto-me da cadeira e dirijo-me à secção infantil.

10

Há brilho e tesouros em cada pontinho de cada rua. Casas com telhados de colmo feito de fio de ouro e candeias extravagantes, mais brilhantes do que a sua luz. Até a superfície da água se tornou amarela leitosa e o ar está ameno com o sol da tarde.

É um exagero. Demasiado brilho. Demasiado calor. Demasiada opulência.

Aperto a concha que trago ao pescoço para me firmar. Lembra-me de casa. A minha espécie não tem medo do príncipe assassino deles; não suportam a luz. O calor que atravessa o frio do oceano e torna tudo mais quente.

Este lugar não é para sirenas. É um lugar para sereias.

Aguardo junto do navio do príncipe. Não tinha a certeza se seria aqui – matar levou o príncipe a tantos reinos como me levou a mim – e, caso fosse, não tinha a certeza se o saberia. Só tenho os ecos assustadores de histórias como ponto de partida. Coisas que ouvi de passagem aos poucos que viram o navio do príncipe e conseguiram escapar. Mas assim que o vi nas docas de Midas, eu soube.

Não é bem como nas histórias, mas tem o mesmo ambiente sombrio que elas tinham. Os outros navios na doca são como esferas em vez de barcos, mas este é encabeçado por uma comprida ponta perfurante e é maior, de longe, do que qualquer outro, com um corpo como o céu noturno e um convés tão escuro como a minha alma. É uma embarcação digna de assassínio.

Ainda estou a admirá-la das profundezas da água quando uma sombra aparece. O homem põe o pé na borda do navio e olha para o mar. Eu devia ter sido capaz de ouvir os seus passos, mesmo do fundo da água. No entanto, apareceu aqui de repente, com uma mão a segurar as cordas como apoio, respirando lenta e profundamente. Aperto os olhos, mas é difícil ver alguma coisa com o brilho do ouro. Eu sei que é perigoso sair da água quando o sol ainda está tão alto, mas tenho de ver melhor. Devagar, ergo-me até à

superfície e repouso as costas contra o corpo húmido do navio.

Vejo o brilho da insígnia real de Midas no seu polegar e lambo os lábios.

O príncipe de Midas veste as roupas da realeza de uma forma que parece negligente. Tem as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos e o colarinho desabotoado, para que o vento lhe chegue ao coração. Não parece muito mais velho do que eu, mas tem os olhos duros e desgastados. São olhos de inocência perdida, mais verdes do que as algas e constantemente à procura. Até o oceano vazio é presa para ele, que o encara com um misto de desconfiança e admiração.

– Tive saudades tuas – diz ele para o navio. – Aposto que tu também. Vamos encontrá-lo juntos, não vamos? E quando o fizermos, mataremos todos os malditos monstros deste oceano.

Raspo as presas nos lábios. O que acha ele que poderia ter o poder de me destruir? É uma ideia fantasiosa de matança e dou por mim a sorrir. Como é perverso este, despojado da inocência que vi em todos os outros. Não se trata de um príncipe de potencial inexperiente e ansioso, mas de guerra e selvajaria. O seu coração será uma maravilha de se ver. Passo a língua pelos lábios e entreabro-os para dar caminho à minha canção, mas mal tenho oportunidade de aspirar um fôlego e fico encharcada debaixo de água.

Uma sereia paira diante de mim. É um salpico de cor, rosas, verdes e amarelos, como se tivesse borões de tinta na pele. As barbatanas serpenteiam e encaracolam, a armadura óssea de escamas de cavalo-marinho projeta-se do estômago e dos braços.

– É meu! – diz ela, em *psáriin*.

A sua mandíbula estende-se como um focinho e, quando rosna, dobra-se num ângulo doloroso. Aponta para o príncipe acima da água e bate no peito.

– Não podes reclamar aqui nada – digo-lhe.

A sereia abana a cabeça. Não tem cabelo, mas a pele do couro cabeludo é um caleidoscópio e, quando se mexe, as cores ondulam a partir dela como luz.

– Tesouro – diz ela.

Se alguma vez tive paciência, acabou de se dissipar.

– Estás a falar do quê?

– Midas é nossa – guincha a sereia. – Vigiamos, recolhemos e levamos os tesouros quando caem e ele é tesouro e ouro e não te pertence.

– O que me pertence decido eu – digo.

A sereia abana a cabeça.

– Não te pertence! – grita ela, e mergulha na minha direção.

Agarra-me o cabelo e puxa, enterra as unhas nos meus ombros e sacode-me. Grita e morde. Afunda os dentes no meu braço e tenta arrancar-me nacos de carne.

Sem me deixar impressionar com o ataque, aperto a cabeça da sereia e esmago-a contra a minha. Ela cai para trás, com os olhos sem pálpebras arregalados. Fica a flutuar por um momento, atordoada, depois solta um

guincho e vem de novo para cima de mim.

Quando chocamos uma com a outra, uso a força para puxar a sereia para a superfície.

Ela arqueja, o ar é um veneno tóxico para as suas guelras. Rio-me quando a sereia se agarra à garganta com uma mão e tenta atacar-me com as garras da outra. É uma tentativa lamentável.

– És tu.

Os meus olhos disparam para cima. O príncipe de Midas fita-nos do alto, horrorizado e espantado. Os seus lábios inclinam-se um pouco para a esquerda.

– Olha para ti – sussurra. – O meu monstro veio à minha procura.

Olho-o com tanta curiosidade como ele me olha a mim. A maneira como o seu cabelo preto roça desalinhadamente o queixo sombreado, caindo-lhe na testa quando ele se inclina para ver melhor. A covinha profunda na bochecha esquerda e a expressão de espanto nos seus olhos. Mas nos momentos em que opto por afastar o olhar da sereia, a criatura aproveita a oportunidade e impele-nos às duas para a frente. Vamos de encontro ao navio com tanta força que toda a embarcação geme com o nosso poder partilhado. Tenho pouco tempo para registar o ataque antes de o príncipe tropeçar e se estatelar na água ao nosso lado.

A sereia puxa-me novamente para baixo, mas quando vê o príncipe na água, afasta-se, maravilhada. Ele afunda como uma pedra para o fundo do mar raso e, em seguida, impulsiona o corpo de volta para a superfície.

– Meu tesouro – diz a sereia. Estende o braço e segura a mão do príncipe, mantendo-o sob a superfície. – O teu coração é de ouro? De certeza, tesouro e ouro.

Sibilo um riso monstruoso.

– Ele não fala *psáriin*, imbecil.

A sereia gira a cabeça para mim, a 180 graus. Solta um chiado ímpio e, em seguida, termina o círculo para voltar para o príncipe.

– Eu coleciono tesouros – continua. – Tesouro e corações e só como um. Agora como ambos e torno-me em quem tu és.

O príncipe debate-se enquanto a sereia o mantém preso debaixo de água. Chuta e esbraceja, mas ela está fascinada. Acaricia-lhe a camisa e as suas unhas rasgam o tecido, fazendo sangue. Em seguida, o maxilar solta-se num tamanho inimaginável.

Os movimentos do príncipe ficam frouxos e os seus olhos começam a fechar-se. Está a afogar-se e a sereia planeia ficar-lhe com o coração. Ficar com ele e comê-lo, na esperança de que isso a transforme naquilo que ele é. Barbatanas passam a pernas. Peixe passa a algo mais. Roubará aquilo de que preciso para voltar a cair nas boas graças da minha mãe.

Estou tão furiosa que nem penso antes de cravar as unhas no crânio da sereia. Em choque, a criatura liberta o príncipe, que flutua de volta à superfície. Aperto com mais força. A sereia esbraceja e arranha-me as mãos,

mas a sua força não é nada comparada com a de uma sirena. Especialmente a minha. Especialmente quando estou de olho numa matança.

Pressiono com mais força os dedos no crânio da sereia e eles desaparecem dentro da carne arco-íris. Sinto o osso afiado do seu esqueleto. A sereia imobiliza-se, mas eu não paro. Enterro os dedos mais fundo e puxo.

A sua cabeça cai no leito do oceano.

Penso em levá-la à minha mãe como troféu. Espetá-la num pique à porta do palácio de Keto como aviso a todas as sereias que ousassem desafiar uma sirena. Mas a Rainha do Mar não aprovaria tal coisa. As sereias são seus súbditos, quer sejam ou não seres menores. Lanço uma última olhada desdenhosa à criatura e nado até à superfície em busca do meu príncipe.

Avisto-o rapidamente, à beira de um pequeno pedaço de areia junto às docas. Tem uma tosse tão violenta que abala todo o seu corpo. Cospe grandes golfadas de água e, em seguida, desaba de barriga no chão. Eu nado para o mais perto da costa que posso e depois arrasto-me o resto do caminho, até ficar apenas com a ponta da barbatana na água rasa.

Estendo o braço e agarro o tornozelo do príncipe, arrastando-o para baixo para que o seu corpo fique nivelado com o meu.

Toco-lhe no ombro e, como não se movesse, viro-o de costas. Tem areia colada nas faces douradas e os lábios entreabertos muito ao de leve, molhados do oceano. Já parece meio morto.

A camisa está colada à pele, com o sangue a escorrer dos golpes que a sereia abriu. Mal mexe o peito ao respirar e se eu não lhe ouvisse o débil som do coração, pensaria com certeza que não passava de um belo cadáver.

Ponho uma mão no seu rosto e desenho uma unha do canto do olho até à bochecha. Uma linha vermelha fina borbulha acima da pele, mas ele não se mexe. Tem um maxilar tão afiado que podia cortar-me.

Devagar, levo a mão debaixo da sua camisa e pressiono-a contra o seu peito. O coração bate desesperadamente sob a minha palma. Encosto a cabeça e fico a ouvir o batuke com um sorriso. Sinto o cheiro do oceano nele, um sal inconfundível, mas misturado sob tudo o resto está um fraco aroma a anis. Ele cheira aos doces pretos dos pescadores. Ao óleo de sacarina que usam para atrair a sua pesca.

Dou por mim a desejar que estivesse acordado para eu poder vislumbrar aqueles olhos de algas antes de lhe tirar o coração e o dar à minha mãe. Levanto a cabeça do seu peito e a minha mão paira sobre o seu coração. As minhas unhas cravam-se-lhe na pele e preparo-me para enterrar o punho mais fundo.

– Vossa Alteza!

Viro bruscamente a cabeça para cima. Uma legião de guardas reais atravessa as docas a correr na nossa direção. Torno a olhar para o príncipe, cujos olhos começam a abrir. A sua cabeça pende na areia e o seu olhar foca-se em mim. Estreita os olhos ao assimilar a cor do meu cabelo e o único olho que combina. Não parece preocupado por eu ter as unhas cravadas no seu

peito, nem assustado com a sua morte iminente. Em vez disso, parece determinado. E estranhamente satisfeito.

Não tenho tempo para pensar no significado disso. Os guardas aproximam-se rapidamente, a gritar pelo seu príncipe, de pistolas e espadas em riste. Todas elas apontadas para mim. Olho mais uma vez para o peito do príncipe e para o coração que estive tão perto de conquistar. E depois, mais rápido do que a luz, disparo de volta para o oceano, afastando-me dele.

Os meus sonhos são espessos de sangue que não é meu. Nunca é meu, porque sou tão imortal nos meus sonhos como pareço ser na vida real. Sou feito de cicatrizes e memórias, e nem umas nem outras têm qualquer significado real.

Já se passaram dois dias desde o ataque e o rosto da sirena assombra as minhas noites. Ou o pouco que me lembro dela. Sempre que tento recordar um único momento, tudo o que vejo são os olhos dela. Um como o pôr do Sol e o outro como o oceano que tanto adoro.

A Desdita dos Príncipes.

Eu estava meio atordoado quando acordei na costa, mas podia ter feito alguma coisa. Agarrado a faca que trago enfiada no cinto e deixá-la que bebesse o sangue dela. Esmagar o punho na sua face e prendê-la sob o meu peso enquanto um guarda ia chamar o meu pai. Podia tê-la matado, mas não matei, porque ela é um espanto. Uma criatura que me escapou durante tanto tempo e depois, finalmente, apareceu. Que me deixou privar com um rosto que poucos homens vivem para dele falar.

O meu monstro encontrou-me e eu vou encontrá-la também.

– É uma afronta!

O rei irrompe no meu quarto, de cara vermelha. A minha mãe como que flutua atrás dele, usando um *kalasiris* verde e uma expressão exasperada. Quando ela me vê, une as sobrancelhas.

– Nenhum deles me sabe dizer nada – diz o meu pai. – De que servem os guardas do mar se não guardam o maldito mar?

– Querido. – A minha mãe coloca uma mão gentil no ombro dele. – Eles procuram navios à superfície. Não me lembro de lhes termos dito para nadarem debaixo de água à procura de sirenas.

– Não devia ser preciso dizer! – O meu pai está enfurecido. – O que esses homens precisam é de iniciativa. Especialmente com o futuro rei aqui. Deviam saber que essa cabra do mar viria atrás dele.

– Radames – repreende a minha mãe. – O teu filho haveria de preferir ter a tua preocupação do que a tua raiva.

O meu pai vira-se para mim, como se só agora se desse conta de que aqui estou, apesar de este ser o meu quarto. Apercebo-me do momento em que ele repara na linha de suor que me reveste a testa e escorre do meu corpo para os lençóis.

O seu rosto fica mais brando.

– Sentes-te melhor? – pergunta. – Eu posso ir buscar o médico.

– Estou bem. – A rouquidão da minha voz trai a mentira.

– Não parece.

Enxoto-o com a mão, odiando a sensação de, de repente, me sentir de novo uma criança, a precisar que o meu pai me proteja dos monstros.

– Não consigo imaginar ninguém que esteja no seu melhor antes do pequeno-almoço – digo. – Mas aposto que, mesmo assim, era capaz de cortejar qualquer mulher na corte.

A minha mãe lança-me um olhar reprovador.

– Vou despedi-los a todos – diz o meu pai, continuando como se o meu estado adoentado não lhe desse descanso. – Todas essas tristes figuras de guardas do mar.

Reclino-me contra a cabeceira da cama.

– Acho que estás a exagerar.

– A exagerar! Podias ter sido morto na nossa própria terra, à luz do dia.

Levanto-me da cama. Balanço um pouco, instável sobre os pés, mas recupero depressa o bastante para que não se note.

– Não posso culpar os guardas por não terem conseguido vê-la – digo, pegando na camisa que está no chão. – É preciso ter o olho treinado.

O que é verdade, aliás, embora duvide que o meu pai se importe. Parece que nem se lembra de que os guardas do mar vigiam a superfície à procura de navios inimigos e não se lhes exige, de modo nenhum, que procurem debaixo de água diabos e demónios. O *Saad* é o lar dos poucos homens e mulheres no mundo loucos o suficiente para tentar.

– Olhos como os teus? – desdenha o meu pai. – Então, vamos contratar alguns desses patifes com quem andas por aí.

A minha mãe reluz.

– Que ideia maravilhosa.

– Não foi! – argumenta o meu pai. – Eu falei por falar, Isa.

– No entanto, foi a coisa menos tola que te ouvi dizer nos últimos dias.

Rasgo um sorriso para os dois e dirijo-me ao meu pai, pousando uma mão reconfortante no seu ombro. A raiva desaparece dos seus olhos e usa uma expressão semelhante a resignação. Sabe tão bem como eu que só há uma coisa a fazer, que é eu ir-me embora. Desconfio que metade da raiva do meu pai se deve ao facto de saber isto. Afinal, Midas é um santuário que o meu pai diz ser um porto seguro sem os demónios que eu caço. Uma fuga aonde eu possa regressar caso alguma vez precise. Agora o ataque fez dele um

mentiroso.

– Não te preocupes – digo. – Vou assegurar-me de que a sirena sofre por ter feito isto.

Só quando pronuncio as palavras é que me dou conta da convicção com que as digo. A minha casa está manchada com o mesmo perigo que o resto da minha vida, o que não me cai bem. O lugar das sirenas é no mar e essas duas metades de mim – o príncipe e o caçador – têm permanecido separadas. Detesto que se tenham fundido, mas não por eu ter coragem suficiente para parar de fingir e contar aos meus pais que tenho planos de nunca me tornar rei e que sempre que estou em casa me sinto uma fraude. Que penso cuidadosamente em cada palavra e ação antes de dizer ou fazer qualquer coisa, só para ter a certeza de que é o mais acertado. O que deve ser. As minhas duas metades foram juntas porque a Desdita dos Príncipes me obrigou a isso. Pôs em ação algo que eu deveria ter sido corajoso o suficiente para fazer eu próprio.

Detesto-a por isso.

Mais tarde, ainda nesse dia, no convés do *Saad*, a minha tripulação reúne-se à minha volta. Duzentos homens e mulheres com fúria no rosto enquanto olham para o arranhão por baixo do meu olho. É a única ferida que conseguem ver, embora haja muitas mais escondidas debaixo da minha camisa. Um círculo de unhas exatamente onde está o meu coração. Pedacos da sirena ainda embutidos no meu peito.

– Dei-vos ordens perigosas no passado – digo à minha tripulação. – E vocês cumpriram-nas sem reclamar. Bem... – dirijo-lhes um sorriso rasgado – a maior parte de vocês.

Alguns sorriem na direção do Kye, que faz continência, orgulhoso.

– Mas isto é diferente. – Inspiro, preparando-me. – Preciso de uma tripulação de cerca de uma centena de voluntários. Na verdade, vou levar todos que conseguir, mas acho que sabem que, sem alguns, a viagem não será de todo possível. – Olho para o meu engenheiro-chefe e ele anui, em muda compreensão.

O resto da tripulação olha fixamente para mim com olhares igualmente fortes de fidelidade. As pessoas dizem que não se pode escolher a família, mas foi precisamente isso que eu fiz com cada um dos membros do *Saad*. Escolhi-os todos a dedo e os que não escolhi vieram à minha procura. Escolhemo-nos mutuamente, cada um de nós desta miscelânea.

– Quaisquer votos de lealdade que tenham feito, não vou cobrá-los. A vossa honra não está em questão e não se ficará com pior impressão de quem não se oferecer como voluntário. Se formos bem-sucedidos, todo e qualquer membro desta tripulação será recebido de braços abertos quando voltarmos a navegar. Quero deixar isso bem claro.

– Basta de discursos! – grita o Kye. – Vai direto ao assunto, para eu saber se vou pôr as ceroulas na mala.

Ao seu lado, a Madrid revira os olhos.

– Não te esqueça também da bolsa.

Sinto o riso nos meus lábios, mas engulo e prossigo.

– Há uns dias, um homem veio ter comigo com uma história sobre uma pedra rara que tem o poder de matar a Rainha do Mar.

– Como é possível? – pergunta alguém na multidão.

– Não é possível! – grita outra voz.

– Disseram-me uma vez que não era possível cruzar o mar com uma tripulação de bandidos e marginais à caça dos monstros mais mortais do mundo – digo. – Que morreríamos numa semana.

– Não posso falar por vocês, mas o meu coração ainda bate – diz o Kye.

Dirijo-lhe um sorriso.

– O mundo foi levado a acreditar que a Rainha do Mar não pode ser morta por armas fabricadas pelo homem – digo. – Mas esta pedra não foi feita pelo homem; foi criada pelas famílias originais a partir da sua mais pura magia. Se a usarmos, a Rainha do Mar poderá morrer antes de passar o tridente à Desdita dos Príncipes. Isso livrará toda a sua raça, de uma vez por todas, de qualquer poder real.

A Madrid avança para a frente, dando cotoveladas aos homens para lhe saírem do caminho. O Kye segue-a, mas ela mantém os olhos postos em mim com um olhar duro.

– Isso está muito bem, capitão – diz ela. – Mas não é com a Desdita dos Príncipes que nos devíamos preocupar?

– A única razão para não a termos transformado em espuma é não conseguirmos encontrá-la. Se lhe matarmos a mãe, ela deve mostrar a cara. Sem contar que é a magia da rainha que dá as dádivas às sirenas. Se destruímos a rainha, todas ficarão fracas, incluindo a Desdita dos Príncipes. Os mares serão nossos.

– E como encontramos a Rainha do Mar? – pergunta o Kye. – Eu segui-te-ia até aos confins da terra, mas o reino delas fica no meio de um mar perdido. Ninguém sabe onde se encontra.

– Não precisamos de saber onde fica o reino. Nem precisamos de saber onde fica o mar dos Diábolos. A única coisa que precisamos de saber é como navegar para Págos.

– Págos. – A Madrid diz a palavra de testa franzida. – Não estás a pensar seriamente nisso.

– É onde se encontra o cristal – digo-lhe. – E quando o tivermos, a Rainha do Mar virá ao nosso encontro.

– Então é só irmos para o reino do gelo e pedirmos ao povo do gelo que nos entregue o cristal? – pergunta alguém.

Eu hesito.

– Não propriamente. O cristal não está em Págos. Está ao cimo de Págos.

– A Montanha das Nuvens – esclarece Kye para o resto da tripulação. – O nosso capitão quer subir ao topo da montanha mais fria do mundo. Uma

montanha que matou todos quantos tentaram fazê-lo.

A Madrid faz troça quando começam num burburinho.

– E tudo por um cristal mítico que pode ou não trazer a criatura mais temível do mundo à nossa porta – acrescenta ela.

Fulmino os dois com o olhar, sem achar graça nenhuma àquela atuação dupla, nem à súbita dúvida patente nas suas vozes. É a primeira vez que me questionam e a sensação que tal cria em mim não é algo a que pretenda acostumar-me.

– É isso, em traços gerais – digo.

Faz-se uma pausa e eu tento ao máximo não me mexer nem fazer nada a não ser mostrar-me inflexível. Alguém em quem se pode confiar. Como se eu fizesse ideia do que raio estou a fazer. Como se o mais provável não fosse eu levá-los todos à morte.

– Bem. – A Madrid vira-se para o Kye. – A mim parece-me divertido.

– Deves ter razão – diz ele, como se seguir-me fosse um inconveniente em que nunca tinha pensado. Vira-se para mim. – Então, conta connosco.

– Acho que também posso dispor de algum tempo, já que pediste com tanto jeitinho! – grita outra voz.

– Não consigo dizer que não a uma oferta tão tentadora, Cap!

– Está bem, pronto, já que estão todos tão interessados.

Muitos gritam e acenam, pondo a vida nas minhas mãos com um sorriso. Como se, para eles, não passasse de um jogo. A cada mão que se levanta, surge um grito dos que já concordaram. Uivam perante a possibilidade de morte e de terem tanta companhia nela. São doidos e maravilhosos.

Eu conheço a devoção. Quando as pessoas da corte olham para mim, vejo a lealdade irracional decorrente de não terem um melhor julgamento. Algo que é natural para quem nunca questionou a ordem bizarra das coisas. Mas quando a minha tripulação olha para mim agora, vejo o tipo de lealdade que conquistei. É como se eu merecesse o direito de conduzi-los a qualquer destino que me pareça adequado.

Agora, só me resta fazer uma coisa antes de zarparmos para a terra do gelo.

O Ganso Dourado é a única constante em Midas; é como se cada centímetro de terra crescesse e mudasse quando estou fora, com pequenas evoluções que nunca me parecem graduais, mas o Ganso Dourado é como sempre foi. Não plantou à porta as flores douradas que todas as casas outrora plantaram, como era moda, com restos delas ainda visíveis nas profundezas das flores silvestres que agora as engolem. Também não ergueu pilares de areia, nem fez remodelações no telhado para ficar pontiagudo como as pirâmides. Encontra-se num estado de intemporalidade intocada, por isso, sempre que regresso e há algo de diferente na minha terra, posso ter a certeza de que nunca é o Ganso Dourado. Nunca é a Sakura.

É cedo e o sol ainda é de um laranja leitoso. Achei que seria melhor visitar a escória do Ganso Dourado quando o resto de Midas ainda estivesse a dormir. Não me pareceu sensato pedir um favor à senhoria nascida no gelo com ondas de clientes bêbados a escutar. Bato à porta de pau-brasil e uma lasca desliza para um nó do dedo. Retiro a mão quando a porta se abre. Do outro lado, a Sakura não parece surpreendida.

– Eu sabia que eras tu. – Espreita para trás de mim. – A tatuada não está contigo?

– A Madrid está a preparar o navio – digo-lhe. – Zarpamos hoje.

– Que pena. – A Sakura lança um pano da louça sobre o ombro. – Nem de longe és tão bonito.

Não discuto isso.

– Posso entrar?

– Os príncipes podem pedir favores à porta, como toda a gente.

– A tua porta não tem *whisky*.

A Sakura sorri, arrepanhando de lado os lábios vermelho-escuros. Estende os braços para a frente, gesticulando para eu entrar.

– Espero que tenhas os bolsos cheios.

Eu entro, mantendo os meus olhos nela. Não é que eu ache que ela

poderia tentar fazer algo estranho – matar-me, talvez, aqui mesmo no Ganso Dourado –, sendo o nosso relacionamento tão lucrativo para ela. Mas há algo na Sakura que sempre me incomodou, e não sou o único. Não há muitas pessoas que pudessem gerir um bar como o Ganso Dourado, com clientes que colecionam pecados como se fossem pedras preciosas. Rixas e lutas são uma constante e a maior parte das noites derrama-se mais sangue do que *whisky*. No entanto, quando a Sakura lhes diz basta, os homens e as mulheres param. Ajeitam os respetivos colarinhos, cospem no chão imundo e continuam com as suas bebidas como se nada tivesse acontecido. É, indiscutivelmente, a mulher mais temível de Midas. E não tenho o hábito de virar as costas a mulheres temíveis.

A Sakura vai para trás do bar e deita uma porção de líquido âmbar num copo. Quando me sento à frente dela, leva o copo aos lábios e dá um gole rápido. Uma estampa de batom vermelho-escuro mancha a borda e reparo no sentido de oportunidade fortuito.

A Sakura empurra o copo para mim.

– Satisfeito? – pergunta.

Refere-se ao facto de a bebida não estar envenenada. Lá por perscrutar os mares à procura de monstros que literalmente me podiam arrancar o coração, isso não significa que eu seja descuidado. Não como nem bebo absolutamente nada quando estamos atracados que não tenha sido provado por outra pessoa antes. Geralmente, este dever cabe ao Torik, que se ofereceu como voluntário quando o aceitei a bordo e insiste que não está a arriscar a vida, porque nem o maior dos venenos poderia matá-lo. A julgar pelo seu tamanho, inclino-me a concordar.

Claro que o Kye declinou a responsabilidade. *Se eu morrer a salvar-te a vida*, disse ele, *depois quem é que te vai proteger?*

Olho para o batom borrado da Sakura e sorrio, virando o copo para evitar a marca antes de beber um gole de *whisky*.

– Não vale a pena rodeios – diz a Sakura. – Devias perguntar e pronto.

– Então, sabes porque estou aqui.

– A Midas inteira está a falar da tua sirena. – A Sakura encosta-se ao armário das bebidas. – Não penses que se passa aqui uma única coisa que seja que eu não saiba.

Os seus olhos estão mais apurados do que nunca e estreitaram-se de uma forma que me diz que há muito poucos segredos meus que ela não conheça. Um príncipe pode dar-se ao luxo da discrição, mas um pirata não. Sei que muitas das minhas conversas foram roubadas por desconhecidos e vendidas aos melhores licitantes. Há algum tempo que a Sakura é um desses vendedores, que troca informações por ouro sempre que a oportunidade se lhe apresenta. Portanto, é claro que ela teve o cuidado de ouvir o homem que veio ter comigo, na calada da noite, contar histórias da sua terra e do tesouro que encerra.

– Quero que venhas comigo.

A Sakura ri-se e o som não combina com o olhar grave no seu rosto.

– Isso é uma ordem do príncipe?

– É um pedido.

– Então declino-o.

– Sabes que tens o batom borrado – digo, e limpo a marca do copo.

A Sakura observa a marca vermelho-escura na borda do meu copo e encosta e um dedo aos lábios. Quando ele sai limpo, faz uma expressão furiosa. Vejo-a agora claramente, como aquilo que eu sempre soube que era. A mulher com cara de neve e lábios mais azuis do que qualquer olho de sirena.

Um azul reservado à realeza.

Os habitantes de Págos não são como nenhuma outra raça nos cem reinos, mas a família real é uma estirpe própria. Esculpidos em grandes blocos de gelo, a sua pele é muito mais pálida, os cabelos muito mais brancos e os lábios têm o mesmo azul do seu lacre.

– Já sabes há algum tempo? – pergunta a Sakura.

– É a razão para ter fechado os olhos a tanta coisa – digo-lhe. – Não queria revelar o teu segredo até encontrar uma maneira de o usar bem. – Levanto o copo num brinde. – Viva a princesa Yukiko de Págos.

O rosto da Sakura não muda ao ouvir o seu nome verdadeiro. Em vez disso, olha-me sem expressão, como se tivesse passado tanto tempo que já não reconhece o próprio nome.

– Quem mais sabe? – pergunta.

– Ainda não contei a ninguém. – Sublinho o *ainda* de forma mais crua do que o necessário. – Embora não entenda por que razão isso te importa. O teu irmão tomou a coroa há mais de uma década. Não tens propriamente pretensão ao trono. Podes ir onde quiseses e fazer o que quiseses. Ninguém quer assassinar um membro da realeza que não pode governar.

A Sakura olha-me com franqueza.

– Estou ciente disso.

– Então porquê o secretismo? – pergunto. – Não ouvi nada sobre uma princesa desaparecida, portanto só posso deduzir que a tua família sabe onde estás.

– Não sou fugitiva – diz a Sakura.

– Então, és o quê?

– Algo que nunca serás – diz, com desdém. – Livre.

Pouso o copo com mais força do que era minha intenção.

– Sorte a tua, então.

É fácil para a Sakura ser livre. Tem quatro irmãos mais velhos para reclamarem o trono antes dela e, portanto, nenhuma das responsabilidades que me pesam sobre os ombros e que o meu pai gosta de me lembrar.

– Saí assim que o Kazue tomou a coroa – diz a Sakura. – Eu sabia que, com três irmãos para o aconselharem, eu não tinha sabedoria para oferecer que eles não tivessem. Eu tinha vinte e cinco anos e não me apetecia viver a

vida de um membro da realeza que nunca há de governar. Disse isto aos meus irmãos. Disse-lhes que queria ver mais do que neve e gelo. Eu queria cor. – Ela olha para mim. – Eu queria ver ouro.

Resfolego.

– E agora?

– Agora odeio a vil cor.

Dou uma gargalhada.

– Às vezes, sinto o mesmo. Mas é, mesmo assim, a cidade mais bonita dos cem reinos.

– Saberias dizer melhor do que eu – diz a Sakura.

– Contudo, ficas.

– É difícil encontrar um sítio onde se possa sentir em casa.

Penso na verdade desta afirmação. Entendo isto melhor do que ninguém, porque nunca me senti verdadeiramente em casa em nenhum lugar por onde viajei. Nem sequer em Midas, que é tão bonita e está cheia de pessoas que amo. Sinto-me em segurança aqui, mas não sinto que pertenço a este lugar. O único lugar a que eu poderia chamar casa com sinceridade é o *Saad*. E está sempre em movimento e a mudar. Raramente duas vezes no mesmo lugar. Talvez o ame por não pertencer a lugar nenhum, nem sequer a Midas, onde foi construído. E, no entanto, também pertence a toda a parte.

Faço girar os restos do meu *whisky* e olho para a Sakura.

– Então, seria uma pena as pessoas descobrirem quem és. Ser imigrante paguesa é uma coisa, mas ser um membro da realeza apátrida é outra. Como te tratariam?

– Príncipezinho. – A Sakura passa a língua pelos lábios. – Estás a tentar chantagear o teu favor?

– Claro que não – digo, embora a minha voz diga outra coisa. – Estou simplesmente a dizer que seria inconveniente se as pessoas descobrissem. Especialmente tendo em conta os teus fregueses.

– Apenas para eles – diz a Sakura. – Tentariam usar-me e eu teria de os matar. Provavelmente teria de matar metade da minha clientela.

– Acho que isso é mau para o negócio.

– Mas ser assassino funcionou tão bem contigo.

Não reajo, mas a minha falta de emoção parece ser precisamente a reação que a Sakura quer. Ela sorri, tão bonita, embora seja claro que está a troçar. Penso que é uma pena que ela tenha o dobro da minha idade, porque é impressionante quando é perversa e, por baixo daquele fingimento, é indomável.

– Vem a Págos comigo – digo.

– Não. – A Sakura vira-se e afasta-se de mim.

– Não vens?

– Não, não é isso que me queres pedir.

Ponho-me em pé.

– Ajuda-me a encontrar o Cristal de Keto.

A Sakura vira-se para mim.

– Aí está. – Agora não há sinal de sorriso no seu rosto. – Queres um paguês que te ajude a escalar a Montanha das Nuvens e a encontrar o teu conto de fadas.

– Não posso propriamente ir dar um passeio e escalar a vossa montanha mais mortal sem fazer ideia daquilo com que vou estar a lidar. Será que o teu irmão me dará sequer acesso? Contigo ao meu lado, posso aconselhar-me relativamente ao melhor plano de ação. Podes dizer-me que rota seguir. Ajudar-me a convencer o rei a dar-me passagem segura.

– Sou especialista em escalar montanhas. – A voz da Sakura é totalmente sarcástica.

– Foi-te pedido que o fizesses pelo teu décimo sexto aniversário. – Tento dissimular a minha impaciência. – Como a todos os pagueses da realeza. Podias ajudar-me.

– Sou tão simpática.

– Estou a pedir-te que...

– Estás a implorar – diz ela. – E algo que é impossível. Ninguém além da minha família pode sobreviver à escalada. Está-nos no sangue.

Esmurro o tampo da mesa.

– Os livros de histórias podem vender essa ideia, mas eu sei que não é assim. Deve haver outra rota. Um caminho escondido. Um segredo guardado na tua família. Se não vens comigo, então diz-me qual é.

– Não importa, de qualquer maneira.

– O que significa isso?

Ela passa a língua pelos lábios azuis.

– Se esse cristal existe na montanha, então estará certamente escondido na cúpula fechada do palácio de gelo.

– Uma cúpula fechada – digo, inexpressivo. – Estás a inventar isto neste momento?

– Estamos perfeitamente cientes das lendas escritas em todos esses livros infantis – diz ela. – A minha família tenta encontrar um caminho para aquela divisão há gerações, mas não há outra entrada além daquela que se vê claramente e nenhuma maneira de forçar entrada. Está selada com magia, talvez pelas próprias famílias originais. O que é preciso é uma chave. Um fio perdido da nossa família. Sem isso, não importa quantas montanhas pedes para subir. Nunca conseguirás encontrar aquilo que procuras.

– Deixa-me ser eu a preocupar-me com isso – digo. – Encontrar tesouros perdidos é uma especialidade minha.

– E o ritual necessário para libertar o cristal da prisão? – pergunta a Sakura. – Deduzo que também descobriste isso.

– Nada de específico.

– Isso é porque ninguém o conhece. Como planeias levar a cabo um ritual ancestral se não sabes qual é?

Na verdade, julguei que a Sakura podia ser capaz de preencher os

espaços em branco nesta matéria.

– O segredo está provavelmente no fio – digo-lhe, esperando que seja verdade. – Pode ser uma inscrição simples que precisamos de ler. E se não for, então arranjo uma maneira qualquer.

A Sakura ri.

– Digamos que estás certo – diz ela. – Digamos que as lendas são fáceis de encontrar. Digamos que até os fios perdidos e os rituais antigos também. Digamos que mapas e rotas são a coisa mais esquiva. Quem diria que eu alguma vez partilharia isso contigo?

– Eu podia divulgar a tua identidade a todos. – As palavras são mesquinhas e infantis nos meus lábios.

– Estás acima disso – diz a Sakura. – Tenta outra vez.

Faço uma pausa. A Sakura não se recusa a ajudar. Está simplesmente a dar-me a oportunidade de fazer com que valha a pena para ela. Toda a gente tem um preço, até a princesa paguesa esquecida. Eu só tenho de descobrir qual é o dela. O dinheiro parece irrelevante e a ideia de lhe oferecer uma quantia faz-me fazer uma careta. Ela podia tomar isso como um insulto (afinal de contas, é da realeza), ou ver-me mais como um miúdo do que como um capitão, como é tão claramente o caso quando estou na sua presença. Tenho de lhe dar algo que mais ninguém lhe pode dar. Uma oportunidade que nunca mais terá e, por isso, que nem sonhe em deixar passar.

Penso em como eu e a Sakura somos parecidos. Dois membros da realeza a tentar fugir dos respetivos países. Só que a Sakura não quis deixar Págos por não gostar de ser princesa, mas porque a sua função se tornou inútil quando o irmão assumiu a coroa.

Não me apetecia viver a vida de um membro da realeza que nunca há de governar.

Sinto como que um poço no estômago. Na sua essência, a Sakura é uma rainha. O único problema é que não tem país. Compreendo então o que a minha demanda me custará, caso a queira o suficiente.

– Posso fazer de ti rainha.

A Sakura arqueia uma sobrancelha branca.

– Espero que não estejas a ameaçar matar os meus irmãos – diz ela. – Porque os pagueses não se viram uns contra os outros por uma coroa.

– De forma nenhuma. – Componho-me o melhor que posso. – Ofereço-te outro país completamente diferente.

Uma lenta expressão de compreensão avança para o rosto da Sakura.

Com falsa modéstia, ela pergunta:

– E que país seria esse, Vossa Alteza?

Vai implicar o fim da vida que amo. O fim do *Saad*, do oceano e do mundo que vi duas vezes e veria novamente mais mil. Viveria a vida de um rei, como o meu pai sempre quis, com uma esposa nascida na neve para governar ao meu lado. Uma aliança entre gelo e ouro. Seria mais do que meu pai imaginava, e será que, no fim, não valeria a pena? Por que razão terei de

perscrutar o oceano depois de destruídos todos os seus monstros? Ficarei satisfeito, porventura, governando Midas, quando souber que o mundo está fora de perigo.

Mas já ao elencar as razões pelas quais se trata de um bom plano, sei que são todas mentiras. Sou um príncipe de nome, e nada mais. Mesmo que eu consiga conquistar as sirenas e trazer a paz ao oceano, sempre planeei ficar no *Saad* com a minha tripulação – se continuarem a seguir-me –, já sem procurar, mas sempre em movimento. Qualquer outra coisa me deixará infeliz. Ficar parado, num lugar e num momento, vai fazer-me infelicíssimo. No meu coração, sou tão selvagem como o oceano que me criou.

Inspiro. Serei então infelicíssimo, se é isso que é preciso.

– Este país. Se houver um mapa que mostre uma rota secreta até à montanha para que eu e a minha tripulação possamos evitar congelar até à morte durante a subida, então será uma troca justa.

Estendo a mão para a Sakura. À princesa de Págos.

– Se me deres esse mapa, farei de ti a minha rainha.

Cometi um erro. Começou com um príncipe, como tantas histórias. Tendo sentido o batimento do seu coração sob os meus dedos, já não consegui esquecê-lo. E, assim, fiquei a observar a partir da água, à espera de que ele reaparecesse. Mas passaram-se dias e, quando reapareceu, nunca se aproximou do oceano sem uma legião a acompanhá-lo.

Cantar para ele junto às docas era arriscado o suficiente, com a promessa de guardas reais e transeuntes virem em socorro do jovem caçador. Mas com a sua tripulação presente, era outra história. Eu sentia a diferença naqueles homens e mulheres e na maneira como eles seguiam o príncipe, como se moviam quando ele se movia, ficavam quietos, em arrebatada atenção sempre que ele lhes falava. Uma espécie de lealdade que não pode ser comprada. Saltariam para o oceano atrás do príncipe sacrificando a vida pela dele, como se eu alguma vez aceitasse essa troca.

Então, em vez de atacar, fiquei a observar e a ouvi-los falar em histórias de pedras com o poder de destruir mundos. O Segundo Olho de Keto. Uma lenda que a minha mãe tem perseguido durante todo o seu reinado. Os humanos falaram de ir para o reino do gelo em busca dela e eu soube que seria a minha melhor oportunidade. Se eu os seguisse até ao mar da neve, as águas seriam frias demais para qualquer ser humano sobreviver e a tripulação do príncipe não poderia fazer nada, a não ser vê-lo morrer.

Eu tinha um plano. Mas o meu erro foi pensar que a minha mãe não. Enquanto eu observava o príncipe, a Rainha do Mar observava-me a mim. E quando eu me aventurei a sair das docas de Midas para procurar comida, a minha mãe deu a conhecer a sua presença.

O cheiro do sacrilégio está maduro. Uma fileira de corpos – tubarões e polvos – espalha-se pela água como um rasto para eu seguir. Nado por entre os cadáveres de animais com que me teria banqueteado se fosse outro dia.

– Estou surpreendida por teres vindo – diz a Rainha do Mar.

A minha mãe tem um ar majestoso, pairando num círculo de carcaças.

Pingam restos mortais dos símbolos na sua pele e os tentáculos balançam letalmente ao seu lado.

Cerro o maxilar.

– Eu posso explicar.

– Imagino que tenhas muitas explicações nessa tua linda cabecinha – diz a rainha. – É claro que não estou interessado nelas.

– Mãe. – A minha mão cerra-se num punho. – Há uma razão para eu ter deixado o reino.

Uma imagem do príncipe dourado pesa na minha mente. Se eu não tivesse hesitado na praia e não estivesse tão preocupada em saborear o cheiro doce da sua pele, não precisaria de dar explicações. Bastaria apresentar o coração dele e a Rainha do Mar mostrar-me-ia misericórdia.

– Salvaste um humano. – A sua voz é morta como a noite.

Abano a cabeça.

– Isso não é verdade.

Os tentáculos da rainha estatelam-se no leito do oceano e uma poderosa onda de areia invade-me, deitando-me ao chão. Reprimo a tosse quando o cascalho me fica preso na garganta.

– Tu insultas-me com as tuas mentiras – diz ela, a ferver. – Salvaste um ser humano e não foi um ser humano qualquer, mas aquele que nos mata. Será porque vives para me desobedecer? – pergunta ela. E depois, com um rosnado cheio de nojo: – Ou talvez estejas a ficar fraca. Uma menina parvinha, enfeitada por um príncipe. Diz-me, foi o sorriso dele? Deu vida ao teu coração e fez-te amá-lo como se fosses uma sereia qualquer?

Tenho a cabeça a mil. Nem me consigo indignar no meu estado de confusão. Amor é uma palavra que raramente ouvimos no oceano. Só existe na minha canção e nos lábios dos príncipes que matei. E eu nunca a ouvi da boca da minha mãe. Eu nem sei bem o que significa realmente. Para mim, nunca passou de uma palavra que os seres humanos estimam por razões que eu não consigo entender. Nem sequer há uma forma de o dizer em *psáriin*. No entanto, a minha mãe está a acusar-me de o sentir. Será a mesma fidelidade que sinto pela Kahlia? Essa força que me leva a protegê-la sem sequer pensar? Se isso for verdade, torna a acusação ainda mais desconcertante, porque tudo o que eu quero é matar o príncipe e, embora eu possa não saber o que o amor é, tenho a certeza de que não é isso.

– Estás enganada – digo à minha mãe.

A rainha arreganha um canto dos lábios em sinal de repulsa.

– Mataste uma sereia por causa dele.

– Ela estava a tentar comer-lhe o coração!

Os olhos dela estreitam-se.

– E porque haveria isso de ser uma coisa má? – pergunta ela. – A criatura que lhe tome o coração imundo e o engula.

– Ele era meu – argumento. – Um presente para ti! Um tributo pelo meu décimo oitavo aniversário.

A rainha faz uma pausa para compreensão.

– Perseguiste um príncipe para o teu aniversário.

– Sim. Mas, mãe...

O olhar da Rainha do Mar escurece e, num instante, um dos seus tentáculos alonga-se e arranca-me do leito do oceano.

– Sua insolente!

Os seus tentáculos apertam-me o pescoço, até o oceano ficar desfocado. Sinto o arrepio do perigo. Eu sou mortífera, mas a Rainha do Mar é muito mais do que isso.

– Mãe – imploro.

Mas a rainha aperta ainda com mais força ao ouvir o som da minha voz. Se ela quisesse, podia partir-me o pescoço ao meio. Arrancar-me a cabeça como eu arranquei a da sereia. Talvez até também o meu coração.

A rainha atira-me para o leito do oceano e eu agarro a garganta e toco no ponto sensível, mas retiro a mão quando os ossos estalam e latejam com o contacto. A rainha avulta-se sobre mim, elevando-se como uma sombra escura. À nossa volta, a cor da água fica mortiça, tornando-se cinzenta e, depois, intensificando até ser negra, como se o oceano estivesse maculado com a sua fúria.

– Tu não mereces ser minha herdeira – sibila a Rainha do Mar.

Quando entreabro os lábios para falar, só sinto o sabor do ácido. O sal oceânico é substituído por uma magia ardente que chia pela minha garganta abaixo. Mal consigo respirar com a dor.

– Não és digna da vida que te foi dada.

– Não – imploro.

Mal chega a sussurro, mal chega a ser uma palavra. Uma fenda no ar que se mascara de voz, como sucedeu à da minha tia Crestell antes de ser morta.

– Julgas que és a Desdita dos Príncipes. – A Rainha do Mar ruge com riso. – Mas és a salvadora do príncipe.

Ergue o tridente, esculpido com os ossos da deusa Keto. Ossos como a noite. Ossos de magia. Ao centro, o rubi do tridente aguarda as suas ordens.

– Vejamos se há alguma esperança de redenção em ti – troça a rainha.

Bate com a base do tridente no chão e eu sinto uma dor como nada que pudesse ter imaginado. Os meus ossos estalam e realinham-se. O sangue jorra da minha boca e dos ouvidos, derretendo na pele. As minhas guelras. A barbatana divide-se, criando uma fenda no meio do meu corpo. Que me parte ao meio. As escamas que antes cintilavam como estrelas são cortadas em instantes e, sob o meu peito, surge um batimento que eu nunca conheci. Parece mil punhos a bater por dentro.

Agarro-me ao peito, as unhas a cravarem-se, tentando arrancar tudo o que haja dentro de mim. Libertá-lo. A coisa presa cá dentro e que tão desesperadamente bate para ser libertada.

Então, atravessando tudo isto, a voz da minha mãe grita:

– Se és a poderosa Desdita dos Príncipes, então deves ser capaz de

roubar o coração deste príncipe mesmo sem a tua voz. Sem o teu canto.

Tento agarrar-me à consciência, mas o oceano está a sufocar-me. O sal e o sangue raspam-me a garganta até eu só conseguir arquejar e esbracejar. Mas aguento-me. Não sei o que vai acontecer se eu fechar os olhos. Não sei se tornarei a abri-los.

– Se queres voltar – rosna a Rainha do Mar –, então traz-me o seu coração antes do solstício.

Tento focar-me, mas as palavras da minha mãe transformam-se em ecos. Sons que não consigo discernir. Que não compreendo e nos quais não suporto focar-me. Fui despedaçada e isso não lhe chega.

Os meus olhos começam a fechar-se. O preto do mar turvando-se no fundo dos meus olhos. A água do mar gira nos meus ouvidos até não restar nada além de dormência. Com um derradeiro olhar para a sombra embaçada da minha rainha, fecho os olhos e entrego-me à escuridão.

A pirâmide desaparece atrás do horizonte. O sol está a subir mais alto, ouro sobre ouro. Seguimos a navegar em frente, deixando a cidade brilhante para trás, até o oceano se tornar azul de novo e os meus olhos se ajustarem à vasta extensão de cor. Demora sempre um bocado. No início, os azuis são mudos. Os brancos das nuvens são salpicados de bronze, quando os resquícios de Midas me atravessam o olhar. Mas logo o mundo surge de novo, vívido e inflexível. O coral dos peixes e o céu de campainhas azuis.

Agora está tudo atrás de mim. A pirâmide e a minha família e o acordo que fiz com a Sakura. E diante de mim: o mundo. Pronto para ser tomado.

Agarro o pergaminho na mão. O mapa de passagens escondidas ao longo da poderosa Montanha das Nuvens, mantido em segredo pela realza paguesa. Um garante de segurança quando sobem a montanha para provar o seu valor ao povo. Troquei o meu futuro por ele e agora tudo o que preciso é do fio paguês. Ainda bem que sei exatamente onde procurar.

Não contei à minha família do meu noivado. Estou a guardar isso para depois de eu acabar morto. Contar à minha tripulação já foi suficiente transtorno e se o gozo humilhante deles não bastasse, bastou a indignação da Madrid por eu me usar como moeda de troca. Passar metade da vida a ser vendida de navio em navio deixou-a com um foco inflexível na liberdade, em todos os aspetos.

O único consolo que pude oferecer (e foi estranho ser eu a oferecer consolo neste tipo de situação) é que não tenho a mínima intenção de levar isto a cabo. Não que eu esteja a planear voltar atrás com a minha palavra. Não sou esse tipo de homem e a Sakura não é o tipo de mulher que aceitaria a traição com ligeireza. Mas pode-se fazer alguma coisa. Um outro acordo que nos dê a ambos aquilo que queremos. Só preciso de introduzir outro elemento neste jogo.

Estou de pé no tombadilho a verificar o *Saad*. O sol desapareceu e a única luz vem da lua e das candeias tremeluzentes a bordo do navio. Nos

conveses inferiores, a maior parte da minha tripulação-esqueleto – um nome certo para os meus voluntários – está a dormir. Ou a partilhar piadas e histórias picantes, em vez de cantigas de embalar. Os poucos que continuam no convés superior estão quietos e calados como é raro acontecer.

Navegamos em direção a Eidýllio, uma das poucas paragens que temos de fazer antes de chegar a Págos e a chave para o meu plano. Eidýllio tem o único substituto para a minha mão em casamento que a Sakura considerará aceitar.

No convés, o Torik está a jogar às cartas com a Madrid, que afirma ser a melhor a qualquer jogo que ocorra ao meu imediato. O jogo é sossegado e marcado apenas por inspirações fortes sempre que o Torik dá mais uma passa no charuto. Junto dos seus pés encontra-se o meu engenheiro assistente, que desaparece de vez em quando nos conveses inferiores e depois reaparece, senta-se no chão e continua a coser os buracos das meias.

A noite traz ao de cima algo diferente em todos eles. O *Saad* é a sua casa e sentem-se em segurança aqui, finalmente capazes de baixarem a guarda por raros momentos. Para eles, o mar nunca é o verdadeiro perigo. Mesmo a abarrotar de sirenas e tubarões e bestas que podem devorá-los inteiros em segundos. O verdadeiro perigo são as pessoas. Elas é que são imprevisíveis. Traidoras e mentirosas. E no *Saad* estão a um mundo de distância.

– Então, este mapa vai levar-nos ao cristal? – pergunta o Kye.

Encolho os ombros.

– Talvez apenas à nossa morte.

Pousa a mão no meu ombro.

– Tens de confiar um pouco – diz-me. – Ainda nunca nos conduziste mal.

– Isso quer apenas dizer que ninguém estará preparado quando eu o fizer.

O Kye dirige-me um olhar depreciativo. Temos a mesma idade, mas ele tem uma maneira engraçada de me fazer sentir mais novo. Mais o rapaz que sou do que o capitão que tento ser.

– É esse o problema dos riscos – diz o Kye. – Só sabemos quais valem a pena quando já é tarde demais.

– Estás a ficar muito poético com a velhice – digo-lhe. – Vamos esperar que tenhas razão e o mapa seja efetivamente útil para nos ajudar a não congelar até à morte. Sou muito apegado aos dedos das mãos e dos pés.

– Ainda não consigo acreditar que empenhaste o teu futuro por um pedaço de pergaminho – diz o Kye. Tem a mão na faca, como se falar na Sakura bastasse para o fazer pensar em batalha.

– Não estavas agora mesmo a dizer que os riscos podem valer a pena?

– Não os que te levam a um casamento profano com uma princesa. – Diz esta última palavra como se fosse suja e a ideia de eu me casar com outro membro da realeza, insuportável.

– É um bom argumento – digo-lhe. – Mas vou oferecer à Sakura um

prémio melhor do que eu. Por mais improvável que isso possa parecer. É a razão para irmos a Eidýllio, portanto não fiques já tão resignado ao meu destino. Eu tenho um plano; o mínimo que podes fazer é ter fé.

– Só que os teus planos acabam sempre em cicatrizes.

– As senhoras adoram-nas.

– Não quando parecem marcas de dentadas.

Rasgo um sorriso.

– Duvido que a rainha de Eidýllio nos canibalize.

– Há muita terra entre nós e ela – diz o Kye. – Tempo de sobra para eu ser comido pelo caminho.

Apesar da sua apreensão, o Kye não parece incomodado por eu ser evasivo. Parece nunca se importar com réplicas evasivas e respostas vagas, quase impertinentes. É como se a emoção da caça pudesse estar no não saber. Muitas vezes, partilhei esse sentimento. Quanto menos sabia, mais oportunidade tinha de descobrir. Mas agora gostava de saber mais do que está escrito num livro para crianças, escondido na escrivaninha da minha cabine.

O texto fala do cume da Montanha das Nuvens, o ponto mais distante do mar, e do palácio que foi feito a partir do último sopro gelado de Keto, a deusa do mar. Um lugar sagrado onde apenas os membros da realeza de Págos podem entrar, nas suas peregrinações sagradas. É lá que se sentam em oração a adorar os deuses que os talharam. É lá que ficam durante dezasseis dias. E é lá, no centro desse palácio sagrado, que jaz o cristal. Provavelmente.

Toda esta demanda se baseia em rumores e boatos e o único lado positivo de tudo isto é que o fio desaparecido impediu a Sakura e a sua família de alguma vez entrar na cúpula trancada. Não é provável que eu fosse capaz de usar o cristal se ele já estivesse em sua posse. Só de imaginar a conversa com o rei de Págos, estremeço. *Não se importa de ter a amabilidade de me emprestar, e à minha tripulação, uma das fontes de magia mais poderosas do mundo por uns dias? Prometo que, depois de matar a minha inimiga imortal, lha devolvo.*

Pelo menos se for eu a encontrar o cristal, fico em vantagem. Mas, apesar do pequeno consolo que isso me traz, a conversa da Sakura sobre cúpulas escondidas e chaves perdidas em forma de fio torna as coisas mais complicadas. Se eu não consigo encontrar esse fio, estive a negociar tudo em vão. Mas, também, o facto de a sua família andar há gerações à procura sem qualquer sorte não significa muito. Afinal, nenhum deles sou eu.

– Apetece-te jogar? – A Madrid olha-me. – Acontece que o Torik tem mau perder.

– E tu és uma grande batoteira – diz o Torik. – Ela tem cartas na manga.

– A única coisa que tenho na manga é truques e talento.

– Aí está! – assinala o Torik. – Estás a ver. Truques.

Do chão, o engenheiro assistente olha para eles.

– Não vi batota nenhuma. – Enfia uma agulha num par de meias de *patchwork*.

– Ah! – O Torik puxa-lhe a orelha, sem grande emoção. – Estavas muito ocupado a tricotar.

– Eu estou a costurar – contesta. – E se não queres que o faça, atiro-vos borda fora.

O Torik grunhe.

– Má atitude – diz ele. E depois, para mim: – A única coisa que me dão: má atitude.

– Também é a única coisa que tu dás – digo-lhe.

– Eu dou a alma e o coração – protesta o Torik.

– Erro meu – digo. – Não sabia que tinhas nenhuma dessas coisas.

Ao meu lado, o Kye ri-se entre dentes.

– É por isso que ele perde sempre – diz. – Não tem coração e, portanto, não tem imaginação.

– Cuidado para eu não imaginar que te atiro borda fora – diz o Torik. – O que achas, Cap? Precisamos mesmo de outro caçador de sereias nesta demanda?

– O Kye também cozinha – diz a Madrid, voltando a pôr o convés em ordem.

O Torik abana a cabeça.

– Acho que podemos deitar as redes e pescar o nosso peixe para o jantar. Vamos grelhá-lo bem bom sem o teu menino bonito.

A Madrid não se dá ao trabalho de responder e, quando estou prestes a responder em seu lugar, algo me chama a atenção ao longe. Uma sombra estranha no meio do oceano. Uma figura na água. Estreito os olhos e saco do telescópio dourado do laço do cinto.

Ao Kye, digo:

– Noroeste. E o meu amigo tira um pequeno par de binóculos do seu próprio cinto. – Estás a ver? – pergunto.

– É um homem.

Abano a cabeça.

– Muito pelo contrário. – Estreito os olhos, colando um, delineado a preto, ao óculo. – É uma rapariga.

– O que está uma rapariga a fazer no meio do raio do oceano? – O Torik sobe os degraus até junto de nós.

No convés principal, a Madrid volta a guardar as cartas no pacote. Diz, secamente:

– Se calhar, está a pescar para o seu jantar.

O Torik lança-lhe um olhar.

– Há tubarões ali.

– Perfeito, com arroz.

Reviro os olhos.

Felizmente, a rapariga está a flutuar, não a afogar-se. Estranhamente, não está a fazer muito mais. Ali está, no oceano, sem nada nem ninguém à sua volta. Inspiro e, no mesmo instante, a rapariga vira-se para o navio. Parece

impossível, mas nesse momento juro que olha diretamente para mim. Através de mim.

– O que está ela a fazer?

Viro-me para o Kye.

– Ela não está a fazer nada – digo. – Está só ali.

Mas quando me viro para olhar para trás, ela não está. E, em seu lugar, há uma calma de morte.

– Kye! – grito, correndo para a borda do navio. – A toda velocidade. Faz um círculo à volta e prepara a boia. Acorda o resto da tripulação e tem-nos prontos. Pode ser uma armadilha.

– Capitão, não sejas imprudente! – grita o Torik.

– Provavelmente é um truque – concorda a Madrid.

Ignoro-os e avanço, mas o Kye pousa uma mão enluvada no meu ombro, segurando-me.

– Elían, para. Pode haver sirenas na água.

Cerro o maxilar.

– Não vou deixar mais ninguém morrer por causa de uma maldita sirena.

O Kye roda os ombros para trás.

– Então, deixa-me ir a mim.

A Madrid faz uma breve pausa e depois, mais lenta do que o habitual, lança a arma sobre o ombro.

Pouso a mão na do Kye. O seu gesto não tem nada que ver com heroísmo – por querer salvar a rapariga que se afoga – e tem tudo que ver com lealdade. Porque o que ele quer mesmo é salvar-me. Mas se há coisa no mundo de que não preciso, é de salvação. Arrisquei a vida muitas vezes para saber que está encantada.

– Não me deixem afogar – digo.

E salto.

A água parece pregos. Uma legião fantástica de ferro penetrante perfura a minha carne até eu ficar com a respiração presa no peito. Não consigo imaginar como serão as águas de Págos, em comparação. Não consigo imaginar o seu país e a sua montanha e os meus dedos a ficarem nas mãos enquanto a escalo.

Nado mais fundo e deixo a cabeça andar à roda.

Está tão escuro debaixo de água que quanto mais longe nado, mais duvido de que volte à superfície. Mas ao longe, mesmo enterrado sob o oceano, ouço o estrondo do *Saad*. Sinto a água ser empurrada e rasgada pelo meu navio, que vem atrás de mim. E depois vejo-a.

Afundando até ao fundo do oceano, os olhos fechados e os braços estendidos como asas. Uma rapariga nua com cabelo até os cotovelos.

Nado para ela durante uma eternidade. Mais perto e mais fundo, até parecer que ela pode bater no cascalho antes de eu chegar a ela. Quando as minhas mãos finalmente se fecham na sua cintura, dou por mim a retraindo-me por estar tão fria. Mais fria do que o oceano.

É mais pesada do que eu esperava. Uma pedra a afundar-se. Peso morto. E por mais rudemente que a ice, por mais que as minhas mãos se cravam no seu estômago e os meus braços lhe esmagam as costelas, ela não se mexe. Temo ter chegado tarde demais, mas não suporto a ideia de a deixar para os tubarões e os monstros.

Com uma explosão de fôlego, irrompo na superfície da água.

O *Saad* está perto e, numa questão de segundos, uma boia é atirada para o oceano ao meu lado. Faço-a deslizar até à rapariga, envolvendo o seu pulso frouxo à volta da corda para que a tripulação possa puxá-la primeiro.

É estranho ver um corpo sem vida ser içado para o navio. A pele dela é tão pálida na madeira escura do *Saad*, um pulso amarrado à boia e o outro inutilmente pendurado. Quando a minha tripulação finalmente me puxa, não paro para recuperar o fôlego antes de correr. Cuspo água salgada para o convés e caio de joelhos ao lado dela, instando a que se mexa. É muito cedo. Demasiado cedo na nossa viagem para ter um corpo nas nossas mãos. E por mais que eu goste de pensar que me acostumei com a morte, nunca vi uma mulher morta. Pelo menos, que não fosse meio monstro.

Olho para a rapariga inconsciente e pergunto-me de onde terá vindo. Não há navios à vista nem terra no horizonte. É como se tivesse aparecido do nada. Nascido do próprio oceano.

Desabotoo a camisa encharcada e passo-a por cima do corpo nu da rapariga. O movimento repentino parece sobressaltá-la e, com um arquejo, os seus olhos abrem-se. São azuis como os lábios da Sakura.

Vira-se de barriga para baixo e tosse pelo oceano, o peito sobe e desce até parecer não haver mais água nela. Quando se vira para mim, a primeira coisa em que reparo é nas sardas, em forma de estrelas. Constelações espalhadas pelo rosto como as que nomeio quando o resto da minha tripulação dorme. Tem o cabelo colado às bochechas, de um ruivo escuro e profundo. Próximo do castanho. Parece jovem, mais jovem do que eu, talvez, e, inexplicavelmente, quando estende o braço para mim, deixo-me ser puxado.

Morde o lábio, com força. Está gretado e furiosamente pálido, tal como a pele. Há qualquer coisa nesse gesto e em como parece selvagem nela. Qualquer coisa nos seus olhos de oceano e na maneira como me toca suavemente no colarinho. Alguma coisa familiar e hipnótica. Sussurra algo, uma única palavra gutural que soa dura nos seus lábios. Não consigo dar-lhe um sentido, mas o que quer que seja, deixa-me tonto. Inclino-me mais para ela coloco uma mão no seu pulso.

– Não entendo.

Ela senta-se, balançando, e aperta-me o colarinho com mais força. Então, mais alto, diz novamente: *gouroûni*. Cospe as palavras como se fossem uma arma e fica com o rosto retorcido. Uma mudança repentina da rapariga inocente para algo muito mais cruel. Quase assassino. Retraio-me, mas, por uma vez na vida, não sou suficientemente rápido. A rapariga levanta uma mão trémula e baixa-a sobre a minha face. Com força.

Caio para trás.

– Cap! – O Torik estende o braço para mim.

Dispensando a mão dele e olho para a rapariga. Tem um sorriso sarcástico. Um fantasma de satisfação pintado nos lábios palidíssimos antes de fechar os olhos e bater com a cabeça no convés.

Eu esfrego a linha do meu maxilar.

– Kye. – Não tiro os olhos da rapariga do oceano. – Vai buscar a corda.

Quando acordo, estou presa a um corrimão.

Tenho uma corda dourada enrolada à volta de um pulso, amarrando-o à barreira de madeira com vista para o convés do navio. Sinto o sabor da bÍlis, sempre a queimar, e estou com frio, que é a sensação mais antinatural do mundo, porque passei uma vida inteira a maravilhar-me no gelo. Agora, o frio deixa-me entorpecida e tinge-me a pele de azul. Anseio pelo calor, e o brilho fraco do sol no meu rosto é como êxtase para mim.

Mordo o lábio e sinto os dentes novos rombos na pele. Com a respiração ofegante, olho para baixo e vejo pernas. Umas coisas pálidas doentias que estão cruzadas desajeitadamente debaixo do meu corpo, pontilhadas por nódoas negras. Algumas em grandes manchas, outras como minúsculas dedadas. E pés, também, com os dedos rosados do frio.

As minhas barbatanas desapareceram. A minha mãe amaldiçoou-me. Quero morrer.

– Ah ótimo, estás acordada.

Arrasto a cabeça do corrimão e vejo um homem fitar-me. Um homem que é também um príncipe, cujo coração já tive ao meu alcance. Observa-me com olhos curiosos, o cabelo preto ainda molhado nas pontas, a pingar para a roupa perfeitamente seca.

Ao lado dele está o maior homem que eu já vi, com a pele quase tão negra como o próprio navio. Está junto do príncipe, com a mão no punho de uma espada comprida, que pende de uma fita do colete. E mais dois: uma rapariga de pele castanha com tatuagens espalhadas pelos braços e nas bochechas, de lado, com grandes brincos de ouro e um olhar desconfiado. Defensivamente de pé ao lado dela está um rapaz de maxilar bem definido que bate com o dedo numa faca que traz no cinto.

No convés abaixo, tantos mais me olham com olhares fulminantes.

Vi-lhes os rostos. Momentos antes de o mundo ficar negro. Será que o príncipe salvou-me de me afogar? Essa ideia deixa-me furiosa. Abro a boca

para lhe dizer que ele não tinha o direito de me tocar, ou que me devia ter deixado afogar-me no oceano a que chamo casa só para contrariar a minha mãe. Só porque ela o merecia. Que a minha morte fosse uma lição para ela.

Em vez disso, digo, no meu melhor midês:

– És bom nadador.

– Tu não – retorque.

Parece bem-disposto e nada assustado com a criatura mortífera que tem diante de si. O que significa que ou ele é idiota ou não sabe quem eu sou. Possivelmente as duas coisas, se bem que não me parece que o príncipe perdesse tempo a amarrar-me ao corrimão se estivesse a planejar matar-me. Pergunto-me até que ponto o feitiço da minha mãe me deixou diferente para ele não me reconhecer.

Olho para os outros. Observam o príncipe na expectativa. À espera das suas ordens e do seu veredicto. Querem saber o que planeia fazer comigo e eu sinto a ansiedade deles por a minha identidade permanecer um mistério. Ainda gostam menos de desconhecidos do que eu e, ao olhar para cada um dos rostos sombrios, percebo que me atiram borda fora se o seu príncipe o ordenar.

Olho para o príncipe e tento encontrar as palavras certas em midês. O pouco que falei neste idioma tem um sabor estranho na minha língua, as vogais enrolam-se e juntam-se tão lentamente. Sabe ao mesmo que soa, calor e ouro. A minha voz não me pertence quando o falo. O meu sotaque é demasiado brusco para encadear as palavras, de modo que a minha língua sibila em algumas letras estranhas.

Com todo o cuidado, digo:

– Tens por hábito amarrar mulheres ao teu navio?

– Só as bonitas.

A rapariga tatuada revira os olhos.

– Príncipe Encantado – diz ela.

O príncipe ri e esse som faz-me passar a língua pelos lábios. A minha mãe quer-o morto, mas quer que eu o faça como humana, para provar o meu valor como futura governante do mar. Se conseguir aproximar-me o suficiente.

– Desamarra-me – ordeno.

– Devias agradecer-me antes de começares a ladrar ordens – diz o príncipe. – Afinal, salvei-te e vesti-te.

Olho para baixo e percebo que é verdade. Uma grande camisa preta arranha-me as pernas, com o tecido húmido colado ao meu novo corpo.

– De onde vieste? – pergunta o príncipe.

– Alguém te atirou ao mar enquanto te estavas a despir? – pergunta a rapariga.

– Talvez a tenham atirado ao mar porque se estava a despir – diz o rapaz que tem a faca.

Isto é recebido com gargalhadas pelos restantes.

– Perdoa-nos – diz o príncipe. – Mas não é todos os dias que encontramos uma rapariga nua a afogar-se no meio do oceano. Especialmente, sem outros navios à vista. Especialmente uma rapariga que me dá uma bofetada depois de eu a ter salvado.

– Mereceste-a.

– Eu estava a ajudar-te.

– Exatamente.

O príncipe pondera sobre estas palavras e tira do bolso uma pequena engenhoca circular. Parece uma espécie de bússola e, quando ele torna a falar, os seus olhos ficam presos a ela, e a voz soa enganosamente casual.

– Não consigo identificar o teu sotaque – diz ele. – De onde és?

Uma sensação estranha instala-se no meu peito. Desvio os olhos do objeto, odiando a sensação que me dá olhar para ele. Como se me olhasse de volta.

– Desamarra-me – digo.

– Como te chamas? – pergunta o príncipe.

– Desamarra-me.

– Vejo que não falas muito midês. – Abana a cabeça. – Diz-me primeiro o teu nome.

Ele desvia o olhar da bússola para mim, avaliando, enquanto tento pensar numa mentira. Mas é inútil, porque não conheço nomes humanos, para mentir. Nunca me demorei o suficiente para os ouvir e, ao contrário das sereias, que espiam os humanos sempre que podem, nunca me preocupei em aprender mais sobre a minha presa.

Com uma brusquidão feroz, digo:

– Lira.

Ele baixa os olhos para a bússola e sorri.

– Lira – repete, e guarda o pequeno objeto no bolso. O meu nome tem um som melódico nos seus lábios. Já não é tanto como a arma que foi quando eu o proferi. – Eu sou o Elian – diz ele, embora eu não tenha perguntado. Um príncipe é um príncipe e o seu nome é tão inconsequente como a sua vida.

Inclino a mão livre para a parte de cima do corrimão e ponho-me em pé. As minhas pernas tremem violentamente e depois cedem sob o corpo. Estatelo-me no convés e solto um silvo de dor. O Elian assiste e só depois de uma breve pausa estende uma mão cautelosa. Incapaz de suportar a presença dele sobre mim, aceito-a. O seu aperto é forte o suficiente para me erguer de novo sobre os pés instáveis. Quando quase dou um novo tombo, a sua mão dispara para o meu cotovelo e segura-me firmemente.

– É o choque. – Leva a mão à faca e corta a corda que me amarra ao corrimão. – Não tarda nada ficas novamente estável. Respira fundo.

– Estaria muito mais estável se não estivesse neste navio.

O Elian ergue uma sobrancelha.

– Eras muito mais encantadora quando estavas inconsciente.

Estreito os olhos e pressiono o peito dele com a mão para me equilibrar.

Sinto a batida lenta do seu coração sob a palma da mão e, numa questão de momentos, sou transportada de volta a Midas. Quando estive tão perto de lho roubar.

O Elian fica rígido e, lentamente, tira a minha mão do seu peito, colocando-a de novo no corrimão. Leva a mão ao bolso das calças e tira de lá um pequeno colar de corda. O fio é um brilho de azul, que reluz como água ao sol. É líquido transformado em algo diferente, demasiado suave para ser gelo e demasiado sólido para ser oceano. Cintila no ouro da pele do Elian e, quando ele abre a mão, revela o pingente que está pendurado em baixo. Bordas acentuadamente curvas manchadas de vermelho-caranguejo. Entreabro os lábios e levo a mão ao pescoço, onde outrora esteve a minha concha do mar. Nada.

Furiosa, dou um salto para o Elian, as mãos como garras. Mas as minhas pernas estão demasiado instáveis e a tentativa quase me leva de novo ao chão.

– Firme aí, donzela. – O Elian agarra-me o cotovelo para me manter direita.

Afasto bruscamente o braço dele e arreganho os dentes monstruosamente.

– Dá-me isso – ordeno.

Ele inclina a cabeça.

– E porquê?

– Porque é meu!

– É? – Passa o polegar pelo rebordo da concha. – Tanto quanto sei, é um colar para monstros e certamente não pareces ser um deles.

Cerro os punhos.

– Quero que mo dês.

Sinto-me louca com o midês na língua. Os seus sons suaves são demasiado pitorescos para mostrar a minha raiva. Estou em pulgas para cuspir as facas da minha própria língua. Para o dilacerar com os espetos do *psáriin*, em que cada palavra pode ferir.

– Quanto vale? – pergunta o Elian.

Fulmino-o com o olhar.

– Como assim?

– Nada é de graça no oceano – explica ele. – Quanto vale o colar para ti?

– A tua vida.

Ele ri-se e, ao seu lado, o matulão solta uma gargalhada bem-humorada. Não sei onde está a graça, mas antes de poder perguntar, o Elian diz:

– Imagino que a minha vida não valha grande coisa para ti.

Está tão enganado.

– A minha, então – digo.

E digo-o sinceramente, porque esse colar é a chave para encontrar o caminho de volta a casa. Ou, no mínimo, para pedir ajuda. Se não me conseguir levar ao meu reino como humana, pode, pelo menos, chamar a Kahlia. Ela pode falar com a Rainha do Mar em meu nome e implorar-lhe que

inverte o castigo, para que não tenha eu de o fazer.

– A tua vida – repete o Elían. Dá alguns passos em minha direção. – Cuidado a quem contas isso. Um homem pior pode fazer-te refém disso.

Afasto-o.

– E tu és um homem melhor?

– Gosto de pensar que sim.

Ele segura a concha à luz do sol. Sangue recortado no céu. Vejo a curiosidade no seu olhar ao perguntar-se o que fará uma naufraga com aquela bugiganga. Pondero se saberá sequer para que serve ou se é apenas uma coisa que viu ao pescoço das sirenas assassinadas.

– Por favor – digo, e os olhos do Elían disparam novamente para mim.

Nunca usei esta palavra em nenhuma língua e, embora o Elían não pudesse saber isso, parece inquieto. Uma falha na bravata. Afinal, sou uma rapariga seminua feita prisioneira e ele é um príncipe humano. Real de nascimento e destinado a liderar um império. Tem o cavalheirismo nas veias e só preciso de lho recordar.

– Queres que te implore? – pergunto, e ele cerra o maxilar.

– Se me disseres por que razão o tens, devolvo-to.

Ele parece sincero, mas eu não caio nessa. Os piratas são mentirosos de ofício e os membros da realeza são mentirosos de sangue. Eu sei disso por experiência própria.

– Foi a minha mãe que mo deu – digo.

– Um presente. – O Elían reflete sobre o assunto. – Há quanto tempo está na tua família? Sabes o que faz ou como funciona?

Ranjo os dentes. Eu devia saber que as perguntas dele só terminariam quando me arrancasse a verdade. Dar-lha-ia de bom grado em qualquer outro dia, mas estou indefesa neste navio sem a música da minha voz para cantar até à sua submissão. Mal consigo ter-me em pé sem ajuda. A concha do mar é a minha última esperança e ele não ma dá.

Atiro-me a ela mais uma vez. Sou rápida, mesmo como humana, e os meus dedos fecham-se no punho dele por um instante. Mas, de alguma forma, o Elían é mais rápido e mal a minha mão se fecha na dele, tenho a sua faca na garganta.

– A sério. – Pressiona a lâmina com firmeza na minha garganta e sinto um pequeno corte de dor. – Isso não foi muito inteligente.

Aperto mais o seu punho, sem disposição para me soltar. O corte no meu pescoço pica, mas já senti e provoquei muito pior. Ele tem uma expressão velhaca no rosto quando lhe sorrio com sarcasmo, nada como os príncipes doces e gentis que tomei antes. Aqueles cujos corações estão enterrados debaixo da minha cama. O Elían é tão soldado como eu.

– Capitão! – Um homem surge do convés inferior, com os olhos arregalados. – O radar avistou uma!

Rapidamente, o Elían olha para o rapaz que segura a faca.

– Kye – diz ele. Um mero nome, uma mera palavra, mas o rapaz acena

abruptamente e salta o comprimento das escadas para o convés inferior.

Num instante, o Elian arranca a lâmina da minha garganta e a embainha-a.

– Em posição! – grita.

Põe a minha concha ao pescoço e corre para a borda do navio.

– O que estás a fazer? – pergunto.

O Elian vira-se para mim, com um brilho malandro nos olhos.

– É o teu dia de sorte, Lira – diz ele. – Estás prestes a conhecer a tua primeira sirena.

Fico a ver os seres humanos saltar de uma ponta do barco para a outra, a puxar cordames e a gritar palavras e nomes que não compreendo bem. A dada altura, o rapaz com a faca, o Kye, tropeça e corta a palma da mão. Rapidamente, a rapariga tatuada arranca a bandana da cabeça e atira-lha, correndo depois para o leme e guinando para a esquerda. O navio vira demasiado depressa para eu ficar estável e estatelo-me novamente no chão.

Guincho de frustração e vasculho os conveses à procura do meu captor. O príncipe Elian debruça-se na borda, um braço emaranhado em corda, o outro segurando o objeto misterioso à luz.

– Firmes – diz à sua tripulação. – Segurem-na com firmeza.

Sussurra alguma coisa para os seus botões. Um chorrilho de palavras em midês que não consigo distinguir, muito menos compreender, e depois sorri para a bússola e grita:

– Torik, agora!

O matulão inclina a cabeça para os conveses inferiores e berra para a tripulação. Assim que o estrondo da sua voz me faz estremecer os ossos, um apito agudo rasga o ar. Levo as mãos aos ouvidos. Não é tanto um barulho, mas mais uma lâmina a talhar-me o crânio. Um som tão estridente que sinto que os meus tímpanos podem rebentar. À minha volta, os humanos parecem não ser afetados e, por isso, com uma careta, baixo as mãos e tento esconder o meu desconforto.

– Vou entrar – grita o Elian por cima do ombro. Atira a bússola para a rapariga. – Madrid, baixa a rede quando eu fizer sinal.

Ela anui quando ele puxa um pequeno tubo do cinto e o coloca na boca. E depois desaparece. Chega à água quase sem ruído, tão silencioso que vou aos tropeções até à borda do navio para ter a certeza de que realmente saltou. Certo é que as ondulações se acumulam na superfície e o príncipe não é visto em lugar nenhum.

– O que está ele a fazer? – pergunto.

– A desempenhar o seu papel – responde a Madrid.

– Que papel?

Ela puxa uma pequena besta do cinto e fixa um virote no gancho.

– Isco.

– Ele é um príncipe – observo. – Não pode ser um isco.

– Ele é um príncipe – diz ela. – Por isso decide quem é o isco.

Kye entrega-lhe uma aljava traseira cheia de virotes e lança-me um olhar cauto.

– Se estás assim tão preocupada, podemos sempre atirar-te em vez dele.

Ignoro tanto o comentário como o seu olhar hostil. A mesquinhez humana não tem limites.

– Certamente não consegue respirar por muito tempo – digo.

– Cinco minutos de ar – diz-me a Madrid. – É para isso que serve o tubo. Uma coisinha esperta que o capitão arranjou há algum tempo em Efévresi.

Efévresi. A terra das invenções. É um dos poucos reinos que tive o cuidado de evitar, cautelosa por causa da maquinaria que patrulha as suas águas. Redes feitas de relâmpagos e drones que nadam mais depressa do que as sereias. Navios que mais parecem bestas, com conhecimento e inteligência próprios.

– Quando o capitão voltar à superfície, vais ver uma coisa maravilhosa – diz-me o Kye.

– Os monstros não são maravilhosos – diz a Madrid.

– Vê-los morrer é maravilhoso. – O Kye olha intensamente na minha direção. – É o que acontece aos nossos inimigos, sabes.

A Madrid zomba.

– Fica atento ao sinal do capitão – diz ela.

– Ele disse-te para ficares tu.

Ela sorri.

– E, tecnicamente, meu querido, estou acima de ti na hierarquia.

O Kye arranha o rosto com o dedo do meio, o que aparentemente não é um gesto lisonjeiro, porque, passado um instante, a Madrid fica de queixo caído e vira-se para lhe bater no ombro. Ele sai do caminho sem esforço e, em seguida, agarra-lhe a mão no ar, puxando-a para si. Quando a Madrid abre a boca para dizer alguma coisa, ele cola os lábios aos dela e arranca-lhe um beijo. Como um ladrão a roubar um momento. Estou meio à espera de que ela dispare a besta contra ele (eu sei que era o que eu faria), mas quando ele se afasta, ela apenas o empurra a meio gás. O sorriso dela é implacável.

Viro-lhes costas e agarro a borda do navio para me apoiar. O sol ferve nas minhas pernas nuas e o vento zumbe suavemente ao meu ouvido. O zumbido estridente transformou-se num leve eco ao meu redor, fazendo com que tudo parecesse muito sossegado. Tranquilo demais. No interior do mar, nunca está tão sereno. Há sempre gritos, embates, dilaceramentos. Há sempre o oceano, em constante movimento e evolução para algo novo. Nunca parado e nunca na mesma. Em terra, neste navio, é tudo muito constante.

– Ignora o Kye – diz a Madrid. Está ao meu lado. – Ele é sempre assim.

– Assim como?

– Ridículo – diz ela, virando-se depois para ele. – Se o sonar for novamente interrompido, vai ao convés inferior mostrar a faca ao engenheiro.

– O sonar? – pergunto.

– É aquela campainha – explica ela. – Não nos incomoda muito, mas as sirenas enlouquecem com ela. Atinge-lhes os nervos e deixa-as incapacitadas.

O Kye limpa a sujidade debaixo da unha com uma faca.

– Impede-as de cantar a sua cançãozinha e de nos afogar a todos.

Ranjo os dentes. Humanos típicos, a usar os seus truques baixos de tecnologia nas guerras contra elas. Nunca ouvi falar de nada que pudesse tirar o poder às sirenas, mas sentir aquele terrível massacre no crânio faz com que seja fácil acreditar. Pergunto-me até que ponto seria excruciante ouvi-lo na minha forma de sereia. Se seria como a magia da minha mãe.

– Eu sei que parecemos bastante decrepitos – diz a Madrid. – Geralmente a tripulação é muito maior, mas estamos envolvidos num caso especial. O capitão cortou-nos para metade para o seu capricho mais recente.

Miro-a com estranheza.

– Não te perguntei da tripulação.

Ela ri-se e afasta um caracol da cara. Sem a bandana, tem o cabelo revoltado.

– Calculei que tivesses perguntas – diz ela. – Não é qualquer pessoa que acorda no infame navio das sirenas, na companhia do príncipe dourado. Sem dúvida, já ouviste o melhor e o pior de nós. Só quero que saibas que apenas metade das histórias são verdadeiras.

Rasga um sorriso nesta última parte, como se fôssemos velhas aliadas. Como se ela tivesse motivo para se sentir à vontade ao pé de mim.

– Não se pode estar a bordo do nosso navio e não se conhecer os meandros – diz a Madrid.

O Kye faz um ruído de desdém.

– Não me parece que o capitão queira que desconhecidos conheçam os nossos meandros.

– E se ela se tornar parte da tripulação?

– Se vestir a camisa do capitão fizesse de alguém parte da tripulação, então metade das raparigas de Eidýllio estaria a navegar connosco.

– Ótimo – diz a Madrid. – Precisamos de mais sangue feminino.

– Temos quanto baste, derramado no convés pelas sirenas.

– A espuma do mar não conta – lança ela bruscamente, e o olhar desdenhoso que o Kye tinha ao falar de mim desaparece e dá lugar a um sorriso endiabrado.

– Gostas de ir inventado as regras pelo caminho. Não gostas, amor?

A Madrid encolhe os ombros e vira-se de novo para mim, com os braços negros abertos como asas.

– Bem-vinda ao *Saad*, Lira – diz.

E, em seguida, o Elian irrompe do oceano.

Para meu alívio imediato, o sonar dissipa-se e, embora deixe um zumbido nos meus ouvidos, a dor diminui instantaneamente. Os lábios do Kye desenham um sorriso e, ao mesmo tempo, o Elian inspira, deixando o navio num frenesi. Da água, uma rede abre caminho até à superfície, transformando o oceano em ondas poderosas. Lá dentro, uma criatura debate-se e silva, e a barbatana emaranhada é a única coisa que a afasta do príncipe e do seu coração.

O Elian encontra-se do outro lado, de faca na mão, a observar a sirena. Ela arranha-o, mas a rede é larga e eles estão separados por pelo menos um metro. Ainda assim, o Elian parece cauteloso, com uma mão a agarrar a rede para se manter firme e a outra na faca.

– Se tiverem um minuto, não me importava de ir para bordo – diz o Elian para o navio.

– Toca a andar! – grita o Torik para o resto da tripulação. – Essa maldita rede já devia estar aqui há cinco minutos.

O Kye corre para o seu lado e torce a corda que içar a rede até eles. Inclina-se para trás de maneira que todo o seu corpo fica equilibrado com ela. Numa questão de instantes, fica sem fôlego com o peso. Abaixo, a sirena guincha tão malignamente que eu mal consigo perceber o *psáriin* na sua língua. Está a sangrar, embora eu não consiga ver de onde. O vermelho parece cobrir tanto de si, como tinta na pele. Enquanto a rede é arrastada para o navio, ela continua a espedir descontroladamente e o apito soa de novo. Aperto as mãos ao lado do corpo para não as levar aos ouvidos. A sirena está enlouquecida. As mãos disparam para o rosto e ela rasga as faces com as unhas, tentando arrancar aquele barulho. Os seus gritos são como a própria morte. Um som que faz contrair os dedos dos pés recém-formados contra o chão do navio.

O Kye puxa a corda com mais força, com os braços a pingar suor. Quando a rede chega finalmente acima, entrega a corda a outro membro da tripulação e vai a correr para junto do príncipe. Em momentos, a rede é desembaraçada e o Elian fica livre.

O Kye e a Madrid agarram-lhe os cotovelos e arrastam-no para longe do perigo. Quando o fazem, vejo que ele tem golpes nos braços. São muito parecidos com os do dia em que a sereia tentou roubar-me o coração dele. Rapidamente, o Kye rasga a manga e agarra a mão do Elian. Está perfurado com buracos pretos e fundos. O sangue é vermelho-negro e nada parecido com o ouro de que ouvi falar. A visão obriga-me a uma pausa.

– Enlouqueceste? – grita o Kye. Usa a sua camisa como ligadura improvisada. – Eu não acredito que te meteste nisso.

– Foi a única maneira. – O Elian abana a mão, como se sacudisse a ferida. – Ela não era atraída.

– Podias ter cortado uma artéria – diz a Madrid. – Não penses que íamos desperdiçar pontos contigo se, de qualquer maneira, fosses sangrar até à

morte.

O Elian rasga um sorriso perante a insubordinação dela. Para ele, tudo é um jogo. A lealdade é troça e a devoção é parentesco em lugar do medo. É um enigma, disfarçado de governante, capaz de rir da ideia de deslealdade como se nunca pudesse ser uma opção. Não consigo entender isso.

– Se vais continuar com isto – diz o Kye –, devíamos investir em redes mais seguras.

Olho para a rede em questão e quase sorrio. Trata-se de uma teia de areia e vidro. Os estilhaços entrelaçam-se uns nos outros de forma que o seu metal torcido forme uma jaula flexível. É monstruoso e glorioso.

Lá dentro, a sirena geme.

– Ela é inteligente – diz o Elian, vindo para o meu lado. – Normalmente, o barulho confunde-as tanto que eu fico junto da rede e elas disparam lá para dentro. Mas esta não. Só iria se eu também fosse.

A tripulação reúne-se com as armas prontas.

– Ela estava a tentar ser mais esperta do que tu – digo, e o Elian sorri.

– Pode tentar ser mais esperta, mas nunca será mais rápida.

Desdenho da sua arrogância e viro a atenção para a criatura que ele apanhou na sua rede. Estou quase ansiosa para ver a sirena estúpida ao ponto de cair numa tal armadilha, mas ao ver-lhe o rosto, uma sensação desconhecida instala-se-me no estômago.

Eu conheço-a.

Uma barbatana de carvão viscosa que atravessa e mancha o convés. Cabelos pretos frios que pendem, como cordas, sobre as faces e unhas como facas. Ela rosna, arreganhando as presas e batendo violentamente a barbatana contra o arame. Em fundo, o apito zumbe e, sempre que penso que talvez vá cantar, ela geme. Aproximo-me um passo e ela estreita os olhos. Um castanho, o outro, uma mistura de azul e sangue. Separados por uma cicatriz que se estende até ao lábio.

Maeve.

– Cuidado – diz o Elian, com a mão pairando junto do meu braço. – Elas são fatais.

Viro-me para ele, mas ele está a olhar para a sirena, com os olhos de algas mais afiados do que as unhas dela.

– *Aidiastikó gourouíni* – rosna a Maeve.

Porco nojento.

As suas palavras espelham as que eu proferi quando o Elian me salvou de me afogar.

– Tem calma – digo-lhe, depois faço uma careta, ao dar-me conta de que continuo a falar midês.

Quando os olhos da sirena encontram os meus, estão cheios do mesmo ódio que sempre sentimos uma pela outra. Quase me faz rir pensar que, mesmo como desconhecidas, a nossa animosidade possa ser tão madura, estendendo-se além dos limites do saber.

A Maeve cospe no convés.

– Puta humana imunda – diz ela em *psáriin*.

Instintivamente, invisto, mas o Elian puxa-me para trás pela cintura. Chuto violentamente contra ele, desesperada para chegar à rapariga desafiadora que tenho diante de mim. Sirena ou não, não vou deixar o insulto passar em branco.

– Para. – A voz do Elian é abafada pelo meu cabelo. – Se queres morrer, um de nós pode fazer o serviço de forma muito mais limpa.

– Deixa-a. – O Kye ri-se. – Quero ver como é que isto acaba.

Contorço-me contra o Elian, arranhando-lhe os braços como o animal que sou.

– Depois do que acabou de me chamar, vai acabar com o coração dela no chão – digo.

A Maeve cacareja e usa o dedo para desenhar um círculo *psáriin* na palma da mão. Quando os meus olhos se arregalam diante do insulto, ela ri mais ainda. Trata-se de um símbolo reservado aos seres mais baixos. Às sereias que jazem, moribundas, enquanto as suas barbatanas são agraçadas à areia como castigo. Aos seres humanos indignos da presença de uma sirena. Fazer esse gesto à linhagem real é punível com a morte.

– Mata-a – digo, a ferver de raiva. – *Áschimi ligo skýla*.

– Escumalha humana! – guincha a Maeve em resposta.

Sinto a respiração do Elian quente no meu pescoço enquanto ele se debate para me segurar.

– O que disseste?

– Cabra imunda – traduzo para midês. – *Thasasskotósoton eaftó mou*.

Eu própria te vou matar.

Estou prestes a libertar-me, mas no instante em que o Elian me larga a cintura, as suas mãos apertam-me os ombros. Faz-me girar e sou atirada contra a porta do convés inferior. Quando se debruça sobre mim, o aroma dos doces negros perfuma-lhe o hálito.

Descarto-o e faço menção de passar por ele, mas é tão rápido, até para mim, e bloqueia o meu caminho, empurrando-me contra a madeira envernizada. Devagar, leva uma mão à madeira junto da minha cabeça, deixando-me cercada.

– Tu falas *psáriin*.

A sua voz é gutural, os olhos tão escuros como o sangue que lhe escorre da mão. Atrás dele, a tripulação mantém um olho atento em Maeve, mas a cada momento, mais ou menos, disparam olhares sub-reptícios na nossa direção. Na minha loucura, esqueci-me de mim. Ou talvez me tenha lembrado. Cuspi a minha língua como se fosse a coisa mais natural do mundo. O que, para um ser humano, nunca seria.

O Elian está tão perto que, se eu me pusesse à escuta, ouviria o seu coração. Se eu me imobilizasse, sentiria as batidas que pulsam no ar entre nós. Olho para o seu peito, onde os cordões da camisa se soltaram, revelando um

círculo de unhas. O meu presente de despedida.

– Lira – diz ele. – É melhor que tenhas um raio de uma explicação que seja boa.

Tento pensar numa resposta, mas, pelo canto do olho, vejo a Maeve aquietar-se ao ouvir o meu nome. De repente, olha-me com olhos estreitados, inclinando-se para a frente, de maneira que a rede lhe perfura os braços.

Solto um silvo e a Maeve recua, atrapalhando-se.

– *Prinkípissa!* – diz ela.

Princesa.

Ela abana a cabeça. Estava pronta para morrer às mãos de piratas, mas agora que fita os olhos da sua princesa, o medo aflora-lhe por fim o rosto.

– Tu entendes o que ela diz – diz o Elían.

– Eu entendo muitas coisas.

Afasto-o e ele gesticula para que a tripulação me deixe aproximar-me da sua prisioneira.

– *Parakaló* – grita a Maeve, quando me aproximo. – *Parakaló!*

– O que está ela a dizer? – pergunta a Madrid.

Aponta a arma para a Maeve, como toda a tripulação. Espadas e balas atrás das quais se esconderem, porque os humanos não possuem a força inata para se defenderem.

Só que, ao contrário das outras, a arma da Madrid não é bem uma arma. Algures pelo caminho, descartou a besta em troca de algo muito mais mortífero. O metal com banho de ouro, em forma de espingarda, reluz, mas uma lança negra comprida repousa por baixo, a ponta mergulhada na mais pura prata. No entanto, apesar de ter uma arma tão elaborada, a Madrid não parece ansiosa por atacar. Parece preferir manter as mãos limpas de sangue.

Viro-me novamente para a Maeve e vejo o medo instalar-se no seu olhar. Nunca houve nada que se assemelhasse a tolerância entre nós, mas só recentemente começámos a considerar-nos inimigas. Ou melhor, a Maeve começou a considerar-me inimiga e eu gostei do elogio.

Registo os seus olhos turvos, ondulados de sangue e sombreados por cicatrizes. Ceguei-a, não há muito tempo, com a ponta romba de um coral. Agora, sempre que pestaneja, o olho direito fica aberto. Pensando bem, não me lembro porque fiz isso. A Maeve terá dito alguma coisa, talvez. Terá feito algo de que não gostei, a ponto de castigá-la. Realmente, ela poderia ter feito qualquer coisa e isso não teria importado, porque, acima de tudo, eu só queria magoá-la. Com ou sem motivo. Queria ouvi-la gritar.

No mar é assim. Violento e implacável. Cheio de infinita crueldade sem recompensa. Houve um tempo em que eu não queria mais do que matar a Maeve, mas tinha demasiado medo da ira da minha mãe para agir. Agora a oportunidade apresenta-se. Talvez não para a matar eu, mas para assistir outra pessoa a fazê-lo. O inimigo da minha inimiga.

– Conta-nos o que ela está a dizer – exige o Kye.

– Ela não está a dizer nada. – Fito a Maeve. – Está a implorar.

– A implorar.

O Elían está ao meu lado, com uma expressão ilegível no rosto ao repetir as minhas palavras. Agarra a faca com a mão ferida e, quando o seu sangue escorre pela lâmina, ele desaparece. Metal que bebe metal. Sinto o sortilégio que dela retumba, como um trovão. Os murmúrios de uma arma a suplicar-lhe que faça derramar mais sangue para que ela possa obter a sua dose. Está embebida em magia suficiente para que cante como uma das minhas melodias, mas o Elían não sucumbe ao refrão. A sua expressão é hesitante e há muito tempo que eu não via tal coisa nos olhos de um assassino. No entanto, o Elían olha fixamente para a Maeve como se a ideia da sua súplica fizesse de tudo aquilo um erro. Sujo.

– Ela está a implorar – diz ele. – Tens a certeza?

– *Parakaló* – repito. – Significa «por favor».

Eu nunca matei uma coisa que implorasse.

Enquanto a sirena se retrai no meu convés, estou perfeitamente ciente de que ela é um monstro. Está a choramingar, mas até o som é perverso. Um misto de assobios e lamentos guturais. Não sei porque está tão assustada quando, há momentos, uma rede feita de vidro e espigões mal a fazia estremecer. Quero, em parte, sentir-me orgulhoso por a minha reputação finalmente me perseguir. A outra parte, talvez a parte mais inteligente, tem a certeza de que não tenho nada de que me orgulhar disso.

Olho para a Lira. Os seus cabelos cor de terra dão-lhe pelos ombros enquanto ela balança com o movimento do meu navio. Há algo na sua figura franzina que lhe confere um ar ameaçador, como se cada ângulo fosse uma arma. Mal pestaneja para a sirena, que agora está desfigurada, com rasgões. Quando a fito, não vejo nada da rapariga que tirei do mar e lembrava uma aparição. Qualquer feitiço que tenha ameaçado hipnotizar-me quando a salvei está agora quebrado e eu posso ver claramente que ela não é uma donzela desamparada. É algo mais, o que me deixa demasiado curioso para o meu próprio bem.

O *psáriin* que ela falou permanece no ar. Uma língua proibida na maior parte dos reinos, incluindo no meu. Quero saber como a aprendeu, quando se aproximou o suficiente, por que razão mantinha um dos seus colares pendurado como um troféu à volta do seu pescoço. Quero saber tudo.

– Vais matá-la? – pergunta a Lira.

Já não há pretensão de doçura quando ela tenta falar a minha língua. Não sei ao certo de onde vem, mas seja qual for o reino, claramente não tem carinho pelo meu.

– Vou.

– Vai ser rápido?

– Sim.

Ela desdenha.

– É pena.

A sirena geme de novo e repete um chorrilho de *psáriin*. É tão rápido e gutural que mal consigo discernir as palavras. Ainda assim, uma delas fica-me na cabeça, mais nítida do que as outras. *Prinkípissa*. O que quer que signifique, pronuncia-a com medo e reverência. Uma combinação a que raramente assisto. No meu reino, aqueles que me veneram não me conhecem o suficiente para me temerem. E os que me temem conhecem-me demasiado bem para terem a imprudência de me adorar.

– A tua faca – diz a Lira.

A minha mão forma um punho à volta do cabo. A minha ferida escorre, e eu sinto a lâmina rapidamente absorver tudo. Não há desperdício de sangue.

– Tem uma magia estranha.

Olho-a intensamente.

– Não creio que estejas em posição de dizer que alguma coisa é estranha.

A Lira não responde e, no seu silêncio, o Kye avança.

– Cap – diz ele. – Cuidado. Ela não é de se fiar.

A princípio, julgo que se refere ao monstro no nosso convés, e estou prestes a dizer-lhe que não sou parvo quando percebo que não é para a sirena que o Kye está a olhar. É a Lira que está na sua mira.

Se há coisa no mundo que o Kye nunca teve é tato. Mas a Lira não liga à acusação. Nem sequer olha na direção dele, como se a alegação não passasse de água do mar a pingar.

– Eu trato dela – digo ao Kye. – Quando estiver pronto.

– Talvez devesses estar pronto agora.

Bato com a ponta da faca no dedo e avanço, mas o Kye agarra-me o braço. Olho para as mãos dele, que seguram o tecido da minha camisa. O ponto forte do Kye é que ele é tão desconfiado como eu sou imprudente. Não gosta de surpresas e interpreta toda e qualquer suspeita como uma ameaça à minha vida. Cada aviso como uma promessa. Mas com ele a fazê-lo por mim, não há necessidade de eu perder tempo a preocupar-me. Além disso, passar a minha vida no oceano ensinou-me a ver o que os outros não veem e a esperar o que não esperam. Sei bem que não devo confiar numa pessoa desconhecida num navio pirata, mas confiar no instinto é muito melhor do que confiar na dúvida.

– Não ouviste o que eu acabei de dizer? – pergunta ele.

Com cuidado, tiro a mão do Kye do meu braço.

– Garanto-te que não há nada de errado com a minha audição.

– Então, é o teu bom senso – diz a Lira.

Vejo-a afastar o cabelo do rosto.

– Como assim? – pergunto.

– Se tivesses algum, já a terias matado. – A Lira aponta para a sirena. – Podias ter o seu coração frio nas mãos.

O Kye arqueia uma sobrancelha.

– Raios – diz ele. – De que tipo de navio é que ela foi atirada?

Ao seu lado, a Madrid ajusta a postura, e a sua arma nunca vacila enquanto os pés mudam de posição. Está ansiosa, e posso senti-lo tanto quanto vê-lo. A Madrid nunca quer matar, quer se trate de monstros quer de homens. Em Kléftes matou o suficiente para uma vida e, numa qualquer reviravolta do destino, isso incutiu nela mais moral e escrúpulos do que antes. Nenhum dos quais tem lugar no *Saad*. Mas ela é o melhor atirador que tenho e, se eu ignorar os seus princípios, isso faz dela uma das minhas melhores hipóteses de não morrer.

– São as sirenas que tomam os corações – diz a Madrid à Lira. – Não nós.

A faca reluz na minha mão.

– Tomei montes de corações.

Observo a sirena, aproximando-me o mais possível sem encostar as botas na rede. Penso no Cristian a afogar-se no oceano, com a mentira de um beijo na boca. Tanto quanto sei, até pode ter sido esta sirena a fazê-lo. Havia outra com a Desdita dos Príncipes; recolhi essa informação das histórias que se difundiram por todo o meu reino. A assassina do Cristian pode estar no meu navio.

A sirena diz alguma coisa à Lira e eu pergunto-me se estará novamente a implorar. Se o Cristian terá implorado, ou se estaria tão sob o feitiço da sirena que morreu voluntariamente.

– Prende-a – digo.

Uma lança dispara da arma da Madrid, perfurando o centro da barbatana da sirena e prendendo-a ao meu navio. Resisto ao impulso de olhar para a Madrid, conhecendo o olhar sombrio de resignação que ela terá no rosto. A Madrid é uma ótima atiradora, mas é ainda melhor pessoa.

Chuto pedaços de rede para longe e agacho-me ao lado da criatura presa. Esta parte faz-me sempre sentir menos humano, como se a maneira de eu matar estabelecesse uma fronteira moral.

– Quero que me digas uma coisa – digo. – E agradecia que o fizesses na minha língua.

– *Poté den tha*.

A sirena contorce-se sob a lança que a prende ao *Saad*. Foi mergulhada em tinta de prata, mortal para a sua espécie. O seu veneno lento coagula no ponto de entrada, impedindo que a ferida se infiltre no meu navio e, com o tempo, fazendo parar qualquer frangalho de coração que ela possa ter.

– Isso não é midês – digo-lhe. Aperto a bússola, olhando para os pontos firmes do visor. – O que sabes do Cristal de Keto?

Os lábios da sirena entreabrem-se e ela olha para a Lira, abanando a cabeça.

– *Egó den tha sás prodósei*.

– Lira – digo. – Podes ter a amabilidade de traduzir?

– Nunca fui acusada de amabilidade.

A sua voz está mais próxima do que eu gostaria e mudo de posição

quando vejo a sua sombra pairando ao lado da minha. É tão rápida como silenciosa, capaz de chegar de fininho, até comigo. A ideia é inquietante, mas eu afasto-a antes de pensar muito nela. É perigoso distrair-me tendo um monstro tão perto.

A Lira agacha-se ao meu lado. Fica em silêncio por um instante. Os seus olhos azuis de tempestade estreitam-se ao ver a lança no centro da barbatana da sirena. Está a tentar decidir alguma coisa. Pode ser que ela esteja revoltada com a nossa violência e que não o queira demonstrar, mas não vejo sinal de repulsa. Se bem que não há coisa mais fácil de pôr do que uma máscara. Não há nada nos meus próprios olhos, apesar do enjoo que sinto com os gritos da sirena. Afasto-o, como faço com tudo. O capitão não se dá ao luxo da culpa.

A Lira levanta-se e mostra uma nova firmeza ao olhar para a criatura moribunda.

– Talvez fosse útil tirares-lhe o outro olho – diz ela.

Estremeço e um sorriso pressiona o canto dos lábios pálidos da Lira. Não sei se é por a sirena estar tão assustada, se por a Lira estar agradada com a minha expressão. Se disse aquilo só para ver como eu reagia.

– Iria privá-la do teu sorriso vencedor – digo.

A Lira ergue uma sobancelha.

– Ela é tua inimiga. Não queres que sofra?

Olha para mim como se eu tivesse perdido o juízo. A minha tripulação tem tendência a olhar para mim da mesma maneira, embora geralmente não nos dias em que me recuso a torturar. Pode-se dizer muita coisa sobre os caçadores de sereias do *Saad*, mas uma que nunca poderia ser verdade é que gostamos desta vida. Do oceano, sim, mas nunca da morte. É um mal necessário para manter o mundo seguro e, por mais desonroso que seja matar, tem um propósito. Se eu começar a gostar disso, começo a tornar-me precisamente naquilo de que tento proteger o mundo.

– Os soldados não gostam da guerra – digo.

A Lira franze os lábios, mas assim que abre a boca para dizer alguma coisa, sou atirado de costas. A minha cabeça bate no chão e a dor explode nas minhas têmporas.

A sirena está em cima de mim.

Arranha e morde, com um uivo ímpio. Esquivo-me aos seus ataques, enquanto tenta desesperadamente arrancar-me um pedaço. A barbatana é uma confusão de sangue coalhado e está rasgada ao meio. Deve ter-se libertado.

– Não consigo um disparo certo! – diz alguém. – Vou acertar nele.

– Eu também não!

– Madrid! – grita o Kye. – Madrid, dispara agora!

– Não consigo. – Ouço o som de uma arma a ser atirada ao chão. – O raio desta coisa está outra vez encravada.

Debato-me sob a criatura venenosa. A sua cara é presas e ódio e mais nada. Está faminta de uma parte de mim. Coração ou não, vai apanhar o pedaço que puder.

O peso dela pressiona, esmagando-me as costelas. Ouve-se um estalo, e depois mal consigo respirar com a dor. Ao meu redor, a tripulação grita tão alto que é quase incompreensível. À medida que as vozes se transformam em ruído, os meus braços ardem de dor. A sirena é tão forte. Mais forte do que eu, de longe.

Então, com a mesma rapidez com que veio, o peso desaparece. Recupero o fôlego.

O Kye agarra-lhe os ombros diabólicos e arranca a sirena de cima de mim. Ela escorrega e desliza pelo convés, indo colidir furiosamente com a parede da cabine. A minha tripulação salta do caminho, para deixar o corpo dela deslizar por entre eles. O som do impacto abala o *Saad*.

A sirena crava as unhas no convés, de ombros arqueados. Silva e projeta o corpo para a frente. Rapidamente, pego na faca. Ignoro a dor furiosa nas costelas quando deixo a lâmina, leve como uma pena, fazer mira na minha mão e depois arremesso-a pelo ar. Enterra-se no que resta do seu coração.

A maior parte do sangue forma bolhas na sua pele, mas os restos que ameaçam derramar-se no convés são rapidamente bebidos pela minha faca. A sirena grita.

Quando o Kye me ajuda a levantar puxando-me, tomo um fôlego discreto, sem ousar mostrar que fiquei surpreendido. Mesmo sendo evidente. A minha função é esperar o inesperado e fui estúpido o suficiente para virar as costas a uma assassina.

– Estás bem? – pergunta o Kye, à procura de feridas. O seu olhar fulminante fixa-se no sangue que tenho no braço. – Eu devia ter sido mais rápido.

A expressão do seu rosto rasga-me como me rasgou a sirena, de modo que rodo o ombro para trás, com cuidado para não estremecer, com a dor nas costelas intensificando-se a cada momento.

– Faz tudo parte – digo, e viro-me para a Madrid. – A tua arma encravou outra vez?

A Madrid pega na arma descartada e estuda o mecanismo da lança.

– Não percebo – diz ela. – Vou ter de levá-la ao convés inferior para mais um arranjo.

Começa a dirigir-se para o outro lado do convés, mas depois para abruptamente quando repara no corpo da sirena a bloquear a porta. A Madrid engole em seco e espera pacientemente. Todos o fazem. Em perfeito silêncio até ao momento em que a sirena começa a desvanecer. A visão nunca fica aquém da maravilha para eles, mesmo depois de tanto tempo. Mas eu não olho para a criatura sem vida que se transforma em espuma no meu convés. Já vi morrer uma centena de monstros. Em vez disso, volto-me para a rapariga estranha que tirei do oceano.

A Lira já não está a sorrir.

A Maeve dissolve-se em nada.

Matar uma sirena não é como matar uma sereia. Os cadáveres em decomposição das sereias sujam o fundo do oceano e deixam o esqueleto por entre os corais, ao passo que nós nos dissolvemos naquilo que nos criou. Em oceano e espuma e no sal que nos corre nas veias. Quando desaparecemos, não sobra nada para memória.

Julguei que ia ficar contente quando a Maeve morresse, mas a guerra entre as nossas espécies continua e acabei de ajudar os humanos na sua tentativa de nos chacinar. Pelo menos, o príncipe não lhe cortou o coração antes de a matar. Nunca liguei a lendas, a menos quando a lenda em discussão se refere a mim, mas até eu conheço as histórias. As que avisam que qualquer ser humano que segure o coração de uma sirena fica imune ao nosso canto. Diz-se que é por isso que nos transformamos em espuma do mar quando morremos, que não é uma maldição para nos apagar do mundo, mas uma bênção de Keto para assegurar que ser humano nenhum poderá jamais ficar com o nosso coração.

Depois de a Maeve ter desaparecido, sou levada para o convés inferior, para uma sala sem janelas que cheira a anis e ferrugem. As paredes não são paredes, mas cortinas grossas penduradas de um teto envernizado. As pontas húmidas chegam ao chão e, à medida que o navio avança, oscilam e revelam linhas infinitas de livros, armas e ouro. Cada cortina tem o seu próprio segredo. Ao centro, está um grande cubo, feito de vidro preto. Tem a mesma grossura que a minha altura, com dobradiças e ferrolhos de ouro pesado. Do mesmo tipo de que era feito o broche da sereia-enguia. É uma espécie de prisão e não parece concebido para humanos. Ou, se for, é concebido para os da pior espécie.

No reino de Keto, não mantemos prisioneiros. Trair a Rainha do Mar implica dar a vida e, por isso, não temos alternativa a ser o que minha mãe diz que somos. Decidir outra coisa não oferece segundas oportunidades, o meu

castigo é prova disso.

Viro-me para o Elían.

– Porque é que estou aqui em baixo?

A cada momento que passa, ele assume mais do oceano. Uma túnica de couro castanho sobre a camisa, com uma corda preta desfiada a prendê-la no pescoço. As suas pernas são metade calças e metade botas castanhas de cano alto, até ao joelho. Uma fita atravessa-lhe o tronco, do ombro à cintura, e dela pende uma grande espada de pirata. A sua faca está escondida atrás, longe de olhos desconhecidos. Ainda sinto nela o cheiro do sangue da Maeve.

– Pareces vivida – diz o Elían. – Não consegues adivinhar?

Atrás dele, o Kye e a Madrid são guardiões resolutos. Menos de um dia neste navio e eu já sei quem são os seus mais confiáveis. O que significa que já conheço a sua maior fraqueza.

– Julguei que os príncipes gostavam de salvar jovens em perigo.

O Elían ri-se, com os dentes brancos a brilharem no belo rosto.

– Agora és uma donzela? – pergunta ele. – Tem graça, porque não parecias uma quando tentavas passar por mim cheia de garras para atacar uma sirena.

– Achava que matar sirenas era o que as pessoas faziam neste navio.

– Geralmente não com as próprias mãos.

– Nem toda a gente precisa de facas mágicas para fazerem o trabalho sujo por elas.

– Nem toda a gente sabe falar *psáriin* – diz ele.

Mantenho um sorriso recatado nos lábios, desempenhando bem o meu papel.

– Tenho jeito para as línguas.

– O teu midês diz outra coisa.

– Tenho jeito para as línguas interessantes – emendo, e os olhos verdes do Elían enrugam-se.

– Então e a tua língua? – pergunta ele.

– É melhor.

– Como?

– É mais adequada a mim.

– Temo só de pensar no significado disso.

O Elían roça em mim ao passar e coloca a mão no vidro frio do cubo. À medida que os seus dedos se abrem sobre a pretensa prisão, quase consigo sentir o frio através dele. A sirena que há em mim anseia sentir o gelo sob os dedos e conhecer o frio como costumava. A humana que há em mim arrepiase.

– Onde é a tua terra? – pergunta o Elían.

Está de costas para mim e vejo os seus lábios mexerem-se no seu reflexo. Olha-se a si próprio, mantendo os olhos longe dos meus. Por um instante, acho que a pergunta não é para mim. Que talvez esteja a perguntar a si próprio. Um príncipe que não sabe que reino deve reivindicar. Em seguida,

o Kye pigarreia e o Elian gira de novo o corpo. Quando o faz, o seu rosto é só luzes.

– Então? – pergunta.

– Não pensei que fosse ser interrogada.

– A jaula não deu a entender isso?

– Não vi uma jaula. – Arqueio o pescoço, espreitando atrás dele como se não tivesse reparado na minha prisão que assoma. – O teu encanto deve tê-la mascarado.

O Elian abana a cabeça para esconder o sorriso crescente.

– Não é uma jaula qualquer – diz. – Quando eu comecei isto tudo e muito antes de ser mais sabedor, mandei-a construir com toda a intenção de usá-la para prender a Rainha do Mar. – Arqueia uma sobrancelha. – Achas que te pode prender a ti?

– Vais pôr-me para uma jaula? – pergunto.

– A menos que me digas de onde és – diz ele. – E porque partiste.

– Não foi escolha minha.

– Porque é que estavas no meio do oceano sem um navio?

– Fui abandonada.

– Por quem?

Não hesito quando digo:

– Por todos.

Com um suspiro, o Elian inclina-se para trás e pressiona um pé contra o vidro. Pondera nas minhas palavras, cuidadosamente escolhidas, dando voltas com elas na cabeça, qual leme de navio. Não gosto do silêncio que se segue nem do peso enorme que o seu mutismo deixa na sala. É como se o ar esperasse pelo som da sua voz antes de ousar rarefazer-se e tornar-se respirável. E eu também aguardo, tentando antecipar qual será o seu próximo passo. A situação é insuportavelmente familiar. Tantas vezes fiquei à frente da minha mãe, a morder a língua enquanto ela escolhe como eu vivo a minha vida. O que farei, quando matarei e quem serei. Embora seja estranho assistir a um ser humano deliberar sobre o meu destino, não é assim tão estranho aguardar enquanto ele é decidido por alguém que não eu.

Escondida sob as minhas mentiras de algas, está a verdade. Eu fui abandonada e agora estou num navio com humanos que me veriam morta se soubessem o que eu sou. No fundo do mar, a minha mãe governa um reino que devia ser meu e, se alguém questionar para onde eu fui, vai cuspir a mentira que me faça mais olvidável. Arpoada por um marinheiro que ia a passar. Morta por uma simples sereia. Apaixonada por um jovem príncipe. Vai deixar que a minha memória seja mais uma piada do que uma lenda, e a lealdade do meu reino dissolver-se-á tão depressa como a Maeve.

Não serei nada. Não terei nada. Morrerei como nada.

Olho para o meu colar, que continua pendurado ao pescoço do Elian. Não duvido que, se encostar o ouvido ao osso vermelho, ouvirei o oceano e o riso da minha mãe a propagar-se nele.

Viro-me, enojada.

– Atracamos em Eidýllio daqui a três dias. – O Elian afasta-se do vidro.
– Tomarei a minha decisão quando lá chegarmos.

– E até lá?

Um sorriso moroso espalha-se-lhe no rosto. Afasta-se, revelando a jaula em toda a sua glória.

– Até lá...

Na esteira da ordem não pronunciada, a Madrid agarra-me o cotovelo. Do meu outro lado, as mãos do Kye apertam-me o braço. Debato-me com elas, mas o aperto é inquebrável. Numa questão de momentos, sou levantada do chão e arrastada para a jaula. O facto de eu me contorcer não tem efeito nenhum a desviá-los do caminho.

– Larguem-me! – exijo.

Tento pontapear com movimentos desajeitados, mas o meu corpo está espremido no meio dos dois, deixando pouco espaço para eu respirar ou me mexer. Atiro a cabeça para trás descontroladamente e debato-me, furiosa com a falta de controlo. Como o meu corpo agora é frágil e fraco. Na minha forma de sereia, era capaz de rasgá-los ao meio com um único movimento. Arreganho os dentes e mordo o ar, falhando a orelha do Kye por um centímetro. Ele nem pestaneja. Sou tão impotente como me sinto.

Chegamos à jaula e eles atiram-me lá para dentro como se eu não pesasse nada. Salto do chão e, quando volto a correr para a entrada, as palmas das minhas mãos encontram uma parede. Abro os dedos na superfície e dou-me conta de que, afinal, não é vidro, mas cristal sólido. Bato incansavelmente nele. Do outro lado, o Elian cruza os braços. O meu coração humano bate com raiva dentro do peito, mais forte do que os meus punhos na parede da prisão.

Aponto-lhe um dedo acusador.

– Queres que eu fique aqui até Eidýllio?

– Eu quero-te borda fora – diz o Elian. – Mas não posso propriamente obrigar-te a avançar na prancha.

– O teu cavalheirismo não to permite?

O Elian caminha até uma parede próxima e puxa uma das cortinas revelando um interruptor circular.

– Perdemos a prancha há anos – diz ele. Depois, em voz muito mais baixa: – E eu perdi o cavalheirismo por volta da mesma altura.

Prime o interruptor e a sombra assoma.



Há apenas noite dentro da jaula de cristal. O espaço reveste-se de escuridão húmida e, embora a prisão pareça impenetrável, sinto o cheiro almiscarado do ar húmido do mundo lá fora. De vez em quando, alguém vem com comida e tenho direito a uns raros minutos de luz de candeia. É quase incandescente e, quando acabo de apertar os olhos, as luzes apagam-se e uma bandeja de peixe

ataca os meus sentidos. Não sabe propriamente a crocodilo e tubarão, mas devoro-a em instantes.

Não sei há quanto tempo estou na jaula de cristal, mas a promessa de Eidýllio pesa sobre mim. Quando chegarmos, o príncipe tentará atirar-me para terra com humanos que nada sabem do oceano. Pelo menos neste lugar posso sentir o cheiro do sal da minha casa.

Quando durmo, sonho com corais e corações a sangrar. Quando acordo, não há nada a não ser escuridão e o lento arrastar das ondas contra o casco do navio. Da primeira vez que matei um ser humano, o brilho era tão forte que eu não conseguia ir à tona da água sem comprimir os olhos. A superfície mal ondulava e, em alguns momentos, o sol derreteu quaisquer fragmentos de gelo do meu reino que ainda estivessem na minha pele.

O rapaz era um príncipe de Kalokaíri e eu tinha doze anos.

Kalokaíri não é muito mais do que um belo deserto no meio de um mar desolado. É a terra do verão sem fim, com vento que leva o cheiro da areia. Nesses tempos, a minha lenda ainda não tinha nascido e, assim, a realeza navegava sem mais trepidação do que qualquer humano.

O príncipe estava encapotado de branco, com um pano roxo bem amarrado à volta da cabeça. Era delicado e não tinha medo, sorriu para mim muito antes de eu ter cantado. Quando brotei do oceano, ele chamou-me *ahnán anátias*, que em *kalokaírin* quer dizer «mortezinha».

O rapaz não estava assustado, nem sequer quando arreganhei os dentes e silvei da mesma maneira que tinha ouvido a minha mãe fazer. Tomar o seu coração não tinha sido uma coisa tão desagradável na altura. Ele quase veio de bom grado. Antes de eu começar o meu canto, estendeu a mão para me tocar e, depois dos primeiros versos desajeitados, subiu devagar do veleiro atracado e caminhou até estar fundo o suficiente para me encontrar.

Deixei-o afogar-se primeiro. Enquanto a sua respiração abrandava, segurei a sua mão e só quando tive a certeza de que estava morto pensei no coração. Fui cuidadosa quando aconteceu. Não queria que houvesse muito sangue quando a família o encontrasse; que pensassem que sofreu, quando morreu tão pacificamente.

Enquanto lhe tirava o coração, pensava se andariam à procura dele. Teriam percebido que ele não estava no barco? Acima da superfície da água, estariam a gritar por ele? Será que a minha mãe gritaria assim se eu nunca mais voltasse? Eu sabia a resposta. A rainha não se importaria se eu desaparecesse para sempre. Herdeiras eram coisas fáceis de fazer e a minha mãe era, em primeiro e último lugar, a Rainha do Mar. Eu sabia que ela só se importaria por eu não ter tirado o coração ao rapaz enquanto ele ainda estava vivo. Que me puniria por não ser monstro suficiente. E estava certa.

Quando cheguei a casa, a minha mãe estava à minha espera. À sua volta, encontravam-se os outros membros da nossa linhagem real, arqueados num semicírculo perfeito, enquanto aguardavam a minha entrada. A irmã da Rainha do Mar estava à frente, pronta para me cumprimentar, com as seis

filhas a reboque. A Kahlia era a última, imediatamente ao lado da minha mãe.

Logo que a Rainha do Mar me viu, soube o que eu tinha feito. Vi-o no seu sorriso e tive a certeza de que o seu faro o detetou em mim: o fedor do meu remorso por ter matado o príncipe kalokaíri. E por mais que eu tentasse evitar olhar para ela, a rainha percebia que eu tinha estado a chorar. As lágrimas haviam sido limpas há muito, mas os meus olhos continuavam raiados de sangue e eu tinha sido exímia a esfregar o sangue das minhas mãos.

– Lira – disse ela. – Meu doce.

Pousei uma mão a tremer no seu tentáculo estendido e deixei que me puxasse devagar para si. A Kahlia mordeu o lábio enquanto a minha mãe olhava para as minhas mãos limpas.

– Trouxeste presentes à mamã, minha querida? – perguntou a Rainha do Mar.

Anuí e levei a mão à rede amarrada à minha cintura.

– Fiz o que me pediste. – Segurei o coração do jovem príncipe nas mãos em concha, erguendo-o acima da cabeça para lho apresentar como o troféu que ela queria. – O meu décimo segundo.

A Rainha do Mar acariciou o meu cabelo, o seu tentáculo suave deslizando do coró cabeludo e pela minha espinha. Tentei não pestanejar.

– Efetivamente – disse a Rainha do Mar. A sua voz era suave e lenta, como o som da brisa do amanhecer. – Mas parece que não ouviste bem.

– Ele está morto – disse-lhe, pensando que seria, seguramente, a coisa mais importante. – Matei-o e tirei-lhe o coração. – Segurei-o um pouco mais alto, empurrando-o para o peito dela, para que pudesse sentir a quietude do coração do príncipe junto da frieza do seu.

– Ah, Lira. – Segurou o meu queixo com a mão em concha, deslizando a garra do polegar pela minha bochecha. – Mas não te disse para chorares.

Não sabia ao certo se ela se referia ao momento em que matei o príncipe ou se me estava a dizer para não chorar agora, no seu enlaço, com a nossa linhagem real a ver. Mas os meus lábios tremeram com o mesmo medo que as minhas mãos tinham e, quando a primeira gota caiu do meu olho vermelho, a minha mãe inspirou um pesado lamento. Deixou a lágrima escorrer para o seu polegar e sacudiu-a da pele como se fosse ácido.

– Eu fiz o que me pediste – repeti.

– Eu pedi-te que fizesses sofrer um humano – disse a Rainha do Mar. – Que lhe tomasses o coração ainda a bater e lho arrancasses. – Um tentáculo deslizou sobre meu ombro e em torno do meu pescoço minúsculo. – Pedi-te que fosses uma sirena.

Lembro-me de que, quando me atirou ao chão, senti-me aliviada. Sabia que se ela fosse matar-me, me teria esmagado com o seu enlaço. Podia levar uma tarefa. Podia ser humilhada e ensanguentada. Se levar uns golpes acalmasse o feitio da minha mãe, não seria assim tão mau. Eu teria saído da situação na boa. Mas fui tola por pensar que a minha mãe optaria por me castigar apenas a mim. De que adiantava repreender a filha quando podia

moldá-la?

– Kahlia – disse a minha mãe. – Fazes-me um favor?

–irmã. – A minha tia nadou para a frente, o rosto subitamente miserável e sofredor. – Por favor, não.

– Então, então, Crestell – disse a minha mãe. – Não deves interromper a tua rainha.

– Ela é minha filha.

Lembro-me de odiar a forma como os ombros de Crestell se curvaram para a frente enquanto falava. Como se já estivesse a preparar-se para um golpe.

– Shiu – disse a minha mãe, com um arrulho. – Não vamos discutir à frente das crianças.

Ela virou-se para mim e estendeu o braço para a minha prima. Era como se estivesse a apresentar a Kahlia, como eu tinha feito com o coração do kalokaírino. Não me mexi.

– Mata-a – disse a Rainha do Mar.

– Mãe...

– Tira-lhe o coração enquanto ela ainda grita, como devias ter feito ao príncipe humano.

A Kahlia choramingava, tão cheia de medo que não se conseguia mexer, nem sequer chorar. Olhou para a mãe, depois para mim, pestanejando uma dúzia de vezes. Sacudia violentamente a cabeça de um lado para o outro.

Era como olhar para um espelho. Ver a expressão de horror no rosto da Kahlia era como ver uma representação de mim própria, cada gota de terror que eu sentia estava refletida nos seus olhos.

– Não sou capaz – disse eu. – E depois, mais alto: – Não me obrigues.

Recuei, abanando a cabeça de forma tão inflexível que o esgar da minha mãe se tornou um borrão.

– Criança estúpida – disse ela. – Estou a oferecer-te redenção. Não sabes o que vai acontecer se recusares?

– Não preciso de ser redimida! – gritei. – Eu fiz o que me pediste!

A Rainha do Mar esfregou o tridente e toda a postura que lhe restava desapareceu do seu rosto. Os seus olhos fizeram-se sombras, cada vez mais negros, até eu só conseguir ver escuridão neles. O oceano gemeu.

– Essa humanidade que te infetou tem de ser sufocada – disse ela. – Será que não vês, Lira? Os seres humanos são uma peste, que matou a nossa deusa e procura destruir-nos. Qualquer sirena que demonstre simpatia por eles, que imite o seu amor e a sua tristeza, tem de ser eliminada.

Franzi o sobrolho.

– Eliminada?

A Rainha do Mar empurrou a Kahlia para o fundo do mar e eu estremeci quando as palmas das suas mãos bateram na areia.

– As sirenas não sentem afeto nem arrependimento – disse a minha mãe, enraivecida. – Não conhecemos empatia pelos nossos inimigos. Uma sirena

que sinta tais coisas nunca pode ser rainha. A única coisa que será é defeituosa. E uma sirena defeituosa não pode viver.

– Defeituosa – repeti.

– Mata-a – disse a minha mãe. – E não falamos mais no assunto.

Formulou isto como se fosse a única maneira de eu compensar os meus pecados contra a minha espécie. Se a Kahlia morresse, então eu seria uma verdadeira sirena, digna do tridente da minha mãe. Não seria impura. As emoções que eu sentia eram uma doença e ela estava a oferecer-me uma cura. Uma saída. Uma oportunidade de me livrar da humanidade que ela alegava ter-me infetado.

A Kahlia só tinha de morrer primeiro.

Aproximei-me da minha prima, apertando as mãos atrás das costas para que a Rainha do Mar não conseguisse ver como tremiam. Perguntava-me se ela sentia o cheiro de sangue das meias-luas que eu tinha gravado nas palmas das mãos.

A Kahlia chorou quando me aproximei, grandes uivos de terror a jorrar dos pequenos lábios. Eu não sabia bem o que planeava fazer ao aproximar-me dela, mas sabia que não queria matá-la. *Pega na mão dela e nada*, pensei. *Afasta-te o mais possível da Rainha do Mar*. Mas eu sabia que não faria isso, porque os olhos da minha mãe eram o oceano e ela nos veria onde quer que nos escondêssemos. Se eu tomasse a Kahlia, seríamos as duas mortas por traição. E, portanto, as minhas escolhas eram estas: tomar o coração da minha prima ou pegar na mão dela e deixar-nos morrer juntas.

– Para – disse a Crestell.

Pôs-se à frente da Kahlia, criando uma barreira entre nós. Tinha os braços abertos em sua defesa, as presas arreganhadas. Por um momento, tive a certeza de que ela iria atacar, cortando-me com as suas garras e pondo fim a esta loucura de uma vez por todas.

– Leva-me a mim – disse ela.

Empalideci.

A Crestell agarrou a minha mão – parecia minúscula na dela, mas nem de longe tão delicada – e levou-a ao peito.

– Toma-o – disse ela.

As minhas primas arquejaram ao nosso redor, de rostos contorcidos de terror e tristeza. Esta era a escolha delas: ver a mãe morrer ou a irmã ser morta. Gaguejei diante da minha tia, pronta para gritar e nadar para o mais longe que conseguisse. Mas depois a Crestell disparou um olhar para a Kahlia, que tremia no fundo do mar. Um olhar preocupado, furtivo, rápido o suficiente para passar despercebido à minha mãe. Quando os olhos dela voltaram para os meus, estavam repletos de súplica.

– Toma-o, Lira – disse a Crestell. Engoliu em seco e levantou o queixo.

– É assim que as coisas devem ser.

– Sim – arrulhou a minha mãe, por trás de mim. Não precisei de me virar para saber que havia um sorriso a rasgar-lhe o rosto. – Seria uma bela

substituição.

Ela pousou a mão no meu ombro, as unhas a arranhar-me a pele, mantendo-me no lugar, e depois baixou os lábios ao meu ouvido e deixou que um sussurro se formasse entre nós.

– Lira – disse a minha mãe, tão baixinho que a minha barbatana se enrolou. – Cura-te e mostra-me que pertences verdadeiramente ao oceano.

Defeituosa.

– Últimas palavras, irmã? – perguntou a Rainha do Mar.

A Crestell fechou os olhos, mas eu sabia que não era para não chorar. Era para selar a fúria para que não lhe queimasse as íris. Queria morrer uma súbdita leal e manter as filhas a salvo da vingança da minha mãe. De mim.

Quando a Crestell abriu os olhos novamente – um, azul puro e outro, um tom milagroso de roxo –, não olhou para nada além de mim.

– Lira – disse. A sua voz estava rouca. – Torna-te a rainha que precisamos que sejas.

Não era promessa que eu pudesse fazer, porque não tinha a certeza se seria capaz de ser o tipo de rainha de que o reino da minha mãe precisava. Eu tinha de ser destituída de emoção, espalhando o terror em vez de o sentir, e com a minha respiração fremente, não sabia se tinha em mim aquilo que era preciso.

– Não vais prometer? – perguntou a Crestell.

Assenti, embora achasse que era mentira. E depois matei-a.

Foi nesse dia que me tornei filha da minha mãe. E o momento em que aconteceu foi o momento em que me tornei a mais monstruosa de todas nós. A ânsia de lhe agradecer espalhou-se dentro de mim como uma sombra, lutando contra todos os impulsos que eu sabia que ela tomaria como fraquezas. Contra cada lampejo de arrependimento e compaixão que a levaria a considerar-me impura. Anormal. Defeituosa. E, num abrir e fechar de olhos, a criança que fui tornou-se a criatura que sou.

Obriguei-me a pensar apenas em que príncipes agradariam mais à minha mãe: o destemido Ágriosy, que tentou durante décadas encontrar Diábolos, com a ideia enganadora de que podiam acabar com a nossa espécie, ou um príncipe de Mellontikós. Profetas e adivinhos que optavam por se manter afastados da guerra, raramente ousando deixar um navio tocar na água. Entreteve-me a pensar em levá-los à minha mãe como mais uma prova de que o meu lugar era junto dela.

Com o tempo, esqueci o que era ser fraca. Agora que estou aqui presa num corpo que não é o meu, de repente lembro-me. Passei de ser a arma menos apreciada da minha mãe para uma criatura que nem sequer se consegue defender. Um monstro sem presas nem garras.

Passo a mão pelas pernas magoadas, mais pálidas do que a barriga de um tubarão.

Os meus pés arqueiam para dentro quando um frio terrível serpenteia através de mim e irrompem altinhos minúsculos na minha nova pele. Não

entendo o seu significado, nem entendo como posso ter passado de disparar nas águas do oceano para andar aos tropeções entre os humanos.

Solto um suspiro frustrado, voltando a acariciar a pele das minhas costelas. Sem guelras. Por mais fundo que eu respire, a pele não se separa e o ar continua a fluir, para dentro e fora dos meus lábios. A minha pele continua húmida e a água já não escorre dela, pelo contrário, infiltra-se em todos os poros e traz consigo um frio insuportável. O tipo de frio que me projeta mais altinhos à flor da pele, rastejando das pernas até aos braços frágeis.

Não posso deixar de temer a água fora desta jaula. Se o Elian me atirasse borda fora, quanto tempo demoraria a afogar-me?

As candeias brilham, fracas o suficiente para dar aos meus olhos humanos tempo para se ajustarem. O Elian pressiona uma chave na jaula de cristal e uma secção da parede abre deslizando. Ignoro o instinto de me atirar a ele, lembrando-me da facilidade com que me prendeu à parede quando tentei atacar a Maeve. É mais forte do que eu agora e mais ágil do que o julguei. Neste corpo, a força não é o caminho.

O Elian coloca um prato à minha frente. É um caldo grosso da cor da água do rio. Carne pálida e uvas-do-mar em cima, e o cheiro avassalador a anis sobe no ar. Reajo com dores de estômago.

– Eu e o Kye apanhámos tartarugas marinhas – explica. – Fede até ao céu, mas raios se sabe bem.

– Estou a ser castigada – digo, numa expressão fria de midês. – Quero que me digas porquê.

– Não estás a ser castigada – diz-me. – Estás a ser vigiada.

– Por falar *psáriin*? – pergunto. – Agora falar uma língua é crime?

– É proibido na maior parte dos reinos.

– Não estamos num reino.

– Errado. – O Elian encosta-se ao arco da porta. – Estamos no meu. O *Saad* é o meu reino. Todo o oceano o é.

Ignoro o insulto de um ser humano tentar reivindicar o que é meu e digo:

– Não me foi dada uma lista de leis quando embarquei.

– Bem, agora já sabes. – Roda a chave no dedo. – Claro que eu podia arranjar aposentos mais confortáveis para dormir se parasses de ser tão evasiva.

– Não estou a ser evasiva.

– Então diz-me como é que sabes falar *psáriin*. – A curiosidade na sua voz trai os movimentos frouxos que faz. – Diz-me o que sabes sobre o Cristal de Keto.

– Salvaste-me a vida e agora estás a trocar conforto por informações? Que estranho, a rapidez com que a bondade desaparece.

– Sou volúvel – diz o Elian. – E tenho de proteger o *Saad*. Não posso simplesmente confiar em qualquer um que suba a bordo. Primeiro, precisam de uma boa história. – Faço um sorriso de orelha a orelha.

Se só preciso de uma história, isso é fácil. O Segundo Olho de Keto

também é uma lenda nas nossas águas. A Rainha do Mar andou atrás dele ao longo de anos quando começou o seu reinado. Enquanto rainhas anteriores o descartaram, desde o início, por ser uma causa perdida, a minha mãe sempre foi muito faminta de poder. Reviu, vezes sem conta, as histórias do ritual para libertar o Olho, numa tentativa de encontrar alguma pista acerca da sua localização. Histórias que gerações tinham ignorado, a minha mãe fez questão de as memorizar. E a sua obsessão implicou que também eu as conhecesse. Disse-me uma vez que o Olho era a chave para acabar com todos os humanos, da mesma maneira que era a chave para os humanos acabarem com todas nós. Penso no seu tridente de carvão de osso e no adorado rubi que tem no centro, a verdadeira fonte da magia da Rainha do Mar. Diz-se que o Olho é o seu gêmeo, roubado à minha espécie e escondido onde sirena nenhuma pode ir.

A minha mãe sabe tudo sobre o Olho, exceto como encontrá-lo. E assim, passados tantos anos, desistiu de ir atrás dele. Mas o facto de não ter sucesso naquilo em que as suas antecessoras falharam sempre a irritou.

Faço uma pausa, com a chama de uma ideia dentro de mim.

O Olho está escondido onde nenhuma sirena pode ir, mas graças à minha mãe, isso já não se aplica a mim. Se o Elían me levar lá, poderei usar o Olho para tornar realidade o maior medo da Rainha do Mar. Se ela acha de facto que eu não sou digna de reinar, provarei exatamente o contrário usando o Segundo Olho de Keto para derrubá-la. Para destruí-la, tal como tentou destruir-me.

Passo a língua pelos lábios.

Se o Elían anda mesmo atrás do Olho, fá-lo de fé nas histórias. E se um homem pode ir atrás delas, então pode ouvi-las. Só preciso de convencer o príncipe de que sou útil e talvez ele me deixe subir ao convés e afastar-me das correntes da jaula. Se me conseguir aproximar o suficiente, não precisarei das unhas para lhe arrancar o coração. Fá-lo-ei com a sua própria faca. Mal ele assegure a minha posição de governante do oceano.

– A Rainha do Mar roubou a minha família – digo ao Elían, conferindo à minha voz uma camada dessa mesma melancolia que ouvi nos apelos dos marinheiros ao verem morrer os seus governantes. – Estávamos num barco de pesca e eu fui a única sobrevivente. Estudei-as desde criança, aprendendo tudo o que era possível com livros e histórias. – Mordo o lábio. – Quanto à língua, não pretendo ser fluente, mas sei o quanto baste. Foi fácil apanhar a língua tendo uma delas como minha prisioneira. O meu pai conseguiu deixá-la aleijada antes de morrer, e isso significou que eu pude mantê-la cativa.

O Elían suspira, sem se deixar impressionar.

– Já que vais mentir, conta uma história melhor – diz ele.

– Não é mentira. – Finjo-me melindrada com a acusação. – Uma delas ficou ferida durante o ataque à minha família. Somos de Polemistés.

Ao ouvir a referência à terra de guerreiros, o Elían dá um passo em frente. Leva a mão ao bolso e tira de lá um pequeno objeto circular. A mesma bússola que tinha na palma da mão quando falámos no convés. Uma fina

corrente de ouro pende delicadamente do punho e, quando ele a abre, as extremidades tocam-se.

– Esperas mesmo que eu acredite que és de Polemistés? – pergunta o Elian.

Tento não me ofender com a pergunta – neste momento, também não acreditaria ser uma guerreira –, mas não defendo a minha causa. Não gosto da maneira como o Elian baixa os olhos para a bússola, como se confiasse nela para discernir algo. A cada mentira que cruza os meus pensamentos, quase sinto o objeto projetar-se para mergulhar nas profundezas aquáticas da minha mente. Para arrancar as mentiras, como se fossem raízes de algas. Parece impossível, mas eu sei como os seres humanos gostam dos seus truques.

– A minha família é de caçadores – digo com cuidado. – Tal como tu. A Rainha do Mar queria vingança porque se sentia injustiçada.

O espaço entre nós enche-se com a magia fantasma da bússola e invoco uma imagem do rosto da Maeve para provar ao estranho objeto que isto não é tecnicamente mentira.

– Torturei uma das sirenas dela para conseguir aquilo de que precisava – digo.

– O que aconteceu à sirena?

– Morreu – digo-lhe.

O Elian olha para a bússola e depois franze a testa.

– Mataste-a?

– Achas que não sou capaz?

Ele suspira perante a minha resposta evasiva, mas é difícil não ver a intriga nos seus olhos quando contempla a possibilidade de acreditar em mim.

– A sirena – diz ele. – Falou-te no cristal?

– Disse-me muitas coisas. Faz-me uma oferta digna de mim e talvez também eu te diga.

– Que tipo de oferta?

– Um lugar no teu navio e nesta perseguição.

– Não estás em posição de regatear – diz o Elian.

– A minha família estuda as sirenas há gerações. Garanto que sei mais sobre elas do que alguma vez poderias sonhar saber. E já viste que sei falar a língua delas – digo. – Isto não é regatear, é fazer um acordo.

– Não faço acordos com raparigas em jaulas.

Torço os lábios num sorriso cruel.

– Então, por quem és, deixa-me sair.

O Elian ri-se, saca de uma pistola e abana a cabeça mais uma vez.

– Sabes – diz ele, aproximando-se da cela –, acho que talvez goste de ti. Mas o que se passa é que há uma diferença entre gostar de alguém e confiar nessa pessoa. – Bate com a arma na minha prisão.

– Isso não me diz nada. Nunca me aconteceu nenhuma dessas duas coisas.

– Quando chegarmos a Eidýllo, podemos brindar a isso – diz o Elian.

Basta pensar nisso para me fazer estremecer. Eidýllio é uma terra dedicada ao romance. Celebram o amor como se fosse poder, embora ele tenha matado muito mais humanos do que eu. Preferia estar rodeada pelo ouro cego de Midas do que estar num reino onde a emoção é a moeda de troca.

– Confias em mim o suficiente para me ofereceres uma bebida?

O Elian guarda a pistola e dirige-se novamente ao interruptor.

– Quem disse que seria eu a oferecer?

– Prometeste que me libertavas! – grito para a o seu vulto, que parte.

– Prometi-te condições de vida mais confortáveis. – A mão do Elian pressiona o interruptor. – Vou pedir ao Kye que te traga uma almofada.

Tenho um derradeiro vislumbre do seu sorriso anguloso, depois a candeia enfraquece e o último pontinho de luz é levado daquele espaço.

Quando a luz rompe na costa de Eidýllio, um clarão rosado rasga o céu. O sol brilha no horizonte, circundado por uma tonalidade milagrosa de vermelho desbotado, como coral derretido. Sou puxada das profundezas da minha jaula para a luz, onde há uma explosão de calor e cor, como nada que eu já tenha visto. Há luz em todos os cantos da terra, mas em Eidýllio mais parece magia. Do tipo forjado na lâmina do Elian e no tridente cinzento da minha mãe. Os sonhos transformaram-se em algo mais poderoso do que a realidade.

Ao longo das docas, a relva é da cor dos peixes-góbio néon. Um prado a flutuar na água. Os caules de zimbro brotam como fogos de artifício, com pérolas de chuva agarradas às pontas em gotículas indestrutíveis. São orbes de luz a guiar o caminho de volta à terra.

Percebo que estou morna. É uma sensação nova, distante do formigueiro do gelo que adorava quando era sirena e do frio cortante que senti nos dedos dos pés a bordo do *Saad*. Despi a camisa húmida do Elian, que se colou a mim e secou como uma segunda pele. Agora tenho um vestido branco esfarrapado, apertado na cintura por um cinto da grossura de uma perna minha, e grandes botas pretas que ameaçam engolir, inteiros, os meus novos pés.

A Madrid dá um passo ao meu lado.

– A liberdade está ao teu alcance – diz ela.

Dirijo-lhe um olhar depreciativo.

– Liberdade?

– O Cap planeou dar-te soltura quando chegássemos aqui, não foi? Onde não há fogo, não há infração.

Reconheço o ditado. É uma expressão dos kléfteses, do reino dos ladrões – onde não há dano, não há problema –, usada por piratas que saqueiam navios que passam e qualquer terra em que atraquem. Se ninguém for morto, os kléfteses consideram que não se cometeu nenhum crime. Os seus piratas são fiéis à sua natureza e não prestam atenção às missões nobres e às declarações de paz. Navegam pelo ouro e pelo prazer e pela dor que causam

ao tomá-los. Se a Madrid é de Kléftes, o Elian escolheu bem a sua tripulação. Os piores dos piores para serem os seus melhores.

– Quanta confiança no teu príncipe – digo.

– Ele não é meu príncipe – diz a Madrid. – Não é nenhuma espécie de príncipe neste navio.

– Nisso acredito – digo-lhe. – Nem sequer foi civilizado quando lhe ofereci ajuda.

– Falemos sem rodeios – diz a Madrid. – Só te queres ajudar a ti própria.

– Há alguém vivo que não queira?

– O capitão. – A sua voz tem uma centelha de admiração. – Ele quer ajudar o mundo.

Rio-me. O príncipe quer ajudar um mundo condenado. Enquanto a minha mãe estiver viva, não conheceremos outra coisa a não ser a guerra. A melhor coisa que o Elian pode fazer, para sua segurança, é matar-me e a qualquer pessoa em quem não possa confiar. Em vez disso, faz-me prisioneira. Desconfiado o suficiente para me manter trancada, mas não brutal o suficiente para me tirar a vida. Mostrou misericórdia, e quer seja fraqueza ou força, é chocante.

Fico a ver o Elian descer no navio, sem prestar atenção à rapariga náufraga que ele podia facilmente abandonar. Desata a correr e salta o resto do caminho, de modo que, quando os seus pés tocam nos tufos de relva, pequenas gotículas explodem no ar como chuva. Tira o chapéu e faz uma vénia pronunciada à terra. Em seguida, estende a mão bronzeada, remexe nas madeixas de cabelo negro e volta a pôr o chapéu na cabeça com um floreado. Demora um momento, a examinar aquela tela, de mãos nas ancas.

Consigo ouvi-lo suspirar, mesmo do alto do convés do *Saad*. A sua alegria é como uma rajada de vento desconhecido que se arrasta até nós. A tripulação sorri ao vê-lo olhar para um oceano de relva e zimbro e, ao longe, um muro feito de luz. Um castelo espregueado na linha do horizonte da cidade, como uma miragem.

– Ele faz sempre isso – diz o Kolton Torik.

A sua presença lança uma sombra ao meu lado, mas pese embora todo o augúrio que o imediato do Elian poderia trazer, ele não tem nada do terrível pirata que podia ser. O seu rosto é suave e descontraído, tem as mãos enfiadas nos bolsos das bermudas puídas. Quando fala, a voz é profunda, mas suave, como o eco após uma explosão.

– Eidýllio é uma das preferidas dele – explica o Torik.

Custa-me a crer que o príncipe seja um romântico. Ele parece achar essa ideia tão ridícula quanto eu. Eu diria logo que Midas não é seu reino preferido; os homens não fazem o seu lar quando já têm um. Mas o meu palpite teria sido Ágrios, uma nação de destemor. Ou o reino guerreiro de Polemistés, que escolhi para a minha origem. Terras de soldados no precipício da guerra. Guerreiros e assassinos para quem não faz sentido fingirem ser outra coisa.

Eu não teria adivinhado que o infame caçador de sereias tinha humanidade em si.

– Também é uma das minhas preferidas – diz a Madrid, inspirando o ar.
– Têm ruas de padarias, com corações de chocolate a escorrer caramelo em cada esquina. Até as cartas deles cheiram bem.

– Porque é que é a preferida dele? – Aponto para o Elian.

O Kye arqueia uma sobrancelha.

– Dá um palpite.

– De que mais se precisa na vida quando se tem amor? – pergunta a Madrid.

O Kye resfolega.

– É isso que os miúdos lhe chamam hoje em dia?

A Madrid dá-lhe com o braço e, quando o Kye se esquivava ao golpe, ela estreita os olhos.

– Isto é suposto ser a terra do romance – diz-lhe.

– O romance é para a realeza – diz o Kye no preciso instante em que o Torik atira um saco vazio para o meio do seu círculo improvisado.

Despiu a camisa e vejo que tem os braços cobertos de mosaicos de tatuagem, nem um único pedaço de pele poupado à manta de retalhos coloridos. No ombro, uma serpente espreita. Amarela, colmilhos arreganhados, silvando quando o bíceps contrai.

– E o que é o capitão, então? – pergunta ele.

– Um pirata. – O Kye atira a espada para o saco. – E todos sabemos por que razão os piratas vêm a Eidyllio.

A Madrid lança-lhe um olhar fulminante.

Ouso olhar novamente para o príncipe. O vento quente afuna as pontas do seu casaco e, quando ele recua, a ponta da sua faca chama-me a atenção. Estilhaça a tonalidade crescente do sol e, em seguida, um pequeno veio de preto rasteja no metal e apanha a luz. Bebe-a até não restar um brilho na lâmina. Mordo o canto do lábio e imagino-me a segurar algo tão poderoso.

Uma faca que absorve a vida e a luz.

A postura do Elian é rígida. Os nós dos seus dedos ficam brancos, apoiados nas ancas, e a sua cabeça inclina-se, muito ao de leve, para trás, em direção ao navio. A mim. Como se sentisse os meus pensamentos. Quando se vira, o movimento é lento e cheio de significado, e demora alguns instantes a que os seus olhos encontrem os meus no meio da tripulação. Ele olha, sem pestanejar, e precisamente quando acho que vai levantar a mão e fazer sinal para a Madrid disparar contra mim, ou para o Kye me atirar novamente para a jaula de cristal, ele sorri de orelha a orelha. O lado esquerdo da sua boca ergue-se e o gesto parece, de alguma forma, um desafio.

Depois, a expressão desaparece e o Elian vira-se para inspecionar o resto da tripulação. Quando o faz, o seu sorriso torna-se real e suficientemente largo para lhe fazer covinhas nas bochechas bronzeadas.

– Vocês conhecem a rotina – diz-lhes, subindo de novo para o convés. –

Tudo aquilo que é afiado ou mortífero para dentro dos sacos. – Olha para mim. – Achas que cabes?

Dirijo-lhe um olhar feroz e a tripulação desembainha, com relutância, as espadas dos cintos. Puxam pontas de seta dos sapatos. Revelam facas nas dobras das calças. Sacam de armas que estavam enfiadas nos cós. A dada altura, o Kye descalça a bota e atira-a para dentro. O sol reflete a luz de um punhal escondido no calcanhar, antes de ficar enterrado numa massa de armas.

Há piratas a desarmar-se à minha frente. Camada a camada, deixam cair a sua proteção, como se descartassem uma segunda pele. Quando terminam, todos eles se sacodem, levando as mãos desajeitadas às ancas ou às armas que já não estão lá.

A Madrid leva o polegar à boca e morde com força na unha, enquanto o Kye estala os nós dos dedos. Os estalos são ritmados como as ondas.

– Porque é que estão a fazer isto? – pergunto, de olho no monte de armas.

Se eu conseguir surripiar uma, poderei usá-la no príncipe se ele tentar fazer alguma coisa, mas neste vestido não tenho onde escondê-la. Suspiro de frustração, sabendo que não vou conseguir aproximar-me o suficiente com uma arma à luz do dia.

– Não há armas em Eidýllio – explica a Madrid. Puxa as últimas lâminas gêmeas de ambas as mangas.

– É lei – continua o Kye. – Não podes pisar o solo se transportares alguma, por isso emalamos as armas e levamo-las para o muro. Depois, largamos o saco com os batedores.

– Porque não deixá-las simplesmente no navio?

A Madrid olha para a sua lança descartada, horrorizada.

– Não te preocupes – sussurra para a engenhoca fatal. – Ela não estava a falar a sério.

O Kye sorri e dá um pontapé afetuosamente numa das malas.

– Não podemos arriscar deixar o nosso melhor metal no navio. Se outro bando atracar aqui, podem decidir vir vasculhar. Claro que – diz ele, lançando um olhar cheio de significado na minha direção – seria mesmo muito estúpido alguém tentar ficar de mal com o capitão do *Saad*.

O Elian dá uma palmadinha no ombro do Kye. Tem uma vagem de açúcar preto enfiada dentro da boca, com o cheiro familiar do anis.

– Mas não apostes a vida em como as pessoas não são estúpidas – diz o Elian. – É assim que se acaba com uma faca na barriga.

O Torik levanta o saco cheio de armas do chão e grunhe.

– Pronto – diz ele. – Cara ou coroa em qual de vocês quer ajudar a levá-las.

O Kye tira uma moeda de ouro do bolso. Tem uma pirâmide gravada na cara, por isso sei logo que é de Mídas. O brasão real é inconfundível.

– Cara perdes, coroa ganho eu. – O Kye atira a moeda no ar, mas ela passa pelo Torik antes de ter oportunidade de pousar. Assim que a moeda bate

nos pés do Torik, o Kye diz, por cima do ombro: – Parece que é o meu dia de sorte!

– Vou ficar com esse ouro, sua merdinhas – diz-lhe o Torik, que pega na moeda e começa a poli-la com a camisa antes de a meter no bolso.

O Elian faz um gesto à Madrid para que ajude o Torik com o saco e dá uma dentada no doce negro como o alcatrão. Quando mexe o braço que estava ao lado do corpo, vejo a faca ainda presa debaixo do casaco.

Aponto para a lâmina.

– Não segues as tuas próprias regras?

– As regras não são minhas – diz o Elian. – E, além disso – dá uma palmadinha no cabo da faca, com a troça nítida na voz –, tenho imunidade diplomática.

Na erva, em baixo, o Kye ri-se.

– É isso que agora chamamos à rainha Galina? – pergunta ele. – Talvez queiras dizer a Sua Alteza Real que o seu título mudou.

– Acho melhor não.

– Quando vais vê-la? – pergunta a Madrid, atirando a outra alça da mala da arma por cima do ombro. – Sabes que, mal lhe chegue aos ouvidos que nós atracámos, enviará guardas para te escoltarem até ao palácio.

– Ela quer sempre certificar-se de que ficamos bem instalados – diz o Elian.

A Madrid resfolega.

– Queres tu dizer que quer ficar de olho em nós.

O Elian encolhe os ombros, esquivo, e agarra a concha do mar. Tento ficar indiferente, mas a ideia de ela estar ao seu alcance deixa-me tonta de raiva. O reino marinho de Keto permanece escondido dos humanos desde a aurora dos tempos, perdido num labirinto de oceano e magia tecido pela própria deusa. O segredo do seu paradeiro é a nossa melhor linha de defesa nesta batalha em curso, e ver essa vantagem ser destruída por ele, e por minha causa, seria impensável.

Embora as conchas não funcionem com os humanos, o Elian não é como a maior parte dos seres humanos. Não há maneira de saber os estragos que ele deixaria no seu rasto caso capturasse uma sirena e a forçasse a usar o seu poder para o levar ao nosso reino. Duvido que haja limites para o seu desejo de livrar o mundo da minha raça. Os seus movimentos são imprevisíveis e, se há algo que aprendi nos últimos dias, é que o príncipe arranja sempre maneira de conseguir o que quer. Não estou preparada para o deixar em posse da chave do meu reino por tempo suficiente para que se aperceba que é isso que ela é.

O Elian leva-me do seu navio para o prado flutuante, com a mancha de terra aparentemente eterna a enrugar-se na sua testa. Nunca parece estar perfeito. Cada vislumbre dele é maculado por um estranho desalinho, perceptível até quando se encontra no meio daquela tripulação tão improvisada. Parece ser uma maneira de ele se encaixar com os ladrões e bandidos que

reuniu, de uma maneira semelhante àquela em que fui moldada na visão que a minha mãe tinha de uma verdadeira sirena. E, por isso, sei que as suas tentativas são infrutíferas. A realeza não pode ser desfeita. Os direitos à nascença não podem ser alterados. Os corações ficam para sempre marcados pela nossa verdadeira natureza.

– Quando chegarmos ao muro, podemos discutir o teu futuro – diz o Elian.

Cerro os punhos, chocada com a sua audácia e com o facto de estar a ser obrigada a tolerá-la. Nunca rainha, sempre a subordinada.

– Discutir? – repito.

– Disseste que querias vir connosco e eu quero ter a certeza de que és útil. Não podes ser apenas uma prisioneira a ocupar espaço no meu convés.

– Eu estava debaixo do convés – recordo-lhe. – Numa jaula.

– Isso foi esta manhã – diz ele, como se o facto estivesse tão longe no passado que pudesse ser esquecido. – Tenta não ficar ressentida.

O sorriso que me dirige é para lá de provocador e eu faço um esgar, não me dignando a responder. Em vez disso, passo por ele e faço questão de bater com o ombro no dele com toda a força possível. Quanto mais depressa tiver o coração dele, melhor.



A parede não é feita de luz, mas de pétalas de rosa. São de um branco puro e, quando o sol se reflete das folhas delicadas, brilham como estrelas. A princípio, é difícil perceber se fazem parte do muro ou se são o próprio muro. Pequenas aparas de flores que, de certa forma, criam uma barreira em torno da fronteira com a capital de Eidýllio. À medida que nos aproximamos, vejo a ponte levadiça de mármore sólido começar a cair, separando as flores ao meio.

Uma vez no interior da cidade, sou atingida pelo cheiro a pão adocicado e hortelã-pimenta. As barracas do mercado alinham-se nas ruas curvas de seixos, e cada pedrinha é como uma pequena onda. À entrada, um comerciante debruça-se sobre um barril de chocolate grosso e mexe-o com uma colher quase da mesma altura que ele. Os clientes lambem o mel quente dos dedos e o leite pinga nas camisas de cetim.

Quando abro a boca para suspirar, o ar carameliza na minha língua.

Nunca estive numa cidade humana e fico maravilhada com a sua abundância. Quantas pessoas. Quantas cores, quantos cheiros e sabores. A forma como as vozes se confundem em sussurros e rugidos enquanto os pés batem nos seixos. Tantos corpos a mover-se e de encontro uns aos outros. Há nisto uma loucura enervante. Como respiram, com tão pouco espaço? Como vivem, com tanto caos? A contragosto, aproximo-me do Elian. Há conforto na sua presença e no seu disfarce de desconfiança. Como se pudesse pertencer a qualquer lugar se realmente o desejasse.

Os batedores parecem reconhecê-lo. Sorriem e cumprimentam o príncipe

com vénias rápidas antes de abrir o saco de armas do Torik. Embora a faca do Elian esteja tapada pelo blusão, ela não é completamente impercetível e ele não faz nenhuma tentativa real de escondê-la.

Os batedores aproximam-se da tripulação, ainda que cautelosamente, e começam a palpar o primeiro elemento. Sentem os bolsos e passam as mãos sobre os forros da roupa, a verificar se há armas escondidas. Quando chega a vez da Madrid, ela agita as sobranceiras num gesto de gozo, e o Kye revira os olhos.

Os batedores continuam o seu trabalho pelo grupo, passando pelo Elian. Parece que ele estava certo quanto à sua dita imunidade. Ou a influência do Elian se estende muito além do seu próprio reino de Midas, ou a rainha Galina de Eidýllio tem de facto um fraquinho por piratas.

Um batedor aproxima-se de mim e gesticula para que eu estenda os braços. É mais alto do que eu pelo menos duas cabeças, com uma barba laranja irregular que lhe desce até ao pescoço. A sua pele é branca como uma espinha de peixe, uma versão menos imaculada da minha. Ou do que ela já foi, antes da maldição da minha mãe. Ainda não vi o meu novo «eu». Preferia continuar cega relativamente a como a humanidade maculou um rosto que, em tempos, afundou navios.

O batedor aproxima-se um passo e sinto o cheiro a fumo estagnado no seu uniforme.

– Toca-me e parto-te os dedos todos – digo-lhe.

Os seus olhos vagueiam pelo corpo, observando como o vestido branco enrugado se prende desajeitadamente aos meus ombros afiados. Deve decidir que eu não represento muita ameaça, porque depressa me agarra os braços e os estende como asas.

Uso o seu desrespeito a meu favor, confiante de que, mesmo sem a minha força, continuo a ser mortífera. Posso não ter as minhas barbatanas, nem sequer a minha voz, mas não deixo de ser filha da minha mãe. Sou a criatura mais assassina dos cem reinos.

Torço o braço estendido sob as mãos do batedor e puxo-lhe o pulso, depois espeto o cotovelo para cima para lhe bater naquela cara convencida. Quando me mexo, ouve-se uma pancada satisfatória, mas não é o som de ossos a estalar.

É o meu som a ser atirada ao chão.

O guarda agarrou-me o braço e atirou-me com força suficiente para que o meu cotovelo raspasse no cascalho. A dor atravessa-me a pele e sinto uma fúria como nunca. Podia tê-lo matado com uma mão se estivesse no oceano. Uma canção. No entanto, agora encolho-me, com o braço a latejar sob o meu peso. Como posso esperar derrubar um assassino de sirenas bem treinado quando não dou conta de um lamentável guarda?

O meu olhar fulmina, e o batedor leva a mão à anca, meio a puxar a espada do cinto. Os seus camaradas alcançam as pistolas. Vejo a raiva nos seus olhos, enquanto pensam em retaliação por eu ter tentado atacar um dos

seus. Mas não sacam das armas. Em vez disso, olham para o príncipe.

O Elian fita-os de volta com uma expressão de indiferença. Está sentado no balcão do posto dos batedores, uma perna içada na madeira envernizada, o joelho apoiado na dobra do tornozelo. Numa das mãos, segura uma maçã da cor rosada das flores.

– Que receção calorosa – diz ele, e salta do balcão.

O batedor limpa o nariz com as costas da mão.

– Ela tentou bater-me – diz, num rosno.

O Elian dá uma dentada na maçã.

– E também ameaçou partir-te os dedos – diz ele. – Devias agarrá-la novamente e descobrir se estava a fazer *bluff*.

– Eu estava só à procura de armas. Temos de controlar todas as pessoas que entram no reino. É a lei.

– Nem todas. – Quando o Elian leva de novo a mão à anca, vê-se um vislumbre da faca que ele parece nunca perder de vista. Se os guardas não perceberam antes, agora perceberam. E é óbvio que é exatamente isso que o Elian quer.

O batedor vacila.

– Ela pode ter uma arma escondida – argumenta, mas há menos convicção na sua voz.

– Certo. – O Elian anui. – Há tantos sítios onde pode tê-la guardado. – Vira-se para mim e estende a mão. – Dá cá aquela besta que tens debaixo da saia e soltam-te com uma estalada no pulso.

A sua voz é impassível e quando eu me limito a um olhar fulminante como resposta, o Elian volta-se para o batedor e lança os braços ao ar, como se eu estivesse a ser difícil.

– Vais ter de a atirar para as masmorras – diz o Kye, aparecendo ao lado do Elian. Não tenho a certeza se está a brincar. – Ela faz claramente parte de uma rede de contrabando de elite.

O Elian vira-se para ele e arqueja, levando uma mão ao coração.

– Deuses – diz, baixando a voz até um sussurro conspiratório. – E se ela for uma pirata?

O Kye resfolega e, passado um instante, dou-me conta de que também eu estou a sorrir.

Não me lembro da última vez que realmente ri. Tenho estado tão determinada em agradar à minha mãe que encontrar uma alegria própria parecia irrealizável. Não que isso importasse; eu podia ser o monstro perfeito e isso não mudaria nada. Se eu dececionar, sou um fracasso. Mas se me distinguir, provo o meu valor como governante, e isso é um pecado muito maior.

Penso na expressão dela quando lhe apresentar o Segundo Olho de Keto e o atirar como se fosse uma manopla.

Os batedores deixam-nos passar e, quando se afastam, a cidade abre os braços. Ninguém olha duas vezes para mim. Fundo-me na pedra, misturando-

me com todos os outros rostos do mercado. Sou completamente insignificante pela primeira vez. É simultaneamente libertador e enlouquecedor.

– Observa bem – diz o Elían. – Pode vir a ser a tua nova casa.

Tem o chapéu ao lado do corpo, pendurado no cabo da faca. A esconder a arma e, mesmo assim, a chamar atenção para ela. Quer dar nas vistas. É incapaz de passar despercebido.

Cruzo os braços sobre o peito.

– Deixavas-me mesmo aqui se achasses que não sou útil?

– Prefiro abandonar – diz ele. – Desertar. Despejar. Pôr desalmadamente de lado. – Afasta dos olhos uma madeixa de cabelo preto e grosso. – É preciso admitir que Eidýllio é melhor do que a prancha – diz ele. – Ou uma jaula.

Neste momento, acho que preferia qualquer uma dessas coisas. A sensação de ter terra debaixo dos pés é estranha e a sua firmeza puxa-me o estômago em demasiadas direções.

Anseio por sentir água nas barbatanas ou até os solavancos e o marear do *Saad*. Tudo em terra é demasiado imóvel. Demasiado permanente.

– Não tens saudades?

Não sei porque estou a perguntar isto, como se eu e o Elían tivéssemos alguma coisa em comum. Devia ir-me embora enquanto posso. Devia matá-lo enquanto posso. Esquecer a espera até ele me levar ao olho. Esquecer de tentar derrubar a minha mãe e simplesmente tirar-lhe o coração como ela exigiu, garantindo novamente o meu lugar como sua herdeira. Se eu voltar com armas humanas suficientes, de certeza que consigo enfrentá-lo.

Em vez disso, digo simplesmente:

– Do oceano.

E os olhos do Elían enrugam-se.

– Continua ali – diz ele.

– Tão longe. Andámos durante três horas.

– Nunca é muito longe. Esqueces-te de que este lugar é o delta de um rio.

O meu midês é limitado e, quando fico de olhar inexpressivo ao ouvir a referência ao delta do rio, o Kye solta um suspiro forte de uma barraca de mercado ali perto.

– Ah, vamos lá. – Lambe chocolate do dedo. – Não me digas que não estás a par de geografia centuplicada.

– Foi assim que Kardián foi feito – explica a Madrid. Agora tem o cabelo em dois rabos-de-cavalo altos e, quando fala, estende a mão para os apertar melhor. – Formou-se um delta do rio a partir de Eidýllio e uns primos da família real decidiram que mereciam ter a sua própria nação. Por isso, tomaram-no e autoproclamaram-se rei e rainha.

– É o meu tipo de gente. – O Kye ergue os punhos no ar como num brinde.

– O teu tipo de gente não é o tipo de gente de ninguém – diz a Madrid. – És único na tua idiotice.

– Conquistaste-me ao dizer que sou «único» – diz o Kye, e depois vira-se para mim: – A única coisa que separa Kardián e Eidýllio é rios e estuários. Estão em toda a parte para onde se olhe por estas bandas.

Lembro-me do comentário do Torik no *Saad* sobre Eidýllio ser o reino preferido do Elian. Na altura, não consegui perceber porquê – o príncipe bandido enamorado da terra do amor parecia, na melhor das hipóteses, estranho e, na pior, ridículo – mas agora faz-se luz.

– É por isso que gostas deste lugar – digo ao Elian. – Porque o oceano nunca está muito longe.

Ele sorri, mas precisamente quando vai responder, o Torik pousa a mão no seu ombro.

– Temos de nos pôr a andar, capitão. A Serendipidade só nos guarda os quartos por duas horas depois do nascer do Sol.

– Vai tu – diz-lhe o Elian. – Eu vou logo atrás.

O Torik faz uma vénia rápida e, quando se vira para sair, o resto da tripulação segue a sua liderança. Exceto o Kye, que fica no limiar da multidão com uma expressão insondável. Aperta a mão da Madrid, só uma vez, e depois fica a vê-la desaparecer. Quando já não está à vista, vira-se para o Elian e para mim, o rosto assumindo uma súbita gravidade.

Parece que o príncipe raramente fica sem ser vigiado.

– Devo-te uma coisa – diz o Elian. – Ou, tecnicamente, deves-me a mim, já que te salvei de te afogares. Mas não sou de ficar preso a dívidas de vida. – Há um vislumbre de sorriso nos seus lábios quando tira a minha concha do pescoço. Sou dominada por algo semelhante a esperança. Os meus dedos tremem, ao lado do corpo. – Toma – diz ele, e atira-mo.

Mal a concha escarlate toca a minha mão, o poder percorre-me. Os meus joelhos quase cedem quando sinto o regresso de uma força ímpia. Os meus ossos endurecem, a minha pele cristaliza. Por um momento, o meu coração murcha de volta ao que era. Depois, há um sussurro que lentamente se transforma em cantarolar. Ouço o chamamento do mar dos Diábolos e do reino de Keto. Consigo ouvir a minha casa.

E depois desaparece. Tal como os meus poderes.

O ímpeto desaparece tão rapidamente quanto veio. O meu corpo afrouxa e a minha pele fica quente e macia. Ossos que se partem com tanta facilidade. Coração vermelho e batendo mais uma vez.

O oceano é silencioso.

– Lira.

Ergo bruscamente os olhos para encontrar os do Elian. Ainda não consegui habituar-me ao som do meu nome no seu sotaque. É como uma das canções que eu costumava cantar. Uma melodia tão doce quanto fatal.

– Se sentes falta do oceano, então Reoma Putoder são as águas mais próximas que encontrarás – diz ele. – No dia santo, os moradores atiram pedras à cascata para pedirem pelos seus amores perdidos. O acesso é proibido durante o resto da semana, mas não duvido que consigas arranjar

maneira de contornar isso.

Faz menção de passar por mim e eu afasto-me.

– Espera – digo. – Julguei que tinhas dito que querias que eu provasse ser digna de ir contigo. Eu disse-te que tenho informações sobre o cristal que procuras e agora, de repente, nem sequer vai considerar um acordo?

– Já fiz acordos suficientes nos últimos tempos – diz o Elian. – E a última coisa de que preciso é de uma retardatária nesta missão. Especialmente em quem não posso confiar. Além disso, não me podes oferecer nada que eu não saiba já. – O Elian põe novamente o chapéu na cabeça com um gesto gracioso e inclina-o para a frente, na minha direção. – Se fores a Reoma Putoder tenta não te afogar desta vez – diz ele.

Não torna a olhar para mim antes de se virar para tecer o seu caminho através do mercado e em direção ao Kye. Tenho um vislumbre deles juntos e, depois, sem mais nem menos, desaparecem na multidão.



Demoro quase uma hora inteira a encontrar Reoma Putoder. Não peço ajuda, até porque o meu orgulho não aguenta que mais outro ser humano me salve. Principalmente, porque a minha paciência não aguenta outro ser humano a falar comigo. Já fui parada mais de uma dúzia de vezes por gente daqui a oferecer-me comida e roupas mais quentes, como se eu precisasse delas, com este calor sufocante. Há qualquer coisa no facto de uma rapariga passear sozinha, com um vestido enxovalhado e botas de pirata, que os enerva.

Aposto que arrancar-lhes o coração seria mais enervante.

Reoma Putoder é uma cascata com uma lagoa de um branco puro que, algures ao longe, derrama para o oceano. Ouvi-a antes de a ver, perdida nos becos intermináveis das padarias, o cheiro a bolos colado à pele como perfume. O som lembrava um trovão e, por uns segundos hesitantes, julguei ter a certeza de que era isso mesmo. Mas quanto mais me aproximava, mais reconhecível ficava o som. Uma água tão poderosa que me fez estremecer.

Sento-me tranquilamente na base da cascata, com as pernas penduradas na beira da lagoa. É tão quente que, de vez em quando, tenho de tirar os pés e deixá-los descansar na relva orvalhada. No fundo da água, assentes na areia que parece neve, há milhares de moedas de metal vermelhas. Espreitam do cascalho como pequenas gotas de sangue.

Passo o polegar pela concha. Colá-la ao ouvido não me traz nada além de um silêncio insuportável. Tenho tentado desde que o Elian me deixou no mercado. Na caminhada até à catarata, segurei-a desesperadamente junto ao corpo, esperando que, com o tempo, ela voltasse a falar comigo. Houve alguns momentos em que quase me enganei pensando que conseguia ouvir o eco de uma onda. O ribombar de uma borrasca. O riso borbulhante da minha mãe. Realmente, o único som era o zumbido nos meus ouvidos. Todo esse poder desapareceu. Uma provocação do meu próprio «eu» pendurado à minha frente

apenas o tempo suficiente para a sede voltar. Pergunto-me se será mais um dos truques da minha mãe. Deixar-me ficar com a concha para que me possa provocar com os ecos do meu legado destruído.

Aperto-a com mais força. Quero senti-la lascar-se na minha pele. Estalar e esboroar-se em nada. Mas, quando abro a mão, está intacta, incólume, e só resta uma moessa na palma. Com um grito, levanto o braço acima da cabeça e atiro a concha à água. Vai aterrar com um *plop* anticlimático, após o que se afunda vagarosamente. Consigo ver cada momento da sua lenta descida, até que finalmente se instala no leito de água.

Depois há um brilho. Fraco, a princípio, mas não tarda a espalhar-se em orbes e brasas. Recuo. Durante todo o tempo em que usei as conchas para comunicar com as sirenas, ou mesmo como bússola para o meu reino, raramente vi isto. Grita como se pudesse sentir o meu desespero, entrando nas águas para procurar outra da minha espécie. Em vez de um mapa, está a agir como farol.

E depois, quase imediatamente, a Kahlia aparece. O cabelo loiro da minha prima desliza na água, caindo sobre o seu rosto de modo que os seus olhos não encontram os meus.

Ponho-me em pé de um salto.

– Kahlia – digo, com espanto. – Estás aqui.

Ela anui e estende a mão. Pousada nos seus dedos compridos e espinhosos, está a minha concha. Atira-a para a relva aos meus pés.

– Ouvi o teu chamamento – diz ela baixinho. – Já tens o coração do príncipe?

Franzo o sobrolho por ela manter a cabeça baixa.

– O que se passa? – pergunto. – Agora não podes olhar para mim?

Como a Kahlia não fizesse nada além de abanar a cabeça, sinto uma pontada. Em tempos, admirou-me tão intensamente que levou a minha mãe a odiá-la. Durante toda a minha vida, a Kahlia foi a única pessoa no nosso reino de quem pensei gostar e agora nem me pode olhar nos olhos.

– Não é isso – diz a Kahlia, como se pressentisse os meus pensamentos.

Levanta a cabeça e tem um sorriso ténue nos lábios rosados e finos enquanto mexe, de forma nada habitual, no corpete de algas que lhe envolve o peito. Regista a minha forma humana e, em vez de se mostrar assustada ou enojada, parece apenas curiosa. Inclina a cabeça de lado. O seu olho amarelo-leite é largo e brilhante. Mas o outro, aquele que combina tão perfeitamente com o meu, está fechado e tem um hematoma.

Ranjo os dentes, osso contra osso.

– O que aconteceu?

– Tinha de haver um castigo – diz ela.

– Um castigo porquê?

– Por te ajudar a matar o príncipe de Adékaros.

Dou um passo em frente, indignada, com os pés a balançar à beira da lagoa.

– Eu recebi esse castigo.

– O grosso dele – diz a Kahlia. – Razão pela qual continuo viva.

Sinto um arrepio pelo corpo. Eu devia saber que a minha mãe não ficaria saciada com a punição de uma sirena quando podia punir duas. Porquê fazer-me sofrer sozinha? É uma lição que me ensinou tantas vezes. Primeiro com a Crestell e agora com a filha dela.

– A Rainha do Mar é tão *piedosa* – digo.

A Kahlia oferece-me um sorriso manso.

– O príncipe ainda tem o seu coração? – pergunta. – Se o trouxeres, isto vai acabar. Podes voltar para casa.

A esperança desesperada na sua voz faz-me vacilar. Está com medo de voltar para o mar dos Diábolos sem mim, porque se eu não estiver lá, ninguém a irá proteger da minha mãe.

– Quando nos conhecemos, eu estava muito fraca, de quase me afogar, para conseguir matá-lo.

A Kahlia rasga um sorriso de orelha a orelha.

– Como é ele? – pergunta. – Comparado com os outros?

Pondero contar-lhe da bússola do Elian, que discerne a verdade, e da faca que traz consigo que é afiada como o seu olhar e bebe o sangue que derramar. De como ele cheira a pescadores e sal do oceano. Em vez disso, digo outra coisa completamente diferente. Algo que ela vai achar muito mais divertido.

– Trancou-me numa jaula.

A Kahlia solta uma gargalhada.

– Isso não soa muito principesco – diz ela. – Não é suposto a realeza humana ser hospitaleira?

– Ele tem coisas mais importantes com que se preocupar, creio.

– Como por exemplo? – A sua voz é ansiosa, enquanto limpa um cordão de algas marinhas do braço.

– Caçar lendas – explico.

A Kahlia lança-me um olhar provocador.

– Não eras uma dessas?

Ergo as sobrancelhas face a esta tacada, satisfeita por ver uma certa fásca voltar ao seu rosto.

– Ele anda à procura do Segundo Olho de Keto – digo.

A Kahlia avança a nadar e atira os braços para a relva húmida aos meus pés.

– Lira – diz ela. – Estás a planejar alguma coisa perversa, não estás? Vou ter de adivinhar?

– Isso depende inteiramente de até que ponto gostas de fazer de subordinada da tua adorada tia.

– A Rainha do Mar não pode esperar devoção quando apregoa o seu contrário – diz a Kahlia, e eu sei que ela está a pensar na Crestell. A mãe que deu a vida por ela num ato de devoção de que a sua própria mãe só conseguiu

troçar.

Não me surpreende que a Kahlia anseie por se virar contra a Rainha do Mar. A única coisa que alguma vez me surpreendeu foi a sua contínua aliança a mim. Mesmo depois do que fiz. Em certo sentido, a morte da Crestell uniunos, em vez de nos separar. Não posso deixar de me sentir ufana com a expressão de astúcia nos olhos da Kahlia. Esperada ou não, a demonstração de lealdade é muito satisfatória.

– Se o príncipe me levar ao Olho, o poder que este detém há de pôr-me à altura da Rainha do Mar. – Sustento o olhar da minha prima. – Posso impedi-la de ter a ousadia de tocar de novo em qualquer uma de nós.

– E se falhares? – pergunta a Kahlia. – O que será de nós?

– Eu não vou falhar – digo-lhe. – A única coisa que eu preciso de fazer é partilhar suficientes segredos nossos para fazer com que o príncipe confie em mim e me receba a bordo.

A Kahlia não parece convencida.

– Agora estás fraca – diz ela. – Se o príncipe descobrir quem és, pode matar-te, como matou a Maeve.

– Tu sabes isso? – pergunto, embora eu não devesse ficar chocada. A Rainha do Mar consegue sentir a morte de todas as sirenas e agora que ela mantém a Kahlia tão perto de si na minha ausência, sem dúvida que a minha prima teria estado lá quando ela a sentiu.

A Kahlia anui.

– A Rainha do Mar descartou a situação, como se não fosse nada.

A hipocrisia impressiona-me. A minha mãe mostrou mais emoção quando matei uma vil sereia do que quando uma da nossa própria espécie foi abatida no convés de um navio pirata. As nossas mortes não passam de um pequeno aborrecimento para ela. Pergunto-me se a verdadeira razão pela qual ela quer matar os humanos não é tanto para o bem da nossa espécie, mas para poder deixar de experimentar a inconveniência da nossa morte. Somos sacrificáveis nesta guerra. Cada uma de nós tão facilmente substituída. Até eu.

Talvez especialmente eu.

– Isso vai mudar em breve – digo. Estendo a mão e pouso-a no braço da Kahlia, a minha palma uma estranha manta de calor no gelo da sua pele. – Vou apanhar o Olho e em consequência, o trono da Rainha do Mar.

No palácio, é sempre difícil dizer quem está no seu juízo perfeito.

Estou sozinho no átrio a apertar o meu colete preto. Tenho uma aparência principesca, que é precisamente como odeio estar e como a rainha Galina me quer sempre. O sol de Eidýllio há muito desapareceu e, com ele, o céu esborratado de tinta foi obscurecido para tons de azul-escuro. Dentro do palácio, as paredes são de um vermelho suave, mas à luz de tantos lustres quase parecem laranja. Como sangue dissolvido em água.

Tento não levar a mão à arma.

A loucura move-se a uma velocidade desumana aqui e nem eu sou rápido o suficiente para a parar. Sinto-me inquieto aqui, sem a minha tripulação ao meu lado, mas trazê-los seria quebrar um pacto entre as famílias reais do mundo. Deixá-los entrar num segredo que nunca deveria ser conhecido, especialmente por piratas. Portanto, em vez de trazer a minha tripulação, menti-lhes. Atualmente, minto a toda a gente. Sussurro histórias à minha irmã de como a vida de um pirata é mundana. Pisco o olho quando falo à minha tripulação da rainha Galina e de como gosta de me ter todo para si.

Só o Kye sabe o contrário, que é o único aspeto favorável de se ser filho de um diplomata. Estar ciente dos segredos reais – ou conhecer os poderes dos líderes mundiais para usar quando é conveniente – é algo em que o pai do Kye é especialista. E o Kye, que geralmente faz questão de ser um paradoxo para a sua linhagem elevada, manteve essa característica. É a única coisa que herdou do pai.

– Tens a certeza de que não me queres lá? – perguntou ele a caminho da Serendipidade.

Olhei de relance para trás, para ver se a Lira ainda estava no centro da praça do mercado, mas a azáfama era grande e fomos tão rápidos e ela mostrou-se demasiado elusiva para continuar proeminente na multidão.

– Preciso que a rainha Galina confie em mim – disse eu. – E estares lá não vai ajudar.

– Porquê?

– Porque ninguém confia nos diplomatas.

O Kye anuiu, como se se tratasse de um argumento válido e enfiou as mãos nos bolsos.

– Mesmo assim – disse ele. – Seria bom teres um apoio, para o caso de a Galina não gostar do teu plano para manipular o seu reino.

– A confiança que depositas em mim é comovente.

– Não é nada contra o teu charme – disse ele. – Mas achas mesmo que ela vai avançar com isso?

– Tudo o que acabaste de dizer vai precisamente contra o meu charme. – Dou com o meu ombro no dele. – Seja como for, vale a pena tentar. Se houver alguma esperança de que a Rainha Galina me possa ajudar a evitar uma aliança matrimonial com alguém inteiramente capaz de me matar durante o sono, então vou aceitar.

– Dizes isso como se a Galina não fosse completamente capaz de te matar quando estás acordado.

Ele tinha um bom argumento, claro. O Kye sempre teve o hábito dos bons argumentos, especialmente no que toca a mulheres perigosas. Ainda assim, deixei-o para trás com os outros, porque, por mais agradável que fosse ter um apoio, nunca a Galina deixaria entrar um pirata no seu palácio.

Baixo os olhos para a minha camisa para verificar se tenho os botões abotoados, pelo sim pelo não (há certos pecados que não serão tolerados), e endireito-me um pouco mais. Penteio o cabelo para trás com a mão. Já sinto falta do chapéu e das botas e de tudo o mais que mantém o *Saad* comigo mesmo quando está atracado.

Mas a Galina odeia mesmo piratas.

Confia mais em mim quando vê o príncipe de ouro do que o capitão do mar. Embora haja muitas coisas que eu nunca vá entender sobre ela, essa não é uma delas. Eu mal confio em mim próprio quando tenho o chapéu posto.

– Ela está à sua espera.

Um guarda sai das sombras. Está coberto da cabeça aos pés com uma armadura vermelha, sem uma única tira de pele à mostra. Os seus olhos flutuam sem rumo num mar de tecido vermelho. É assim para a maior parte dos guardas e funcionários do palácio. Sem nenhuma hipótese de serem tocados diretamente.

Olho para ele com cautela.

– Estava à tua espera – digo-lhe. – A porta parece demasiado pesada para que eu a abra sozinho.

Não sei dizer se a sua expressão é risonha ou fulminante, mas decididamente não pestaneja. Depois de me considerar por um mero segundo, avança e leva a mão à porta.

O quarto está diferente. Não apenas do resto do palácio, mas de como estava da última vez que estive aqui. As paredes de mármore tornaram-se carvão e são grossas, com cinzas obsoletas e o cheiro a queimado. O teto

estende-se a alturas infinitas, nervurado por grandes vigas de madeira, e a cor desapareceu de toda a parte, exceto do chão. É a única coisa vermelha, polida e a brilhar.

E no canto mais distante, num trono em forma de coração sangrando, a rainha de Eidýllio sorri.

– Olá, Elian.

O guarda fecha a porta e a rainha Galina faz-me sinal com a mão para avançar. O seu cabelo negro desliza pela cintura e até ao chão em cachos apertados. Está entrançado com pétalas de rosa que dela caem como penas minúsculas. A sua pele castanho-escuro funde-se no vestido de cetim que começa no queixo e termina muito depois dos dedos dos pés.

Estende a mão para a minha, os dedos abertos como uma teia de aranha.

Estudo-a por um instante e depois ergo uma sobrancelha, porque ela não se devia deixar enganar. Ou, pelo menos, estar ciente de que eu não me deixo enganar.

A lenda de Eidýllio diz que qualquer pessoa que toque num membro da família real encontrará instantaneamente a sua alma gémea. O segredo de Eidýllio, que só as famílias reais dos cem reinos – e a família do Kye, aparentemente – conhecem, é um pouco diferente. Porque o dom, passado através das mulheres da família, não ajuda os homens a encontrar o amor, mas a perder completamente a vontade. Dominados pela devoção e luxúria intermináveis até se tornarem marionetas desmioladas.

Sento-me no sofá fofo em frente aos tronos e a Galina deixa cair a mão com um sorriso de orelha a orelha. Reclina-se e estica as pernas sobre os ladrilhos.

– Vieste fazer uma visita – diz a Galina. – O que deve querer dizer que queres alguma coisa.

– O prazer da tua companhia.

A Galina ri-se.

– Nenhum dos dois tem uma companhia prazenteira.

– O prazer da tua companhia e um acordo benéfico para ambos.

A Galina senta-se um pouco mais direita.

– Um acordo ou um favor? Prefiro favores – diz ela. – Sobretudo quando colocam príncipes em dívida para comigo.

O rosto da Sakura passa-me pela cabeça e penso no acordo que fiz com ela. O meu reino, em troca do fim da praga das sirenas.

– Já estou endividado com a realeza quanto baste – digo.

– Desmancha-prazeres – provoca a Galina. – Não vou pedir muito. Apenas uma ou duas regiões. Talvez um beijo.

Normalmente, entretenho-me com este jogo de gato e rato por um pouco mais de tempo. Deixo que brinque comigo através de ameaças finamente veladas, como se alguma vez ousasse fazer de mim um dos seus brinquedos. Num dia normal, fingiríamos. Eu, de medo de que ela me tocasse. E a Galina, de ser corajosa o suficiente para considerar fazê-lo. Mas a verdade é que,

apesar de todos os seus defeitos (e, da última vez que contei, eram muitos), a Galina tem pouco prazer nas suas habilidades. Até fez com que o rei se virasse contra ela quando se cansou de proteger o seu segredo num casamento que não oferecia intimidade.

A Galina não lhe deu a mão nem se aproximou o bastante para que a pele de ambos se tocasse, nem partilhou o leito com ele na noite de núpcias nem em qualquer outra noite que se seguiu. Dormiam em extremidades distantes do palácio, em alas separadas, com criados separados, e comiam da mesma forma: em pontas opostas de uma mesa grande o suficiente para sentar vinte. Era uma informação que não devíamos saber, mas quando o rei bebia, vocalizava muito tais assuntos.

Ao contrário dos seus antecessores, a Galina não tem vontade de forçar o amor para assegurar herdeiros. Ela não queria que o marido perdesse lentamente a cabeça de devoção e, portanto, em vez disso, perdeu-a de ganância. Ele queria mais do que ela poderia oferecer – o reino dela, se ele fosse capaz – e isso resultou num golpe mais sangrento do que a maior parte das guerras.

Desde a traição dele, ela parece ter escolhido uma vida de ainda maior solidão. Não haverá segundo marido, disse ela às outras famílias governantes. Não tenho interesse em ser traída novamente ou em passar a minha maldição a algum filho. E assim, em vez disso, ela acolhe alas de Orfaná, que abriga todas as crianças indesejadas do mundo.

Não dar continuidade à sua linhagem já é mau o suficiente, mas optar por governar sozinha deixou o seu país a sofrer. Com o Kardiá a ganhar poder, a Galina precisa de alguém ao seu lado para fazer as coisas que o seu dom a impede de fazer, como criar laços com as pessoas e oferecer o calor que ficou demasiado assustada para dar. E eu preciso de alguém que me possa tirar do meu acordo com a Sakura.

Encaminho-me do trono e estendo um pedaço de pergaminho.

Desta vez, estou ansioso demais para fazer de conta. A relutância da Galina em casar-se novamente diz-me tudo o que preciso de saber e, numa reviravolta fortuita do destino, apresenta uma solução bastante interessante para um dos meus muitos problemas. Muito raramente o carma me oferece tais favores.

A Galina pega no pergaminho e passa os olhos pelo papel, primeiro com uma careta confusa e depois com um sorriso intrigado. É exatamente o tipo de reação que eu tinha esperança de conseguir.

– Príncipe Elian – diz ela. – Onde foste buscar uma coisa destas?

Dou um passo em frente, o mais perto que posso chegar sem arriscar a minha sanidade mental.

– Ao lugar onde podes obter tudo o que sempre desejeaste.



As coisas estavam a correr bem. Ou melhor, eles tinham-se tramado e eu estava cada vez mais perto de suavizar tudo. A Galina fazia-se de recatada, mas havia uma sede inegável nos seus olhos, que me dava esperança. *Mutuamente benéfico*, refletiu, citando as minhas palavras para mim.

O seu apoio significaria uma coisa a menos em que pensar nesta missão impossível. E com a Lira finalmente fora do meu navio, também fiquei com uma pessoa a menos com que me preocupar em confiar. Tudo isto num dia útil.

Esforço-me para tirar da cabeça o rosto da Lira enquanto ando pelas ruas dispersas de Eidýllion. Quando devolvi a concha, ela tinha um olhar estranho. Como se eu fosse idiota e maravilhoso ao mesmo tempo. Como se eu fosse um tolo e ela estivesse contente com isso.

Inspiro mais demoradamente e levo as palmas das mãos aos olhos, tentando esquecer o sono. Quando ela me disse que a Rainha do Mar se vingou da sua família, pareceu-me sincera quanto bastasse e a bússola, embora instável, apontou na mesma para o norte. Ainda assim, não consigo sacudir a sensação de que algo não está bem. De que independentemente das verdades que ela possa dar, há mentiras escondidas.

Passeio pela rua do mercado, agora deserto, que está cheia de migalhas de bolos. A noite é quente e doce, mesmo com a lua a cobrir o céu. As estrelas aqui são mais límpidas do que na maior parte dos reinos e é uma luta para mim continuar a andar. Não ficar espedaçado a olhar para elas. Não me deitar nas pedrinhas a pensar nas suas histórias, como faço a bordo do *Saad*.

Dirijo-me para a Serendipidade. Ficamos lá sempre que atracamos em Eidýllio, porque é pousada e taberna, e há poucas coisas que não podem ser resolvidas com sono e rum. Enquanto caminho até lá, uma sinfonia de passos segue atrás de mim. Abrando o ritmo e entro num beco ali perto, pontilhando por bancos abandonados de comerciantes. O espaço é estreito, e uma linha de estrelas paira como lampiões.

Encosto-me ao muro, sentindo os tijolos quentes nas costas. Os passos tornam-se incertos, inquiridores. Dá-se um pequeno momento de trepidação, quando o mundo se cala e tudo o que ouço é o suave arquejo do vento. Então, os passos seguem-me até ao beco.

Não espero que o meu atacante dê o golpe. Saio da escuridão, com a mão sobre a faca. Pronto para estripar quem fosse estúpido o suficiente para tentar atacar o capitão do *Saad*.

Está uma rapariga de pé, meio nas sombras, cabelo ruivo escuro colado às bochechas. Quando me vê, prende as mãos às ancas, exasperada. Os seus olhos inundam-me como veneno.

– Porque te escondes? – pergunta a Lira. – Eu estava a tentar seguir-te.

Solto um fôlego demorado e embainho a faca.

– Tenho a certeza de que já me livrei de ti.

A Lira encolhe os ombros, sem se ofender, e eu penso no que seria preciso para a irritar. Ela descarta todo e qualquer comentário como se não a

irritasse minimamente. Como se tivesse coisas muito melhores a fazer do que preocupar-se com o que eu ou algum membro da minha tripulação pensa.

Põe-se a observar-me.

– Porque é que, de repente, pareces um príncipe? – pergunta.

– Eu sou um príncipe – digo, e faço menção de passar por ela.

A Lira caminha a passos largos comigo.

– Normalmente, não.

– Como sabes o que é normal?

O rosto da Lira continua inexpressivo e, mais uma vez, não consigo ter nenhum tipo de impacto. Depois ela revira os olhos, como se estivesse a fazer uma cedência. *Pronto, eu faço-me de irritada. Só para lhe fazer o gosto, Vossa Alteza.*

– Tens razão – diz-me a Lira.

Puxa o tecido do seu vestido. É uma coisa velha e maltrapilha que a Madrid encontrou enfiada num baú por baixo do convés. Um passageiro clandestino de um saque a um navio pirata. Tenho quase a certeza de que foi bonito em tempos, assim como tenho quase a certeza de que o temos usado para limpar a lança da Madrid no último ano. Foi o melhor que pude arranjar em cima da hora, a não ser que a Lira quisesse vestir-se como pirata, o que eu duvido.

Ainda assim, olhando agora para ela, o homem decente que há em mim sente-se um pouco envergonhado.

A Lira para de andar para segurar as pontas do vestido com as duas mãos e depois baixa-se até ao chão numa vénia sardónica. Eu também paro e lanço-lhe um olhar fulminante, de que ela faz pouco, com a coisa mais parecida com uma gargalhada que já lhe ouvi.

– A rainha Galina não é grande fã de piratas – digo-lhe, enquanto me viro e recomeço a andar.

A Lira segue-me.

– Não é que eu goste de me vestir assim.

Puxo o colarinho, que de repente parece apertado no meu pescoço. Faz-se silêncio e a Lira para prontamente de andar. Viro-me para enfrentá-la, com uma expressão interrogativa no olhar, mas ela limita-se a fitar-me.

– Aqui – diz ela, e faz menção de agarrar a minha faca.

Recuo e agarro-lhe o pulso antes que ela tenha hipótese. A Lira lança-me um olhar depreciativo, como se eu fosse ainda mais idiota do que ela pensava. Sinto-lhe o pulso sob o polegar, depois ela afasta-se devagar do meu toque.

Leva novamente a mão à faca, à experiência, e desta vez deixo-a. Percebo que está a gostar de que eu seja cauteloso, como se fosse o maior elogio que eu lhe podia dar. Quando a mão dela toca na faca, sinto uma faísca no peito, como uma engrenagem a soltar-se de uma máquina. Sempre tive uma ligação a ela que tenho dificuldade em explicar. Quando a Lira lhe toca, sinto uma súbita frieza passar da lâmina para os meus ossos. Observo-a com os olhos fixos, sem arriscar pestanejar. Ela hesita, com a lâmina nas mãos,

como se considerasse todas as possibilidades que lhe poderia trazer. Depois inspira e corta rapidamente uma linha na manga da minha camisa.

A lâmina raspa-me a pele mas, miraculosamente, não faz sangue.

Arranco-lhe a faca.

– O que julgas que estás a fazer? – pergunto, examinando o rasgão debaixo do meu ombro.

– Agora pareces um pirata – diz ela, e continua a andar.

Incrédulo, dou uma corridinha para a apanhar. Estou prestes a dizer-lhe que vai ter de pagar por aquilo, ou com moeda (que eu duvido que ela tenha), ou com a vida, mas ela vira-se para mim e diz:

– Eu vi o Reoma Putoder.

– Pediste um desejo?

– Se calhar, roubei antes um.

Diz isto com um sorriso mordaz, mas à medida que a frase se esvai, estende a mão para brincar com a concha que lhe devolvi. Parece brilhar de forma não natural no seu pescoço. Toca-lhe, contemplativa, e reconheço o gesto. É algo que já fiz mil e uma vezes com o anel com o brasão da minha família. Sempre que penso nas pessoas que deixei para trás, ou nos fardos de um reino que nunca me sentirei pronto para governar. Se a história da Lira for verdadeira, o colar provavelmente pertencia à sirena que matou a sua família. Um talismã para lhe recordar a vingança que ela deve levar a cabo.

– Continuo a querer ir contigo – diz a Lira.

Debato-me para continuar a andar com passos largos e regulares. A Serendipidade aparece à frente, outro edifício numa fileira de casas de peças de xadrez. É três andares mais alto do que os outros, feito de tijolo cor de laranja e com uma tabuleta pendurada de uma silhueta do Deus do Amor. Do lado de fora, um grupo de mulheres fuma charutos em longos bancos de carvalho, com grandes jarros de vinho quente aos pés.

Paramos à porta e ergo uma sobrancelha.

– Para vingares a tua família?

– Para parar, de uma vez por todas, com esta guerra.

– Estamos em guerra? – Alcanço a porta. – Que dramático.

A Lira agarra-me a manga rasgada.

– Isto tem de acabar – diz ela.

Estremeço com o contacto, resistindo à vontade de pegar na faca. Nunca há momento nenhum em que não tenha de estar alerta.

Rodo os ombros para trás, soltando-me da Lira e mantenho a voz baixa.

– Não continues a cometer o erro de pensar que me podes tocar – digo-lhe. – Sou o príncipe herdeiro de Midas e capitão do navio mais mortífero do mundo. Se voltares a fazer isso, umas noites na jaula irão parecer uma dádiva de Deus.

– A Rainha do Mar tirou-me tudo – diz a Lira, cuspidando as palavras e ignorando a ameaça. Há um vinco fundo no centro da sua testa e, quando abana a cabeça, é como se estivesse a tentar sacudi-lo. – Não imaginas a dor

que ela causou. O Cristal de Keto é a única maneira de corrigir isso.

Diz esta última parte com um silvo. A maneira crua e arranhada como a sua voz ataca o midê, como se as palavras não bastassem para transmitir o que ela está a sentir, deixa-me perplexo. Há tanto dentro dela que não consegue pôr cá fora. Pensamentos e sentimentos que nunca há maneiras suficientes de mostrar.

Engulo em seco e tento recompor-me.

– Disseste saber coisas que mais ninguém sabe. Como por exemplo?

– Como o ritual que tem de se realizar para libertar o Cristal de Keto do seu esconderijo – diz ela. – Aposto a minha vida em como não fazes a mínima ideia.

Não deixo que a surpresa assente no meu rosto. Nem a Sakura sabia sobre o ritual que temos de realizar e o cristal está escondido no seu reino. Quais são as probabilidades de um elemento clandestino no meu navio ter a última peça do meu *puzzle*? É impossível eu ter essa sorte.

– Tens o hábito de usar a tua vida como garantia – digo.

– Isso significa que aceitas o acordo? – pergunta a Lira.

Eu seria um tolo para confiar numa desconhecida que afirma conhecer o único segredo que desconheço. Não sobrevivi este tempo todo a pôr a vida nas mãos dos meus ex-prisioneiros. Mas não o aceitar faria de mim mais tolo ainda. A Lira sabe falar *psáriin*. Tem experiência na caça de sirenas. E se eu a deixar ficar para trás e depois nem conseguir libertar o cristal, quando o tiver? E se percorrer todo o caminho para depois me afogar na onda final? O ritual é a única parte da minha demanda para a qual não faço ideia nenhuma, a não ser improvisar, e agora a Lira oferece um plano seu numa bandeja de ouro.

Se o Kye aqui estivesse, diria para eu nem pensar numa coisa dessas. *Bons ventos a levem*, disse ele quando deixámos a Lira nas ruas de Eidýllio, na certeza de que nenhum de nós a tornaria a ver. *Já tenho muito de que te proteger, não preciso de acrescentar damas fatais à lista*. E não se enganou. O Kye tinha jurado proteger-me, não só ao meu pai, cujo dinheiro aceitou mais por divertimento do que para selar um acordo, mas a mim. E o Kye nunca tomou essa empreitada de ânimo leve. Mas eu também tenho uma tarefa, uma missão, e sem a ajuda da Lira, podia deixar o mundo aberto aos males da Rainha do Mar e da sua raça para sempre.

– Então? – pressiona a Lira. – Vais aceitar o acordo?

– Já te disse que não faço acordos – digo. – Mas talvez aceite a tua palavra, em vez disso.

Abro a porta da Serendipidade e a Lira avança à minha frente. Sou atingido pelo cheiro familiar do metal e da raiz de gengibre e passam-me milhares de memórias pela cabeça, cada uma mais maliciosa do que a outra. Apesar de todas as ideias que um nome pode dar, a Serendipidade não diz nada da sua verdadeira natureza. Trata-se de um covil para jogadores e para os tipos de homens e mulheres que nunca veem a luz do dia. Aderem ao luar, longe das cores ornamentadas da cidade. São sombras, com dedos tornados

pegajosos pelas dívidas e pelo vinho tão forte que pode fazer uma pessoa cair morta com um único jarro.

Parte da minha tripulação está na grande mesa redonda ao fundo e eu sorrio. Quando saí para visitar a rainha Galina e fazer um acordo para o meu futuro, uma estranha onda de náusea subiu-me pelo estômago. Era como o enjoo de mar, se alguma vez o tive. Enjoo de terra, talvez. Estar separado deles, especialmente para uma tarefa tão importante, deixou-me esgotado. Ao vê-los agora, fico revitalizado.

– Só para que saibas – digo à Lira –, se estiveres a mentir, posso matar-te.

A Lira ergue a ponta do queixo, os olhos desafiadores e demasiado azuis para que eu consiga vê-la bem. No início, não sei bem se ela vai responder com alguma coisa, mas depois passa a língua pelos lábios e eu sei que é saborear a doçura de qualquer insulto que está prestes a lançar.

– Talvez, mas eu posso matar-te primeiro – diz ela, e a luz geme na sua pele.

O nevoeiro acumula-se junto da janela aberta, como uma espiral de fumo de charuto. Com ele vem o cheiro do amanhecer, quando o céu de lábios rosados mal se aninha atrás da linha do oceano. Aqui o tempo perde-se, de uma maneira que não se pode dizer que aconteça em nenhum outro lugar do reino, ou do mundo. A Serendipidade existe no seu próprio reino, com pessoas que nunca poderiam pertencer verdadeiramente a nenhum outro lugar. Trata de negócios e destina-se apenas aos comerciantes que nunca poderiam montar bancas para os seus produtos.

O Torik começa a assobiar baixinho quando dá outra mão. Os seus dedos deslizam sobre as cartas, lisas como manteiga, fazendo-as deslizar na mesa até montes perfeitos, ao lado de pilhas de moedas vermelhas. Quando termina, a Madrid passa os dedos pelo seu baralho com olhar inexpressivo, como se as cartas em si não importassem, apenas o que ela faz com elas. A Madrid é muito boa a adaptar-se e nunca se satisfaz a jogar as cartas que lhe calharam. Gostava de lhe dizer que lhe ensinei isso, mas há tantas coisas que a Madrid foi obrigada a aprender antes de escolher o *Saad*. Quando se é levado por um navio de escravos de Kléfes, depressa se aprende que, para sobreviver, uma pessoa não se pode curvar ao mundo; tem de fazer com que o mundo se curve para si.

Infelizmente para a Madrid, denuncia-a o facto de não ter nada que a denuncie. Nunca está disposta a terminar como começa, e embora isso signifique que eu não consigo adivinhar a mão que tem, como consigo fazer com a maior parte das pessoas, saber que ela não se vai acomodar torna mais fácil adivinhar o que ela vai fazer a seguir.

A Lira observa-nos de forma predatória, com os olhos disparando de cada vez que uma mão se move ou uma moeda cai do cimo de uma pilha. Dou-me conta de que vê as mesmas coisas que eu; sempre que alguém coça a cara ou engole com um pouco mais de força. Umas gotinhas minúsculas de suor e lábios contraídos. A entoação quando pedem outro jarro de vinho. Ela

repara em tudo. Não só isso, como toma notas. Arquiva os tiques e os sinais que denunciavam, por qualquer motivo. Mantém-nos seguros, talvez, para usar novamente.

Quando o Kye passa uma fileira de moedas vermelhas para o centro da mesa, observo a Lira. Ela aperta os lábios um pouco para a direita e, embora não consiga ver as cartas dele (não há maneira possível de o fazer), conhece a sua mão. E sabe que ele está a fazer *bluff*.

A Lira apanha o meu olhar e, quando me vê a fitar, o seu sorriso esmorece. Fico zangado comigo mesmo por isso. Parece que nunca sou suficientemente rápido quando se trata de assistir a estes momentos durante tempo suficiente para os dissecar e ver como ela funciona. Porque o faz. Que ângulo está a trabalhar.

Empurro as minhas moedas para o centro da mesa.

– Está tudo muito silencioso – diz a Madrid.

Pega no decantador de vinho que está na mesa e enche um pouco mais o copo, até que o tinto sai por fora. Se a Madrid é boa atiradora, é ainda melhor bebedora. Em todos os nossos anos juntos, nunca a vi perder o equilíbrio depois de uma noite passada a beber.

A Madrid sorve o vinho cuidadosamente, a saborear a colheita de uma maneira que nenhum de nós pensaria sequer fazer. Faz-me lembrar as aulas de degustação de vinhos que o meu pai me obrigou a frequentar como parte da minha formação real. Porque nada é tão característico do rei de Midas como distinguir um bom vinho de algo destilado numa taberna de beco.

– Canta a «Praia das Marés» – sugere o Torik secamente. – Talvez abafe a luz do sol.

– Se formos a votos, serve a «Cantiga do Rum».

– Tu não votas – diz a Madrid ao Kye, levantando depois uma sobrancelha para mim. – Cap?

Encolho os ombros.

– Canta o que quiseres. Nada vai abafar o som da minha vitória.

A Madrid põe a língua de fora.

– Lira? – pergunta. – O que é que se canta na tua terra?

Por alguma razão, a Lira acha isso divertido.

– Nada que tu gostasses.

A Madrid acena como se fosse mais um facto do que um insulto.

– «A Sirena Lá em Baixo» – diz ela, olhando para o Kye com um sorriso relutante. – Tem rum.

– Então está bem para mim.

A Madrid atira-se para trás na cadeira. A sua voz sai num refrão alto, as palavras retorcidas e a cair no seu *kléftês* nativo. Há alguma coisa extravagante na sua maneira de cantar e, quer seja a melodia, quer seja o sorriso cativante desenhado no rosto do Kye enquanto ela berra a melodia, não posso deixar de bater com os dedos no joelho ao ritmo da sua voz.

À volta da mesa, a tripulação segue-a. Cantam e murmuram as partes

de que não se lembram, rugindo a cada menção ao rum. As suas vozes dançam umas nas outras, colidindo desajeitadamente ao longo dos versos. Cada um deles canta na língua do seu reino, o que traz um pedaço da sua terra a esta tripulação disforme, lembrando-me de um tempo, tão longínquo, em que não estávamos juntos. Em que éramos mais desconhecidos do que família, sem pertencer a lugar nenhum para onde viajávamos e sem ter os meios para ir a algum lugar a que pudéssemos pertencer.

Depois de terem cantado três refrões, quase espero que a Lira se junte com uma versão em *polemistés*, mas ela continua de boca fechada e curiosa. Mira-os com um pequeno nó no sobrolho, como se não compreendesse bem o ritual.

Inclino-me para ela e mantenho a voz num sussurro.

– Quando é que vais cantar alguma coisa?

Ela empurra-me.

– Não te aproximes demais – diz ela. – Cheiras pessimamente.

– A quê?

– A pescadores – diz ela. – Àquele óleo que eles põem nas mãos e àqueles doces estúpidos que mascam.

– Alcaçuz – digo-lhe, com um sorriso de orelha a orelha. – E não respondeste à minha pergunta. Alguma vez nos vai agraciar com a tua voz?

– Acredita que nada me agradaria mais.

Acomodo-me na cadeira e abro os braços.

– Quando estiveres pronta.

– Estou pronta para que me contes tudo o que sabes sobre o Cristal de Keto.

Volta sempre a isto. Estamos em Eidýllio há dois dias e a Lira tem sido incansável nas suas perguntas. Sempre a querer respostas sem nunca revelar nenhuma. Claro que alguém tem de ser o primeiro. E admito que me cansei de esperar que fosse ela.

– A única coisa que sei é que está em Págos – digo-lhe, desconfiado dos olhares fulminantes que o Kye me lança. Se dependesse dele, a única maneira de a Lira vir a bordo do *Saad* seria de volta à jaula.

– Está no cume da Montanha das Nuvens – explico. – Num palácio de gelo sagrado.

– Tens uma grande capacidade de disfarçar o saber muito com saber pouco.

– E tu tens uma grande capacidade de disfarçar o não saber nada com o saber tudo – digo-lhe. – Ainda não me falaste do ritual.

– Se eu te contar, não adianta de nada manteres-me por perto. E eu não vou revelar a maior vantagem que tenho, para depois me poderes abandonar aqui.

Tem razão. O melhor hábito que tenho é o de conservar apenas o que tem uso para mim. E a Lira é, definitivamente, algo que posso usar. Mesmo achando que isso me faz parecer pirata demais para o meu próprio bem, e

imagino a crua desilusão do meu pai por eu ter passado a ver as pessoas como um meio para chegar a um fim. Fichas de troca que uso como moeda. Mas a Lira está na posição única de saber o que é e de estar mais do que feliz em alinhar se isso lhe der aquilo que quer.

– Então, diz-me outra coisa. – Troco uma carta do baralho. – O que sabes sobre o cristal?

– Para começar – diz ela, corrigindo –, não é um cristal, é um olho. O olho de rubi da grande deusa do mar, tirado às sereias para que a sua nova rainha e as suas antecessoras nunca fossem capazes de manter o poder que a Keto teve.

– Diz-me alguma coisa que eu não saiba.

– Está bem – diz, como se fosse um desafio que eu lancei. – O tridente da Rainha do Mar é feito dos ossos de Keto e o Segundo Olho de Keto é o que lhe dá poder. Quando a deusa foi morta, a sua filha mais leal estava por perto. Não conseguiu evitar a morte de Keto, mas conseguiu roubar um dos seus olhos antes que os humanos pudessem levar os dois. Com isso e com os poucos pedaços de Keto que sobraram, forjou o tridente e tornou-se a primeira Rainha do Mar. Esse tridente foi transmitido de geração em geração, para a filha mais velha de cada Rainha do Mar. Usam-no para controlar o oceano e todas as suas criaturas. Desde que a rainha o tenha, todos os monstros marinhos lhe pertencem. E se ela encontrar o outro olho, vai usá-lo para escravizar os humanos da mesma maneira.

– Que história emocionante. – O Kye mira o seu baralho. – Inventaste isso aqui mesmo?

– Não sou uma contadora de histórias – diz a Lira.

– Só uma mentirosa descarada, então?

Pressiono as têmporas com os dedos.

– Basta, Kye.

– Vai bastar quando a deixarmos aqui abandonada, como planeámos.

– Os planos mudam – diz a Lira.

– Vamos deixar uma coisa bem clara – diz-lhe o Kye. – Se achas que só porque manipulaste o teu caminho até esta missão isso significa que fazes parte da nossa tripulação, estás muito enganada. E enquanto estiveres no *Saad*, não hás de dar passo nenhum que eu não esteja a ver. Especialmente, se for perto do Elian. Portanto, basta dares um passo em falso e acabas outra vez na jaula.

– Kye – aviso.

Lira aperta o canto da mesa, com ar de quem está prestes a descontrolar-se.

– Estás a ameaçar-me agora? – pergunta ela.

– Ninguém está a ameaçar ninguém – digo.

O Kye atira o baralho para a mesa.

– Na verdade, era exatamente isso que eu estava a fazer.

– Bem, ótimo – digo-lhe. – Agora que a informaste de que foste

contratado para me proteger, talvez te possas calar por cinco segundos para que eu lhe possa fazer uma pergunta. – Viro-me para o novo membro da minha tripulação, ignorando a irritação no rosto do Kye.

– Como assim, escravizar os humanos da mesma maneira? – pergunto.

A Lira larga a mesa e desvia os olhos pétreos do Kye.

– As sirenas não são uma espécie livre – diz ela.

– Estás a tentar dizer-me que são incompreendidas? Não, espera, deixa-me adivinhar: na verdade, elas adoram os humanos e querem ser um de nós, mas a Rainha do Mar controla-as mentalmente?

A Lira nem pestaneja perante o meu sarcasmo.

– Mais vale ser um guerreiro leal do que um preso traiçoeiro – diz ela.

– Então, quando eu matar a Rainha do Mar, elas podem caçar-me de sua livre e espontânea vontade – digo. – Isso é fantástico.

– Como é que vais subir a Montanhas das Nuvens de Págos para conseguir o Olho? – pergunta a Lira.

– Vamos – corrijo-a. – Querias participar, lembras-te?

Ela suspira.

– Reza a lenda que só a família real de Págos pode escalá-la. – Olha-me com ceticismo. – Podes ser da realeza, mas não de Págos.

– Obrigado por reparares.

Empurro mais moedas vermelhas para o centro da mesa e o Torik atira as mãos ao alto.

– Raios vos partam a todos – diz, desarmado, entregando as cartas numa declaração dramática. – Fiquem com as minhas.

Rasgo um sorriso de orelha a orelha e deslizo duas cartas suas no meu jogo, uma que quero e outra que quero que pensem que quero. Divido o resto entre o Kye e a Madrid, que não hesitam em disparar olhares depreciativos por lhes ter dado cabo do jogo.

– Tenho um mapa – digo à Lira.

– Um mapa – repete.

– Há uma rota secreta até às montanhas que vai poupar semanas de caminho. Até há pontos de descanso com tecnologia para construir fogueiras rápidas, para combater o frio. Não deve ser problema.

A Lira anui, lenta e calculista, como se tentasse montar um *puzzle* que não lhe dei.

– Como conseguiste o mapa? – pergunta.

– Com o meu charme.

– Não, a sério.

– Eu sou mesmo muito charmoso – digo. – Até convenci este bando a sacrificar a vida por mim.

– Não foi por ti. – A Madrid não levanta os olhos do seu jogo. – Foi para praticar ao alvo.

– E eu pela emoção das experiências de quase-morte – diz o Kye.

– E eu para ter mais jantares de peixe. – O Torik estica os braços num

bocejo. – Sabe Deus que não temos peixe suficiente nos outros dias do ano.

Viro-me para a Lira.

– Viste?

– Muito bem, príncipe encantado – diz ela. – Seja o que for, tenho a certeza de que acabará por se voltar contra ti. Prefiro apreciar a coisa nesse momento do que a ouvir agora.

– Sempre cínica.

– Sempre pirata – responde ela.

– Dizes isso como se fosse um insulto.

– Deves partir do princípio – diz ela – de que tudo o que te digo é um insulto. Um dia o mundo vai ficar sem sorte para te dar.

Ela cruza os braços sobre o peito e eu estampo no rosto o meu sorriso mais arrogante, como se estivesse a desafiar o mundo, e com ele o destino, para que me alcance. Embora saiba que o fará um dia, não posso deixar mais ninguém ver isso. Ou as coisas se encaixam, ou desmoronam, mas, seja como for, tenho de manter as aparências.

O rosto da Kahlia assombra-me. Vejo-a à beira de Reoma Putoder, com a cabeça baixa enquanto tentava esconder os ferimentos. Envergonhada por eu ver o sofrimento que a minha mãe lhe infligiu na minha ausência. Consigo sentir-lhe o gosto, como uma doença na minha boca. A angústia da Kahlia permanece ao fundo da minha garganta, como no dia em que segurei o coração da Crestell na minha mão.

Ando de um lado para o outro no convés, a ver a tripulação instalar-se nas suas rotinas. Riem-se enquanto perscrutam a água e jogam às cartas enquanto carregam as armas. Parecem todos tão em paz, sem ânsias de casa veladas nos seus olhos. É como se não se importassem de serem arrancados repetidamente dos seus reinos, ao passo que eu sinto mais saudades do meu a cada dia que passa. Como podem tomar uma casa nómada com esta facilidade?

– Pensas demais – diz a Madrid, acomodando-se ao meu lado.

– É para compensar as pessoas deste navio que não pensam nada.

A Madrid enfia o braço numa teia de corda e balança-se até à borda do navio. Fica aí a balouçar os pés, enquanto o *Saad* avança a deslizar.

– Se estás a falar do Kye, concordamos nesse ponto – diz ela.

– Não gostas dele? – Pressiono as palmas das mãos na borda do navio. – Vocês não andam juntos?

– Andar? – A Madrid fica boquiaberta. – Somos o quê, miúdos? Nós somos companheiros – diz ela. – Há uma grande diferença, sabes.

A verdade é que não sei. No que toca a relacionamentos, não sei muito. No meu reino, não há tempo para conhecer alguém ou formar um vínculo. Os humanos falam de fazer amor, mas as sirenas são regimentadas. Fazemos amor da mesma maneira que fazemos guerra.

No oceano, só há sereios. A maior parte serve de guarda à minha mãe, protegendo o reino marinho de Keto. São os guerreiros mais fortes de todos nós. Criaturas cruéis e mortíferas, mais vis do que as sereias, suas

equivalentes. Mais brutais do que eu.

Ao contrário das sirenas, os sereios não têm ligação com a humanidade. As sirenas parecem seres humanos e, portanto, há uma parte de nós que está ligada a eles. Ou, talvez, eles se pareçam connosco. Nascemos metade do mar e metade deles, e às vezes pergunto-me se será daí que vem de facto o nosso ódio. Os sereios não têm esse problema. São mais gerados pelo oceano do que qualquer uma de nós, feitos das misturas mais fatais de peixes, com caudas de tubarões e monstros marinhos. Não têm desejo de interagir com a terra, mesmo para fins de guerra. Eles existem, sempre, debaixo do mar, onde são ou soldados da guarda, solitários e disciplinados, ou criaturas desenfreadas e selvagens que vivem nos arredores do oceano.

Sob a ordem da Rainha do Mar, são estas as criaturas com quem acasalamos. Antes de eu ser atirada para esta maldição, fui prometida ao Manja-Carne. Os sereios não têm tempo para nomes e outros disparates e, portanto, chamamos-lhes o que são: Espectro, Pelador, Manja-Carne. Enquanto as sereias são inteiramente peixes, que põem ovos para serem fertilizados fora dos seus corpos, as sirenas não têm a mesma sorte. Temos de copular. E é a brutalidade e a selvajaria dos sereios que fazem deles uma combinação digna de criar mais membros da nossa raça assassina. Pelo menos, é o que diz a minha mãe.

– Ainda bem que o capitão concordou em deixar-te ficar – diz a Madrid.

Afasto os pensamentos de casa e olho para ela, inquiridora.

– Porque é que isso te deixa contente?

– Temos de começar a ultrapassá-los em número.

– A quem?

– Aos homens – diz ela. – Desde que reduzimos a tripulação, tem havido demasiada testosterona a bordo.

– Parece mais seguro ter uma tripulação completa para esta missão.

Ela encolhe os ombros.

– O capitão não queria arriscar.

– Ou não confia neles.

A Madrid iça-se de volta para o convés do navio, as botas tipo fada a pisar o grão da madeira.

– Ele confia em todos nós.

Há algo defensivo na sua voz e os seus olhos estreitam-se muito ao de leve.

– Estás aborrecida? – pergunto, levantando uma sobrancelha. Os seres humanos são tão sensíveis.

– Não – diz a Madrid. – Só que não devias dizer coisas dessas. Alguém pode ouvir-te.

– Tipo quem?

– O Kye.

– Por ele e o Elian serem bons amigos?

– Somos todos bons amigos. – A Madrid lança as mãos ao ar. – Para de

fazer isso.

– Não estou a fazer nada.

– Estás a tentar intrometer-te.

Parece uma coisa tão tola de ser acusada no grande esquema das coisas. Estou a conspirar para roubar o meu direito de berço, trair a minha mãe e, em seguida, arrancar o coração do Elian para que nenhum ser humano possa ser uma ameaça digna de nós. No entanto, por alguma razão, a Madrid acha que os meus comentários sobre as suas amizades são problemáticos. Será que terão uma palavra para o que serei quando os trair?

– Do que estás a falar? – pergunta o Kye, saindo da cabine.

Olha para mim com um misto de desconfiança e curiosidade. É uma mudança drástica da relação despreocupada que tem com todos os outros a bordo do *Saad*. Se há alguém neste navio que não consegui convencer da minha utilidade, esse alguém é o – pseudo guarda-costas do Elian. Eu podia transmitir todas as informações que tenho sobre a Rainha do Mar (podia até dizer-lhe onde fica o mar dos Diábolos) e o Kye continuaria a achar que não valia a pena ficar comigo. As suas ameaças anteriores, em Eidýllio, passam na minha mente. Ele olha para mim como se estivesse só à espera de um deslize meu, que revelasse um certo número de coisas que ele poderia usar. Seja neste navio ou no oceano da minha mãe, parece que não há um momento em que eu não tenha de provar alguma coisa, ou de me preocupar que qualquer coisa que faça possa levar à minha queda.

– Parece que sou uma intrometida – digo ao Kye.

A Madrid resfolega.

– Pelo menos estás aberta a críticas.

– Ótimo – diz o Kye. – Tenho para dar e vender.

– Por falar em coisas para dar e vender. – A Madrid olha para o meu vestido com uma careta. – Não queres mudar de roupa em breve? Não podes, honestamente, querer ficar presa a essa coisa durante o resto da viagem.

– Não é uma viagem – diz o Kye. – É uma demanda sagrada para salvar o mundo e destruir a Rainha do Mar e não devíamos levar retardatários connosco.

A Madrid anui.

– Claro – diz ela. – Mas também não devíamos estar a fazer a Lira usar o trapo que uso para limpar o chão.

Passo o dedo pela bainha do vestido branco. Está a desfiar ao fundo, com os fios a saírem do tecido como pele. O material já não é bem branco, mas mais de um cinzento suave, espesso com o carvão de fumo e sujidade cuja origem não quero imaginar.

– Ela pode mudar de roupa – diz o Kye entre dentes. Os seus olhos descem, em cascata, pelo vestido amarrotado, até às pontas andrajosas do meu cabelo ruivo. – Mas se estavas a planear alguma coisa, começa por lhe dar um duche – diz ele.

– Um duche – repito.

Ele suspira.

– Água morna e sabão. Deduzo que tenham isso lá no sítio de onde vens, não?

A Madrid puxa as mangas da camisa até aos cotovelos, revelando relógios de sol e poesia pintados em cada centímetro de pele. As tatuagens nas mãos e no rosto são bastante simples, mas não há dúvida quanto às que lhe circundam os braços, passam pelos cotovelos e, provavelmente, lhe serpenteiam também os ombros. A marca dos piratas de Kléftes. Assassinos de profissão. Embora eu tenha partido do princípio de que ela era de Kléftes, nunca sonhei que o Elian escolheria uma assassina para fazer parte da sua tripulação. Para um homem que nega estar em guerra, certamente escolhe bem os seus soldados.

A Madrid dá-me uma cotovelada e baixa a voz.

– A água não é morna – diz ela. – Mas o Kye não estava a mentir quanto ao sabonete.

– É melhor que saltar para o mar – argumenta o Kye. – A menos que queiras que eu faça uma prancha nova.

– Não – digo. – Deixamos isso para a próxima vez que me ameaçares.

Ele faz uma careta.

– Se o capitão não estivesse a ver, mandava-te mesmo borda fora.

Reviro os olhos e olho para o convés superior, onde o Torik vai ao leme do navio. O Elian está encostado ao corrimão, ao lado do seu imediato. O mesmo corrimão a que fui amarrada. Tem o chapéu para baixo, sobre as sombras dos olhos, postura solta e casual. O pé esquerdo está enganchado atrás do direito e tem os braços cruzados ao peito, mas até eu reconheço a diferença entre parecer e estar de facto relaxado. É a marca de um verdadeiro assassino, nunca mostrar a chama interior.

Ele observa-nos com olhos de falcão, olhando de vez em quando para o Torik para continuar a sua conversa. Acima de tudo, fala comigo com os olhos. Não se coíbe de me examinar, porque claramente quer que eu saiba que todos os meus movimentos estão a ser vigiados. Eu não sou confiável e o Elian não quer que eu me esqueça disso. É uma estratégia inteligente, embora um pouco irritante, mas quanto mais me observa e vê que não estou a fazer nada, mais complacente se torna. E acabará por se esquecer de olhar. Acabará por confiar em mim o suficiente para achar que já não precisa de o fazer.

– Ele não se importa que eu consiga vê-lo – digo.

– O navio é dele – diz o Kye.

– Não sou convidada?

– Não és prisioneira.

Não me passa despercebida a desilusão presente na sua voz.

Por alguma razão, isso faz-me rir.

– Ele vai ficar entediado de me observar o tempo todo.

A Madrid franze a testa, formando rugas sobre as tatuagens.

– O capitão não se entedia – diz ela. – Não lhe está no sangue.

Faço uma inspiração fria e demorada e olho de volta para a água.

– Qual é o nosso próximo destino?

– Psémata – diz o Kye.

– A terra da inverdade.

– Algo com que estás familiarizada? – pergunta ele, e a Madrid bate-lhe no ombro.

– Na verdade, a minha mãe obrigou-me a estudar a maior parte dos reinos – respondo com sinceridade. – Achou que me seria útil conhecer a minha... – detenho-me, antes que a palavra presa me saia pelos lábios – ... a minha história.

– O que aprendeste? – pergunta o Kye.

Lanço um olhar rápido, por cima do ombro, para o Elian, que se reclina mais no corrimão, tocando com os cotovelos na madeira.

– Quanto baste.

– E quantas línguas falas?

Olho para o Kye com atenção, ciente de que isto começa a parecer um interrogatório.

– Não muitas.

Nunca houve motivo para eu aprender mais do que midês e alguns outros dialetos persistentes, comuns em todos os reinos. A minha própria língua, apesar de todas as suas arestas irregulares, era mais do que suficiente. Realmente, eu podia ter optado por não falar midês de todo. Há muitas sirenas que não aprendem a língua, embora seja tão usada no mundo humano. As nossas canções roubam corações independentemente da língua em que são cantadas.

Ainda assim, agora sinto-me com sorte por saber essas coisas. Se eu não soubesse, o príncipe ter-me-ia me matado assim que abri a boca. Um ser humano que só sabe falar *psáriin* não é propriamente o melhor disfarce.

– O capitão fala quinze línguas – diz a Madrid com admiração.

– Não te esqueças de limpar a baba do ombro. – O Kye aponta para o braço dela. – Aqui.

A Madrid enxota-lhe a mão.

– Eu queria dizer que é impressionante, porque eu só sei falar duas.

– Certo – diz ele. – Pois claro.

– Porque é que alguém quer saber quinze línguas quando a maior parte do mundo fala midês? – pergunto.

– Não deixes que o Cap te ouça dizer isso – avisa a Madrid. – Ele é todo a favor da preservação da cultura. – Diz esta última frase a revirar os olhos, como se não houvesse nada de que ela gostasse mais do que ver a sua própria cultura definhando em chamas. – Estudou em Glóssa, mas no final percebeu que ninguém pode dominar todas as línguas, exceto um membro da respetiva realeza.

– A Lira não precisa de uma história de fundo da vida do capitão – diz o Kye com cautela. – Quando podia estar a experimentar alguma coisa que não

cheirasse a lubrificador de armas.

A Madrid sorri.

– Certo – diz ela, e estala os dedos para mim. – Apetece-te uma coisa um bocadinho mais ousada?

– Mais ousada?

Hesito, e o começo de um sorriso aflora as feições guerreiras da Madrid.

– Não entres em pânico – diz ela. – Quero dizer apenas muito menos donzela e muito mais bucaneiro.

Anuo devagar. Pouco me importa aquilo com que ela me veste, desde que me aqueça os ossos frágeis, porque agora o frio entra-me com o peso de uma centena de sirenas.

Atrevo-me a olhar novamente para o Elian. O chapéu protege-lhe os olhos do sol do meio-dia, mas continuo a senti-los postos em mim, observadores. À espera. Que eu tenha um deslize e revele as minhas verdadeiras intenções ou, porventura, que faça alguma coisa para conquistar a sua lealdade. Ele que olhe. Se a Madrid levar a sua avante, da próxima vez que ele me vir, serei tão pirata como ele.

Só me dou conta do meu desassossego quando a Lira emerge do convés do castelo da proa vestida com tudo menos uma perna de pau.

A tripulação cantarola algo suave e inusitado, enquanto o Kye fala animadamente com o Torik sobre as dívidas antigas custarem a morrer. No entanto, faz-se silêncio quando a vemos.

A Lira tem o cabelo puxado para um lado em grandes madeixas, com cordão trançado atravessando seções estranhas. Usa umas grandes argolas de ouro nas orelhas, que lhe esticam os lóbulos. Mesmo do tombadilho, vejo o sangue seco à volta das argolas. Tem um par de calças azul-petróleo vestidas e um blusão ornamentado para combinar, com botões ovais torcidos. Os ombros são um floreio de borlas de ouro, e os punhos de uma camisa branca saem dos pulsos. Tem cotoveleiras cosidas à pressa com linha preta.

A Lira põe a mão na anca e tenta fingir que não se sente constrangida, mas é a primeira coisa verdadeira que vejo no seu rosto, desde que nos conhecemos. Pode parecer pirata, mas tem um longo caminho a percorrer até poder passar por um.

– Só podes estar a brincar – diz o Kye. – Eu disse à Madrid para lhe dar um duche, não para a vestir de princesa pirata.

– És simpático por achar que parece uma princesa – digo. – Não me vou esquecer de lho dizer mais tarde.

– Estou a falar a sério – diz-me o Kye, como se eu não pudesse ter percebido por mim. – Primeiro ela entra sorrateira neste navio e agora até está a tentar parecer um de nós? É como se quisesse que esquecêssemos que ela é uma estranha, para lhe virarmos costas.

– Estás a ver muita conspiração numa camisa e num par de botas novo.

– Não sejas ingénuo – diz o Kye. – Tu sabes que não deves confiar em estranhos.

Faço um meio sorriso, rangendo os dentes. Aconselhar-me a ser cauteloso é uma coisa, mas pregar-me um sermão no convés do meu próprio

navio como se eu fosse uma criança é outra completamente diferente. Ingénuo. A palavra é familiar demais para não me irritar.

– Pareces o meu pai a falar – digo. – Se eu quiser um sermão, peço.

– Estou a tentar dar-te uns conselhos.

– Estás a tentar prever o meu comportamento, e já não é a primeira vez.

– Suspiro, sentindo o cansaço começar a imiscuir-se, aquele normalmente reservado para as minhas viagens a Midas. – Não sou um novato a zarpar pela primeira vez – digo-lhe. – Sou o capitão deste navio e gostava que parasses de me tratar como um príncipezinho inexperiente que precisa de ser aconselhado.

Os ombros do Kye ficam rígidos, mas sinto-me demasiado frustrado para me preocupar com a maneira como o seu rosto se fecha numa calma praticada. Neste navio, não é suposto eu ser um membro da realeza de Midas, com uma legião de guarda-costas e conselheiros. É suposto ser um maldito pirata.

É em momentos destes que me lembro do acordo que o meu pai lhe ofereceu: ficar ao meu lado como guardião e não como amigo, protegendo-me do mundo que estou ansioso por explorar. Mesmo que o Kye negue que é por isso que aqui está, tê-lo a duvidar das minhas decisões e a questionar os meus movimentos só me faz pensar no meu pai e na sua corte. Lembra-me que o Kye é filho de um diplomata, acostumado a lidar com a realeza. E eu não passo de mais um príncipe, a tirar as aventuras do organismo antes de me tornar rei.

Escorrego pela escada até ao convés principal. A Lira tem um coldre preso à coxa, acima das dobras das botas até ao joelho. Do cinto de tecido vermelho que lhe cinge a cintura, há também uma bainha dourada, com tamanho suficiente para uma espada. Felizmente, a Madrid não lhe deu as armas correspondentes.

– Quase passas despercebida entre nós – digo.

A Lira franze o nariz.

– Isso não é um elogio.

Tiro o chapéu e encaminho-me da minha espada, que está encostada à escada. É um sabre que começa com um dourado forte e esmorece até ao preto acinzentado. O cabo é um punho elaborado com um mapa de Midas à volta no metal e a lâmina propriamente dita curva muito ao de leve na ponta, para o golpe mais fatal.

Aponto a arma para a Madrid e digo:

– Empréstas alguma coisa à Lira.

Peço à Madrid, porque ela é mais apegada à sua lança do que a qualquer outra coisa. E porque sei que o resto da tripulação hesitaria em atender ao pedido. Tentar separar um pirata da sua espada é impensável.

– Elian.

A voz do Kye faz-me fazer uma pausa. É um aviso para não fazer nenhuma estupidez ou imprudência, especialmente se for apenas para tentar provar alguma coisa.

– Madrid – digo, gesticulando para a sua espada curta de pirata.

Ela entrega-a sem pausa, evitando deliberadamente olhar na direção do Kye. Está ansiosa para ver o que vai acontecer, assim como o resto da minha tripulação. Sinto os seus olhares à nossa volta, ouço o silêncio quando as vozes esmorecem e param de cantar para verem a cena.

– Não sabia que sabes sorrir – digo enquanto a Lira estuda a sua nova lâmina.

– Vais ensinar-me a lutar.

Não é uma pergunta, tal como não é um pedido. Está a exigí-lo, como se eu não tivesse feito a oferta e fosse o seu charme feminino dela a desencadear isto tudo.

Como se ela tivesse algum charme.

Não tenho o hábito de ensinar os meus truques a desconhecidos, mas para a Lira sobreviver entre a minha tripulação, vai precisar de saber como usar uma arma branca. Vê-la lutar com o guarda em Eidýllio foi embaraçoso quanto baste e eu preciso dela para ser capaz de derrubar a Rainha do Mar. A Lira não vai oferecer nenhum dos seus segredos (nem os pormenores íntimos do ritual nem quaisquer outras subtilidades) até chegarmos ao pico da montanha. O que significa que eu preciso dela viva e capaz de se defender se eu não estiver por perto. Especialmente quando chegarmos ao nosso próximo destino. Se a Lira acha que a minha tripulação é brutalhada, vai ficar em choque quando conhecer os xaprár.

– Vou ensinar-te a sobreviver – corrijo. – A primeira lição é: não fiques assim.

Gesticulo para os seus pés, que estão juntos, os joelhos direitos como pregos. Se a Lira estava realmente a dizer a verdade sobre a sua família, esperava que ela soubesse mais. Os guerreiros de Polemistés mais não são do que mercenários natos. Mas a verdade é que ela disse que a família morreu quando era pequena, o que pode querer dizer que ela era muito jovem para ter sido devidamente treinada.

Ajusto a minha posição e a Lira abre a postura, para ir ao encontro dela. É como um espelho, erguendo até o braço para imitar a curva do meu cotovelo.

– Se eu te vencer, o que eu ganho? – questiona.

– A capacidade de te defenderes.

O seu sorriso é letal.

– E se eu te matar?

– A falsa confiança não é amiga de ninguém – instruo, num eco imaculado da voz do meu pai.

E depois ataco.

A Lira investe com a espada num arco elevado, bloqueando o meu primeiro golpe. Ela é rápida, mas incerta. Os seus pés são desajeitados e, quando se afasta, os joelhos batem um no outro. Parece que não está habituada a andar, muito menos a movimentar os pés para um duelo. Volto a balançar, mais lento e suave do que antes. As nossas espadas batem uma na

outra.

Afasto-me com um rodopio e trago a espada acima da cabeça, dando à Lira uma abertura para atacar. Ela não hesita. A sua lâmina desce sobre a minha, dura. Se não vai ganhar por habilidade, vai fazê-lo com força bruta. Não importa que eu esteja a tentar ensinar-lhe alguma coisa. Só quer aprender a vencer.

Agacho-me e passo o pé debaixo dos dela, mas salta no último minuto e eu falho.

– Essa foi boa – digo. – Como sabias que eu ia fazer isso?

– És extremamente previsível.

Reviro os olhos.

– Então, para de te retrair. Quando eu ataco, a tua tarefa é deixar-me na defensiva. Muda sempre de posição, de modo que seja o teu adversário a ter de fugir.

– As guerras não se ganham a fugir – diz ela.

– Não se ganha uma guerra – digo-lhe. – É o outro que perde.

A espada da Lira vacila e as suas feições severas são perpassadas por uma expressão confusa. Como se esperasse outro tipo de resposta do príncipe assassino de sirenas. Como ela não fala, aponto-lhe a minha espada, pouco à vontade com o silêncio persistente.

– Ataca-me – digo.

Investe com força suficiente para as nossas espadas chocarem uma na outra. O barulho faz ricochete muito depois de eu me afastar. A Lira ataca de novo, repetidamente, e sem outro propósito a não ser fazer mal. É o erro desorientado de todos os novatos. Atacar sem outro objetivo que não a morte.

– Tens de ter um propósito – digo-lhe, bloqueando outra tentativa sua.

A respiração da Lira é rápida e pesada.

– O que significa isso?

– Tens de decidir o que queres. O que vai causar mais danos e como alcançá-lo. É preciso pensar antes de atacar.

Pressiono com o meu avanço e a Lira recua, depois dirige-se a mim. Os seus pés batem e dançam no convés. Não é propriamente graciosa, mas está melhor. No mínimo, aprende depressa.

Baixo o braço para o dela, desta vez com mais força. Um pouco mais a cada golpe, até ver que os braços dela começam a vacilar. Quando julgo que a espada dela vai cair, ela gira para o lado e levanta o cotovelo esquerdo. Bloqueio-o mesmo a tempo, antes de ficar com o nariz em estilhaços. Ela está a adaptar-se, usando tudo o que tem para ganhar. Seria admirável se não fosse tão matreira.

Empurro a Lira e ela cai ao chão com um grunhido. Vira-se e fica de costas, com os cotovelos enterrados na madeira do convés, e deixa escapar uma expiração demorada.

– O cavalheirismo não é o teu ponto forte – diz ela.

– Não me vou esquecer disso da próxima vez que estiveres a afogar-te.

– Eu não me estava a afogar. – A Lira levanta-se do chão. – Não me posso afogar.

– Não – digo. – Não sabes nadar.

Ela faz uma expressão furiosa e, depois, levanta a espada, gesticulando para que eu faça o mesmo. Acedo com todo o gosto. Parece que, afinal, a consigo irritar.

A Lira espeta a lâmina para a frente, apontando para o meu coração. Salto para fora do caminho e bato com o cabo da minha espada no estômago dela. Tropeça para trás, mas tem os dentes cerrados. Não há nenhum grito ou sinal de dor, além do brilhinho diabólico nos seus olhos. Penso em parar, mas não tenho hipótese, porque ela surge contra mim mais uma vez.

Lança o seu peso no golpe seguinte e eu debato-me para levantar a espada com rapidez suficiente. É inesperado e eu demoro um instante longo demais a processá-lo, dando à Lira a abertura perfeita.

O seu punho embate na minha face.

A dor é intensa, mas passageira, e a Lira pestaneja, surpreendida consigo mesma. Estou menos chocado com ela, por ter aproveitado a abertura, do que comigo, por lha ter proporcionado. Dou um pontapé e mando a espada da Lira a voar pelo convés. Ela tenta copiar o gesto, alinhando o pé diretamente com o meu coração. Mas não consegue manter o equilíbrio e, assim que o tornozelo está no ar, agarro-o e torço-o. Ela rodopia e estatela-se em cima da anca.

Dou um passo em sua direção. Tem as palmas das mãos estampadas no convés, mas quando me vê aproximar-me, levanta bruscamente a cabeça e estica a perna. Sinto os pés a fugirem debaixo do corpo, mas seguro-me antes de me estatelar ao seu lado.

Dou um passo atrás e a Lira põe-se novamente em pé de um salto. Olhamos um para o outro como caçador e presa e eu ergo uma sobrancelha, desafiando-a vir na minha direção. A Lira faz um sorriso endiabrado em resposta e pega na arma caída.

Continuamos assim, de espadas arqueadas pelo ar, a respiração entrecortada. Não tarda a haver sol ao longe, ou talvez até luar. Tudo está mudo e quando a Lira bate com a espada na minha mais uma vez, deixo cair tudo. A minha missão, o meu reino. O mundo. Eles existem em algum outro lugar que não neste momento, e agora só há isso. Eu, o meu navio e uma rapariga com o oceano nos olhos.

Cantarolo em sintonia com o oceano, uma mão agarrada à bainha vazia na cintura e a outra fechada na borda do *Saad*. A noite cobre o céu com estrelas semeadas como as linhas irregulares do meu blusão.

Há uma nova terra algures ao nosso alcance, o próximo ponto planeado na demanda do Elían, e a tripulação dorme tranquilamente lá em baixo, enquanto navegamos em direção a ela. Acima de onde estou, o leme do navio permanece firme, contraindo-se tão ao de leve para conduzir o *Saad*. Mesmo sem um pirata acordado no comando, o poderoso navio do Elían navega sabiamente ao longo da rota escolhida.

Aperto o meu blusão sobre o peito enquanto o vento ganha velocidade e acelero o canto para acertar com o ritmo. É uma sensação estranha poder cantar e ninguém sofrer uma consequência por isso. Usar a minha voz de forma completamente oposta à pretendida, sem morte nem tristeza na sua esteira. Deixando para trás apenas uma melodia.

Sinto-me em paz.

Há algo na rotina fácil do *Saad* que acalma as partes horríveis que se mantêm verdadeiras dentro do meu coração. As noites são passadas a interiorizar a insólita serenidade do oceano, longe da ira da minha mãe, e a tripulação – mesmo o Kye, que não tem medo nenhum de não ser nada acolhedor – oferece um consolo ímpar. A afinidade fácil que partilham lembra-me de casa. Da Kahliá. Olham para o Elían da mesma maneira que a minha prima olha para mim: com uma devoção que não é oferecida em cega fidelidade, mas antes que é conquistada através de algo muito mais profundo. Confiança. Amizade. Talvez até amor. No mínimo, posso fingir não ser filha da minha mãe. Posso viver como se nunca tivesse matado ninguém e passar as horas do dia sem me preocupar que tudo o que faço possa ser usado contra mim.

Quase consigo ver porque é que o Elían optou por abdicar do seu direito inato a favor de tal vida nómada. Embora eu planeie voltar para o mar dos

Diábolos e tomar o lugar de minha mãe, não posso negar o apelo de uma vida passada longe do peso dos reinos. Decerto não é a pior ideia que o príncipe já teve. Provavelmente. Pelo menos sabe o que quer.

A voz de minha mãe regressa à minha cabeça, ordenando-me que desista da esperança de tentar derrubá-la e que tome simplesmente o coração do Elian antes que seja tarde demais. Se eu falhar na obtenção do segundo olho de Keto, não só morrerei, como morrerei traidora do oceano. Mas qual é a alternativa? Fazer a vénia e rezar para que um dia ela me dê o trono, enquanto vejo a Kahlia tremer na sua presença? Se eu seguir as ordens da minha mãe, estarei a condenar a Kahlia e o resto do oceano ao seu governo. Mas se não as seguir, se me atrever a prosseguir com o meu plano, arrisco-me a provar que sou de facto defeituosa.

Agarro o navio com mais força, inalando o sal que há no ar.

Se ao menos a minha demanda fosse tão simples como a do Elian, singularmente focado em ser o salvador da humanidade. Pode parecer uma grande missão, mas não lhe exige propriamente que traia tudo aquilo que conhece. Se for bem-sucedido, a sua mãe poderá orgulhar-se dele. Se eu for bem-sucedida, a minha morre.

Pensar no Elian faz a noite parecer mais fria. Eu sei que, seja qual for o plano que eu siga, vai conduzir à sua morte. Ou tento matá-lo agora, ou espero para o matar depois, mas não há caminho que eu tenha traçado para mim que não termine com o fim da vida dele.

Toda a ação vai trair. Toda a escolha vai chacinar. Apesar do que diz a minha mãe, parece que sou exatamente o monstro que ela queria.

No preciso instante em que penso nisso, uma melodia suave desliza pelo ar. Uma canção de embalar distante, longe demais para a discernir, mas familiar, mesmo assim. Embala e seduz. De tal modo que preciso de uns instantes para me dar conta de que o navio está a tremer. É como se o oceano ouvisse a traição dos meus pensamentos e enviasse uma força poderosa para colidir de lado com o *Saad*. Lanço-me para a frente e as minhas mãos batem na borda do casco do navio.

Mal me detenho de me lançar borda fora. Reprimo um grito e olho para o oceano tão pacífico lá em baixo. Não se vê uma onda, nem a lenta bolha de espuma que vem depois de uma vaga tão poderosa. Mas há uma sombra.

Pestanejo.

Permanece na escuridão, meio engolida pela água e firmemente agarrada ao *Saad*. Aperto os olhos, inclinando-me mais sobre a borda para ver melhor.

Da escuridão, ergue-se uma garra esquelética.

A sombra dirige-se atabalhoadamente a mim, subindo de lado o *Saad* com uma velocidade nefasta. Salto para trás a tempo de a criatura pular para o convés e agitar as velas.

O seu corpo é cruzado por ondas como cicatrizes, salpicado por manchas cinzentas que se infiltram na sua pele. Cada barbatana está separada em lâminas e o seu tronco grande tem gravadas dobras intermináveis, conduzindo

a braços que terminam em garras negras. Meio tubarão, meio algo muito mais demoníaco.

O Manja-Carne.

Caio de joelhos e o monstro da minha mãe ruge. Vem a derrapar até mim e estende o braço, com a palma da mão viscosa a percorrer-me a face.

– *Pórni mou* – diz, num som deformado.

Não reajo à afirmação de posse, nem à maneira repulsiva como a expressa, as garras a raspar-me a pele num gesto de aviso. Já quando era sirena, desconfiava do Manja-Carne, mas agora que sou humana, ele podia dilacerar-me sem dificuldade. Talvez seja por isso que a minha mãe o mandou. Pergunto-me por que razão o Elian e a sua tripulação não vieram a correr. Será possível que não tenham sentido o solavanco do navio? Concentro-me novamente naquela canção de embalar que tão bem conheço, a deslizar no vento, tornando os meus olhos mais pesados a cada verso.

Uma canção de sirena. Assegurando de que a tripulação fica adormecida.

– *Anthrópinos* – rosna o Manja-Carne.

Humana.

A palavra sai num coxo bem do fundo da sua garganta, lascando-se por entre as fendas das suas presas. Enojado. Curioso. Talvez divertido, se for possível os sereios sentirem algo tão intimamente relacionado com a alegria. O Manja-Carne agarra-me o queixo e puxa-me a cara para a sua, levando-me a sentir o cheiro a sangue azedo na sua respiração. Quando faz deslizar os lábios viscosos nos meus, fico mortalmente parada. Ranjo os dentes, mas numa questão de segundos sinto carne a rastejar na minha língua. Sinto a sua putrefação.

O Manja-Carne afasta-se bruscamente de mim e cospe. Agita a cauda de tubarão no ar e arreganha as presas com fios de saliva. Consegue sentir o sabor da humanidade em mim, da mesma forma que eu sinto o sabor do monstro nele. Perante a sua explosão, uma gargalhada brota do oceano, fazendo ricochete no *Saad* e soprando nas suas velas. A música sobe e o meu coração aperta.

Os compridos tentáculos da minha mãe espalham-se pelo convés como óleo, com as tatuagens tribais que me são tão familiares atravessando-lhe a pele. A sua coroa está gloriosamente afiada, rastejando pelas costas abaixo num magnífico adorno de cabeça. Agarra o tridente e olha fixamente para mim.

– Não fiques tão assustada, querida. – A Rainha do Mar arreganha as presas num sorriso. – A mãe está aqui.

Ponho-me em pé e olho com força para o chão, para dar a aparência de vénia. Quanto mais tempo olho para o veio de madeira, mais a minha pele aquece, o suor a empastar-me a roupa, enquanto a raiva ferve por baixo. Mal consigo suportar a ideia de olhar para ela. Depois de tudo o que ela fez, aparecer aqui, e logo no navio do Elian, é o pior dos insultos.

Um silêncio tenso cresce entre nós e, por um instante, pergunto-me qual

será o próximo som. O rugido do Manja-Carne; a gargalhada da minha mãe; o bater errático do meu coração furioso.

Em vez disso, ouço a minha canção.

A fatal canção de embalar de antes tem agora um volume mais alto e eu ergo bruscamente a cabeça em súbito reconhecimento, tropeçando para trás. Arrasta-se pelo convés, estendendo as mãos delicadas para embalar o *Saad*. A melodia é tão opíacea como sempre e até eu mal consigo manter-me em pé à medida que cresce. Ouvi-la é como estar perdida numa memória, ou num sonho do qual é impossível acordar. É como nascer num mundo imaginado.

Com a mentira da minha canção, não há hipótese de nenhum membro da tripulação acordar do sono.

A minha mãe leva ao peito um dedo comprido de membrana e a sua concha do mar estremece perante a minha voz. Quando os meus olhos começam a turvar-se, a sua boca é repuxada.

– É apenas uma lembrança – diz ela. – Devolvo-ta se fores bem-sucedida.

Tento desesperadamente afastar a tristeza dos meus olhos, pestanejando.

– Vieste torturar-me? – pergunto.

– Nada disso – diz a Rainha do Mar. – Vim ver como a Desdita dos Príncipes se está a sair. – Arqueia o pescoço. – Tens o coração do príncipe escondido algures nesses trapos tão feios?

Não me surpreende que ela tenha vindo verificar se sigo o seu plano, de ser punida e empurrada na direção exata que ela traçou, tal como o navio do Elian seguindo o seu curso mesmo enquanto o capitão dorme. Sou o recetáculo da minha mãe. Ou assim ela pensa.

– Não é assim tão simples – digo.

– Ah, Lira. – Tira uma fileira de algas do seu tridente. – As rainhas não arranjam desculpas. Deduzo que seja mais uma prova de que não podes vir a ser uma.

– Eu mereço ser rainha – digo. – Sou forte o suficiente para liderar a nossa espécie.

– És fraca – acusa ela. – Sempre foste fraca. Olha só para ti, com as tuas roupas humanas, com as tuas emoções humanas. Sabes o que vejo nos teus olhos, Lira? Não é morte nem escuridão, nem sequer raiva. São lágrimas.

Engulo em seco.

– Não sei do que estás a falar.

– Estou a falar da expressão que tens no rosto – diz ela. – Do teu sofrimento humano.

Quero argumentar, mas nem eu posso negar a tristeza que me pica o fundo dos olhos. Senti raiva quando sirena, mas nunca tristeza, pelo menos desde que tomei o coração da Crestell, tendo no ombro a mão firme da minha mãe. Mas ouvir a minha canção atravessar o navio do Elian, sabendo que, até neste exato momento, a minha mãe continua a ser capaz de me usar como arma sem o meu consentimento, é como ser lancetada. E a forma como ela

olha para mim, nada preocupada, contrasta inteiramente com a preocupação que senti ao ver as feridas da Kahlia. Ou com a que senti o Kye quando a Maeve atacou o Elian. Ou até com a expressão do príncipe quando me puxou do oceano onde a minha mãe me deixou para me afogar. Como pode a Rainha do Mar vê-la como uma fraqueza quando é aquilo que une os humanos, assegurando a sua força enquanto unidade? Família.

O Manja-Carne arreganha as presas e a minha mãe estende um tentáculo para lhe passar uma garra pelo rosto. Corta uma linha na face dele, lenta e calmamente, e o Manja-Carne rosna de satisfação.

– Estás a ficar sem tempo, Lira – diz ela, levando o dedo aos lábios. – E se não me trouxeres depressa o coração do príncipe, vou tomar o teu.

Quando me olho no espelho, sou fitada por uma desconhecida. Ela assimila a recém-descoberta pirata em mim e a minha recém-descoberta humanidade – o rosto que o Manja-Carne ainda reivindicava para si – e franze a testa de uma maneira que deixa nas suas feições inocentes a marca de uma curiosa moessa, bem no meio das sobranceiras. Os seus lábios afinam e ela alisa a ruga com a palma da mão.

Tenho a pele ruborizada do sol e o cabelo rijo da brisa de água salgada. Avanço e toco no vidro com os dedos espinhosos, pestanejando rapidamente enquanto interiorizo esta versão de mim mesma. Pernas e pés. Olhos, os dois da mesma cor. Um coração humano a bater, algures, sob tudo isso, pronto para ser levado pela minha mãe.

No reflexo, vejo o Elian. Está atrás de mim com uma expressão divertida, encostado à porta, com os braços cruzados sobre o peito. Não diz nada, e continuamos a observar-nos através do caminho do vidro até que um sentimento estranho me invade, pior do que o pavor.

Em breve estaremos em Psémata, e isso significa que Págos não estará longe. Depois, a Montanha das Nuvens. O Segundo Olho de Keto. A morte certa do Elian. Cada ponto do meu logro é planeado com tanta perfeição que eu devia sentir-me preparada. Mas não sinto. Todos os que vou trair estão tão perto. A minha mãe até pode estar a ver, o que significa que há uma hipótese de ela descobrir o meu plano. Parece um milagre o faro dela não ter detetado isto em mim, nem ter ouvido a rapidez com que batia o meu coração humano. E depois há o Elian, que me deu uma espada em vez de me esfaquear com ela, e se encontra atrás de mim agora. A piedade que pratica e a lealdade que conquistou são ambas ideais que a minha mãe depressa queimaria em mim – porque a piedade nunca é uma opção e a lealdade é sempre tomada –, mas essas mesmas emoções, que a minha mãe disse que me enfraqueciam, tornam-no forte. Ele é um guerreiro que é o oposto de mim, em todos os sentidos e, no entanto, de alguma forma, talvez apenas na ferocidade, parecemos ser o

mesmo.

No espelho, o Elian continua a olhar. Franzo a testa quando percebo que estou de costas para ele. Nunca consegui virar as costas à minha mãe.

Giro para o enfrentar.

– O que foi? – pergunto.

– Já acabaste de te admirar?

– Não – digo, embora, verdade seja dita, fique feliz por me distrair dos meus pensamentos.

– Estamos prestes a atracar em Psémata. Tenta não te esquecer do que eu te disse.

Como se me pudesse esquecer. O que me disse foi para mentir, algo em que eu tinha prática suficiente para não pensar nisso como algo que precisava de ser feito, mas algo que era sempre feito.

– Se Psémata é tão perigosa, porque é que paramos lá? – pergunto.

– Porque precisamos de ir buscar uma coisa.

Lanço um olhar cético ao Elian.

– Queres tu dizer que temos de roubar alguma coisa.

– Ótimo – diz ele. – Estás a aprender.

Sigo-o até ao convés principal, onde a tripulação se encontra reunida. O Kye enfia a espada na alça que lhe cruza o peito e desliza uma pistola debaixo do casaco. Em vez de ir para o seu lado, o Elian evita contacto visual com o seu guarda-costas, optando por ficar ao meu lado. O Kye também não se mexe para lhe fazer sombra, subitamente preocupado em ajustar a gola do casaco.

– Seria de esperar que a terra das mentiras fosse um pouco mais indulgente no que toca ao roubo – diz a Madrid. – Mas aparentemente não.

Dirijo ao Elian um olhar mordaz.

– Roubaste alguma coisa da última vez que estiveste aqui – digo. – E agora vais repetir isso?

– Quem disse que fui eu a roubar da primeira vez?

A voz dele mostra-se indignada, mas não me engana. Reviro os olhos para ilustrar isso mesmo, e o Elian suspira.

– Olha, a única coisa que importa é que o *Saad* não é bem-vindo – diz ele.

– O *Saad* – repito. – Ou tu?

– Dizes isso como se houvesse diferença entre os dois.

– Imagino que não haja. – Retorço a concha entre os dedos. – Têm os dois o casco duro.

O Elian ri-se. Alto, em tom monótono e de uma forma quase tão trocista como o meu comentário.

– Vamos lá – diz ele. – Não temos tempo para aprenderes a ser engraçada.



Psémata tem uma peculiar tonalidade cinza.

Há cor, mas está diluída numa estranha película preta. Como uma nuvem pouco visível a revestir a terra num matiz de sombra e poeira. Lembra-me de quando se olha pelas águas turvas do oceano ao crepúsculo, ou da sensação de olhar nos olhos da minha mãe. Uma escuridão que parece estar sempre presente.

Esfrego o olho com o nó do dedo e, quando a minha visão se foca, tudo parece mais escuro do que era antes. Quanto mais tento fazer com que a sombra desapareça, mais forte ela fica. Não é de admirar que esta seja a terra da mentira e da traição, com o ar tão cinzento e poluído como os escrúpulos do povo que o respira.

O vento sopra enquanto seguimos sinuosamente pelas ruas, evitando o contacto visual e o barulho habitual que o Elian e a sua tripulação gostam de fazer. Só uma dúzia deles estão connosco, os outros ficaram à espera no *Saad*. Movem-se como assombrações, flutuando em vez de andar. Deslizando pelos pavimentos de pedra dura. Vou aos tropeções para manter o passo com eles, de modo nenhum tão graciosa, mas igualmente invisível.

Quando atravessamos a praça, inclino o chapéu mais para baixo na cabeça. É ridículo, percebo, porque não há nenhum ser humano vivo que me possa reconhecer. Sou a mais fantasmagórica de todos nós. Mas faço-o de qualquer maneira, emocionada com o ligeiro salto do meu coração quando alguém demora o olhar no nosso grupo por muito tempo. Quando olho para o Elian, o seu rosto tem uma expressão vazia e estoica, mas os olhos estão longe de estar mortos. Brilham com o mesmo prazer sujo. É isso, percebo, que atrai tanto a tripulação como o oceano. O prazer de se tornarem tão esquivos como notórios.

Viramos para um beco, onde um homem nos espera. Veste um casaco preto comprido com um colarinho branco engomado e a sua mão repleta de anéis repousa numa bengala do mesmo tom de areia do cabelo.

O Elian dirige-lhe um sorriso e, como o homem não retribui, dá-lhe antes uma bolsa com moedas. Um sorriso cheio de dentes rasga-se no rosto do desconhecido e ele pressiona a palma da mão na parede de pedra cinzenta, que desliza abrindo-se como uma cortina.

Entrega uma pequena chave ao Elian e gesticula para entrarmos. Quando o fazemos, a parede fecha-se atrás deixando apenas sombras no meio de nós. A tocha tremeluz quando uma aragem sopra pela entrada de pedra. Curvamo-nos juntos ao pé de uma escada que o espaço estreito mal consegue conter. Estendo a mão para mexer na minha concha. O espaço é muito pequeno e percebo rapidamente que é o espaço mais pequeno onde já estive. Até a jaula de cristal parece cómoda, por comparação.

– O que é isto? – pergunto.

O Elian espreita por cima do ombro.

– Escadas – diz ele, e começa a subi-las.

Não desperdiço o meu fôlego numa resposta. Olhando para a espiral

interminável, desconfio de que vou precisar de o poupar. Não consigo imaginar que a escalada da Montanha das Nuvens, em Págos, seja tão árdua.

Fico em silêncio enquanto subimos, a pensar se vamos chegar ao topo antes que as minhas pernas cedam. Mas, precisamente quando parece que não vou ser capaz de dar mais um passo, o Elian para e uma grande porta de carvalho surge da luz quase inexistente.

– Isto é dramático – digo, esmagando-me no espaço ao seu lado. – Alguém do outro lado vai tentar matar-nos?

– Desde quando te tornaste uma de nós? – pergunta o Kye e a Madrid bate-lhe nas costelas.

Ele grunhe e diz:

– Muito bem. Estou ansioso para que dês a vida por mim, camarada.

Neste momento, pondero se devo atirá-lo das escadas abaixo.

Fico a ver o Elian tirar a chave do bolso e rodá-la no cadeado inclinado. Quando a porta se abre, espero ser atingida por um jorro de poeira ou pelo cheiro de brasas a morrer e decomposição. Em vez disso, sou atingida pela luz. Elimina o cinzento e ecoa de dezenas de tochas em forma de esfera, que piscam com chamas amarelo-profundas.

O espaço é grande e acolhedor quanto baste para um sótão escondido, com um beco de portas que levam a quartos separados. Um lustre baixo corta o meio, com contas que roçam o chão polido.

– Não era isso que eu esperava – digo, surpreendido pela opulência deslocada.

O Elian entra mais na sala.

– Tal como gostas de me lembrar, sou um príncipe – diz ele. – É aqui que a realeza que não quer ser encontrada se dirige para nunca ser encontrada.

– É aqui que devíamos ficar sempre. – O Kye atira-se para um cadeirão de pelo, encostado à parede mais distante. – Não há rum, mas raios partam se as camas não são confortáveis.

– Não vai ser o teu caso – diz a Madrid com um sorriso. – Só há camas suficientes para metade de nós, lembras-te? E acho que é a tua vez de chão.

– Não podemos partilhar? – Leva uma mão ferida no peito. – Muitas mulheres matariam para ir para a cama comigo.

A Madrid eriça-se.

– São camas de corpo e meio – diz ela bruscamente.

Sem se intimidar, o Kye põe a mão no joelho dela.

– Vou arrebatá-lo.

A Madrid empurra a mão da sua perna:

– Cara, ganho; coroa, és um idiota.

– O Torik devia dormir no chão – diz o Kye, acomodando-se novamente no cadeirão. – Está sempre a dizer que os confortos domésticos são perigosos por nos levarem a crer que temos um lar.

O Torik lança-lhe um olhar de soslaio.

– Sei o suficiente sobre facas para as enfiar onde o sol não brilha, se não

te puseses a pau.

O Kye abre um sorriso de orelha a orelha.

– Não é adequado que alguém como eu durma no chão. Sou praticamente um aristocrata.

O Torik dirige-lhe um olhar vazio, nada impressionado.

– És um aristoparvo – diz ele.

Olho para o Elian, que está como uma estátua ao meu lado. É surpreendente não o ouvir participar nos carinhosos insultos da sua tripulação, ou sorrir quando dão vivas descuidados. Leva a mão à parte de trás do pescoço, sem saber o que fazer quando não está a sorrir.

– Então, o nosso próximo passo é escondermo-nos aqui? – pergunto.

– O nosso próximo passo é tentar pensar em como vamos pôr as mãos num objeto antigo sem revelar quem somos – diz o Elian.

– Roubar – corrijo. – Como vais roubar um objeto antigo.

– Não é roubar se o vimos buscar de volta. – O Elian desenvencilha-se do blusão e atira-o para a mesa atrás de si. – O colar pertence à família Págos. Negociei muito para pôr as mãos no mapa que mostra a rota até à montanha, mas sem o colar, é tudo em vão. Ela disse-me que era a chave para a cúpula escondida.

– Ela – repito. – A quem te referes?

– À princesa de Págos – diz o Elian.

Os seus olhos disparam para o Kye, e um olhar estranho passa entre eles. O Kye pigarreia.

– Quer dizer que ela sacrificou os segredos da família por joias? – troço.

– Que superficial.

O Elian ergue uma sobrancelha.

– Se bem me lembro – diz ele, com um olhar demasiado presunçoso –, estavas disposta a sacrificar a vida por um colar.

– Estava disposta a sacrificar primeiro a tua – digo.



Muito depois de o resto da tripulação desaparecer no sono, eu e o Elian sentamo-nos juntos. Conspiramos da maneira mais medonha, com esquemas para cada pormenor do plano dele, incluindo como entregar o colar de família à princesa sem levarmos um tiro no peito. Pontos-chave que faço questão de esclarecer.

A luz do sol ameaça derramar-se pela janelinha redonda por cima de nós, enterrada no arco do teto. As velas reduziram-se a brasas murchas e o seu brilho fraco projeta sombras turvas à nossa volta. O cheiro do amanhecer difunde-se no ar e, com ele, o cinzento infiltra-se, vindo do mundo exterior.

– Continuo sem perceber como sabes que estes piratas têm o colar – digo.

– Os xaprár são famosos por roubar da realeza – explica o Elian,

palmando uma vagem de alcaçuz. – Se há uma herança preciosa em falta num qualquer lugar do mundo, é melhor acreditar que está nas mãos do Tallis Rycroft e do seu bando de ladrões piratas.

– Mesmo que isso seja verdade, não o teriam vendido já? De que serviria guardar uma coisa dessas?

– Partes do princípio de que o Rycroft precisa de roubar para viver – diz o Elian. – Talvez em tempos sim, mas agora rouba só para provar que pode. Um colar desses traz prestígio. Seria mais um troféu para ele do que um tesouro. Mais um objeto a provar como é bom.

– Se é assim tão bom, como é que lho vais roubar? – digo. – Acho que ele pode reparar na tua mão enfiada no seu bolso.

– Distração. – O Elian dá uma dentada no alcaçuz. – Eles olham para aqui – acena com a mão teatralmente –, enquanto eu estou a roubar aqui. – Agita a outra mão para mim, com um ar todo satisfeito. – Desde que se consiga ter um ar inocente e acima de qualquer suspeita.

– E se não funcionar?

– Tenho um plano B. – O Elian retira um frasquinho do bolso com um floreio. – É menos ardiloso, mas igualmente enganador.

– Veneno? – pondero. – Estavas a guardar isso para a tua futura esposa?

– Não é letal – diz o Elian. Para assassino, parece estranhamente ofendido com a ideia. – E não. – Faz uma pausa, depois vira-se para mim com um meio sorriso. – A não ser que fosses tu a minha esposa.

– Se eu fosse tua esposa, tomava-o.

– Ah! – Atira a cabeça para trás e volta a guardar o frasco no bolso. – Felizmente, não é coisa com que tenhamos de nos preocupar.

– Por estares noivo?

Ele hesita.

– Porque dizes isso?

– És da realeza – digo-lhe. – É isso que a realeza faz. Casam-se pelo poder.

Lembro-me do Manja-Carne e da maneira como a voz da minha mãe se transformou numa canção quando me disse que tinha escolhido o seu melhor guerreiro para continuar a nossa linhagem. O sangue laranja enferrujado nos cantos dos lábios dele, enquanto me olhava com um misto de fome e desinteresse regimentado. E no *Saad*, poucas noites antes, quando me reivindicou mesmo no meu corpo humano. Cresce em mim uma sensação de falta de à-vontade perante essa memória.

– Não quero que seja assim – diz o Elian. – Quando me casar, não será por poder.

– O que será, então?

– Sacrifício.

A sua voz é nítida. Há nela uma certeza, como se ele estivesse resignado a esse facto, e não orgulhoso dele. Engole em seco, alto o suficiente para me apanhar desprevenida e a ação faz-me mudar de posição, a sua falta de à-

vontade serpenteando o ar até mim.

Os olhos do Elian descem para o chão e eu sinto que o expus ou que ele se expôs e, de repente, se arrepende disso. Seja como for, não sei bem o que devo dizer, e há algo neste momento que parece tão pessoal – pessoal demais – que dou por mim à procura de alguma coisa para preencher o silêncio.

– Tens razão – digo-lhe, tentando sacudir a melancolia da minha voz. – Passar uma vida inteira contigo seria um sacrifício.

– Ah! – Um brilho regressa aos olhos do Elian, que sorri como se os últimos segundos não tivessem acontecido. Apagando quaisquer partes do seu passado que ele não quer recordar.

– O que estarias a perder? – pergunta ele.

– Se me casasse contigo? – Levanto-me, para assomar diante dele, afastando a coisa que se desenrola dentro de mim. – Acho que a cabeça.

Viro-me e o ricochete da sua gargalhada segue-me para fora da sala. Mas, mesmo com essa melodia contagiante, não consigo livrar-me da expressão que lhe atravessou o rosto quando mencionei o casamento. Isso deixa-me mais curiosa do que devia.

Tenho pensamentos sinistros, mas sei que o mais provável de todos é um casamento arranjado, ordenado pelo rei de Midas para ligar o seu reino a outro. Talvez o fardo que o Elian carrega tenha origem nas correntes de uma vida real e de um reino indesejado, mas necessário, mesmo assim. É uma coisa que consigo entender. Outra semelhança entre nós que eu seria cega se não visse. Ao fundo da nossa alma – se me entretenho com a ideia de que tenho uma alma –, o Elian e eu não somos assim tão diferentes. Dois reinos que trazem consigo responsabilidades que cada um de nós tem dificuldade em suportar. Ele, os grilhões que o prendem a uma terra e a uma vida. Eu, presa nos limites do legado assassino da minha mãe. E o oceano, chamando-nos aos dois. Uma canção de liberdade e desejo.

Roubar é uma coisa em que me especializei aos dezasseis anos, quando passei a maior parte do ano na ilha nortenha de Kléftes. Era tudo novo e era a única coisa que eu podia fazer para não implorar a todos que conheci por um pedaço da sua história. Uma habilidade ou uma história que só eles conheciam. Eu queria tudo.

A minha tripulação mal era uma tripulação e eu mal era um homem, quanto mais um pirata. Depois do Kye, o Torik foi um dos primeiros homens que recrutei e, com a sua inclusão, o meu pai insistiu num navio capaz da tarefa a que me propus, enquanto eu insistia em algo que era mais arma do que barco.

Ganhei a lealdade inabalável do Torik na sua terra, em Ánthrakas, onde as minas são fundas e o carvão viaja através do vento numa canção. Mas embora ele fosse ótimo com a pistola e melhor ainda com a espada, nem mesmo ele tinha estômago para a força bruta que era necessária para matar uma sirena. E, com o passar dos dias, descobri que o mesmo se passava comigo. Tinha de ser mais ágil.

Kléftes gera ladrões, mas, mais do que isso, gera fantasmas. Homens e mulheres negociados como gado, criados para serem demónios e assassinos e o que mais os seus senhores exigiam. Sujeitos aos caprichos dos escravagistas que mais depressa venderiam a sua própria gente do que perderiam uma bugiganga. São treinados para serem tão invisíveis como mortíferos, capazes de passar despercebidos na noite e realizar atos que nunca poderiam ser feitos à luz do dia.

Eu queria aprender com eles e, um dia, quando o manto do rei fosse forçado em mim, infligir-lhes o mesmo sofrimento que eles infligiram ao mundo. As sirenas não eram o único inimigo. Os seres humanos podiam ser igualmente demoníacos e era de espantar que o meu pai e os outros reinos não se tivessem unido para travar uma guerra contra Kléftes. De que adiantava um tratado de paz global se os reinos se atacavam ferozmente?

Claro que a Madrid mudou isso. Quando entrei em Kléftes e a vi – tatuada e a sangrar de tantas feridas, que era difícil perceber o rosto por baixo de tudo –, percebi que há coisas que não podem ser consertadas. Num mundo que criava assassinos tão facilmente como o nosso, o melhor que eu poderia esperar era torná-los meus. Os assassinos não podiam desfazer a morte, mas podiam encontrar novas presas. Podiam encontrar um tipo diferente de dor para infligir.

Olho para os xaprár enquanto preparam o seu navio para se fazerem ao mar. São assaltantes kléfteses, conhecidos por se imiscuírem em reinos e de lá saírem com as joias mais preciosas. Mestres do disfarce que roubaram heranças de tantos membros da realeza que se lhes perdeu a conta. Seriam lendas se não fossem tão vilipendiados pelas famílias dominantes. Seria bastante fácil declarar as cabeças a prémio, mas ninguém teria coragem para o tentar. Ir atrás de um xaprár seria como ir atrás de um membro do *Saad*. Ou seja, suicídio. Sem contar que os xaprár são bons a roubar a realeza, mas melhores ainda a roubar para a realeza. Ladrões contratados que a maior parte das famílias não se atreve a pensar em irritar, por medo de um dia precisarem dos seus serviços.

Felizmente, eu não tenho esse medo.

Observo a sala do Tallis Rycroft na base dos imponentes degraus da doca. Ele conta descaradamente o seu saque, dedos ágeis, com o tipo de velocidade que advém apenas de anos a ganhar nada e a levar tudo.

Não sou pessoa de ouvir as histórias que penetram o nosso mundo como grãos de sal através de mãos abertas, mas há algo no Rycroft que sempre me deixou alerta. É dono de um navio negreiro na ilha do Norte. Não tenho a certeza de qual, e sei que é improvável que seja o mesmo navio onde a Madrid teve de matar para fugir, mas não há um membro da minha tripulação que não se erice com esse nome. Contudo, a política prevalece e não valeria a pena declarar uma rivalidade com o xaprár.

Olho para a Madrid e o Kye, que se enfiam atrás dos arbustos comigo. Enquanto o Kye se vira para mim com um olhar questionador, os olhos da Madrid focam-se no Rycroft, sem pestanejar. Não vai arriscar perdê-lo de vista; ela não arrisca nada quando se trata de homens do seu país. Foi por isso que o Kye insistiu em estar no esquadrão dela, quanto mais não seja para a segurar, se for caso disso.

O Torik tomou o flanco com mais membros da tripulação, as armas prontas para qualquer coisa que corra mal. Aproximar-me do Rycroft com a minha tripulação em qualquer lugar fora de uma taberna, levantaria suspeitas. Tenho de ser cauteloso e inteligente, o que é uma sorte porque gosto de pensar que sou sempre as duas coisas, em qualquer momento.

Viro-me para a Lira. Parece um retrato, com o cabelo arruivado puxado para fora do rosto com as sardas em forma de estrela, apenas a confirmar o facto de que não é capaz de se baixar. Não diz o que lhe vai na maldita cabeça. A Lira sabe guardar segredos, mas não sabe, nem por nada, manter a

paz. Enquanto eu tenho muita prática em fingir, há demasiado fogo nos olhos da Lira para essas coisas. Há pessoas que têm uma chama tão forte que é impossível apagá-la. Felizmente, é exatamente disso que eu preciso.

O capitão do *Saad* aproximar-se de outro navio pirata com sua liga de assassinos de sirenas só podia acabar em morte, mas o Elian Midas, príncipe e arrogante filho da puta, a passear pelas docas com uma nova mulher no braço, demasiado descarado para ser detetive ou espião... pode funcionar. O Rycroft pode baixar a guarda o suficiente para nos deixar entrar no seu navio. E quando estivermos a bordo, a única coisa de que preciso é que a Lira confirme que ele tem aquilo que procuramos.

– Quando estiveres pronta – digo à Lira –, autorizo-te a arriscares a vida por mim.

Ela levanta o queixo. Há algo na forma como se comporta que me lembra as mulheres da corte. Tem o ar de alguém que passa a vida inteira sem nunca saber nada além do seu próprio caminho. Eu sei porque tenho um ar idêntico. Embora tente escondê-lo, sei que ainda está lá. O direito. A teimosia que nunca se pode verdadeiramente perder.

Não é expressão que pertença ao rosto de uma órfã perdida.

Faço menção de pegar na mão dela e encaminhar-me do navio do Rycroft quando o Kye me agarra a manga da camisa. Não precisa de dizer nada; consigo interpretar a expressão do seu olhar, que me diz que preferia ser ele ao meu lado, se vamos ter um confronto direto com o Rycroft. Verdade seja dita, também me sentiria melhor com ele ali. O que se passa é que, por mais bonito que o Kye se julgue, não creio que o Rycroft concorde e o que eu preciso agora é de alguém inconspícuo, não de um protetor em forma de pirata.

– Confia em mim – digo-lhe.

– Não é em ti que não confio.

A Lira ri-se, como se alguém preocupado com a minha segurança fosse a coisa mais engraçada que ele ouviu o dia todo.

– É melhor teres cuidado – diz-me ela. – Eu podia fazer um acordo com o xaprê e usar aqueles três dias de treino de espada para te dar uma facada nas costas.

– Como se alguma vez fosses abandonar os luxos do *Saad* pelo barco enferrujado do Rycroft – digo, gesticulando para o navio do Rycroft.

Não é um barco mau, mas não tem comparação com a beleza fatal do *Saad*. Com um casco de pau-brasil e velas da cor da cinza, é mais do que digno de saque, mas para caçar a Desdita dos Príncipes e a Bruxa do Mar sua mãe, ou para ter um príncipe cujo coração não bate, mas se despenha, como as ondas do mar... bom, não é bem capaz.

– Não vejo grande diferença – diz a Lira. – Pintando a madeira de um tom mais escuro e dando ao capitão um ar rancoroso, eu nem reparava.

Arregalo os olhos, indignado, mas a Lira limita-se a sorrir.

– Não te esqueças – diz ela, com os olhos azuis a brilhar –, se queres que

essa escória acredite que tu e eu poderíamos estar juntos... – A sua voz ecoa com descarada incredulidade – tens de tirar esse chapéu ridículo.

– Não te esqueças tu – digo, ao sairmos de trás dos arbustos e nos aproximarmos do meu rival descontraído –, se formos apanhados, não vou, de maneira nenhuma, arriscar o couro para te salvar.

O Rycroft avista-nos no instante em que manobramos a saída da escuridão para a luz implacável do céu salpicado de estrelas. Não fala quando nos aproximamos, nem se move da sua posição esparramada nos degraus do cais que levam ao seu navio. Mas eu sei que nos vê. Continua a contar as suas riquezas, mas os seus movimentos são mais precisos. Só quando estamos imediatamente acima dele se digna levantar os olhos, com um sorriso repleto de ouro.

Objetivamente falando, o Tallis Rycroft não é um homem belo. As suas feições parecem não lhe pertencer e ser apenas mais uma coisa que ele roubou. Os seus olhos são buracos escuros e os lábios, castanho-pálido, finos e curvados para cima num sorriso permanente, encapuzados por um bigodinho fino. Tem a cabeça envolta num turbante *bordeaux*, de onde pendem grandes pedaços de ouro e prata, como lágrimas, para o rosto e o pescoço. Quando olha para mim, passa a língua pelos lábios.

– Onde está o teu cão de fila? – pergunta, num *kléftês* cerrado.

– Qual deles? – respondo em midês, não querendo dar-lhe a satisfação de me fazer usar a língua de ladrões e escravagistas.

O Rycroft levanta-se e encosta-se à corda dos degraus da doca.

– Se aqui estás, o Kye e aquela puta tatuada não podem estar longe. E deixa-me adivinhar: ela tem a minha cabeça como alvo? Como se um príncipe insignificante ousasse eliminar-me.

Instruo as minhas feições a uma expressão de surpresa.

– Que paranoia – digo. – Sou só eu e minha amiga, sozinhos e desarmados. Sinceramente, não podes ter medo de um príncipe insignificante, podes?

O Rycroft estreita os olhos.

– E esta? – Lança um sorriso à Lira. Embora eu tenha a certeza de que ela não fala a língua (não há muitos fora de Kléftes que falem), distorce o rosto numa expressão de repugnância mesurada.

– Não é um cão de fila – digo-lhe.

– A sério? – Passa a midês e deixa um sorriso de gato de beco no rosto.
– A mim, parece-me uma puta.

Mantenho um sorriso altivo estampado no rosto.

– Agradável como sempre. – Faço deslizar um braço preguiçoso à volta da cintura da Lira. Ela eriça-se e depois aninha-se rigidamente no meu gesto.
– E depois de eu e a minha nova amiga termos vindo admirar o teu navio.

– Admirá-lo – repete o Rycroft. – Ou roubá-lo?

– Um barco inteiro? – Dirijo-lhe o meu melhor sorriso de satisfação. – É bom saber que me tens em tão boa conta. – Viro-me para a Lira. – Achas que

cabe na tua mala?

– Talvez – diz ela. – Aqui nada parece muito grande.

Lança ao Rycroft um olhar cheio de significado e eu tusso, tapando a boca para esconder a possibilidade de riso.

O Rycroft rosna.

– Está bem – diz ele. – Eu entro no jogo. – Abre os braços numa receção perigosa, revelando toda a massa do navio atrás dele. – Venham a bordo. Conversamos com um rum a acompanhar digno de um rei.

É uma picada. Uma espada de dois gumes apontando para aquilo em que ainda não me tornei e troçando de mim pelo que um dia serei. Nunca um pirata, sempre um príncipe.

Aceito o convite do Rycroft com um breve aceno e mantenho o braço protetor à volta da Lira. Tenho todos os instintos em alerta, dizendo-me para andar atrás dele e não à frente. Para lhe observar as mãos e os olhos e as duas dezenas de homens que nos olham maliciosamente quando nos instalamos à mesa no convés do navio. Para nunca pensar, por um segundo que seja, que ele não me quer morto. E que não vai tentar tornar esse desejo realidade quando eu roubar o colar de Págos.

O rum que o Rycroft nos oferece é de Midas, o que não me incomodaria tanto se não fosse também da adega real. A garrafa é de vidro soprado, moldada na forma do nosso brasão, com ouro líquido a imprimir os pormenores intrincados. A bebida em si está repleta de pó de ouro que brilha no reflexo do copo. Não sei quando o roubou, nem porquê – se o fez só porque podia, ou se o fez porque queria que eu soubesse que ele podia –, mas as minhas mãos fecham-se em punhos debaixo da mesa.

Rezo aos deuses para que o dedo da Madrid escorregue no gatilho.

– Que tal sabe? – pergunta o Rycroft.

A Lira leva o cálice aos lábios e inspira. Não sei bem se procura veneno ou se quer de facto saborear a bebida, mas fecha os olhos e espera uns momentos antes de levar o cálice à boca. Tem uma mancha de sangue na língua quando lambe os lábios, das lascas de ouro que dançam dentro da garrafa.

Quando passa a língua pelos lábios, descontrainho as mãos e a raiva liberta-se de mim. Tudo o que ela faz é sensual, desempenhando o seu papel da forma mais perfeita possível. Ou talvez não precise de representar e simplesmente goste da maneira libidinosa como o Rycroft raspa o lábio com os dentes quando ele a observa.

– É perfeitamente adorável – diz a Lira, com a voz quase irreconhecível.

– Ótimo. – O sorriso do Rycroft podia cortar aço. – Não gostava nada que ficasses insatisfeita.

– Ah, escusas de te preocupar com isso – diz a Lira. – Agora que estou em tão boa companhia.

Os olhos do Rycroft enchem-se de uma luxúria calculista. Pestaneja para ela, depois vira-se para mim.

– Vai dizer-me o motivo da tua visita? – pergunta. – Ou vamos continuar a jogar este jogo?

Nunca houve a opção de parar de jogar. É levá-lo a reboque e deixar que as suas desconfianças levem a melhor sobre ele. Ele que pense que estou a tramar alguma, enquanto a Lira brinca com o seu ego e desfalece a cada palavra sem sentido que ele diz. Ele que pense que precisa de observar todos os meus movimentos e esquadriñar as docas onde a minha tripulação aguarda. Que a sua atenção esteja em tudo, menos na recém-recatada Lira. A inofensiva estampa que ostento à frente dele, qual príncipe idiota que sou.

– Na verdade – digo, rodopiando o cálice de rum –, há uma coisa.

O Rycroft recosta-se e põe os pés em cima da mesa.

– Deita cá para fora – diz ele. – Se é uma troca que queres, podemos chegar a acordo.

Os seus olhos disparam para a Lira, que sorri, modesta. Não me dei conta de que ela era capaz de mostrar modéstia, mas parece que subestimei as suas capacidades de logro. Enrola uma madeixa de cabelo no dedo, tão convincente que tenho de olhar duas vezes para apanhar o punho cerrado que esconde debaixo da mesa. O seu rosto nada trai.

– Desapareceu um amuleto de safira amarelo das abóbadas reais de Midas – digo, lembrando literalmente a mentira que praticámos. – Estava com esperança de que pudesses saber alguma coisa.

As estranhas feições do Rycroft enchem-se de prazer. Arqueia os braços atrás da cabeça.

– Então vieste lançar acusações? – Parece demasiado satisfeito com isso.

– É precioso para mim – digo-lhe. – Se de repente reaparecesse ou se ouvisse dizer onde pode estar, a informação seria muito valiosa. Pode-se até dizer impagável.

Quase consigo ver o Rycroft pesar as suas opções, se deve fingir ter algo meu, só para me ver contorcer-me, ou oferecer-se para me ajudar, pelo valor que desejar.

– Não o tenho – diz-me o Rycroft, como uma traça atraída pela luz. – Mas ouvi rumores.

Mentiras, penso. Mentiras da treta.

– É possível que eu saiba onde está.

Engulo o sorriso e finjo-me intrigado com a possibilidade de ele ter a localização da minha herança imaginária de Midas.

– O que me custaria essa informação?

– Tempo – diz ele. – Para eu verificar se as minhas fontes estão corretas. – Para reunir fontes, na verdade. – E acho que também gostava do teu navio.

Eu sabia que isto estava para vir. Por cada coisa imprevisível que o Rycroft fazia, havia uma centena mais fácil de adivinhar. Que melhor maneira de fazer um príncipe sofrer do que tirar-lhe o brinquedo preferido?

Deixo um lampejo de irritação praticada atravessar as minhas feições.

– Não vai acontecer.

– É o navio ou o amuleto – diz o Rycroft. – Vais ter de decidir.

– E como é que eu sei que não és tu que o tens? – Cronometro a raiva em pulsos perfeitos. – Não te estou a pagar para me devolveres uma coisa que já roubaste.

Os olhos do Rycroft escurecem com a insinuação.

– Eu disse que não o tinha.

– Não vou tomar a tua palavra como certa.

– Então, o quê, queres que te leve abaixo do convés e te deixe vasculhar no meu tesouro com esses dedinhos sorrateiros de merda? – pergunta.

Que é exatamente o que eu quero. A razão para virmos aqui e o convencermos a entrar no navio foi darmos uma vista de olhos ao espólio dele e confirmar que o colar da Sakura se encontra lá.

– Se achas que isso vai acontecer, és mais estúpido do que pareces – diz o Rycroft.

– Muito bem. – O meu olhar é furioso. Mimado, impaciente. Represento o meu papel como ele esperaria. Aceno com a mão desdenhosa para a Lira. – Deixa-a ver a ela. Não quero saber, mas a menos que um de nós dê uma espreitadela às coisas imensas que escondes, podes ficar com o teu navio e ver o *Saad* zarpar para o pôr do Sol sem ti.

Seria sempre a Lira, claro. Eu sabia que não havia hipótese de o Rycroft deixar o capitão do *Saad* ver o seu tesouro. Mas deixar uma das cativantes galdérias do príncipe de Midas dar uma olhadela rápida em redor? Talvez.

– Ela – repete o Rycroft com um sorriso de cobra. – Como é que ela vai saber o que procura?

– É uma safira amarela – digo-lhe. – Não é uma idiota chapada.

A Lira dá-me um pontapé debaixo da mesa, com força. O Rycroft lança-lhe um sorriso diabólico e vira-se para uma das sombras que se aproximam. O homem é mais velho do que eu, a pele curtida pelo sol, e não posso deixar de pensar que me lembra alguém. Traz um cutelo envolto no cinto e os grandes brincos esticam abismos nos lóbulos das orelhas. Quando se inclina para sussurrar ao ouvido do Rycroft, arrasta um longo casaco de veludo para fora do caminho.

Endireito-me, sabendo agora onde já o vi. É o homem do Ganso Dourado. Aquele que começou esta demanda apontando-me na direção da fraqueza da Rainha do Mar.

É dos xaprár.

Foi o Rycroft que me mandou atrás do cristal.

– Tenho um novo negócio para ti – diz o Rycroft, todo ele sorrisos. – Agora que os meus homens estão de olho na tua tripulação, que tal sermos os dois um pouco mais honestos? Vocês são bons a esconder-se, mas não são xaprár. Eles estão é lixados. E estarão mortos se não me disseres exatamente como planeias conseguir o Cristal de Keto.

Nem pestanejo.

– Nunca ouvi falar disso.

– Trago-te a vida de quem, para te refrescar a memória? – O Rycroft desliza o dedo pela borda do cálice. – Da cadela tatuada com a arma? Ou talvez corte um novo sorriso ao gigante? Escolhe a pessoa que eu escolho a parte do corpo.

Arqueei uma sobancelha.

– Isso é muito dramático.

– Eu gosto de drama – diz ele. – E que tal a cabeça do Kye numa bandeja?

– E que tal eu matar-te antes que a tua tripulação pestaneje?

O Rycroft sorri.

– Mas, nesse caso, onde estariam os teus amigos? – Gesticula para um dos xaprár, que lhe serve outra dose de rum.

– Então, matas-me em troca da vida deles? – pergunta.

O Rycroft atira a cabeça para trás.

– Agora quem é dramático? Eu não arriscaria começar uma guerra com o teu paizinho. – Acena com a mão. – Diz-me só o que eu quero saber.

– Que tal dizeres-me porque é que, de repente, estás tão interessado no cristal?

O Rycroft reclina-se na cadeira, deixando os dentes de ouro mostrarem-se num sorriso preguiçoso.

– Já estou de olho nele há algum tempo. Todos os piratas gostam de ir atrás de tesouros perdidos, e quanto mais esquivos, melhor. Sabes disso, não sabes, alteza real?

O Rycroft puxa o colarinho de lado. O fio não é bem como nas histórias. A pedra não é uma pedra, mas uma lágrima azul que oscila do fio como se estivesse prestes a cair. Cada fragmento dança como se fosse feito de água, com pequenas presas ornamentadas em torno do diamante.

O colar perdido de Págos. Eu tinha razão. Tem-no o Rycroft.

– Meti as mãos nisto mal soube que era a chave – diz o Rycroft, dobrando o colarinho para esconder o colar.

– Como é que soubeste?

De maneira nenhuma teria conseguido a informação facilmente, quando eu tive de vender o meu país (e a minha maldita alma) por ela.

– Sou um homem a quem contratam – diz o Rycroft. – E os pagueses andam sempre à procura de alguém para lhes fazer os trabalhinhos sujos. Troquei dois dedos de conversa com um dos seus príncipes há alguns anos, depois de ter terminado um serviço. Ficavas espantado se soubesses como se lhe soltaram os lábios depois de uns *whiskys* e uns doces. Fico eriçado. O Rycroft fizera-se de sedutor, usando um charme que foi buscar sabe-se lá onde, ao passo que eu arrisquei o meu país. Ele não tinha nada a perder, por isso não negociou nada. Ao passo que eu tinha um reino inteiro a perder e ofereci-o a preço de bagatela. Demasiado preso à minha própria cruzada para parar sequer para pensar. Que patético. Começava a sentir-me muito patético mesmo.

– Porque é que queres matar a Rainha do Mar? – pergunto. – Não és propriamente um herói.

Rycroft roda os ombros para trás.

– Estou-me nas tintas para a tua guerrazinha com a puta do polvo – diz ele. – Importa-me menos a duração da vida dela do que a da tua.

– Então?

Os olhos de Rycroft estão famintos.

– Todo o poder do oceano – diz. – Se eu ficar com o cristal, passo a controlar a magia mais antiga que alguma vez existiu. – Bebe um gole de rum e bate com o cálice na mesa, com força. – E se a Rainha do Mar me der problemas, ponho-a e às suas putazinhas de volta no palácio.

A Lira arreganha o lábio de lado.

– Ah sim?

– É um facto – diz-lhe. – Elas que tentem vir para cima de mim.

A Lira tem o tecido do vestido avolumado entre os punhos e quando parece que se vai levantar, pouso a mão no joelho dela. Estamos em grande desvantagem numérica para começarmos aos socos.

– Porquê essa charada de mandar um homem ter comigo a Midas com informações? – pergunto. – Porquê envolver-me nisto?

– Eu não sou parvo – diz o Rycroft, embora eu queira discordar. – Ninguém consegue subir a montanha e viver para contar a história. O príncipe do gelo pode ter-se mostrado disposto a falar-me de um colar antigo que ninguém via há algumas gerações, mas não me cederia o segredo mais cuidadosamente guardado da sua linhagem.

– E sabias que era uma informação que eu conseguiria obter.

– És o príncipe de Midas – diz ele. – A realeza dá-se uma com a outra, não é? Eu sabia que vocês estariam por dentro dos segredos sujos uns dos outros. Ou, se não estivessem, poderiam vir a estar.

E tinha razão. Consegui imiscuir-me nos segredos da família da Sakura, como o Rycroft sabia que eu faria, tomando conhecimento de coisas que não tinha o direito de saber, para uma missão planeada por ele. Toda a minha conversa de ser capitão, de dizer ao Kye que não era um príncipe ingénuo a precisar de conselhos e influência, e durante esse tempo todo estava nas mãos do Tallis Rycroft e do seu alegre bando de canalhas.

– Então planeaste usar-me para descobrir o caminho até à montanha.

– Não é só isso – diz o Rycroft. – Eu também preciso de entrar. Não vou começar uma guerra com os paguezes ao invadir a sua montanha. Saberiam que eu lá estava no segundo em que comesse a subida e viriam para cima de mim e dos meus homens antes que me aproximasse do palácio de gelo. Um pirata não se há de aproximar desse cristal.

A Lira desliza novamente na cadeira, o momento de compreensão aflorando-lhe o rosto, quando aflora também o meu.

– Mas um príncipe sim – diz ela.

O Rycroft bate palmas.

– Rapariga inteligente – diz ele, depois vira-se para mim, com os braços largos e acolhedores. – As tuas ligações diplomáticas vêm a calhar, menino de ouro. Se as minhas apostas estiverem certas, já fizeste algum tipo de acordo com eles. Ofereceste-lhes alguma coisa em troca da entrada. Se eu estiver contigo, posso passear lá em cima sem ninguém nas minhas costas para depois saquear o lugar todo. Quando eles perceberem o que eu e a minha gente estamos a fazer, já terei o poder do oceano nas mãos.

– Ótimo plano – digo. – O único problema é que não te vou dizer coisa nenhuma e tenho uma agenda muito ocupada para te conseguir levar numa visita guiada a uma montanha.

– Não é que eu tivesse pensado que ias ser fácil – diz o Rycroft. – Mas não tens de me levar, de qualquer maneira; nós levamos-te a ti.

O xaprár aproxima-se, criando um círculo à nossa volta.

– Quanto à informação, posso arrancar-ta e à tua senhorita com tortura, pelo caminho. Poupa-nos tempo.

Faço um sorriso desdenhoso e olho para a Lira. Ela pestaneja, não em choque, mas como se estivesse a considerar o que ele diz como uma proposta e não como uma ameaça. Se está assustada, é boa a escondê-lo.

Levanta o rum da mesa com uma mão lenta e firme.

– Só para nos entendermos – diz ela, rodando o cálice com indiferença: – Não sou a senhorita dele.

Antes que eu possa processar a expressão no rosto do Rycroft, a Lira investe em frente e atira-lhe o líquido dourado ao olho. O Rycroft solta um uivo ímpio eu ponho-me em pé de um salto, a faca desembainhada enquanto o pirata agarra a cara, com o pó de ouro a cortá-lo sempre que pestaneja.

– Cabra – rosna, desembainhando cegamente a espada.

A Lira puxa o pequeno punhal que antes enfiou na bota e eu colo as costas às dela. As sombras do Rycroft cercam-nos e, do canto do olho, vejo atiradores reunirem-se no tombadilho. Posso tratar de uma dúzia de homens, talvez, mas não sou à prova de balas. E a Lira, apesar de todo o fogo que lhe corre nas veias, não é invencível.

– Achas que isso foi inteligente? – O Rycroft limpa os olhos com a parte de trás da manga.

– Talvez não – diz a Lira. – Mas foi engraçado.

– Engraçado? – Aproxima-se um passo e eu vejo a raiva emanar dele como fumo. – Eu já te mostro a graça.

Arqueio meu corpo e viro as nossas posições para que a Lira faça quadratura com o xaprár e eu fique frente a frente com o Rycroft.

– Não vale a pena chorar sobre o rum derramado – digo-lhe.

Por um momento, o Rycroft olha para mim, ainda mortalmente. Curva os lábios para cima e retém, pestanejando, o gotejar de sangue do olho esquerdo.

– E pensar que, quando te torturasse, te ia deixar ficar com o teu apêndice mais precioso – diz ele.

Quando investe, empurro a Lira para o lado e avanço também. Os xaprár abrem caminho para nós e depois circundam-nos como abutres, prontos a bicar o resto das carcaças da matança. O Rycroft faz descer a espada pesada e, quando a minha faca a encontra, as faíscas são ofuscantes.

Dou um pontapé no joelho do Rycroft, que tropeça para trás com um silvo, mas numa questão de segundos está novamente em cima de mim, a brandir e rasgar com a espada. Golpes letais preparados para matar. Salto para trás e a lâmina risca-me o peito.

Não desvio o foco dele para assimilar a dor. Está louco, para tentar uma coisa destas. Atacar não só um príncipe, mas um capitão. Derramar sangue real é punível com a morte, mas derramar o meu... bem, a minha tripulação consideraria a morte demasiado generosa.

Invisto com o braço, dirigindo a adaga ao estômago dele. O Rycroft roda para se afastar, por um triz, e sinto o tornozelo em falso. Salvando a pouca graça que me resta, enterro a lâmina na sua coxa. Sinto o choque do osso quando se instala na sua perna. Quando puxo, a minha mão vem vazia.

O Rycroft fecha a mão em torno da faca. Parece desumano, como se a própria dor tivesse muito medo de lhe tocar agora. Sem cerimónia, arranca o cabo com força, e a lâmina emerge. Vem limpa e, por um momento, tenho medo de que o Rycroft veja o brilho sobrenatural do aço, mas o pirata mal olha para ela antes de a atirar para o meio do navio.

– E agora? – pergunta ele. – Acabaram-se os truques.

– Matavas um homem desarmado? – Levanto um dedo provocador.

– Acho que sabemos os dois que nunca estás desarmado. E que, quando te matar, será um raio de um espetáculo mais lento do que este.

Vira a cabeça num gesto para alguém atrás de mim. Consigo lançar um último olhar à Lira, absorvendo a luz ofuscante dos seus olhos, muito abertos num sinal de aviso, depois uma sombra desce sobre mim. Lanço bruscamente a cabeça para trás um segundo tarde demais e uma dor cega explode no meu crânio.

Levo a língua ao corte no lábio. Tenho as mãos presas a uma viga grande e, do outro lado da sala, amarrado a um poste idêntico, o Elian está caído no chão.

Parece em tudo o belo príncipe, mesmo com a cabeça caída contra a madeira lascada, com o ferimento a emaranhar-lhe os cabelos. O maxilar pulsa enquanto dorme e, quando os seus olhos tremulam, como que prestes a abrir-se, algo fica preso no meu peito.

Ele não acorda.

Tem a respiração presa, mas fico espantada por respirar sequer. Ouvi o estrépito quando o taco lhe atingiu a nuca. Um golpe de cobarde. O Elian estava a ganhar e, com mais uns minutos, mesmo sem a faca de que tanto gosta, teria matado o Tallis Rycroft. Com as próprias mãos, se fosse preciso. E eu teria ajudado.

Se eu tivesse o meu canto, não o teria desperdiçado num homem como o Tallis. Ele que se afogasse conhecendo o horror da morte, sem o consolo da beleza ou do amor. O Elian tem um exército e deveríamos ter usado isso para atacar o Rycroft, mas o príncipe prefere astúcia à guerra.

Uma saída limpa, disse ele. *Antes que alguém repare no que levamos.*

Olho para as minhas mãos, sujas com o sangue do Elian. Isto não é uma saída limpa.

No mar, as sereias cantam canções sobre os humanos. Há uma que cantarolam como uma canção de embalar para crianças, que conta a história da morte de Keto. Nela, as sereias falam da bravura humana e de como eles cantaram vitória contra todas as probabilidades, mas até ser arrastada para o navio do Elian, eu nunca tinha visto coragem num ser humano. Até os homens mais fortes caíam sob o meu feitiço e aqueles que eu não atraía tinham muito medo de me desafiar. O Elian é diferente. Ele tem coragem, ou imprudência mascarada de algo parecido. E também tem piedade. Até mesmo para criaturas como a Maeve, cuja vida ele tirou como última opção. Não queria

saboreá-lo; só queria acabar com aquilo. Como eu fiz com o príncipe kalokaírino. Com a Crestell.

Pergunto-me se eu seria esse tipo de assassina se tivesse crescido como humana. Piedosa e hesitante em derramar sangue. Ou, talvez, se não teria sido assassina de todo. Se teria sido apenas uma menina, como qualquer outra que andasse pelo mundo. Keto criou a nossa raça na guerra e na selvajaria, mas foram as rainhas do mar que tomaram o seu ódio e fizeram dele o nosso legado. Rainhas como a minha mãe, que ensinaram as filhas a serem guerreiras vazias.

A família do Elian ensinou-o a ser outra coisa. O tipo de homem disposto a tirar uma rapariga desconhecida do perigo e a lutar contra um pirata tirânico em lugar dela. O cavalheirismo de que eu costumava fazer pouco já me salvou a vida duas vezes. É isso que significa ser humano? Tirar alguém do perigo e lançar-se a ele? Sempre que eu protegia a Kahlia, a Rainha do Mar repreendia-me pela minha fraqueza e castigava-nos às duas, como se pudesse destruir o nosso vínculo. Passei a minha vida a repensar cada olhar e cada ação para ter a certeza de que não havia nenhum afeto visível em nenhum deles. Ela disse-me que isso me tornava inferior. Que as emoções humanas eram uma maldição. Mas as emoções humanas do Elian são o que o levou a salvar-me. A ajudar-me. A confiar que farei o mesmo quando chegar a hora.

O Elian mexe-se e solta um gemido baixinho. A sua cabeça pende e os olhos abrem-se. Pestaneja, olhando em redor, e demora apenas uns instantes a dar-se conta de que tem as mãos presas. Puxa, numa tentativa débil de fuga, depois vira a cabeça para mim. Do outro lado da sala, vejo o seu maxilar elegante afilar-se.

– Lira? – Tem a voz áspera como a areia. Deve ver sangue algures (parece estar em toda a parte), porque a próxima coisa que pergunta é: – Onde estás ferida?

Mais uma vez, lambo a fenda no lábio, onde o Tallis me atingiu.

O sangue é morno e amargo.

– Não estou. – Inclino o rosto para longe para que não veja o contrário. – Sangraste para cima de mim.

O riso do Elian é mais um escárnio:

– Encantadora, como sempre – diz.

Inspira fundo e fecha os olhos por um momento. A dor na cabeça deve estar a levar a melhor sobre ele, mas tenta abafá-la e mostrar o bravo guerreiro. Como se fosse uma ofensa para mim vê-lo de outra maneira.

– Vou matá-lo por causa disto – diz o Elian.

– Deves assegurar que não nos mate ele primeiro.

O Elian puxa a corda novamente, torcendo o braço nos ângulos mais bizarros, na tentativa de descartar as amarras. Move-se como uma enguia, escorregadio e tão rápido que, do lugar onde estou sentada, não consigo ver o que está a fazer.

– Basta – digo, quando vejo que a corda começa a deixar-lhe a pele

vermelha. – Não estás a ajudar.

– Estou a tentar – diz-me o Elian. – Fica à vontade para puxares também o teu polegar. Ou melhor ainda, que tal usares o *psáriin* para chamares umas sirenas que nos venham matar antes de o Rycroft ter oportunidade de o fazer?

Puxo o queixo para cima.

– Não estaríamos aqui se não tivesses insistido num plano tão ridículo.

– Acho que esmagarem-me a cabeça me pode ter afetado a audição. – A voz do Elian perde a sua musicalidade habitual. – O que é que acabaste de dizer?

– Nem sequer percebeste que ele te estava a enganar – digo. – E foste direitinho para as mãos dele.

Os ombros do Elian contraem-se.

– Ele tem o colar, portanto, quer eu soubesse da emboscada quer não, teria vindo na mesma. Sacrifiquei muito para cair no último obstáculo.

– Como se alguma vez tivesses tido de sacrificar alguma coisa – disparo, pensando no reino que tenho em perigo. – És o príncipe de um reino cheio de brilho e calor.

– E foi precisamente esse reino que sacrifiquei!

– Como assim?

O Elian suspira.

– O meu acordo com a princesa foi mais do que apenas um mapa e um colar. – A sua voz é pesarosa. – Prometi que ela poderia governar ao meu lado se me desse a sua ajuda.

Entreabro os lábios quando o peso das suas palavras se afunda no ar. Enquanto tento tudo o que posso para roubar o meu trono à minha mãe, o Elian anda ocupado a negociar o seu por um tesouro.

Mesmo como um pirata.

– Tu és estúpido? – A incredulidade dispara da minha boca como uma bala.

– Encontrar o cristal pode salvar vidas – diz o Elian. – E casar com uma princesa paguesa não seria propriamente mau para o meu país. Quando muito, será mais do que o meu pai alguma vez sonhou que eu conseguiria. Serei um rei melhor do que ele podia ter esperado.

Embora as palavras devessem estar dominadas pelo orgulho, são ásperas e amargas. Tingidas de tanta tristeza quanto ressentimento.

Penso em todo o tempo que passei a tentar deixar a minha mãe orgulhosa. O suficiente para ter esquecido o que era sentir contentamento ou alguma coisa que não fosse obrigada a sentir. Deixei que ela me oferecesse a um sereio como se eu não passasse de um pedaço de carne que ele podia devorar, argumentando durante todo o tempo que era uma coisa que eu tinha de fazer pelo meu reino. E o Elian impôs essa própria perdição a si mesmo. Para cumprir o fardo do mundo e o dever do seu título, está disposto a perder as partes de si que mais preza. A liberdade, a aventura e a alegria. Partes que eu mal me lembro de ter.

Desvio o olhar, incomodada por ver tanto de mim nos seus olhos.

Seja como for, tens de lhe tirar o coração, penso no meu íntimo. Que outra escolha existe?

– Se o colar é tão precioso assim, devíamos ter matado o Tallis para ficar com ele – digo.

– Não podes matar toda a gente de quem não gostas e pronto.

– Eu sei isso. Caso contrário, já estarias morto.

Mas não é verdade. Quase me surpreende como é falso. Porque eu poderia tê-lo matado, ou pelo menos tentado, e cumprido as ordens da minha mãe uma dúzia de vezes.

O teto treme antes que o Elian possa responder. Há um rumor grave no vento e, por um momento, julgo que pode ser as ondas do mar a bater contra aquela triste figura de navio do Tallis Rycroft, mas depois o rumor fica mais forte e uma pancada sacode a cabine. Chove pó do teto e, debaixo de nós, as tábuas de madeira lascam.

Ouve-se um coro de gritos e depois nada, além do som de canhões e tiros. De gritos e morte. Do mundo a descer ao caos.

O Elian puxa as cordas com uma nova ferocidade. Fecha os olhos e ouço um estalo retumbante. Vejo-o, incrédula, tentar puxar a mão das amarras, o polegar esquerdo agora frouxo. Miraculosamente, escorrega a meio caminho antes de a corda se alojar na sua pele.

– Porra – cospe. – Está muito apertado. Não consigo tirá-lo.

A cabine geme. Uma grande fenda rasga a parede e a moldura da janela racha com a pressão. Acima de nós, os passos batem no convés e o estrondoso embate das espadas só perde para o ensurdecedor rugido do fogo de canhão.

– O que é aquilo? – pergunto.

– A minha tripulação. – O Elian puxa novamente a corda. – Eu reconheceria o barulho dos canhões do *Saad* em qualquer lugar. – Dirige-me um sorriso capaz de iluminar nações inteiras. – Ouve o rugido da minha menina.

– Eles vieram por nossa causa?

– É claro que vieram por nossa causa – diz o Elian. – E se danificaram o meu navio ao fazê-lo, vai ser do diabo para pagar.

Assim que as palavras saem dos seus lábios, uma bala de canhão esmaga a janela. Passa por mim e vai colidir com a viga de madeira que segura o Elian. Ele baixa a cabeça a uma velocidade de sirena e chovem aparas de madeira pelas suas costas abaixo. Prende-se-me a respiração e uma sensação de náusea sobe pelo meu estômago. Depois, o Elian levanta a cabeça e sacode o pó do cabelo.

Exalo demoradamente e o meu coração humano desvairado regressa ao seu ritmo normal. O Elian examina o massacre da madeira à sua volta. E depois, lentamente, quase com maldade, sorri.

Põe-se em pé e sai debaixo da viga quebrada. Salta, trazendo as mãos amarradas sob os pés para o peito num movimento rápido. Por um breve

instante, examina a sala húmida e escura à procura de alguma coisa para cortar a corda, mas a cabine está vazia, com exceção dos dois prisioneiros.

O Elian olha de relance para mim e o seu sorriso esmorece ao ver as minhas amarras. A viga intacta pronta para me derrubar com o navio. Olha para as suas mãos amarradas, o polegar ainda dolorosamente deslocado. O espaço demasiado despido para ter um uso. A rapariga que ele parece não conseguir salvar.

– Vai – digo-lhe.

Os olhos do Elian endurecem. Escurecem. Aquele verde desaparece sob um turbilhão de raiva.

– O papel de mártir não te assenta bem – diz ele.

– Vai – digo, num sibilo.

– Não te vou deixar aqui.

O som de tiros perfura o ar. E um grito – um rugido de fúria –, tão alto que estremeço. O Elian vira-se para a porta. Do lado de fora, a sua tripulação pode estar a morrer. Os homens e mulheres a que chama família marcando as respetivas vidas como perdidas para salvar o seu capitão. E para quê? Para ele entregar a própria vida para salvar esse mesmo monstro que tem perseguido? Uma rapariga que tem estado a conspirar para lhe roubar o coração? Uma traidora em todos os sentidos da palavra.

Ambos arriscámos a vida e o reino para encontrar o olho e derrubar a minha mãe. No mínimo, não vou ficar de braços cruzados a ver alguém perder o seu reino só para não ficar sozinha quando perder o meu.

– Elian. – A minha voz assume uma calma assassina.

– Eu...

– Foge! – grito e, para minha surpresa, ele obedece.

Range os dentes por um momento antes de correr, o maxilar pulsando sob o peso da decisão. E depois vira-se. Rápido como uma seta, o jovem príncipe sai, disparado, da cabine, e deixa-me ao meu destino.

Espero a chegada da morte.

Há uma hipótese de que, quando eu morrer, volte à minha forma de sirena. O cadáver da poderosa Desdita dos Príncipes, preso dentro de um navio pirata. Talvez um navio afundado. Talvez, onde ninguém me encontrará, além das sereias. A minha mãe pode até fingir luto pela perda da sua herdeira, ou simplesmente ordenar ao Manja-Carne que a ajude a fazer outra.

Estou com um pouco de pena de mim, quando o Tallis Rycroft irrompe pela porta. Os seus olhos varrem a cabine fria e vazia e depois arranca da parede uma tábua de madeira disfarçada de prateleira, os pregos enferrujados saltam com a força.

Tem as calças manchadas de vermelho, de onde a faca do Elian se espetou. Pelo rasgão, vejo pontos grossos pretos cruzar-lhe a pele e deixando-a no lugar. Um trabalho feito à pressa, mas parece ter resultado. O Elian não deve ter atingido artérias.

Tem os nós dos dedos esfolados e arranhados. Quando investe pelo espaço, fá-lo a coxear. Ele vê a viga partida onde estive o Elian e rosna, chutando as lascas para mim.

Nem estremeço.

– Onde está ele? – vocifera.

Cruzo uma perna sobre a outra e afundo os ombros, com indiferença.

– Vais ter de ser um pouco mais específico.

Em dois passos, o Rycroft atravessa a cabine e envolve-me o pescoço com as mãos grossas. Puxa-me para eu ficar de pé e grunhe.

– Diz-me onde ele está – diz, num sibilo. – Ou parto-te esse lindo pescocinho.

O peso das suas mãos na minha garganta lembra-me o aperto da minha mãe. Quero tossir e balbuciar, mas parece que não há ar suficiente. Há uma fúria sem medida nas minhas veias, a puxar e empurrar as minhas entranhas

até que só resta um poço profundo de aversão.

Torço os lábios num esgar próprio.

– Pareces chateado – digo.

O Tallis arranca as mãos de cima de mim.

– Estão a despedaçar o meu navio – diz, a ferver. – Quando encontrar esse filho da mãe, não há palavras para o que vou fazer. Ele declarou guerra.

– Acho que o fizeste tu quando atacaste o príncipe de Midas e o fizeste prisioneiro. Se achas que isto é mau, imagina todo o poderio do exército dourado dedicado a perseguir-te.

O Tallis estreita os olhos.

– O que é que chamam quando alguém ataca um membro de uma família real? Ah, sim. – O meu sorriso podia cortar a carne. – Traição da Humanidade. Ainda é o afogamento que fazem?

Tallis fica de cara descaída perante esta referência.

O último castigo foi muito antes do meu tempo, mas as sirenas ainda contam histórias. Humanos que pegaram em armas contra a realeza, rompendo o pacto de paz entre os reinos. Foram ancorados no oceano e deixados à minha espécie. Mas nenhuma sirena atacou. Em vez disso, viram os traidores perder o fôlego e estrafilem a garganta. Então, nos seus momentos finais, aproximaram-se para que os humanos pudessem afogar-se com medo. De acordo com a minha mãe, só quando o coração dos humanos bombeou pela última vez é que as sirenas lhes arrancaram do peito.

Pela expressão do Tallis, ouviu os mesmos contos de pesadelo.

Saca da espada num arco desajeitado e pressiona a lâmina na minha bochecha.

– O que te importa? – sussurra o Tallis. – Ele deixou-te aqui, não deixou?

Diz isto como se eu me devesse sentir traída, mas nada nesta acusação me pica. O Elian foi porque eu lhe disse e teria ficado se eu lho tivesse pedido. Teria morrido, talvez, se eu tivesse deixado. Mas não deixei. Salvei uma pequena parte de mim que me esqueci que existia, uma parte que tinha a certeza de que minha mãe eviscerara de mim, e deixei-o ir.

– Podemos continuar esta conversa depois de me matares? – pergunto.

O Tallis acaricia a minha bochecha com a lâmina. Então, antes que eu tenha oportunidade de vacilar, ergue a espada no ar e fá-la descer depressa.

Olho para as minhas mãos livres e a corda, com um golpe certo, cai aos meus pés.

– Gosto que as minhas mulheres deem um pouco de luta – diz o Tallis, com um ronrono. – Vamos lá ver que luta das tu.

Não perco tempo a sorrir e faço das unhas garras.

Seja o que for que o Tallis espera, não é que eu tente arrancar-lhe o coração. Como um abutre, mergulho e arranho até sentir os braços pesados. O meu peito. Os seus olhos. Qualquer coisa a que eu consiga deitar as mãos. Quando ele me empurra, mal fico no chão por um segundo e volto a ele de

novos.

Sou um animal, a cortar com os dentes a sua delicada carne humana. Sinto o sabor dele na boca. Acre. Um estranho misto de metal e água. Mordo com mais força, até que ele me arranca do braço e trago comigo uma fatia de pele.

– Puta de merda! – grita.

Pergunto-me até que ponto me pareço com o Manja-Carne neste momento, com um pedaço do Rycroft no canto dos lábios e um sorriso como a deusa diabo que nos fez a todos. Deslizo a língua pelos lábios, rosnando enquanto o seu sangue imundo coagula nas pontas dos meus dentes.

O Tallis avança para mim, cada passo como um trovão contra as tábuas decrépitas. Quando me alcança, levanta-me pelos folhos do vestido e esmaga-me contra a parede. As suas pernas prendem as minhas no lugar, os joelhos cravados nas minhas coxas.

Bate-me na cara para o lado com a base da mão e minha bochecha raspa num prego torto.

– Vais pagar por isso – diz ele, o seu sopro quente na minha orelha.

– Claro que sim. – Mudo a posição das ancas, mantendo as mãos firmes quando as levo ao interior do tecido da sua capa. – Mas primeiro, agradecia que não me sujasses toda com o teu sangue.

Mal sinto o cabo da faca debaixo da roupa dele, puxo a mão e depois avanço-a com violência. O meu pulso vira para a esquerda e o Tallis pestaneja. Quando levanto a mão, ele engole, um som sufocado e irregular.

As suas mãos largam a minha roupa e ele tropeça para trás.

Deslizo pela parede e solto a respiração.

Distração, disse o Elían. *Tens de ser tão rápida que nem reparam.*

Olho para o Tallis. Os seus olhos demoníacos e a pele cinzento-osso. O olhar de medo e surpresa que rola sobre ele como uma borrasca. E a faca, a sua própria faca, espetada nas tripas. Não foi difícil tirá-la. Aparentemente, é difícil reparar que nos roubam a arma do cóis quando também nos rasgam a pele com os dentes.

A lâmina é tão funda que o cabo mal aparece através da camisa. Ele demora um momento a cair. São segundos com ele a franzir a testa e a arquejar antes que a cabeça bata finalmente no chão.

Ergo-me sobre o corpo e engulo. Há um vazio no meu peito e a pressa que geralmente vem com a morte é substituída por um poço fundo encostado ao meu coração errático. É a minha primeira morte desde que sou humana e, de certa forma, julguei que não importava, mas toda eu sou sangue e a cara do Tallis está frouxa e não sei porquê, mas estou a tremer.

Baixo os olhos para ele e a única coisa que vejo é a Crestell, a morrer ao som dos gritos da Kahlia. As minhas mãos tão molhadas com o seu sangue, uma promessa implorada entre nós.

Torna-te a rainha que precisamos que sejas.

Fecho os olhos e fico à espera que o momento passe. Espero que passe,

senão posso enlouquecer nesta cabine. Não faz sentido pensar nela agora; o Tallis não é propriamente a minha primeira morte desde então. Aperto os punhos e sinto o sangue acumular-se debaixo das unhas. Mas a Crestell foi o ponto de partida, aquela que a minha mãe usou para me fazer ultrapassar o limite. Enquanto humana, eu podia fingir uma espécie de *tabula rasa*, se quisesse. Pelo menos por um tempo. Mas agora não. Já não. Sou uma assassina em todas as vidas.

Abro os olhos e, quando torno a olhar, o Tallis é outra vez o Tallis e volta-me à memória o rosto da minha tia. Suspiro de alívio, depois estreito os olhos quando alguma coisa brilha ao canto do meu olho. Ao sol crescente, capto o fio de metal à volta do pescoço do Tallis. Dele pisca uma luz, como uma estrelinha a esforçar-se para manter a chama. Instável, agacho-me ao lado do corpo do pirata e afasto-lhe o colarinho.

Ainda tem o fio paguês apertado ao pescoço. A chave para libertar o olho. Sorrio e abro o fecho, com cuidado, como se pudesse acordar o pirata adormecido, depois guardo o objeto roubado no bolso.

Quando a porta da cabine se abre, sobressalto-me. Os meus ombros ficam tensos, as unhas prontas para, mais uma vez, se tornarem armas.

O Elian nem sequer olha para o Tallis Rycroft.

Atravessa a sala na minha direção, os olhos luminosos e tão verdes, a brilhar de alívio. O cabelo segue em todas as direções, revoltado na testa, caído sobre o rosto. Tem a camisa rasgada, mas suspiro ao ver que não há ferimentos novos. Apenas sujidade e salpicos de pólvora. Não penso se estou aliviada por continuar a precisar dele para derrubar a minha mãe ou se é por outro motivo completamente diferente.

A faca do Elian está presa ao cinto, a sua magia ainda tão forte para mim, e na mão tem uma espada, a sua espada, ouro e cinzas brilhando no vidro estilhaçado. Quando me alcança atira-a ao chão e agarra-me os ombros. O seu sorriso é diferente de tudo o que eu já vi.

Digo a primeira coisa que me ocorre, espelhando as suas palavras para mim em Eidýllo.

– Tenho a certeza de que já me livrei de ti.

As bochechas do Elian ganham covinhas e ele lança um olhar por cima do ombro. O Kye, a Madrid e o Torik estão reunidos numa fila bem unida atrás dele. Vieram. Não só pelo capitão, mas pela clandestina. A rapariga estranha que encontraram a flutuar no meio do oceano. Vieram por mim.

Quando ele se vira para mim, os seus olhos percorrem-me rapidamente o rosto. Os seus lábios são uma linha fina e tensa quando repara nos arranhões que me ardem na face. O sangue que me cobre, algum meu, outro não.

– O que estás aqui a fazer? – pergunto.

Encolhe os ombros.

– O que faço melhor.

– Irritares-me?

– Salvar-te – responde, pegando na espada. – É a segunda vez. Não que

eu esteja a contar.

É a terceira, na verdade, se contarmos que me empurrou do caminho do Rycroft no convés do navio. O Elian pode não estar a contar, mas eu estou.

– Não acredito que voltaste atrás por minha causa – digo.

Não me dou ao trabalho de afastar a gratidão da voz.

O Elian dá uma palmadinha no cinto, onde assenta, feliz, a sua faca.

– Na verdade, voltei por causa disto – diz ele. – Resgatar-te foi, essencialmente, uma ideia posterior.

Faço um olhar fulminante.

– Eu não preciso de ser resgatada.

Pela primeira vez, o Elian olha para o corpo esparramado no chão apodrecido. É como se acabasse de se dar conta de que o líder dos infames xaprár, sequestrador de piratas e príncipes, está a sangrar aos seus pés.

– Lembra-me de não me pôr de mal contigo – diz o Elian.

– Tarde demais.

Rasga um sorriso de orelha a orelha. Ainda está a sorrir quando eu vejo a cabeça do Rycroft erguer-se das tábuas do soalho. O pirata tem a mão na cintura em menos de nada e, quando se ergue no ar, fico espantada por ver que a pistola é preta como tinta de lula. Quando o Elian vira a cabeça, e a sua tripulação investe, em pânico, um tiro dispara.

Não é a primeira vez que ouço um tiro, mas o som parece mais forte. Estremece nos meus ossos e bate ao ritmo do meu coração. Tudo é uma correria de sons. O cheiro da pólvora e o terrível grito de advertência que dispara dos lábios do Kye. E depois o Elian. A maneira como o seu sorriso esmorece quando repara no terror nos meus olhos. Três dívidas de vida.

É quase por reflexo que o empurro para fora do caminho da bala.

Faz-se um silêncio imediato que desce sobre a sala como um manto. Um fragmento de segundo em que o mundo parece ter perdido todo o som. E depois sinto. A dor do metal escaldante a rasgar-me a pele humana.

Morri uma vez e não tenho sido capaz de morrer novamente desde então.

Tinha treze anos na altura, ou algum outro número da mesma sorte. Cerca de quilómetro e meio da costa de Midas, existe um farol numa pequena língua de prado flutuante. Os guardas do mar usam-no como ponto de observação, ao passo que eu e os meus amigos o usávamos para provar a nossa bravura. A ideia era nadar o tal quilómetro e meio, tocar nos tufos de relva e ficar lá em cima como orgulhoso vencedor.

A realidade era não se afogar.

Nunca ninguém nadou essa extensão, porque qualquer pessoa estúpida o suficiente para considerar fazê-lo era demasiado jovem e qualquer pessoa com idade suficiente tinha aprendido a utilidade dos barcos. Mas o facto de ninguém o ter feito – de que, se eu conseguisse, seria o primeiro – só tornou a ideia mais apelativa. E o rugido do meu cérebro a implorar-me que não morresse passou a um sussurro baixo.

Consegui chegar ao farol, mas não tive forças para me levantar. Tive, no entanto, força para gritar antes que a minha boca se enchesse de água e eu deixasse que o ouro me levasse.

Não sei quanto tempo estive morto, porque o meu pai se recusa a falar destas coisas e eu nunca perguntei à minha mãe. Pareceu-me uma eternidade. Depois disso, o mundo deve ter-se apiedado de mim, porque, apesar de todas as coisas loucas e mortíferas que fiz desde então – que superam em muito um quilómetro e meio de natação –, ainda estou vivo. Intocado por outra pincelada de mortalidade. Feito invencível, de alguma forma, por essa primeira fatalidade.

Quando a bala voa pelo ar e as mãos frias da Lira nas minhas costas me empurram para o chão, fico com raiva disso. Da minha invencibilidade. Do meu talento para a sobrevivência enquanto aqueles em meu redor continuam a morrer.

– Não! – grita a Madrid, avançando.

Bate com a bota no queixo do Rycroft, disparando dentes em tantas direções que não me consigo focar. O Kye agarra-a pela cintura, segurando-a desesperadamente enquanto ela tenta arrancar-se do seu abraço para acabar com o pirata. Aquele que lhe roubou o capitão. Que pode ou não a ter vendido à escravidão. Que acabou de dar um tiro a uma rapariga à frente dela.

A Madrid grita cobras e lagartos, ao passo que a Lira não faz som nenhum.

Franze a testa, o que parece mais alto ainda, e leva a mão ao buraco que tem de lado. A palma sai molhada e a tremer.

Ela olha para o sangue.

– Não queima – diz ela, e depois abate-se e cai no chão.

Corro para ela, derrapando por baixo do seu corpo frágil antes que se estatele na madeira. Apanho-lhe a cabeça nas mãos e ela solta um som engasgado. Há sangue. Tanto sangue. Sempre que pestanejo, parece vir mais, até que tem todo o lado direito do vestido ensopado.

Pouso a mão nas suas costelas e pressiono. Tem razão: não é quente. O sangue da Lira é como gelo derretido a correr entre os meus dedos. Quanto mais pressiono, mais ela estremece. Com convulsões, enquanto tento parar o frio que dela jorra.

– Lira – digo, e a palavra mais parece um apelo do que um nome. – Tu não vais morrer.

Resisto a olhar novamente para a ferida. Não quero, por medo de que ela possa realmente morrer e as minhas últimas palavras para ela sejam uma mentira e que estupidez que isso seria.

– Eu sei – diz a Lira. A sua voz é mais firme do que a minha, como se a dor não fosse nada. Ou, pelo menos, é algo menor do que sentiu antes. – Ainda tenho uma montanha para escalar.

A cabeça dela descai um pouco e eu firmo a mão, apoiando-a. Se ela perder a consciência agora, não há como saber se vai acordar.

– Isto nivela a pontuação, sabes – digo. – Embora eu continue um ponto acima.

A Lira muda de posição.

– Rápido – diz ela. Tenho os dedos colados com o sangue dela, as fraldas da camisa molhadas na anca. – Toma isto para compensar.

Levanta um braço trémulo e um pequeno pingente cai da sua mão para a minha. Mais azul do que os seus olhos e demasiado delicado para conter tanto poder. O colar de Págos.

Tem-no em seu poder.

Dou uma gargalhada e pondero sobre o comentário inteligente que eu poderia fazer – dizer-lhe que não é bem o meu estilo, ou que talvez já o tenha em ouro –, mas depois os olhos da Lira tremem e parece que não faz muito sentido ser engraçado se não é ela a ouvi-lo.

– Capitão! – grita a Madrid, as mãos do Kye ainda a cingirem-lhe a cintura. – Ela precisa de um médico.

O Torik faz-me sombra, apertando o meu ombro com as mãos poderosas e trazendo-me de volta à realidade. Engulo. Aceno. Fico com a Lira, leve demais nos meus braços. Vou a correr dos restos do navio de merda do Rycroft, deixando um rasto de sangue.

– Toca a andar! – grito, quando torno a pôr o pé no *Saad*. – E mandem aquele navio atrás de nós para o diabo.

O *Saad* avança e a minha tripulação salta para a anarquia. Correm de uma ponta do convés para a outra, puxando as cordas e reclinando a lança do guindaste. Ajustam as velas e procuram o vento. Avanço, passando pelos que param redondos, ao reparar na rapariga ensanguentada nos meus braços e me oferecem a mão.

– Elian – diz o Kye. – Estás ferido. Deixa que eu a levo.

Ignoro-o e viro-me para o Torik. Tem o rosto destroçado quando olha para a Lira. Ela podia não ser uma de nós antes, mas morrer em serviço assegura a lealdade das pessoas.

– Certifica-te de que o médico está pronto – digo, e o meu imediato anui.

O Rycroft é atirado descuidadamente para o ombro do Torik, o sangue a escorrer-lhe pelas costas. O homem está vivo, mas por pouco, e se eu lhe puser as mãos em cima, não vai ficar assim por muito tempo. Com a Lira ainda frouxa nos meus braços, grito ao Torik para ir buscar o médico e ele atira o Rycroft ao chão sem hesitar, antes de se apressar para o convés inferior.

Na realidade, não temos médico, mas o meu engenheiro assistente viajou com um circo *plásmatash*, o que está perto disso. Quando levo a Lira até ele, pelos túneis e voltas do meu navio, sou apanhado de surpresa pela ideia de que, de todos os príncipes e piratas e assassinos e condenados, um menino pequeno do circo é o único que pode ajudar. Parece uma piada e eu penso em como a Lira se podia rir, se soubesse que um engenheiro novato lhe vai coser a pele. Com que comentários mordazes se sairia e como isso se afundaria em mim como um veneno perfeitamente maravilhoso. Como uma bala.

Abro caminho para a sala apinhada, o Kye a correr atrás de mim. O aspirante a médico gesticula para uma mesa no meio da sala de engenharia.

– Coloca-a lá em baixo – diz ele, em pânico. – E abre-lhe o vestido.

Faço o que ele diz e pego na faca. O estranho é que, a princípio, acho que não posso ver mais sangue jorrar da ferida – parece estar todo no vestido e em mim – e depois, quando vejo, não parece suficiente. Ou talvez já tenha saído todo. Talvez não sobre nenhum.

– Ó deuses! – O Kye recua enquanto rasga o vestido da Lira. – Ela vai sobreviver?

– E isso importa-te? – respondo bruscamente.

A culpa não é dele, mas gritar ao Kye é um pouco como gritar a mim mesmo e, neste momento, preciso que me gritem. Porque isto é culpa minha. Se a Lira morrer, a culpa é minha.

Não posso acreditar que voltaste por minha causa.

Mas, primeiro, deixei-a.

– Eu não quero que ela morra, Elian. – O Kye aperta-me o braço, firmando-me enquanto as partes esfrangalhadas dentro de mim ameaçam despedaçar-me. – Nunca quis. Além disso – o Kye enfia a mão no bolso e suspira com as palavras seguintes: – ela protegeu-te quando eu não consegui.

– Parece um tiro limpo – diz o médico e eu viro-me, com a ironia a roer-me. Foi um tiro sujo, completamente.

– Só lhe raspou as costelas – diz ele. – Mas tenho de verificar se nenhum órgão foi danificado. – Aponta o dedo enluvado para o Kye. – Não fiques aí parado a fazer-me sombra. Vai-me buscar umas toalhas.

O Kye não se eriça com a ordem, nem argumenta que devemos deixar a Lira morrer para ter a certeza de que ela não nos pode trair. Vira-se, sai da sala a correr e nem perde tempo para fazer um olhar furioso.

– Não cortou nada de importante – diz o médico.

Formula esta última frase como uma reflexão tardia, mas quando ele se vira para mim, os seus olhos estão expectantes.

– Não tenho a certeza – digo-lhe. – Havia muito sangue.

Ele encolhe os ombros e tira um instrumento, que não parece inteiramente legítimo, de uma caixa ali perto.

– Ainda não encontrei nenhum mecanismo que não conseguisse consertar – diz. – O corpo humano é apenas mais uma máquina. – Olha-me com olhos tranquilizadores. – Uma vez, salvei um macaco que tinha uma ferida de faca nas costelas. Houve um acidente com um balão que rebentou. Não é assim tão diferente.

Creio que é suposto isto ser tranquilizador, por isso aceno com a cabeça justamente quando o Kye irrompe de novo no quarto com um punhado de toalhas lavadas. Depois, somos os dois mandados de volta pelo caminho por onde viemos, e eu não discuto. Fico feliz por ser posto na rua para que o médico possa trabalhar, sem ter de olhar para o peso morto da Lira e pensar que nunca a vi tão vulnerável. Tão capaz de ser finita.

Não me dou um momento para respirar antes de voltar para o convés e para o corpo do Rycroft. A minha tripulação tem as narinas dilatadas, à espera de ordem de soltura. Ao meu lado, sinto a rigidez do Kye. Mal consegue conter-se e espera desesperadamente que eu não lhe peça que contenha os outros. É assim a minha tripulação. Não precisam de ser amigos. Não precisam de gostar uns dos outros. Estar no *Saad* é igual a ser uma família e, ao salvar-me, a Lira provou uma coisa ao Kye. Fechei-a numa jaula e obriguei-a a negociar uma posição no meu navio, e ela salvou-me, mesmo assim, acreditando ser a escolha certa. Uma vida por uma vida. Confiança por confiança.

O Tallis Rycroft fita-me e não está vivo o suficiente para ser ameaçador. Tem o olho esquerdo fechado, com um alto que se estende como o cume de uma montanha, e as feridas no seu rosto tornam os seus lábios indistinguíveis. O buraco no seu estômago sangra.

– O que lhe vais fazer? – pergunta o Kye. A sua voz não é nada calma, há um certo desequilíbrio naquele tom geralmente despreocupado. Quer vingança, tanto quanto eu. E não apenas por ter levado o seu capitão, mas também pela mulher ferida, que jaz no nosso navio.

– Não sei.

A Madrid faz um pequeno canivete andar entre os seus dedos. Quando se corta, deixa o sangue pingar para a perna ferida do Rycroft.

– Ele não merece viver – diz. – Escusas de nos mentir.

O Rycroft pisca um olho, lentamente, ao compreender a tempestade que criou. O jovem príncipe que existe dentro de mim quer sentir pena dele, mas não paro de olhar para as meias-luas e as linhas serrilhadas e compridas que lhe sulcam os bíceps. Ferimentos feitos a tentar afastá-lo. Marcas de unhas tão semelhantes às do meu próprio peito.

Hesito, apanhado desprevenido quando uma imagem distorcida da Desdita dos Príncipes me passa pela cabeça. Ela podia ter-me apertado o pescoço ou feito uma série de coisas para me incapacitar, mas deixou as garras rasgarem lentamente o meu peito. Isso era uma coisa das sirenas. Iam sempre diretas ao coração.

– Capitão – diz a Madrid, e eu afasto a imagem pestanejando.

– Vou procurar umas águas infestadas de tubarões – digo-lhe, recuperando a compostura. – E deitar lá o seu apêndice preferido.

Faz-se um silêncio fleumático, enquanto todos os que estão no campo de audição das minhas palavras refletem nelas. O Rycroft meio pestaneja de novo.

– Da próxima vez mente-nos – diz o Kye, pigarreando.

– E a Lira? – pergunta a Madrid.

Encolho os ombros.

– Depende se está agradável quando acordar.

– O que eu queria perguntar é se vai mesmo ficar bem – diz ela.

Olho para o Rycroft e preciso de todas as minhas forças para sorrir.

– Não se mata a minha tripulação assim tão facilmente.

É uma frase da treta, mas preciso que todos acreditem. Preciso eu próprio de acreditar. Penso na Lira e é como se sentisse o seu sangue-frio pingar-me por entre as mãos como gelo derretido. Se ela morrer, então o meu plano e toda esta missão morre com ela. Mais do que tudo, estou a contar os minutos até o nosso engenheiro novato aparecer a dizer que está tudo bem. Que a Lira não morreu por mim e que ainda pode oferecer a última peça do *puzzle* para libertar o Cristal de Keto da sua caixa.

Que talvez – mas só talvez – eu não precise de despedaçar mais o Rycroft.

Acordo e desejo logo não ter acordado.

Sinto uma dor crua nas costelas, como se houvesse uma criatura a moer-me a pele e sinto-me atordoada de uma maneira que me diz que dormi demais.

O quarto onde me encontro é tão desorganizado como os meus pensamentos. Afasto a camisa aberta e aperto as costelas repletas de ligaduras. Os meus dentes rangem e deixo as pernas balançar por cima do banco. Passa um mero segundo de estar erguida e a moinha torna-se mordida.

– Há qualquer coisa na ferida de bala que também me dá vontade de saltar da cama.

O Kye está a lavar as mãos num lavatório ali perto, com uma grossa camada de óleo e gordura. Quando termina, sacode a água das mãos e vira-se para mim com um olhar condenatório.

– É suposto isto ser uma cama? – pergunto.

Ele coloca a mão molhada na minha testa e eu resisto à vontade de me retrair com o frio.

– Acho que agora não estás a morrer – diz ele.

– Estava a morrer antes?

Ele encolhe os ombros.

– Talvez. Mas o pequeno médico do circo tratou bem de ti. Até me ensinou a ligar-te os ferimentos para se poder concentrar em ajudar a manter o navio à tona da água. – O Kye acena com a cabeça para as ligaduras com um olhar presunçoso. – Mesmo perfeitas, não estão? São as minhas primeiras.

– Não me podias também ter dado uma cama? – pergunto, sem deixar de notar que alguém (espero que a Madrid e não o Kye) também me vestiu uma coisa mais simples e confortável do que o vestido que tinha antes.

– A Madrid foi buscar almofadas. – O Kye limpa as mãos a um trapo que tem à mão.

– Foi o melhor que podíamos fazer, uma vez que não tínhamos a opção de te mudar de lugar.

Olho para o lençol sujo que ainda me envolve finamente. Há uma almofada de veludo preto onde estava a minha cabeça, fofa o suficiente para eu ter dormido confortavelmente fosse por quanto tempo fosse, e uma almofada oval fina pressionada na forma dos meus pés. Não é exatamente digno de uma rainha, mas para a vítima de um tiro, a bordo de um navio pirata, poderia ser considerado um luxo.

– Como te sentes? – pergunta o Kye e eu rasgo um sorriso.

– Ficaste preocupado? – Como não respondesse, experimento as costelas com um suspiro fundo. – Bem – digo.

A ligadura é muito apertada à volta do meu corpo e a roupa é fresca e limpa na minha pele. Deve ter sido mudada há pouco tempo, dou-me conta, o que significa que o Kye tem estado a olhar por mim.

– Esperava a Madrid – digo-lhe. – De todas as pessoas, não pensei que serias tu.

– Ela esteve aqui durante um tempo – diz ele. – Mais do que um tempo, na verdade. Tive de a mandar dormir um pouco antes que ela pregasse os olhos para os manter abertos. – Olha para as mãos. – Ela estava com medo de que fosses mais uma rapariga que não conseguia fugir.

– Fugir de quê?

– Do Rycroft – diz ele, e depois arrasta os pés, pouco à vontade. – Fico feliz por estares acordada.

O comentário não é tão casual quanto ele gostaria que fosse. Apesar de toda a desconfiança entre nós, o Kye e o resto da tripulação arriscaram a vida para voltar por minha causa e, enquanto eu jazia a sangrar no seu navio, não me deixaram a dormir sozinha. Ficaram. Vieram por mim e ficaram.

– Então agora confias em mim? – pergunto.

– Quase morreste a tentar salvar o Elian. – O Kye pigarreia, como se fosse difícil dizer as palavras. – Portanto, tal como eu disse, fico feliz por estares acordada.

– Fico feliz por não me teres matado quando eu estava inconsciente.

O Kye sorri e resfolega.

– Gosto da maneira como dizes «obrigada».

Rio e, depois, estremeço.

– Quanto tempo estive a dormir?

– Uns dias – diz ele. – Tínhamos uns sedativos fortes e todos achámos que seria boa ideia para descansares. – Pega no pano junto à pia e passa-o pelas mãos, pouco à vontade. – Escuta – diz ele cautelosamente. – Eu sei que te fiz passar um mau bocado, mas é só porque o Elian parece gostar de se entregar às mãos da morte com muita frequência e o meu trabalho é impedir que isso aconteça, sempre que posso.

– Como um bom guarda-costas – digo.

– Como um bom amigo – corrige. – E acho que lebares uma bala por ele te valeu uma pausa de eu ser merdoso contigo. – Suspira e atira o trapo para o meu colo. – Acho que isto faz de ti oficialmente um de nós.

Dedico um momento a processar isto. A ideia de que o meu lugar é com eles, num navio que zarpa para todo o lado e para lado nenhum. É o que eu queria, não é? A confiança da tripulação para que não suspeitassem. E, no entanto, no instante em que o Kye o diz, não penso em como conquistei a confiança que planeio quebrar. Penso em como me parece diferente, ser um novo tipo de soldado, conquistando lealdade ao salvar vidas, em vez de a destruí-las. Travar uma guerra do outro lado.

– Não ouvi bem esse pedido de desculpa – digo. – Podes repetir?

O Kye faz uma carranca, mas é diferente de antes, mais leve, sem nada hostil. Um sorriso instala-se no seu rosto.

– Parece que o Elian te tem andado a ensinar a sua versão de humor – diz.

Faço uma pausa à menção do nome do Elian.

Ele prometeu que não voltaria por minha causa se alguma coisa corresse mal, mas depois fê-lo na mesma. Quando se libertou das amarras e foi confrontado com a oportunidade de se ir embora, não quis.

Fecho os olhos com força quando a minha cabeça começa a latejar. Todo o propósito da minha presença neste navio é matá-lo e quando surgiu a oportunidade de outra pessoa o fazer, eu impedi-o.

Empurrei-o para longe da bala, da mesma forma que ele me puxou do oceano. Sem pensar ou ponderar o que isso poderia significar ou como poderia beneficiar-me. Fi-lo porque parecia ser a única coisa a fazer. A coisa certa a fazer.

No meu mundo, a Kahlia é o único resquício da minha inocência perdida. A única prova de que há uma pequena parte de mim a que não deixei a minha mãe meter as mãos. Não sei porquê, mas o Elian evocou o mesmo sentimento selvagem que costumava ser reservado apenas a ela. O desejo de permitir vestígios de lealdade e humanidade em mim. Somos iguais, ele e eu. Tal como olhar para os olhos da minha prima é como se olhasse para uma memória da minha própria infância, estando perto do Elian é como estar perto de uma versão alternativa de mim mesma. Reflexos um do outro num reino diferente e numa vida diferente. Pedacos partidos do mesmo espelho. Há mundos entre nós, mas parece mais semântica do que prova tangível de como somos diferentes.

Está tudo mais obscuro agora. E o Elian fez isso num único segundo, com uma ação tão fácil como respirar: Sorriu. Não porque eu estivesse a sofrer, ou a baixar-me ou a fazer-me maleável a todos os seus caprichos e decretos, como fiz com minha mãe. Ele sorriu porque me viu. Livre e viva, e já a fazer o meu caminho de regresso a ele.

Tenho estado tão focada em pôr fim ao reinado da minha mãe que não pensei em como posso pôr um fim à sua guerra. Mesmo que eu ponha as mãos no Olho, continuava a planear tomar o coração do Elian, como me ordenou a minha mãe, pensando que isso provaria alguma coisa ao meu reino. Mas o quê? Que sou igual a ela, valorizando a morte e a selvajaria em detrimento da

piedade? Que trairei qualquer pessoa, mesmo os que me são leais?

Se eu encontrar o Olho, talvez não sejam só as sirenas que já não precisam de sofrer, mas os humanos também. Talvez eu possa parar o rancor milenar que começou na morte. Ser um novo tipo de rainha, que não faz das filhas assassinas.

Penso na Crestell, a proteger a Kahlia de mim e a dar a sua própria vida.

Torna-te a rainha que precisamos que sejas.

– Eu devia ir buscar o capitão – diz o Kye, interrompendo os meus pensamentos.

Deslizo do banco, deixando a dor penetrar-me e depois desaparecer. Ponho-me em pé e concentro-me nesta recém-encontrada urgência.

– Não – digo-lhe. – Não vás.

O Kye hesita junto à porta, com a mão já a pressionar o puxador.

– Não queres que ele venha? – pergunta.

Abano a cabeça.

– Não precisa – digo. – Eu vou encontrá-lo.

Págos aproxima-se e a cada légua o ar fica mais rarefeito. Sentimo-lo todas as noites; os nossos ossos rangem com o navio que varre a água que, em breve, se transformará em lama. Não importa a distância que nos falta, porque Págos é algo que se sente sempre por dentro. Mais e mais, a cada braçada, assoma algures bem no íntimo. A parte final da nossa demanda, onde o Cristal de Keto aguarda a sua libertação.

O Rycroft é um fantasma, como sempre foi, escondido abaixo do convés com gaze e medicamentos que mal chegam para o manter vivo. O mínimo necessário para fazer a viagem connosco. Eu não fui lá a baixo, delegando essa responsabilidade ao Torik e a outros membros da tripulação, que podem lidar bem com ele e mostrar contenção ainda melhor. Não se pode confiar na Madrid, no que toca a um contrerrâneo seu. As suas memórias tendem a macular a sua moral e eu compreendo-a. O Kye é igual. Não há nada em mim que confie nele para cuidar do Rycroft e entregar comida que não esteja cheia de veneno. E depois, mais do que todos eles, existo eu. A pessoa em quem menos confio.

A Lira pode estar viva, mas isso não põe um fim às coisas. Há uma camada de alívio sobre a minha raiva, como uma película, que a mascara suficientemente bem para que não se veja, mas nunca o suficiente para que desapareça. Mas quer eu vá lá a baixo, quer não vá, o Rycroft pressente o destino que o espera. Até ele consegue ouvir o lento chamamento do lobo de Págos. Das profundezas da jaula de cristal, onde outrora estive a Lira, e onde permanecerá até que eu o entregue ao reino do gelo. Consegue captar os assobios do vento, num espaço tão escuro como a sua alma. E quando finalmente chegarmos, viverá com eles enquanto apodrece numa prisão tão fria como o seu coração.

– Não estás a beber.

A Lira paira nos degraus da escada que dá para o castelo de proa. Traz uma manta a envolver-lhe frouxamente os ombros e, quando escorrega,

aperta-a mais acima. Tento não reparar no tremor quando ela mexe o braço muito rapidamente, esticando o corpo de lado e irritando a ferida.

Estico a mão para a puxar para cima e o olhar que a Lira me dirige não é nada menos do que venenoso.

– Queres que ta corte? – pergunta ela.

A minha mão paira no espaço entre nós.

– Não particularmente.

– Então tira-a da minha cara.

Endireita-se para fazer o resto do caminho e instala-se ao meu lado. As pontas da manta roçam os meus braços. Está sempre tão frio nestas noites, a ponto de eu dormir com as botas calçadas porque me parece a única forma de manter os dedos dos pés. Mas há algo em estar aqui, com as estrelas e o som do *Saad* a nadar para a aventura. Faz-me sentir mais quente do que poderia estar aninhado na minha cabine.

– Não sou propriamente uma inválida – diz a Lira.

– És um pouco.

Não preciso de encará-la para ver que os seus olhos queimam o ar entre nós. A Lira tem uma maneira de olhar para as pessoas, de olhar para mim, que pode ser tão sentida quanto vista. Se os olhos dela não fossem um tom de azul tão surpreendente, eu juraria que não passavam de carvão em brasa para o seu fogo interior.

Toco com os dedos no colar paguês, que trago ao pescoço como a Lira traz a sua concha ao dela. A chave para tudo. Para acabar uma guerra que durou vidas inteiras.

– Se levores um tiro – diz a Lira –, vou tratar-te como se fosses incapaz das tarefas mais simples. – Embala os joelhos nos braços para evitar o frio. – A ver se gostas que te estenda o braço para te ajudar a andar, mesmo que não tenhas levado um tiro na perna.

– Seria uma honra que procurasses uma desculpa para me dar a mão – digo.

– Talvez eu esteja a procurar uma desculpa para te dar um tiro.

Dirijo-lhe um olhar de soslaio e reclino-me sobre os cotovelos.

O convés do *Saad* está repleto dos meus amigos, a salpicar bebida na madeira envernizada e a cantar músicas que batem nas velas com as rajadas. Ao vê-los assim, tão felizes e à vontade, sei que nada poderia ser mais espesso do que o oceano que nos une. Nem mesmo o sangue.

– A Madrid disse que vais entregar o Rycroft quando chegarmos a Págos.

– Há algum tempo que tem a cabeça a prémio – digo. – Mas os serviços dos xaprâr eram valiosos demais para que um reino os atacasse. Agora que as sombras foram dizimadas por nós, não duvido que será um homem procurado. Quanto mais não seja, será um argumento extra para garantir que o rei de Págos nos concede acesso à sua montanha para irmos buscar o cristal e terminar tudo isso.

A Lira inclina-se para trás e ficamos ao mesmo nível. Tem o cabelo mais revoltado do que nunca, e o vento da tempestade que se aproxima não ajuda em nada. Sopra-lho para os olhos e para os lábios, ficando colado às sardas das bochechas pálidas. Aperto as mãos ao lado do corpo, resistindo ao impulso de estender a mão para lho afastar da cara.

– Odeias mesmo assim tanto as sirenas? – pergunta ela.

– Eles matam a nossa espécie.

– E tu matas a delas.

Uno as sobrancelhas.

– Isso é diferente – digo. – Fazemos o que fazemos para sobreviver. Elas fazem-no porque nos querem ver todos mortos.

– Então é vingança?

– É retribuição. – Sento-me um pouco mais direito. – Não se pode propriamente usar da razão com as sirenas. Não se pode assinar um tratado de paz e pronto, como com os outros reinos.

– Porque não?

A distância na voz de Lira obriga-me a uma pausa. A resposta devia vir rápida e fácil: porque são monstros, porque são assassinas, por mil e uma razões. Mas não digo nenhuma delas. Sinceramente, a ideia de isto não terminar em morte nunca me passou pela cabeça. De todos os resultados e possibilidades que considereei, a paz não era um deles. Se eu tivesse a oportunidade, aceitaria?

A Lira não olha para mim e eu detesto não conseguir discernir a expressão que tem no rosto.

– Porque me perguntas isto? – quero saber. – Pensei que a Rainha do Mar te tirou tudo e quisesses usar o Cristal de Keto para acabar com a guerra. Tu queres vingança pela tua família tanto quanto eu quero pelo Cristian.

– Cristian? – Agora a Lira olha para mim e, quando diz o nome dele, o ar entre nós congela.

– Era o príncipe de Adékaros.

Passo a mão pelo cabelo, sentindo-me subitamente irritado e desconcentrado. Um homem como o Cristian morrer quando um homem como o Tallis Rycroft consegue viver é mais do que injusto.

A Lira engole em seco.

– Eram amigos.

A voz dela parece destroçada e distrai-me. Não me lembro de a voz dela alguma vez ter soado outra coisa que não irritada.

– Como era ele? – pergunta.

Há inúmeras palavras que eu poderia usar para descrever o Cristian, mas o caráter de um homem vê-se melhor nas suas ações do que nos lamentos dos seus entes queridos. O Cristian era cheio de provérbios e sentimentos que eu nunca compreendi e gostava tanto de fazer pouco como eu gostava de o ouvir. Não havia situação nenhuma que o Cristian não achasse justificar um adágio. *O amor e a loucura são estrelas do mesmo céu. Não se pode construir um*

telhado para armazenar a chuva do ano anterior. Tinha sempre uma coisa pronta para acalmar os meus desenfreios.

Penso no que o Cristian diria agora, se soubesse o que eu estava a planear. Outro homem qualquer haveria de querer vingança, mas eu sei que ele não veria o cristal como uma arma. Nem sequer haveria de querer que eu o encontrasse.

Se o teu único instrumento for a espada, irás sempre chocar com os teus problemas.

Em vez de contar tudo isto à Lira, aperto o colar de Págos e digo:

– Achas que ela vai sentir?

– Quem?

– A Desdita dos Príncipes – digo. – Achas que ela vai sentir quando o Rainha do Mar morrer?

A Lira solta um suspiro que se transforma em vapor nos lábios. O ar é rarefeito e perigoso. O vento corta o espaço entre nós como punhais enquanto a tempestade se aproxima. Sinto o cheiro da chuva antes de estar aqui e sei que, em meros instantes, o céu virá chorar sobre nós. Mesmo assim, não me mexo. Os lampejos e gemidos noturnos, nuvens espessas arrastando-se umas para as outras e fundindo-se numa sombra infinita que bloqueia as estrelas. Escurece a cada momento que passa.

– Pergunto-me se ela consegue sentir alguma coisa – diz a Lira.

Ela muda de posição e, quando se volta para mim, tem os olhos vazios.

– Deduzo que em breve saberemos a resposta.

Nessa noite, sonho com a morte.

Os mares correm vermelhos de sangue e os corpos humanos flutuam com a espuma dos meus parentes caídos. Quando as ondas finalmente sobem o suficiente para acariciar a noite, desfazem-se e os corpos embatem no fundo do mar.

A areia explode debaixo deles, espalhando o meu reino em flocos dourados. No meio de tudo isto, o tridente da minha mãe é liquefeito. Eu chamo por ela, mas já não faço parte desse grande oceano, por isso ela não me ouve. Não me vê. Não sabe que estou a vê-la cair.

Deixa o tridente murchar e derreter.

O Elian está ao lado dela e as águas recém-iluminadas pelo sol abrem-se para ele. Tem uns olhos como poças vastas e um maxilar feito de naufrágios e corais partidos. Cada movimento seu é rápido e fluido como uma maré. Ele pertence ao oceano. É feito dele, tal como eu.

Aparentados.

O Elian olha fixamente para o fundo do mar. Quero perguntar-lhe porque está tão fascinado pela areia, quando há um mundo inteiro neste oceano que ele nem consegue imaginar. Porque não o vê? Porque não se interessa o suficiente para olhar? Vi o mundo através dos seus olhos; será que ele não consegue vê-lo através dos meus?

A vontade de gritar dilacera-me, mas só me lembro das palavras em *psáriin* e não me atrevo a falar a língua com ele.

Vejo-o virar-se para a areia, o rosto tão visivelmente destroçado como o da minha mãe.

Só quando tenho a certeza de que posso perder a cabeça com a angústia é que, de repente, me lembro da língua dele. Vasculho rapidamente o midê e encontro as palavras para lhe dizer. Quero explicar como o meu mundo poderia ser cheio de magia e possibilidade se não fosse o governo da minha mãe. Quero consolá-lo com a possibilidade de paz, por mínima que seja.

Dizer-lhe que as coisas podiam ser diferentes se eu fosse rainha. Que não nasci assassina. Mas encontro as palavras tarde demais. Quando se tornam claras na minha mente, vejo a verdade do que o Elian vê.

Ele não está nada a olhar para a areia, mas para os corações que dela irrompem.

Não olhes. Não olhes.

– Foste tu que fizeste isto? – Os olhos do Elian encontram os meus. – Foste tu que fizeste isto? – pergunta novamente em *psáriin*.

As navalhas da minha língua bastam para lhe cortar a língua e eu estremeço quando lhe escorre sangue da boca.

– Tomei muitos corações – confesso. – O dele foi o último.

O Elian abana a cabeça e a gargalhada que lhe escapa dos lábios é um eco perfeito da da minha mãe.

– Não – diz-me ele. – Não foi.

Ele estende as mãos e eu tropeço para trás horrorizada. Já não estou em controlo quando as minhas pernas cedem e me atiram ao chão. Olho para o coração nas mãos do Elian, o sangue acumulando-se entre as pontas dos dedos. Não era um coração qualquer. Era o dele.

– Era disto que andavas à procura? – grita ele.

Dá um passo em frente e eu abano a cabeça, avisando-o para não se aproximar.

– Lira – sussurra o Elian. – Não era isto que tu querias?

Acordo ofegante.

As minhas mãos agarram o fino lençol branco e os meus cabelos roçam os ombros nus. O navio balança lentamente para o lado, mas o movimento que eu costumava achar reconfortante está a deixar-me mais nauseada a cada minuto que passa. O meu coração bate loucamente contra o peito, mais a tremer do que a bater.

Quando solto os punhos do lençol, há marcas de arranhões na palma da mão. Vergões vermelhos e irados atravessam as linhas da minha mão. Por mais que eu tente, parece que não consigo recobrar o fôlego.

Recapitulo incessantemente a imagem do coração do Elian. A traição no seu olhar. O som castigador do riso da minha mãe.

Passei a vida a esconder-me da possibilidade de ser diferente do que a minha mãe me dizia que devia ser. A engolir a criança com o desejo de se tornar outra coisa. Eu era uma sirena e, por isso, era uma assassina. Nunca foi errado ou certo, era apenas o que era. Mas agora as minhas memórias são sonhos cruéis, que se transformam em visões impiedosas e me acusam de um passado que não posso negar.

A verdade do que sou tornou-se um pesadelo.

A água está enlameada quando o *Saad* atraca. O frio tem uma presença fiel aqui e, com o crepúsculo a aproximar-se rapidamente, o ar parece quase congelado pela iminente ausência de sol. Independentemente disso, está luminoso como se fosse manhã. O espelho do céu congelado contra a água branca, salpicado por tufo de gelo e neve, faz um reino belo, vazio de escuridão. Mesmo na calada da noite, o céu não fica mais escuro do que um azul manchado e o próprio chão funciona como uma luz para guiar o caminho. Neve, a refletir o eterno brilho das estrelas.

Págos.

Sinto o bater do colar contra o peito quando pomos o pé na neve. Finalmente, o cristal está ao meu alcance. Tenho a chave e o mapa para navegar a rota e só me resta que a Lira me conte os segredos do ritual.

O ar é fresco na minha pele e, embora tenha as mãos enfiadas em luvas grossas, meto, na mesma, os punhos nos bolsos. O ar aqui penetra todas as camadas, incluindo a pele. Uso uma pele de animal tão grossa que caminhar é um esforço. Atrasa-me mais do que eu gostaria e, embora eu saiba que não há ameaça iminente de ataque, continuo a não gostar de estar despreparado para o caso de vir um. Isso abala-me mais do que qualquer frio.

Quando me viro para a Lira, ela tem as pontas do cabelo brancas com a geada.

– Tenta não respirar – digo-lhe. – O ar pode ficar preso a meio da expiração.

A Lira levanta o capuz.

– Então, devias tentar não falar – responde. – Ninguém quer que as tuas palavras sejam preservadas para a eternidade.

– São pérolas de sabedoria, na verdade.

Mal consigo ver os olhos da Lira sob a massa de pelo escuro do seu casaco, mas a curva do seu sorriso sem alegria está sempre presente. Permanece, em calculada diversão, enquanto pondera o que dizer a seguir.

Enquanto se prepara para desferir o próximo golpe.

A Lira puxa uma linha de gelo do cabelo, com hábil indiferença.

– Se é isso que as pérolas valem nos dias que correm, vou ver se invisto em diamantes.

– Ou ouro – digo-lhe, presumido. – Ouvi dizer que vale o seu peso.

O Kye sacode a neve da espada e resfolega.

– Quando quiserem parar de me deixar indisposto, força.

– Estás com ciúmes por eu não estar a namoriscar contigo? – pergunta-lhe a Madrid, aquecendo o seu dedo no mecanismo de gatilho da sua arma.

– Eu não preciso que namoriques comigo – diz ele. – Eu já sei que me achas irresistível. – A Madrid rebobina a arma. – Na verdade, é muito fácil resistir-te quando te vestes assim.

O Kye baixa os olhos para o elegante casaco vermelho, que lhe aconchega o corpo ágil. A gola de pele aninha-se no seu maxilar e obscurece-lhe o fundo das orelhas, conferindo-lhe a aparência de não ter pescoço. Dirige um sorriso à Madrid.

– É por ahares que fico mais sensual quando não tenho nada vestido?

O Torik solta um suspiro murcho e belisca a cana do nariz. Não sei bem se é das horas que passámos sem comida, se da sua incapacidade de usar bermudas no frio mordaz, mas a sua paciência parece estar a esgotar-se.

– Eu podia jurar que estou numa missão de vida ou morte com um bando de crianças lascivas – diz ele. – Quando der por mim, vão estar a escrever mensagens de amor em garrafas de rum.

– Pronto – diz a Madrid. – Agora estou maldisposta.

Rio-me, mas o som perde-se no ritmo de batuques nómadas que voam para nós. Mais à frente, uma fila de guerreiros aproxima-se. Há pelo menos uma dúzia deles, numa formação militar perfeita, marchando ferozmente na nossa direção. Mesmo com a nevasca, são fáceis de detetar. A neve não consegue obscurecer a sua estatura imponente e a formação sistemática impressionante. Caminham perfeitamente em sintonia uns com os outros, os pés esmagando a neve a cada batuque. Parecem gigantes, os uniformes tão escuros que pintam a paisagem vazia.

Quando chegam até nós, há um silêncio momentâneo enquanto nos observamos uns aos outros.

Mesmo com as camadas de peles de animais e armadura, não é difícil distinguir a realeza dos seus soldados. Os quatro membros da família Págos erguem-se como titãs, com magníficos cocares de caçadores descendo pelas costas em casacos gloriosos. Os seus olhos espiam através das mandíbulas dos respetivos animais: urso polar, raposa ártica, lobo selvagem e, no meio dos seus guerreiros e seus irmãos, o leão de neve.

Cada animal tem um glorioso tom de branco que derrete na neve aos seus pés. É um contraste gritante com as armaduras e armas pretas: lanças e espadas com o tom mais escuro de ébano. Brilham de uma forma quase líquida.

Os irmãos de Págos puxam as peles dos animais protegendo-os do frio. Como esperado, o rei Kazue é o leão da neve. A mais mortífera das criaturas. Embora seja mais alto do que alguns homens, o rei de Págos parece abranger perfeitamente o tamanho da criatura. Não parece nada apoucado pela carcaça de mamute.

– Príncipe Elian – saúda o Kazue.

A sua pele é tão branca que é quase azul. Os seus lábios misturam-se com o resto do rosto como uma sombra variante e tudo nele é tão afiado como reto. Os seus olhos são pontos severos que arqueiam até às extremidades das sobancelhas e os cabelos são feitos de madeixas que parecem raios de espadas que raspam contra as armas.

O Kazue leva a mão ao estômago e inclina-se para a frente numa vénia costumeira. Os seus irmãos seguem o exemplo, enquanto os guardiões ao seu redor permanecem firmemente eretos. Em Págos, não é costume os soldados curvarem-se à realeza. Trata-se de uma saudação feita apenas de uma elite para outra e os soldados têm de permanecer imóveis e imparciais. De passar despercebidos até darem conta da sua presença.

– Vossa Alteza Real – digo, retribuindo a saudação. – Gostaria de vos agradecer por nos receberdes no vosso reino. É uma honra estarmos aqui.

Dirijo-me aos príncipes, com os seus coçares em concordância com a idade e, portanto, de com o seu direito ao trono. O segundo mais velho, o príncipe Hiroki, é o urso polar; Tetsu, o lobo do deserto; e o príncipe mais novo, Koji, é a raposa ártica. Saúdo-os formalmente e eles fazem vénias à vez.

Pergunto-me qual dos dois será a ingénua fonte do Rycroft.

– Claro que não são apenas os meus irmãos que vos recebem, mas toda a nossa família – diz o Kazue.

Acena com a mão atrás de si e um novo vulto emerge dos soldados, vestido tão gloriosamente como a família real. Um quinto, mais baixo e com uma postura muito menos militar, mas um sentimento de indignação semelhante. Não preciso que esta adição sem precedentes retire a pele do animal para saber de quem se trata.

A Sakura sorri ao ver o meu rosto contrair-se, os lábios de um azul brilhante a condizer com a cor ímpia do céu. Tem o cabelo mais curto do que antes, com uma franja cortada rapidamente para esconder as pontas dos olhos. Uma pesada corrente de bronze desce-lhe da testa até um *piercing* de osso branco no lóbulo da orelha esquerda.

Não parece uma princesa; parece uma rainha. Uma guerreira. Uma adversária.

– Príncipe Elian – diz ela.

– Princesa Yukiko.

Sorri ao ouvir-me usar o seu nome verdadeiro.

Ao meu lado, o Kye põe-se rígido, o seu ressentimento a aumentar. Agora que a minha tripulação se depara com a mulher que me manipulou para que eu desistisse do meu tempo a bordo do *Saad*, do meu e do deles, não se

pode esperar que sorrissem.

Dou rapidamente uma cotovelada ao Kye antes que ele tenha oportunidade de dizer seja o que for. Sabe-se lá o que a princesa Yukiko contou à família sobre o tempo passado em Midas. Acaso lhes terá dito que era a dona do ilustre Ganso Dourado? Que negociava tanto com os meus segredos reais como com as bebidas alcoólicas, perdendo a noite a jogar com os desgraçados do meu reino? Duvido. Mas mesmo que o tenha feito, não passará despercebido se o Kye se lhe dirigir informalmente. Pode ter sido em tempos filho de um diplomata, mas não é segredo que foi deserdado. Além disso, ela é princesa. Potencial rainha. A minha potencial rainha.

Estremeço ao pensar nisso, na esperança de que o meu acordo com a Galina seja suficiente para esvaziar o meu acordo com a Yukiko.

Sinto os olhares dos cem membros da minha tripulação nas costas. Mas, por mais que me queiram dizer, tenho igual número de coisas a dizer à princesa. O acordo que quero discutir e a contraproposta que estou desesperado para apresentar. No entanto, este não é o momento, com tantos olhos curiosos e orelhas espetadas.

Saúdo-a com uma vénia.

– Olha só para ti, a tentar esconder a surpresa – diz a princesa Yukiko. – Não há razão para isso, sabes. Nem para esconder nem para a surpresa. Não somos, porventura, velhos amigos? Esta não é a minha terra? Onde mais deveria eu estar, se não com amigos e familiares tão queridos?

– Claro – digo, com firmeza. – Estou só surpreendido com a rapidez com que fizeste a viagem.

– Nem todos os navios flutuam – diz a Yukiko. – Alguns preferem voar.

A sua voz é excessivamente confiante e, ao contrário da da Lira, não há nada que me agrade na sua arrogância. Resisto ao impulso de revirar os olhos e decido-me por um breve aceno de compreensão.

Os dirigíveis pagueses são dos melhores dos cem reinos. Variam de balas – balões que mal têm espaço para meia dúzia de passageiros – a naves luxuosas, tão opulentas que lhes chamam palácios flutuantes. Têm, no mínimo, oito rotores separados e estendem-se até três pisos, dependendo da carga ou, frequentemente, da posição social dos passageiros.

Os pagueses sempre tiveram boas relações com os efévescos, que deram origem às maiores invenções do mundo. São um reino na vanguarda de quase todos os triunfos tecnológicos e raramente há uma invenção hoje que não remonte a Efévesi. Págos tem sido seu aliado há tanto tempo que nem importa que existem em extremos opostos do mundo. Raramente há algo mais forte do que dois reis unidos por uma aliança matrimonial de décadas. Significa isso que Págos está a par de muitos dos avanços tecnológicos que Efévesi tem e, por isso, é um dos poucos reinos com meios para confinar a maior parte das suas viagens ao ar, em detrimento do mar. Para o resto dos cem reinos, os dirigíveis tendem a não ser confiáveis. As avarias não são incomuns e, a menos que a viagem se estenda por mais de um mês, não vale

os problemas.

– És a princesa? – pergunta a Lira.

Por mais que o seu desdém por todos à sua volta geralmente me divirta, dirijo à Lira um olhar aguçado, avisando-a para não dizer nada despropositado. Mas ela ou não repara ou não quer saber.

A Yukiko acena.

– Não me dei conta de que o príncipe estava a recrutar novos membros para o *Saad*.

– Oh! Não sou recruta – diz a Lira. – Só estou aqui para o matar. – Olha fixamente para a princesa. – E a qualquer outra pessoa que se meta no meu caminho.

O Kye faz uma fraca tentativa de abafar o som do seu riso com as costas da mão.

O meu olhar dispara para a Lira e cerro os dentes. Será que lhe subiu o frio à cabeça, ou estará tão acostumada à nossa afinidade que acha que pode ser o mesmo com todos os membros da realeza? Tento captar a sua atenção, mas está fixada na Yukiko.

Os seus olhos são frios como o vento.

– Ela está a brincar – digo, empurrando a Lira atrás de mim. – E provavelmente bêbada.

A Lira resfolega e eu aperto a mão na sua cintura para a silenciar.

– Não prestes atenção à minha tripulação – digo, dirigindo ao rei um sorriso jovial. – Quando a comida escasseia, põem-se a viver do rum.

O rei Kazue descarta o comentário com uma gargalhada, embora seja tão precisa como a sua posição militar. Ao seu lado, a Yukiko olha para a minha mão na cintura da Lira.

– Há coisas mais importantes para discutir – diz o Kazue. – Venham, temos de falar no palácio, longe dos rigores do nosso clima. Pelo que a minha irmã me disse, há um acordo bastante interessante a fazer.



Depois de nos terem acompanhado aos aposentos destinados aos convidados e de nos terem dado comida suficiente para apaziguar o humor do Torik, sou escoltado ao grande salão. A pedido do rei Kazue, estou sozinho e, no entanto, há sete guardas a marchar atrás de mim enquanto o mordomo real lidera o caminho. Considerarei um elogio que me viessem buscar, aos meus novos aposentos, armados até aos dentes com lanças que pareciam ter sido feitas de dentes. É quase uma prova da minha reputação que confiem tão pouco em mim.

O grande salão esconde-se atrás de um conjunto de portas de icebergue cuja rotação deve ser feita através de um mecanismo de roda. Os dentes da engrenagem fazem um barulhão irrazoável quando içam as grandes portas para as abrir, revelando a câmara no interior. Não é um espaço grande, mas

tudo nele é grandioso e opulento. Os lustres caem em lágrimas congeladas e os sinelos brotam do chão de gelo sólido como ervas daninhas. Ponho o pé nele, meio à espera de cair de pernas no ar, mas a superfície está surpreendentemente seca sob os meus pés.

Os cinco irmãos de Págos olham-me dos seus tronos. Todos eles se vestem de preto, com finura, que deles emana como óleo. Atrás dos seus assentos luxuosos, há uma única janela com garras de gelo azul, que se arrasta pela vidraça como uma flor, obscurecendo os últimos minutos de sol que poderiam penetrar na caverna.

– Confio que os vossos aposentos sejam satisfatórios – diz o rei Kazue. – Devo admitir, fico contente por a tua tripulação estar um pouco mais reduzida. Cem piratas chegam; temo só de pensar como seria ter uma legião inteira no meu palácio.

– Grande diversão, aposto.

O jovem príncipe Koji murmura uma gargalhada.

– As histórias falam por si – diz ele. – Tenho uma certa pena de não poder experimentá-las em primeira mão.

– Da próxima vez – digo-lhe – trago a horda toda. – Viro-me para o rei. – O nosso acordo mantém-se de pé?

– Não me lembro de ter feito um acordo contigo – diz o rei Kazue. – Mas minha irmã parece julgar ter autoridade para o fazer. – Lança um olhar irado a Yukiko, mas ela descarta-o com um movimento dos olhos como se ele fosse um aborrecimento.

O príncipe Hiroki inclina-se para o irmão.

– Ela deu-lhe o mapa – conta. – Espero que isso signifique que obtivemos algo igual em valor.

– E obtiveram – digo, e puxo o colar do meu bolso.

Deixo-o balançar no ar entre nós, uma bela gota de azul que dança da corrente. Ainda salpicado com o sangue da Lira.

O rei Kazue aperta os pulsos em torno dos braços do seu trono.

– Que coisa nos apresentas tão casualmente – diz ele. – Onde foi que o encontraste?

– No mesmo lugar em que encontrei aquele prisioneiro que têm trancado nas vossas masmorras.

O príncipe Hiroki mexe-se no assento e eu paro de me perguntar de qual dos irmãos do rei falava o Rycroft.

– O xaprá – rosna o rei Kazue. – Tallis Rycroft e o seu bando de ladrões malditos. Eu devia saber que qualquer coisa perdida chegaria às suas mãos.

– Agora não está nas mãos dele – digo, segurando o colar. – Está nas minhas.

O príncipe Tetsu inclina-se para a frente com um rosnado.

– Farás bem em entregá-lo.

– Então, então, irmão. – O rei ri-se. – Tenho a certeza de que é esse o seu plano.

– Claro – digo. – Assim que for feita a oferta certa.

O sorriso da Yukiko é lento e tortuoso.

– Há que admirar a coragem dele – diz ela.

O rei Kazue levanta-se.

– Queres entrar na nossa montanha para procurar o Cristal de Keto – diz ele. – E depois?

– Depois, devolvo-vos o vosso colar de valor inestimável e, quando acabar o que tenho a fazer com ele, o cristal também. É a oportunidade de Págos fazer história como o reino que ajudou a destruir as sirenas de uma vez por todas. A vossa família será lembrada como lenda.

– Lenda? – A gargalhada lancinante do rei corta o ar. – O que me impede de to tirar?

– Assim que o Cristal de Keto for libertado, a Rainha do Mar saberá – digo-lhe. – E podes ser muita coisa, Vossa Alteza, mas assassino de sirenas não é uma delas. Se ela vai morrer, terá de ser às minhas mãos. Deixai-me escalar a montanha e podemos fazer história juntos.

– É uma viagem perigosa – diz o rei. – Mesmo com a nossa rota sagrada. O que diria o teu pai se eu pusesse assim em perigo o seu filho? Mesmo por algo tão nobre como salvar o mundo. Além disso – acena para a irmã –, a Yukiko fez este caminho todo, finalmente de volta a casa depois de tantos anos. Parece-me curioso que o fizesse tão só por acreditar na tua causa.

A Yukiko olha-me, divertida, tirando prazer da ideia de que eu podia ficar aflito. Como se eu fosse dar essa satisfação a algum deles. Não sei bem se o rei me está a provocar, ou se a Yukiko de facto não lhe falou do nosso noivado, mas sei que não serei o primeiro a falar disso.

– Claro que não – diz a Yukiko ao irmão. – Vim porque quero ser a primeira a vê-lo. Eu quero estar lá quando o Cristal de Keto for finalmente encontrado.

Contraio o maxilar e cerro os dentes. A última coisa de que eu preciso é uma princesa assassina a seguir-me pela Montanha das Nuvens acima.

– Não creio que isso fosse particularmente seguro – digo. – Tal como referiu o rei, é uma viagem perigosa.

– Que ela já fez – corta o Hiroki. – Que todos fizemos.

– Nem todos – emenda o Koji.

O Hiroki lança um olhar terno ao irmão mais novo e, em seguida, vira os olhos pálidos para o rei. – Se ela for com ele, pelo menos podemos ter a certeza de que não seremos ultrapassados.

Tento não parecer insultado.

– E, assim, um dos nossos estará lá quando o cristal for finalmente libertado das profundezas da cúpula – diz o Tetsu.

A Yukiko reclina-se.

– Fico feliz que estejam todos tão ansiosos por se verem livres de mim depois de uns meros dois ou três dias na minha companhia.

O rei Kazue lança um olhar oblíquo para a irmã e olha-me com uma

expressão defensiva.

– Se conseguires matar a Rainha do Mar e a Desdita dos Príncipes, terás de dizer ao mundo que nós tivemos um papel nisso – diz ele.

Não se trata de um pedido, por isso inclino a cabeça em sinal de acordo, sentindo a fragilidade do momento. Estou tão perto que quase consigo senti-lo ao fundo da garganta, como uma sede.

– O cristal, o colar e a glória. – O rei Kazue desliza de volta ao seu trono, com os olhos famintos. – Quero que Págos tenha tudo.

– Conto-lhes o que quiserdes que conte – digo. – Desde que a Desdita dos Príncipes esteja morta, isso não me importa.

Os irmãos paguezes olham-me dos seus tronos de sincelo e, um a um, sorriem.



Quando finalmente saio do grande salão, a Lira está à espera, com um pé nas portas de gelo. Tem o cabelo húmido do frio e usa uma camisola grossa de malha que lhe encurta os pulsos finos e compridos. Quando me vê, expira e afasta-se da porta.

– O que estás a fazer? – pergunto.

A Lira encolhe os ombros.

– Estou só a certificar-me de que não estás morto.

Lanço-lhe um olhar nada convencido.

– Estavas à escuta atrás da porta.

– E agora já acabei – diz ela, e ergue as sobranceiras, como se me desafiasse a fazer alguma coisa em relação a isso.

Antes que tenha oportunidade de se ir embora, agarro-lhe rapidamente o pulso e puxo-a de volta para mim. A Lira gira tão depressa que fica com o cabelo espalhado no rosto. Abana a cabeça para o tirar dos olhos e depois olha para as nossas mãos dadas, de sobrolho franzido.

– Eu quero saber onde é que tinhas a cabeça antes – digo. – A ameaçar matar uma princesa no seu próprio reino, daquela maneira. Não é a tua melhor tentativa de fazer humor.

A Lira arranca a mão da minha.

– O Kye achou graça.

– Embora fique contente por estarem a criar um laço, não te deves esquecer de que o Kye é um idiota.

Ela abre um sorriso de orelha a orelha.

– E tu também, se confias nos paguezes.

– Não preciso de confiar em ninguém. Eu preciso que eles confiem em mim.

– Para pirata, não és lá muito bom a mentir – diz ela. – Nem és muito bom a negociar. Tudo aquilo de que desististe parece tão vasto comparado com o nada que recebeste em troca.

– Não é nada. É acabar com uma guerra.
– És mesmo uma criança, se acreditas que vai ser assim tão fácil.
– Tu achas que entregar o meu reino à princesa Yukiko foi fácil? – pergunto. – Não é só ter de casar com ela, sabes. Tenho de desistir de todos os sonhos que já tive e enraizar os deveres de que passei a vida a tentar escapar.

Cerro os punhos, por reflexo, ao lado do corpo e fico à espera da reação dela. Quero que a Lira entenda que eu não fiz aquele acordo por capricho e que todos os dias desde então me arrependo de o ter feito. Sei quais são as consequências das minhas ações e eu estou a fazer tudo o que posso para encontrar uma saída.

A Lira olha-me sem palavras e não sei bem como espero que reaja, nem se tenho o direito de esperar seja o que for, mas o seu silêncio é mais enervante do que qualquer coisa que eu pudesse ter previsto.

O relógio no grande salão toca, marcando o início dos ventos noturnos. A Lira espera um momento, até os três sinos terem gritado, e depois, finalmente, engole. O som é demasiado forte.

– Vais mesmo casar com ela? – pergunta e, em seguida, abana a cabeça como se não quisesse saber a resposta. – É um plano inteligente, acho – diz ela. – Consegues o Cristal de Keto e uma aliança com um reino poderoso. Mesmo que tenhas de desistir da vida no *Saad*, continuas a sair vencedor. – O seu sorriso forçado vacila um pouco na última parte e, quando fala novamente, a sua voz é calma e severa. – Parece que nunca perdes, não é, Elian?

Não sei como responder a isto, já que sinto que a única coisa que tenho feito ultimamente é perder. E este acordo com a Yukiko é mais uma linha nessa coluna.

Suspiro e, quando Lira afasta o cabelo do rosto, sinto necessidade de explicar o meu plano. Tenho tudo o que orquestrei para escapar do meu acordo com a Yukiko na ponta da língua, como um impulso. Sei que não devia ter de me defender da Lira, nem de ninguém, mas sinto a compulsão para o fazer.

– Quando isto acabar, não vai importar o acordo que fiz – digo. – Se eu sobreviver, tenho uma proposta que a Yukiko não pode recusar.

– Não achas que já propuseste o suficiente? – pergunta a Lira.

Não há nada de terno na maneira como agora me olha.

– Estás a pôr todo o teu reino em perigo ao deixares-te ser manipulado por uma princesa sedenta de poder que...

Ela interrompe-se e olha para o chão com uma expressão ilegível.

– Lira.

– Não. – Ela levanta a mão, mantendo a distância entre nós. – Tu não me deves nada, especialmente se for uma explicação. A realza nunca deve nada a ninguém.

O seu uso da palavra realza pica mais do que deveria. Passei tanto tempo a tentar fugir de que isso fosse o meu único marcador, e agora ela diz-

lo com tanta certeza, como se nunca me tivesse visto como outra coisa, custa. Sempre príncipe, nunca apenas um homem.

Expiro cuidadosamente e enfio as mãos nos bolsos.

– Eu nunca disse que te devia nada.

A Lira vira-se. Se me ouviu ou não, não sei ao certo, mas afasta-se sem olhar para trás e eu não a sigo. Quero, em parte, fazê-lo (uma parte maior do que eu gostaria de admitir), mas não saberia o que dizer se o fizesse.

Passo a mão pelo cabelo. Estou morto que esta noite acabe.

– Eu não sou cega.

A Yukiko sai das sombras como um fantasma. À luz pálida da tocha, os seus olhos parecem quase brancos e, quando se aproxima de mim, o brilho do fogo suaviza as linhas duras do seu rosto até ela parecer bondosa. Delicada.

A luz cria mesmo ilusões óticas.

– Não me importa – diz ela.

– Não sei do que estás a falar, por certo.

– Aquela rapariga – diz a Yukiko. – A Lira.

– Acho que é muito difícil ser cega em relação a ela.

– Sim. – O sorriso de Yukiko arde mais do que o fogo. – É claro que acreditas nisso.

Esfrego as têmporas, sem vontade de mais uma conversa enigmática.

– Diz o que tens a dizer, Yukiko. Não estou com disposição para jogos.

– Para variar, então – responde. – Mas eu vou atender ao pedido, já que és hóspede em minha casa.

Passa os dedos por entre o cabelo e morde o canto dos lábios azuis. O gesto parece muito mais presságio do que provocação.

– Podes gostar dela, mas isso não vai mudar nada – diz a Yukiko. – O amor não é para príncipes, e certamente não é para reis. Prometeste-me que te tornarias rei. O meu rei. Quero recordar-te essa promessa.

A expressão selvagem do olhar da Lira passa-me pela cabeça. Nem olhou para mim duas vezes antes de se ir embora. A última coisa que parecia querer ouvir eram motivos ou explicações. *Estás a deixar-te ser manipulado*, disse ela. *A realeza nunca deve nada a ninguém*. Mas isso não é verdade.

Devo muitas coisas a muita gente, e a Lira não é exceção. Talvez não lhe deva uma explicação, mas devo-lhe a vida, o que parece ser o mesmo.

Mudo de posição e, quando percebo que é exatamente essa a reação que a Yukiko queria, o meu olhar enfurece-se.

– Eu não te prometi um rei – digo. – Creio que a condição para te venderes foi um reino. Importa-te sequer qual?

– Isso parece-se muito com tu queres quebrar o nosso acordo.

– Não é quebrar – digo. – É renegociar.

A Yukiko abre um sorriso de orelha a orelha e inclina-se sobre o meu ombro, roçando uma mão felina no meu peito. O seu hálito frio pressiona-me o pescoço e, quando viro a cabeça, ouço o sorriso na sua voz.

– Tantos truques – sussurra. – Vais precisar de mangas mais robustas

para os enfiar lá a todos.

O cume da montanha está escondido pelas nuvens que lhe dão o seu nome e uma tempestade de neve interminável obscurece a maior parte da sua magnitude. Mesmo assim, fico maravilhada. Eu sei que muito além do céu que esconde metade da face da rocha fica um pico sem fim. Uma porta de entrada para as estrelas. A Montanha das Nuvens de Págos é o ponto mais alto do mundo, o mais distante do mar e, portanto, do domínio da minha mãe. De mim. Se o Segundo Olho de Keto estiver realmente nesta montanha, então teria sido o esconderijo perfeito. Longe de onde eu poderia ir. Até agora.

Tenho o rosto coberto por camadas de tecido grosso que obscurece tudo, exceto os meus olhos. Estou morta por puxar o pano e as peles do rosto, mas não consigo suportar o frio. E não me atrevo a largar os bastões de neve que agarro com força. Nem sei se poderia, mesmo que quisesse. As minhas mãos parecem ter sido congeladas em punhos sólidos.

Seguimos o trilho da grande montanha durante dias, que se transformam em semanas, com mais silêncio do que alguma vez senti na tripulação do *Saad*. Mesmo o Kye, que caminha tão perfeitamente em sintonia com o Elían, olhando de vez em quando para a Madrid (para se certificar, porventura, de que ela não se transformou nalguma escultura congelada nem foi soprada do penhasco pelos ventos brutais) vai calado. O Elían não é diferente.

Sou estranhamente reconfortada pelo facto de não ser só comigo que ele não fala. Mantém-se perfeitamente estoico, seguindo com ardência a liderança da princesa. Por alguma razão, essa parte é menos reconfortante.

Eu sei que o casamento é um efeito secundário da realeza. Há tantas coisas que o são. Obstáculos ao contentamento, tão habilmente mascarados como deveres. Julgamentos feitos para serem soluções e fardos sob medida apenas para os menos dispostos a suportá-los. Todos eles, nada mais do que uma série de consequências que decorrem de se ser herdeiro de um reino. A Yukiko é o efeito secundário do Elían, tal como o Manja-Carne era o meu. Ele trocou-se a si próprio pelo mapa numa tentativa nobre de salvar a sua missão,

sacrificando o orgulho. Este tipo de coisas é esperado. Previsível. Mas também vexante.

Eu não sei o que eu esperava quando o confrontei no palácio, mas não era semanas de silêncio tenso. Nem sei bem porque inquiri sobre a Yukiko; não foi por isso que esperei por ele enquanto tratava com a realeza de Págos. Mas não consegui evitá-lo. Ultimamente, parece que é impossível tentar sequer. Talvez tenha acabado por me favorecer, porque a razão para falar com ele, para lhe perguntar se alguma vez tinha considerado uma aliança, não era muito melhor. Foi uma estupidez pensar que eu podia simplesmente ir ter com ele para lhe perguntar se estava disposto a forjar uma paz entre as nossas espécies. Não te mato se não me matares. É ridículo. É simples para mim considerar fazer um acordo com alguém que só me mostrou lealdade e um caminho que antes não me pareceu possível. Livre das sombras do reinado da minha mãe, uma nova era que não fosse determinada pela morte. Uma paz delicada, até. Mas como posso esperar que o Elian faça o mesmo se nem sequer sabe quem sou? Depois de ter assassinado o seu amigo e inúmeros outros príncipes. Depois de ter planeado assassiná-lo.

Escalo a montanha com o Elian de costas para mim, mas tenho o seu rosto nítido na minha cabeça. À medida que o céu mergulha na escuridão e o sol se ergue novamente, continuamos assim. Quanto mais subimos a montanha, mais começo a enlouquecer com os meus pensamentos. A repetir mentalmente conversas, ações e oportunidades. A pensar quando foi que comecei a sentir-me tão completamente humana.

O céu torna-se tantos matizes de azul que lhes perco a conta. É uma colcha de cor, que se funde na perfeição através das nuvens. Pintando-se como um pano de fundo para o brilho branco da lua e a sua estrela orientadora.

– Temos de avançar mais depressa! – berra a Yukiko. – Mal consigo ouvir a sua voz por cima dos ventos de gelo. – O nosso próximo acampamento fica a duas horas daqui e precisamos de chegar antes do pôr do Sol.

O Elian faz uma pausa e segura o mapa, mas a tempestade empurra-o. Tem o rebordo crepitante devido ao inverno e, quando os seus dedos apertam o pergaminho com mais força, tentando segurá-lo enquanto o vento ganha força, ele rasga-se.

– O poente é dentro de uma hora! – grita o Elian em resposta.

A respiração da Yukiko forma uma nuvem entre eles.

– Por isso, precisamos de avançar mais depressa.

O vento abafa as vozes deles, mas ouço o suspiro do Elian. Os seus ombros descaem um pouco e ele lança um olhar rápido para verificar se ainda estamos todos atrás dele.

– É exequível – diz-nos, embora eu não tenha a certeza se está a dizer-nos ou a tentar convencer-se a si próprio.

– Não sei bem se consigo andar sem os dedos dos pés – diz o Kye.

– A Madrid leva-te.

– Eu também não tenho dedos dos pés. Nem das mãos, na verdade. – A Madrid ergue as mãos enluvadas e geme. – Acho que perdi alguns ontem.

– Pelo menos, estarão bem preservados. – O Kye pressiona a bota na neve, para dar ênfase. – Se os apanharmos na descida, o curandeiro deve ser capaz de os coser no sítio.

Embora eu mal consiga ver os olhos da Madrid, tenho a certeza de que faz uma careta.

– Não temos tempo para isto – diz a Yukiko. – Parem de desperdiçar energia e tempo.

A Madrid enfia um bastão de neve no chão e puxa a máscara de pele para baixo. O gelo acumula-se nos seus lábios.

– Isso é uma ordem real? – questiona.

A Yukiko atira o toucado para as costas e é como se o tempo se abrisse para ela. Ela controla frio como eu em tempos fiz.

– Tu estás no meu reino.

– Mas não na tua corte – diz a Madrid. Limpa a face tatuada, onde o vento começou a formar bolhas, e acena para o Elian. – O nosso rei está mesmo ali.

– Estás a esquecer-te de alguma coisa, não estás? Ele ainda não é rei.

Tenho a certeza de que se o ar não estivesse congelado, estaria agora, com o último comentário. O Kye fica rígido e vejo um espasmo na sua mão, ao lado do corpo. Rapidamente, o Elian lança-lhe um olhar afiado e, com relutância, o Kye relaxa a postura. Mesmo assim, continua com espasmos nas mãos.

Dou-me conta de que eu também.

O Torik grunhe. Parece não ser capaz de traduzir tão bem as expressões do Elian como o Kye e assim que o Elian cede a uma submissão hesitante, o seu imediato investe violentamente em frente. Quando o Torik se aproxima da Yukiko, vejo, pela primeira vez, a ameaça da sua estatura enorme. Já não é o gigante gentil que vela pelo *Saad*. Avança em direção à princesa, chutando a neve a cada passo pesado.

– Sua...

– Basta.

A voz do Elian atravessa o caminho do Torik. Ele estende um braço e o Torik para.

– Capitão – diz ele.

– Eu disse basta – repete o Elian. Como de costume, a sua voz trai exclusivamente o que ele quer. Uma calma e indiferença perfeitas. Mas mesmo daqui, vejo-o pestanejar na tempestade, os seus olhos como ferozes portais para o coração.

– Já terminámos? – pergunta a Yukiko.

A cada segundo que passa, os seus lábios azuis sobem um centímetro, os meus transformam-se num rosar sob a minha máscara. Avanço um passo e

puxo o pano do meu rosto. O ar é cortante.

– Ainda não – digo.

A Yukiko dirige o seu olhar de aço para o meu. Pelo canto do olho, vejo o Elian ficar subitamente rígido. Quando a Yukiko dá um passo na minha direção, a mão dele move-se lentamente para o lado do corpo. Para a faca que eu sei que está escondida lá.

– Há mais alguma coisa? – pergunta a Yukiko.

Muitas coisas, penso.

A forma como ela olha para o Elian é o pior, como se ela fosse melhor do que ele. Manipular um príncipe para pôr as mãos no seu reino, tal como a minha mãe me manipulou para roubar o meu e expandir o seu reinado. Tal como eu caí na armadilha da Rainha do Mar, o Elian vai cair na da Yukiko. Talvez tenha sido diferente em tempos, mas agora sei que não há como roubar o Olho e deixar o meu reino elevar-se enquanto o do Elian se desmorona debaixo da dívida que ele tem para com ela. Tem de haver uma forma de ambos vencermos esta batalha.

Nós não somos herdeiros ingênuos a ser moldados à vontade deles. Nós somos guerreiros. Somos governantes.

– O Elian pode não ser rei, mas tu também não és rainha – digo-lhe. – A não ser que mates os teus irmãos.

– Quem tem tempo para homicídios nos dias que correm? – diz a Yukiko. – Mais vale tomar outro reino do que esperar por este.

A insinuação não passa despercebida. Julga que me pode espicaçar com o acordo feito entre ela e o Elian. E acho que pode. Porque não posso deixar de odiar vê-lo submisso a ela, que não lhe dá escolha no seu próprio futuro. Usa-o para seus planos tortuosos, tal como foi também minha intenção. É um lembrete por demais da minha vida antes do *Saad*. Antes de o Elian me fazer perceber o que era ser livre. A pessoa que me deu um vislumbre de esperança está agora tão disposta a sacrificar a sua.

– Devias ter cuidado – digo à Yukiko. – O problema de se tomar uma coisa que não nos pertence é que haverá sempre alguém pronto para a recuperar.

– Acho que, então, terei de olhar por cima do ombro.

– Não é preciso – digo-lhe. – Eu vejo-o perfeitamente.

A Yukiko morde o canto do lábio, meio divertida, meio curiosa. Quando se afasta de mim, atrevo-me a olhar para o Elian. Há um canto perigoso no seu sorriso, e eu conto os segundos enquanto ele olha para mim. O verde atravessa o novo branco do mundo. Até que, finalmente, o Kye aperta o ombro do Elian e empurra-o para a frente.

Quando a noite cai, montamos acampamento na parte mais plana da montanha. As tendas presas ao chão circundam uma fogueira. Apinhamo-nos à volta dela e cozinhamos os escassos restos de comida que nos sobram. O frio parece piorar quando nos sentamos, quietos, por isso colocamos as mãos acima do fogo, tão de perto que corremos o risco de nos queimarmos.

O vento geme mais forte e a tripulação aquece a garganta com o rum que a Madrid trouxe no lugar de mais comida. Quando a noite se aprofunda e os risos da tripulação esmorecem numa respiração pesada, ouço o som do vento, sabendo que não vou conseguir dormir, com o Segundo Olho de Keto tão perto. A minha missão de derrubar a minha mãe e o destino do Elian ameaçam entrelaçar-se e não posso fechar os olhos sem pensar em como esta guerra vai acabar.

Passado um tempo, a neve começa a cair mais suavemente contra a tenda e, ao vento moribundo, ouço um par de passos suaves aproximar-se. Ouço-os antes de ver a sombra, desenhada no abrigo pelo brilho desvanecido da minha lanterna.

Quando o fecho da tenda é puxado, não fico nada espantada ao ver o Elian agachado ao seu lado.

– Vem comigo – diz ele, e eu vou.



Eu nunca vi as estrelas. Não como o Elian. Há tantas coisas que não fiz. Experiências que o Elian parece ter com as quais ninguém, especialmente eu, poderia sonhar. As estrelas são uma delas. Pertencem ao Elian de uma maneira que não pertencem a mais ninguém.

O Elian não olha apenas para as estrelas, também as imagina. Desenha imagens delas na sua mente, criando histórias sobre deuses e guerras e as almas dos exploradores. Pensa para onde irá a sua alma quando morrer e se irá tornar-se parte da noite.

Tudo isto me conta nas alturas da Montanha das Nuvens, com a lua e o vento e o espaço vazio do mundo à nossa frente. A tripulação está a dormir, assim como a princesa de Págos. Parece que o mundo inteiro dorme. E nós, só nós, estamos finalmente acordados.

– Nunca mostrei isto a ninguém – diz o Elian.

Não se refere às estrelas, mas à maneira como as vê. São o seu segredo, tal como o oceano é o meu e quando fala delas, o seu sorriso brilha tanto como elas. Pergunto-me se alguma vez terei tido esse olhar. Se brilhava nos meus olhos quando eu pensava em casa, percorrendo-me como uma onda e transformando-me como tão facilmente me transformava antes.

– Acho que há muitas coisas que não mostraste a ninguém.

Não falamos sobre a Yukiko, ou o casamento que parece tão iminente como a nossa guerra. Não fazemos nada a não ser fingir que há algo além da escuridão e das escolhas tecidas a partir do pesadelo à nossa frente.

O Elian inspira. A sua mão encontra-se ao lado da minha.

– Eu tinha a ideia de que, quando encontrasse o cristal, sentiria alguma coisa – diz ele.

– Vitória?

– Tranquilidade. Mas estamos tão perto e eu sinto o oposto. É como se

eu estivesse a temer o momento em que abrimos essa cúpula.

Algo muda no meu peito. Esperança, talvez.

– Porquê?

O Elian não responde, e é quanto basta. Apesar de tudo, ele não quer ser responsável por destruir uma raça inteira, por mais maus que pense que somos. Quero dizer-lhe que também o sinto: a sensação de medo misturando-se com a força do dever. Quero dizer-lhe que nem todos nascemos monstros.

O Segundo Olho de Keto poderia destruir um de nós, e parece que nenhum quer ser a pessoa a empunhá-lo. Considero a ideia de lhe revelar a verdade, como se talvez isso o levasse a pôr-se do meu lado como parece ter-me levado a mim para o dele. Mas parece mais um conto de fadas do que o próprio olho, porque se eu disser ao Elian quem eu sou, ele nunca aceitará. Eu podia prometer que estava mudada. Talvez não mudada, mas de volta a quem era no início. A quem era e podia ter sido se não fosse a minha mãe. Esta humanidade transformou-me de uma forma que é muito mais profunda do que passar de barbatanas a pernas e de escamas a pele. Agora sou tão diferente por dentro como por fora. Sinto o horror do que fiz e o desejo esmagador de começar de novo. De ser o tipo de rainha que julgo que a Crestell sempre quis que eu fosse.

Viro-me para o Elian, deixando a neve molhar-me a face.

– Uma vez pediste-me para te contar alguma coisa sobre as sirenas que não soubesses – digo. – Há uma lenda entre elas que alerta para o que pode acontecer se um ser humano tomasse o coração de uma sirena.

– Nunca ouvi isso.

– Isso é porque não és uma sirena.

– Nem tu – diz o Elian, combinando com o meu tom amargo.

Dirijo-lhe um sorriso oco e continuo.

– Dizem que, se algum ser humano se apoderasse do coração de uma sirena, ficaria para sempre imune aos efeitos da canção.

O Elian arqueia uma sobrancelha cínica.

– Imunidade ao canto de uma sirena morta?

– Ao canto de qualquer sirena.

Não sei porque lhe estou a contar isto, salvo pela esperança de que, se esta guerra não pode terminar, então o mínimo que ele pode fazer é sobreviver a ela. Ou ter uma oportunidade.

– De acordo com as histórias – continuo –, a razão pela qual as sirenas se dissolvem tão rapidamente em espuma quando morrem é para evitar que tal coisa aconteça.

O Elian reflete.

– E tu achas que isso é possível? – questiona. – Se eu conseguir cortar o coração de uma sirena antes de ela derreter, serei, de repente, capaz de enfrentar qualquer sirena sem precisar de me preocupar em cair sob os seus encantamentos?

– Acho que não importa, se planeias matá-las todas, de qualquer modo –

respondo-lhe.

Os olhos do Elian perdem um pouco de luz.

– Acho que entendo por que razão as famílias originais não usaram o cristal quando foi forjado – diz ele. – O genocídio não parece bem, pois não? Talvez se matarmos a Rainha do Mar, isso baste. Podem todas parar. Talvez até a Desdita dos Príncipes pare.

Viro-me para o céu e, baixinho, pergunto:

– Acreditas mesmo que os assassinos podem deixar de ser assassinos?

– Quero acreditar.

A sua voz parece tão distante do príncipe confiante que conheci há todo aquele tempo. Não é o homem que comanda um navio nem o rapaz nascido para comandar um império. É ambos e nenhum deles. É algo de intermédio, onde só eu posso ver. Um deslize no mundo onde está preso.

O pensamento ilumina alguma coisa dentro de mim. Roubo o meu olhar das estrelas e viro-me para ele, a face húmida do cobertor encharcado de neve. O Elian é muito parecido com as águas que saqueia. Sossegado e sereno na superfície, mas por baixo há loucura.

– E se eu te contasse um segredo? – pergunto.

O Elian vira-se para mim e, de repente, só de olhar para ele dói. Surge um anseio perigoso e eu atrevo-me a contar-lhe, vezes sem conta, na minha cabeça. A revelar a verdade e a ver se os seres humanos são tão capazes de perdão quanto de vingança.

– O que é que tem?

– Mudaria a maneira como me vês.

O Elian encolhe os ombros.

– Então não contes.

Reviro os olhos.

– E se precisasses de saber?

– As pessoas não contam segredos porque alguém precisa de os saber. Contam porque precisam de alguém a quem contar.

Engulo em seco. O meu coração parece tão ruidoso que o ouço.

– Então, em vez disso, peço-te uma coisa.

– Que guarde segredo?

– Que me faças um favor.

O Elian anui e eu esqueço que somos assassinos e inimigos e que, quando a minha identidade for revelada, ele pode muito bem tentar matar-me. Não penso na Yukiko a reivindicá-lo como se ele fosse um prémio cujo valor ela desconhece. E não penso na Rainha do Mar, nem no conceito de traição. Penso no meu coração humano, de repente a bater tão depressa (depressa demais) e no sulco entre as sobrancelhas do Elian enquanto espera pela minha resposta.

– Alguma vez me vais beijar?

Lentamente, o Elian diz:

– Isso não é um favor.

A sua mão sai de junto de mim e sinto uma súbita ausência. E depois está na minha face, a segurar-me o rosto em concha, o polegar a acariciar-me o lábio. Parece a pior coisa que eu já fiz e a melhor coisa que poderia fazer, e que estranho que, de repente, as duas sejam o mesmo.

Que estranho que, em vez de tomar o coração dele, espero que ele leve o meu.

– Lembras-te de quando nos conhecemos? – pergunta.

– Disseste que eu era mais encantadora quando estava inconsciente.

O Elian ri-se e está tão perto que sinto o seu corpo tremer contra o meu. Consigo ver todas as cicatrizes e sardas da sua pele. Cada raio de cor nos seus olhos. Passo a língua pelos lábios. Quase lhe sinto o gosto.

– Pergunta-me outra vez – diz ele.

Cola a testa à minha, a respiração entrecortada nos meus lábios. Fecho os olhos e inspiro-o. Alçaçuz e sal marinho e, se eu me mexer, se eu respirar, a coisa frágil que existe entre nós vai desaparecer com o vento.

– Faz já e pronto – digo.

E ele obedece.

O caminho termina na água, tal como começou.

Com a Yukiko como nosso guia, conduzindo-nos pela sua rota sagrada, dividimos a nossa viagem ao meio, sem nunca nos perdermos ou vacilarmos. Ela leva-nos a acampamentos onde se fazem fogueiras, suficientemente luminosas para queimar um buraco na própria montanha, e por caminhos que cortam tanto o tempo quanto a montanha. Rotas mais rápidas, percursos mais breves, trilhos repletos de batota. Tecnologia que, por vezes, até nos transporta uma parte do caminho. Não é uma surpresa que os príncipes pagueses sejam capazes de sobreviver à escalada com tantos truques à sua disposição. Também não é uma surpresa que alguém que não seja da sua linhagem não sobreviva.

Embora eu deteste descobrir algo em comum com pessoas como a Yukiko, até eu tenho de admitir que o golpe da sua família é inteligente. Usam tudo o que podem para perpetuar a lenda das suas origens, assegurando a lealdade do seu povo através do espanto, se nada mais. Não é uma má jogada. É como o Elian e o seu sangue de ouro. O poder mortífero de Keto e de mim. Se bem que, no meu caso, a lenda é verdadeira.

Paro bruscamente e o resto da tripulação imobiliza-se junto a mim. A mão enluvada do Elian paira perigosamente perto da minha e, embora eu sinta a faísca e o calor entre nós, não olho para ele. Não posso. Só posso olhar em frente, os meus pés enterrando-se mais na neve quanto mais tempo fico parada. Mas também não me consigo mexer. À frente, há maravilhas. Há o palácio, esculpido a partir dos últimos suspiros da minha deusa Keto.

Embora não estejamos a mais de cento e cinquenta metros do pico da montanha, deparamos com a base de um grande desfiladeiro, cercado por cascatas que se despenham num monte de pedras negras. Parecem os restos de um deslizamento de terra e, quando a água bate neles, cria montes de vapor que assobiam à medida que se elevam, antes de se dissiparem por fim nas nuvens. No meio da espuma, as rochas flutuam sem rumo na borda do grande

fosso, como fronteiras para manter a água milagrosamente descongelada no interior. Ao centro, cercado por ilhotas de neve, fica o palácio. É um icebergue que se eleva à altura das cascatas, com janelas feitas de vento sólido e campanários ornamentados que se curvam e projetam em ângulos estranhos. Trata-se de um corpo de neve esculpida, uma fortaleza de inclinações e bordas que eclipsam a glória da própria montanha.

Um caminho quebrado de gelo conduz ao palácio, mas é demasiado fragmentado e instável para garantir uma passagem segura ao exército de cem. Em vez disso, encontramos um lote de grandes barcos a remos presos nos arredores do fosso, onde está mais calmo, mais distante dos três lados da água que nos rodeia. Dividimo-nos entre as embarcações e remamos em direção à foz do palácio, o nosso barco a ser empurrado meio pela força do Torik e meio pelas grandes rajadas de vento que nos impulsionam para a frente numa linha torta.

Quando desembarcamos do barco, o palácio está léguas acima de nós, e eu tenho de arquear as costas para conseguir uma vista satisfatória. Mas não há tempo para interiorizá-la, nem para perguntar como é possível que um palácio construído a partir de tempestades de neve possa parecer mais quente. Um ou dois graus acima da Montanha das Nuvens. A Yukiko avança com propósito e seguimo-la até às profundezas do icebergue, usando a sua tocha para nos guiar quando anda depressa demais para que possamos acompanhar o seu ritmo.

As paredes brilham como salões de espelhos, de modo que, de repente, os nossos números duplicam. Triplicam. Tudo o que vejo é rostos e tufos de respiração que se misturam entre nós como nevoeiro. Não podemos evitar ficar um pouco para trás, andar mais devagar enquanto tentamos decifrar o que é um reflexo e o que é efetivamente a Yukiko. Quando ficamos muito para trás e ela contorna uma curva à frente, somos forçados a mergulhar numa escuridão fugaz. A mão do Elian encontra a minha. Aperta-ma, apenas uma vez, e tudo em mim se acelera. Aquece. O meu corpo curva-se para ele e pressiono a minha mão livre nas paredes glaciares. Quando encontramos a curva para o canto, a luz da Yukiko ilumina mais uma vez os nossos rostos.

Largo a mão do Elian.

A Yukiko faz uma pausa num grande muro de gelo que brilha contra o calor da sua chama, ecoando os nossos rostos de volta para nós. Prende a tocha num pequeno suporte e recua um passo.

– Chegámos – diz ela.

O Elian olha-me rapidamente e, em seguida, desprende a chave de seu pescoço e entrega-a à Yukiko. Os seus olhos estão impacientes enquanto a Yukiko a segura junto de um côncavo na parede, que reflete na perfeição os padrões do colar, desde as voltas ornamentadas até às presas que prendem. É a fechadura perfeita para a nossa chave e, quando a Yukiko pressiona o colar na parede, vai ao lugar com um estalido.

A neve cai do teto e corre das paredes como água. Ouve-se um gemido

intenso e, em seguida, o grosso painel de gelo ergue-se para trás e revela uma caverna grande demais para ser alojada dentro deste pequeno palácio.

O Elian entra como o explorador sedento. Sigo rapidamente atrás dele, sem me importar com a princesa por que passei. Todos os lugares são azuis. Troncos espessos de geada pressionam o teto e depois caem de volta em tufo frondosos. Brotam das paredes como ramos, veios de gelo pavimentando o chão com raízes. É uma floresta de neve e gelo.

A tripulação entra devagar e olha à sua volta, de olhos esbugalhados de espanto. Ao contrário do resto do icebergue, a caverna é genuinamente um lugar belo. Um lugar tocado por Keto. Mas o Elian não se deixa maravilhar com o que o rodeia. Olha resolutamente em frente, para o centro da cúpula.

Um campanário de água do oceano flutua numa mistura perfeita de esmeralda e safira e eu reconheço-a imediatamente como água do mar dos Diábolos. Da minha casa.

No seu coração encontra-se o Segundo Olho de Keto.

Nunca vi nada assim. Nem o olho do tridente da Rainha do Mar se lhe compara, com a sua forma tão grosseiramente cortada e a sua cor enfraquecida das décadas debaixo de água. Esta pedra não é afetada por nada disso. Forjada num círculo perfeitamente geométrico, é tingida com os olhos rosados da minha mãe e os galões de sangue derramados em seu nome.

O campanário que o abriga é uma escultura de gelo sólido, mas quando o Elian estende o braço para lhe tocar, ele não recua. Não está congelado, mas suspenso. No tempo, no espaço.

– Então, não podemos derretê-lo – diz o Elian.

– Não podemos parti-lo – insta a Yukiko. – Pode estilhaçar o cristal.

Ele vira-se para ela.

– Duvido que pudéssemos parti-lo, fosse como fosse. Até o seu toque é impenetrável.

A Yukiko abana a cabeça furiosamente.

– Temos de o abrir – diz ela. – O ritual. O que é?

Todos os olhos se voltam para mim, e eu respiro, preparando-me. Este é o momento para o qual tenho trabalhado. A coisa que me propus para fazer no navio do Elian. Olho para ele e para o modo como o seu cabelo encaracola junto às orelhas, espetado de uma maneira que mostra todos os momentos que ele dormiu numa tenda húmida. O ridículo cheiro a alcaçuz sempre que ele suspira.

Estou demasiado perto.

Pigarreio.

– Sangue de sirena – digo.

O Elian vira-se para mim.

– O quê?

– Achas que qualquer pessoa pode empunhar o Cristal de Keto? – pergunto. – Tem de ser o guerreiro digno da sua magia.

– Guerreiro – diz.

– Um assassino de sirenas.

Mentira e mais mentiras, misturando-se com meias-verdades na minha língua.

O Kye lança as mãos ao ar e avança.

– Onde é que vamos buscar sangue de sirena? – pergunta. – Porque é que esperaste até agora para nos dizer isso?

– Não faria diferença quando nos dissesse – diz a Madrid, fitando-me com uma expressão ilegível. – As sirenas não têm sangue, têm ácido. Não podemos captar isso porque se transformam em espuma do mar e, mesmo que o fizéssemos, comeria qualquer coisa em que o colocássemos.

– A tua faca. – Aponto para o cinturão do Elían. – A única coisa nesta terra que pode transportar o sangue de uma sirena.

– Não transporta – diz o Elían. – Bebe-o.

– Absorve-o – corrijo. – Não me digas que não percebeste que a cada sirena que matas ela fica um pouco mais forte? Um pouco mais pesada.

O Elían fica em silêncio.

– Como podes saber? – A Yukiko inclina a cara de lado. – Há alguma coisa em ti que eu não consigo entender.

Ignoro-a e mantenho o meu foco no Elían. Franze as sobrancelhas e eu sei que, naquele momento, ele duvida de mim. Que mesmo que eu ignore a Yukiko, ele não ignora. Está desconfiado, talvez tenha estado sempre, e embora tenha todo o direito de estar e eu, em parte, me sinta orgulhosa dele por isso, dói, mesmo assim. Eu não sou de confiança e magoa-me que ele possa saber isso.

Mesmo assim, não posso deixar que seja ele a libertar o Olho.

Dirijo-lhe um sorriso despreocupado.

– Eu disse-te que seria bom teres-me por perto.

O Elían saca a faca do cinto e segura-a à luz da caverna. Torce a lâmina na mão e dá um passo na minha direção. Pondero recuar, mas mantenho-me firme no lugar. Recuar agora só me fará parecer culpada.

– Então? – pergunto.

– Então, nada – diz ele. – Eu acredito em ti.

Faz um instante de pausa, como se esperasse que eu o contradissesse e explicasse que isso é um erro. Mais ridículo ainda é o facto de eu querer que isso acontecesse. Tenho vontade de lhe dizer que nunca deveria fazer algo tão estúpido como acreditar em mim. Mas não digo nada, e então o Elían vira-se para as águas geladas de Diábolos e mergulha a espada no centro.



Eu devia ficar feliz com o fracasso.

O sangue no interior da faca desapareceu há muito. Bebido e trocado por magia que a manteve invencível e permitia que absorvesse a vida de uma sirena. Eu sabia disso, mas dei esperança ao Elían, porque é isso que os

mentirosos fazem quando não querem ser apanhados. E eu tive de os deixar pensar que acreditava que a faca iria funcionar, porque se não, por que motivo teria esperado até agora para lhes dizer que o sangue era a chave?

Tive de deixar o Elian falhar para poder ter eu sucesso. Só não me devia sentir tão mal com isso.

As horas passaram e tenho a certeza que deve ser noite. Seja como for, a tripulação dorme em várias câmaras pequenas fora da cúpula. Sentinelas e transgressores. Estão determinados a não sair até encontrarem uma maneira de libertar o Olho. Se a determinação do Elian não bastasse, a fúria da Yukiko teria mantido todos lá, de qualquer maneira.

Tenta, disse ela. *Tenta ir-te embora sem a glória que prometeste ao meu irmão.*

Agarro a espada leve como uma pena e fito o Segundo Olho de Keto, suspenso na água da minha casa. Na minha pele, o colar de concha chama. Deseja reunir-se com o poderoso mar que o criou. Eu também o sinto, o chamamento constante de Diábolos, estendendo os braços para me puxar para o seu enalço.

Agarro a minha espada e passo-a pela palma da mão.

Fico indiferente quando o sangue escorre pelo meu braço e cai no Olho. Não há dor escaldante nem frio ácido sem fim. É quente e vermelho e tão humano. E, no entanto...

Quando o sangue toca na água, dissolve. A parte de cima do campanário dobra-se sobre si mesma, derrete e forma uma abertura grande o suficiente para eu alcançar o interior. Pego na pedra e suspiro. Parece tão pequena agora, mas sinto-me percorrida pelo seu poder. O potencial para a selvajaria. Quase me arde na mão.

– Durante todo este tempo, senti algo em ti.

Viro-me, segurando o Olho firmemente no punho.

– Eu sabia que alguma coisa não estava bem – diz a princesa Yukiko. Cheira o ar, como se conseguisse cheirar o monstro em mim. – Tu não és bem humana.

Embainho a espada e mantenho a voz baixa.

– Não sabes o que estás a dizer.

– Provavelmente não, mas vamos dizer na mesma. És uma delas, não és? Uma sirena.

Não respondo, e ela parece tomar isto como resposta. Abre um sorriso de orelha a orelha, com os lábios finos inclinados, fazendo maçãs das faces.

– Como conseguiste este disfarce? – pergunta. – Como é possível?

Ranjo os dentes, odiando a maneira como ela me olha, como um peixe num anzol. Como se eu fosse algo a ser examinado e estudado, em vez de temido. Dirige-se a mim, em círculo, até ficar do outro lado do campanário congelado.

Lanço-lhe um olhar murcho.

– A Rainha do Mar parecia pensar que era mais um castigo do que um

disfarce – digo.

– E roubar o cristal é a tua redenção? – pergunta. Ainda tão curiosa, tão sem medo. – Pergunto-me que crime cometeste para infligir tal coisa.

– Nascer foi o princípio – digo-lhe. – A Rainha do Mar nunca gostou de concorrência.

Do nada, o sorriso abandona os lábios da Yukiko e algo novo se pinta no seu lugar. Fascínio, substituído pelo choque. Maravilha, pela incerteza. Curiosidade, pelo medo.

– Tu és ela – diz a Yukiko. – A Desdita dos Príncipes.

A sua expressão vacila por mais tempo e, depois, rapidamente, a hesitação abandona-lhe o rosto. Sorri, astuta e perspicaz.

– Tu, mais do que ninguém, não sabias? – pergunta.

Demoro um momento a perceber que ela já não está a falar comigo.

Viro bruscamente cabeça para entrada da cúpula, onde o Elían se encontra. Tem o rosto descaído e inexpressivo, os olhos fixos no Olho na minha mão. Empalideço e o meu coração para no meu peito. De repente, nada parece sólido, exceto o ar que se aloja na minha garganta.

Eu acredito em ti.

Por um instante, considero a lamentável ideia de que talvez ele não tenha ouvido. Mas quando os olhos dele encontram os meus, eu sei que ele sabe. Sei que montou o *puzzle* que eu tanto tentei desmontar. E quando alcança a espada, sei que esta noite terminará em sangue.

A Desdita dos Príncipes.

Não há nada além dessas palavras. O mundo para e eu procuro nas minhas memórias alguma coisa: uma pista, um sinal, um vestígio. Em vez de vir vazio, venho com a ideia de que sou um idiota.

Resgatámos a Lira do meio do oceano, sem nenhum outro navio à vista. Quando ela ganhou consciência pela primeira vez, havia nela algo inexplicavelmente fascinante, quebrado apenas quando tentou atacar-me. Falou *psáriin* no convés do meu navio. E, ó deuses, aquela sirena. O que dissera ela? *Parakaló*. Implorou pela vida e eu nem pensei em questionar isso, embora nenhuma outra sirena tivesse feito tal coisa. Claro que implorava. Não a mim, mas a uma delas. À sua princesa.

– Tu, mais do que ninguém, não sabias? – pergunta a Yukiko.

Não respondo.

Eu sabia que a Lira escondia alguma coisa, mas nunca imaginei isto.

A minha mão sai disparada até ao meu peito, pressionando as cicatrizes que jazem sob o tecido da camisa. Cicatrizes tão parecidas com as que vi no Rycroft depois de a Lira ter feito o que tinha a fazer com ele. Naquele dia, em Midas, a Desdita dos Príncipes encontrou-me quando eu não consegui encontrá-la. Deixou que uma sereia afogasse a minha força e depois raspou as garras no meu coração, enquanto se preparava para mo arrancar do peito. Se os guardas reais não tivessem vindo, ter-me-ia matado.

A Lira ter-me-ia matado.

Desembainho a espada no instante em que os olhos da Lira disparam para os meus. A princípio, não sei bem o que planeio fazer depois de segurar a lâmina com tanta firmeza que me esmaga os ossos. Mas quando a Lira não se mexe, mesmo quando avanço cada vez mais perto, isso só acende a raiva dentro de mim. A traição. Ela nem sequer tem a decência de estremecer.

– Elian.

Diz o meu nome num fôlego e eu perco a noção de tudo.

– Vou matar-te – digo.

Mesmo como humana, a Lira é rápida. Mais rápida do que a maior parte dos lutadores novatos que conheci e muito mais fluida. É descuidada, mas há nisso algo primordial. Corto com a lâmina em direção a ela, que roda os ombros para trás num movimento ligeiro. Parece chocada, mas recupera o suficiente para lançar um soco na minha direção. Agarro-lhe o pulso a centímetros do meu rosto e torço-lho. De dentes arreganhados, ela chuta com uma força brutal. Saio do caminho com um rodopio, mas o pé dela engancha-me a coxa e a dor dispara pela minha perna acima.

Aceno com a cabeça para o cinto dela.

– A tua espada – digo.

– Importa-te que eu esteja desarmada? – pergunta.

– Não confundas honra com importância – digo, a ferver. – Se for preciso, deixo-te indefesa.

Balanço-me novamente para ela, que se torce desajeitadamente para fora do meu caminho. No segundo em que fica fora de alcance, ouço o som do metal a ser desembainhado.

A Lira levanta a espada num arco perfeito, tal como lhe ensinei, e rosna.

Vejo então nela o animal.

As nossas espadas gritam juntas. Aço sobre o aço.

Bloqueio quando a Lira golpeia o ar e agarro-lhe o pulso mais uma vez. Quando lho curvo duramente para a esquerda, a espada cai-lhe da mão. Faço-a girar até mim e prendo-lhe os braços ao corpo. O meu coração bate furiosamente nas costas dela enquanto se contorce contra o meu aperto. É fria ao toque, como sempre, mas o suor escorre entre nós.

– Acaba com ela! – grita a Yukiko.

Engulo e considero a espada presa entre nós. Não consigo tirar as mãos da Lira para obter o ângulo certo e a ideia de estar tão perto, de poder ouvi-la suspirar e sentir a vida deixá-la, é demais.

Deixa-me doente.

Penso no sabor do beijo dela, com as camadas de estrelas como teto. Uma galáxia inteira observava o seu corpo curvar-se para o meu. Quando me pediu que a beijasse e foi tudo o que eu pude fazer para me manter firme.

A Lira inclina agora a face para mim e solta um fôlego baixo.

Depois sobe o cotovelo e desfere um golpe no meu maxilar.

Largo-a e ela avança para recuperar a espada. Com uma gargalhada destituída de alegria, levo a mão à boca.

– Não há dúvida de que fazes jus à lenda – digo.

– Basta, Elian. – Aponta a espada entre nós como uma barreira.

Cuspo sangue no chão.

– Vai bastar quando estiveres morta.

Quando invisto de novo, ignoro tudo, menos a traição que me assola. Desfiro golpe atrás de golpe, batendo com a minha lâmina na dela. Repetidas vezes. Cada ataque guincha no ar e o tempo parece mover-se de uma só vez e,

ao mesmo tempo, morrer. Segundos e minutos intermináveis, até ela cair de joelhos e o cristal rolar no chão com ela.

A Lira não estende a mão para ele e, portanto, eu também não. Não posso fazer nada a não ser perguntar quanto mais tempo ela vai manter a espada acima da cabeça. Abrigando-se da morte.

Recebe cada golpe com uma expressão morta nos olhos. Depois, os cotovelos começam a tremer e o tornozelo cede por fim. A lâmina bate no chão frio. A Lira estatela-se no chão, à espera, com uma expressão indiferente. Dando-me a abertura que eu achava que queria.

Aperta o seu colar de concha e eu vacilo. É como se me provocasse com todas as pistas a que fui cego. Levanto de novo a minha arma, sentindo o aço pesado nas mãos. Posso vingar o Cristian. Posso vingar todos os príncipes que morreram no oceano e todos os que ainda podem morrer. Posso matá-la e acabar com isso.

Deixo cair a espada.

A Lira inspira. O suor pinta-lhe a testa e a expressão de desassossego nos seus olhos corta-me em cheio. Quem me dera tê-la matado. Quem me dera que ela me tivesse matado. Em vez disso, olhamos um para o outro, depois a Lira abana a cabeça e dá-me um pontapé nas pernas, que fogem debaixo do meu corpo.

Quando bato no chão ao lado dela, solta um suspiro frustrado.

– Da próxima vez que quiseres matar alguém, não hesites – diz ela.

– Não era eu que te devia estar a dizer isso?

– O que estás a fazer? – pergunta a Yukiko. Sento-me enquanto a princesa de Págos me faz uma careta. – Ela é a Desdita dos Príncipes.

Diz isto como se achasse que eu me podia ter esquecido. Como se existisse a possibilidade de eu deixar a Lira viver por ser muito estúpido, e não por ser muito humano.

– Estou ciente disso – digo, e arrebatro as duas espadas do chão.

– Ela veio buscar o cristal – diz a Yukiko. – Tal como nós.

– E agora vai-se embora sem ele.

A Lira olha para o Cristal de Keto, a poucos centímetros de onde se encontra sentada, curvada, no chão. Mas nem sequer tenta alcançar aquilo que aqui a trouxe.

– Levanta-te – digo.

A Yukiko investe em frente.

– Não podes fazer isto – diz ela, indignada. – Se a tua tripulação não estivesse a dormir, como cadáveres, na outra ponta do palácio, dir-te-ia que não podes deixá-la ir.

Inclino a cabeça devagar para a Yukiko.

– Ainda não és rainha. Não penses, nem por um segundo que me podes dizer o que fazer, nem tu nem eles.

Limpo o sangue seco da boca. Parece que o tenho sempre em mim, mas esta noite é uma das poucas vezes em que é meu. Da última vez, foi debaixo

do convés do navio do Rycroft. Da última vez era da Lira.

Nesse momento, a Lira levanta-se e observa o que vou fazer a seguir. Não quero ficar abalado, mas fico. Vejo-a ali parada, à espera do meu próximo comando, como um membro leal da tripulação, e as correntes que me seguram quebram-se como cordões.

– Volta para o lugar de onde vieste – digo à Lira. – Imediatamente.

Agacho-me para tirar o cristal do chão e a Lira vacila. Vejo a sua sombra mover-se, incerta, à luz fraca. O tempo arrasta-se pela câmara como lama.

– Oxalá isto pudesse ser o fim – diz ela.

Soa mais a aviso do que a ameaça, se é que há diferença entre os dois. Um vaticínio da batalha inevitável que está para vir. Não respondo. Em vez disso, espero que os passos dela desapareçam da cúpula e só quando tenho a certeza de que ela se foi embora me levanto.

– Não podes deixá-la viver – diz a Yukiko, sombriamente.

– Ela tem muito tempo para morrer. – Ponho o cristal na palma da mão. – Ao lado da mãe.

A Yukiko está incrédula.

– Eu avisei-te – diz ela. – O amor não é para reis. Verás isso em breve, quando formos casados.

– Podes parar de falar de casamento agora – digo-lhe. – Não vai acontecer.

A expressão da Yukiko combina com a minha, com uma dureza acrescida.

– Um príncipe que volta atrás com a sua palavra? Isso é novidade.

– Eu disse que te ia dar uma alternativa. – A impaciência infiltra-se na minha voz. – Posso não querer ser rei de Midas, mas é certo como o raio que não te quero por rainha.

– E que oferta me poderias fazer que fosse igualmente apelativa?

Ranjo os dentes. Parece que a única coisa que a Yukiko quer é reações e a Lira levou a última que me restou.

– Presumo que saibas da aflição da rainha Galina.

– O meu irmão deu-me a conhecer a informação quando assumiu o trono.

– Kardiá está a ganhar destaque através de acordos comerciais com outros reinados. A sua rainha revela-se popular no norte. A Galina não pode competir com isso se não puder interagir com seu povo por medo de infetá-lo. Eidýllio sofre porque ela optou por não escolher outro marido que a ajude a governar.

O desinteresse da Yukiko é bem praticado.

– Porque me deve importar isso?

– Porque ela não disse nada sobre não tomar esposa.

– Queres que me torne rainha de Eidýllio? – A Yukiko solta uma risadinha, incrédula.

– Uma das rainhas – corrijo.

– E porque haveria a Galina de concordar com isso?

– O poder dela não afeta as mulheres. Tu poderias fazer a ligação com os outros reinos, em seu nome, reunindo com dignitários e diplomatas. Estarias com as pessoas a inspirar lealdade. Todas as coisas que a Galina não pode fazer.

– E os herdeiros? – pergunta a Yukiko.

– Ela não tem interesse em dar continuidade ao seu legado maldito.

– Já pensaste em tudo – diz a Yukiko, praticamente a ronronar. – Até falaste com a rainha?

– A Galina concordou que seria um acordo mutuamente benéfico, especialmente se lhe desse laços com Efévresi, bem como com Págos. E, claro, coloca-se Midas na sua dívida.

– E se eu recusar?

Firmo o maxilar.

– Ou te casas com uma rainha poderosa e governas ao seu lado, ou ficas em Midas com um futuro rei que questionará cada movimento teu. – Coloco o cristal no bolso, ao lado da bússola. – Sabe-se lá se sobrevivo ao dia de hoje. Queres mesmo ficar noiva de um príncipe com uma sentença de morte?

A Yukiko estuda-me e eu sei que é irrelevante se se trata ou não de um bom negócio. Neste momento, ela só está preocupada em ganhar e se ceder tão facilmente, não importa que receba um reino poderoso como prémio. Para ela, ficar malvista é pior do que ganhar um reino.

– Tenho uma condição – diz ela.

– Pois claro.

– Quando chegar a hora, quero que a Desdita dos Príncipes morra pela tua lâmina.

Cerro os punhos dentro dos bolsos, os nós dos dedos batendo na bússola. Tal e qual a dona do Ganso Dourado, para ser tão imoral como os seus fregueses, e tal e qual uma princesa, para fazer exigências com o destino da humanidade em jogo.

Afasto, pestanejando, a imagem da sombra vacilante da Lira e a expressão do seu olhar quando se apercebeu de que eu conhecia a verdade sobre a sua identidade. Como me empurrou para fora da trajetória da bala do Rycroft e me pediu para a beijar no limiar de uma montanha. Forço-me a lembrar que a mentira é o seu maior talento.

Instruo as minhas feições na indiferença.

– Eu garanto-te – digo à Yukiko. – Da próxima vez que a enfrentar, nem vou pestanejar.

Sinto o sobressalto da bússola na minha mão e, lentamente, o ponteiro muda.

Corro mais depressa do que julguei ser capaz. Pelo labirinto do palácio de gelo e pelos túneis onde a tripulação do Elian ainda dorme. Corro até já nem parecer que corro, mas sim que flutuo. Que voo. Que nado pelo labirinto como nadava no mar. Corro até sentir o cheio da água e ver luz espreitar do fim do caminho.

O Elian deixou-me viver, mas tratou-se de um pequeno gesto de misericórdia que será desfeito na batalha que se avizinha. Será que o fez por saber que não importava? Porque queria que eu visse a minha mãe morrer primeiro? Não quero agarrar-me à ideia de que seja mais do que isso, mas não consigo evitar. Entretenho-me com a possibilidade de que a traição da minha identidade não tenha desfeito o que quer que tenha sido construído entre nós.

Quando largou a espada, havia algo tão completamente esgotado no seu gesto que não consigo encontrar as palavras para o descrever em língua nenhuma. A ideia de que ele não me quer morta é impossível, mas agarro-me a ela mais desesperadamente do que alguma vez me agarrei a qualquer coisa na minha vida perversa. Afinal, ele beijou-me. Acariciou-me a face tão delicadamente e colou os lábios aos meus de uma maneira que fez o fogo disparar dentro de mim, derretendo quaisquer pedaços da montanha que se me colassem à pele.

Coisas assim não podem ser esquecidas, nem desfeitas.

Liberto-me do palácio de gelo e pego nos remos de um barco pequeno. Chego ao outro lado do grande fosso sem fôlego e a segurar o colar de concha na mão. Os sulcos grossos pressionam a minha palma enquanto debato a escolha que tenho à frente. O Elian há de pensar que pode usar o Olho para matar a minha mãe e todas as sirenas no oceano. Arriscará a vida, acreditando ter uma arma, quando na verdade essa arma é inútil nas suas mãos.

Com o meu sangue a revesti-la, não poderá ter outro senhor.

A Rainha do Mar contou-me muitas coisas sobre o Olho de Keto, mas aquela que recordo mais claramente é esta: Quem libertar o olho tornar-se-á

seu senhor. Não menti ao Elian quando lhe disse que era preciso sangue, só não tinha de ser sangue de sirena. Se o Elian tivesse cortado a sua mão sobre as águas, o Segundo Olho de Keto teria sido seu. Ter-lhe-ia dado os mesmos poderes que o tridente da minha mãe lhe deu a ela. Foi assim que as famílias originais planejaram que os humanos derrubassem a Rainha do Mar: uma batalha de magia de igual para igual.

Atiro o colar de concha para o fosso, como fiz em Eidýllio, só que desta vez concentro-me na imagem da minha mãe. Chamo-a dentro da minha cabeça, alto o suficiente para que perfure uma montanha inteira e se espalhe sobre os mares. No início, não tinha a certeza se ia funcionar, mas depois a água começa a ferver e, em meu redor, o gelo que se espalha sobre o fosso derrete.

Chamusca como um fogo invisível e brota uma rajada de água. O preto flui como sombras que se derramam na luz. Ouço um zumbido familiar e depois, inconfundível, o som do riso.

Do abismo, aparece a minha mãe.

Continua a ser linda, como são todas as rainhas das sirenas, e horrível de uma forma que só ela conseguiu ser. Os seus olhos vêm polir os meus e os seus dedos compridos afagam o tridente como se fosse um animal de estimação. Todo o poder do mundo na ponta dos dedos, pronto para vergar os mares e os seus monstros aos seus caprichos.

Por alguma razão, ela agora parece-me tão estranha.

A Rainha do Mar sorri com sangue fresco nos dentes.

– Vais falar? – pergunta.

Olho de volta para o palácio, à espera de que o Elian irrompa a qualquer momento, mas a entrada continua livre a e a água, quieta na sua base e a Rainha do Mar aguarda, simplesmente.

– Sabes onde estamos? – Lança um olhar indiferente ao meio que a rodeia, repousando os dedos de membrana no tridente. Quase não há brilho nos seus olhos cinzelados quando diz: – Na Montanha das Nuvens.

– Foi neste lago – a minha respiração chocalha, no meio de nós – que se escondeu o Segundo Olho de Keto. Segui o príncipe cujo coração querias que eu tomasse e ele conduziu-me aqui. Àquilo que tens procurado. Descobri este lugar, tendo tu fracassado. Não conseguiste senti-lo, com esse poder todo no maldito tridente?

Só quando ela pestaneja me dou conta de que estou a gritar.

De repente, todos os enganos e desculpas que eu tinha tanta certeza de conseguir tecer não parecem importantes. Tenho a cabeça vazia, à exceção de um pensamento: como me sinto irrazoavelmente virtuosa. Quando as águas se dividiram, julguei haver nela algo de estranho. Uma pequena mudança durante a minha ausência que não conseguia bem identificar. Agora percebo que não se trata de ela parece estranha, mas de parecer uma estranha.

A Rainha do Mar ri-se e o chão abre-se junto dos meus pés. Reclina-se e a água borbulha para ir ao seu encontro, como um trono.

– Continuas a ser a criança estúpida – repreende. – Por acaso sinto cada copo de água que um humano leva aos lábios? Achas que isto faz parte do nosso mundo só porque flui da mesma maneira?

A Rainha do Mar arranha o lábio com uma presa.

– É tudo um disfarce – diz ela. – Esta montanha, este fosso: não é nosso; é deles. Os senhores originais desta infestação de reinos humanos. Feito pelo homem; feito pela magia. Não há nada da nossa deusa nestas águas. Eu não teria sido capaz de vir à tona aqui se não tivesses usado a concha para me chamar. Não saberia que um lugar assim poderia ser alcançado.

– E agora sabes.

– E quando me deres o Olho, posso fazer ruir tudo até às profundezas de Diábolos.

Sorrio levemente.

– Parece um plano e tanto. Se ao menos fosse aquilo que tenho em mente.

A Rainha do Mar estende a palma da mão, com os dedos afiados até ao osso. Uma mão de facas.

– Filha – ordena –, dá-me o Segundo Olho de Keto enquanto eu ainda estou a ser agradável.

– Isso é um bocado impossível, já que eu não o tenho neste momento.

O rosto esculpido da Rainha do Mar estala. Um pequeno espasmo nas sobrancelhas sulcadas e a contração tensa dos lábios, repentina demais para ser um sorriso. Inclina a cabeça, estudando a minha postura rígida. Avaliando essa súbita mudança em mim. Ainda a criança insolente, mas com algo muito mais enganador no olhar.

Lentamente, a Rainha do Mar arqueia o corpo para a frente. Os seus olhos brilham contra a luz.

– Onde está?

Evoco as partes de mim que melhor aprendi com o Elian. A bravata bem praticada, que vem de um talento para a sobrevivência e da ideia de que a sorte pode nunca acabar. Só desta vez, quero ver algo verdadeiro da parte dela. Uma reação que não tenha medido ou calculado.

– Está com o príncipe que veio à procura dele – digo. Deixei-o ficar com ele, em troca da minha vida.

Sinto o impacto do solo antes de registar o sangue. Quando abro a boca para respirar, jorra do meu nariz para a língua.

– Lixo insolente! – guincha a Rainha do Mar.

Os seus tentáculos debatem-se descontroladamente, socando o ar entre nós. Sinto-a ferver na minha pele quando cerra um tentáculo à volta do meu pescoço e aperta.

– Achas que a tua vida vale mais do que o Olho?

A minha mãe investe e as suas unhas rasgam-me os pulsos como lâminas. Tento libertar-me, mas o seu aperto é inquebrável. Quanto mais luto, mais ela pressiona, até eu sentir que, com mais um movimento, os meus ossos

vão estalar.

Arrasta-me ao longo do caminho, cada vez mais perto do palácio de gelo. As minhas articulações estalam a cada puxão violento, os pés arrastando pela água. A minha garganta arde com o aperto, mas não deixo que o meu sorriso esmoreça. Não faço nada, a não ser esperar que ela pare e me atire de novo ao chão.

Nem penso em dizer-lhe que fui eu que libertei o Olho e que, quando me reunir com ele, o seu poder me irá pertencer. Admitir isso colocaria a vida do Elian em risco. Neste momento, a minha mãe vê-o como a ameaça e é exatamente isso que preciso.

Desorientação, disse o Elian. Ele vai ficar orgulhoso de ver como aprendi bem.

A Rainha do Mar considera-me uma doença.

– Achas que a tua vida vale alguma coisa?

– Talvez não para ti – digo. Inclino a cabeça para o lado e cuspo. – Mas, para ele, talvez.

– Eu sabia que eras fraca – diz ela. – Mas nunca percebi até que ponto. A herdeira do reino marítimo de Keto, que eu tive de bater para a brutalidade. Que mais depressa veria um jovem príncipe afogar-se do que lhe arrancaria o coração enquanto ainda batia. Que chorou enquanto assassinava a minha irmã.

Ao mencionar a Crestell, o meu peito empina. A Rainha do Mar olha para mim como se eu fosse uma coisinha lastimável, não mais sua filha do que qualquer outra criatura no seu domínio. O oposto completo da maneira como a Crestell olhava para a Kahlia quando lhe salvou a vida.

– Julguei que teria de o arrancar por ti – diz a Rainha do Mar. – No entanto, vê só o quanto sobreviveu. Como uma praga, esta humanidade infetou-te muito antes de eu te ter roubado as barbatanas.

– Vou tomar isso como um elogio – digo. – Querias que eu aprendesse uma lição através deste castigo e aprendi. Eu sei que o príncipe não é meu inimigo. Na verdade, é uma versão mais honrosa de mim. – Olho fixamente para os seus olhos pétreos vidrados. – E noutra vida, se eu tivesse hipótese de escolher quem seria, talvez tivesse sido como ele.

– Basta! – exige ela. – Vais dar-me o que é meu antes que eu te mate.

– Não – digo. – Acho que primeiro vou tomar o que é meu.

Um som escarninho atravessa-lhe os lábios.

– Queres a minha coroa?

– A coroa é minha, na verdade.

As pontas das suas presas brilham à luz do dia.

– Achas que me podes matar, Lira? – pergunta. – Aquela que te trouxe ao mundo?

Sem medo, apenas curiosidade. Com camadas de diversão e descrença.

– Se estivéssemos no oceano, terias um exército – digo. – Mas esta é a Montanha das Nuvens e estamos o mais longe que é possível de casa. Neste lugar, com o Elian e a sua tripulação, és praticamente carniça.

– Elían? – diz o nome dele com bÍlis na boca. – Tu e o teu príncipe humano imundo acham que eu preciso do oceano para o meu exército? Onde quer que eu vá, o meu poder segue-me e eles também. Se queres mesmo acabar com esta guerra, faço o obséquio. Como mãe, tenho de realizar o desejo da minha filha.

Baixa o tridente bem fundo, na água, observando o meu rosto contrair-se. O negro chora da coluna do tridente, como lágrimas. Atravessa o fosso e, em seguida, flutua a alguns centímetros da água, formando grandes círculos negros ao longo do caminho. Portais para Diábolos.

Uma mão atravessa o primeiro, pertíssimo dos meus pés. Depois, outra. Segue-se um exército e a água geme com esta magia negra, estremecendo quando, uma a uma, as sirenas rasgam caminho para a montanha. Garras e dentes, barbatanas e olhos tão frios.

E depois, não muito longe de mim, uma visão muito pior.

Sinto o poder do Olho antes de ver o Elían sair do palácio com a sua tripulação, qual exército alinhado atrás dele. Ele examina o exército em ascensão com um olhar de admiração e horror, em partes iguais. Eu solto o fôlego e, mesmo daqui, sinto o seu cheiro de pescador na brisa. Lasca uma parte de mim que já está crua.

Como se o Elían pudesse sentir isso mesmo, os seus olhos encontram os meus. Parece cansado, mas pronto para a guerra. Sempre preparado para o que está para vir, mesmo que possa ser a morte. Enquanto me observa, algo estranho atravessa os seus olhos arregalados. Incerteza. Alívio. Algo em tão completo conflito que eu só posso franzir a testa em resposta. Seja o que for, foi rápido demais para eu decifrar.

Abro a boca para o chamar – para o avisar que deve fugir, ou esconder-se, embora saiba que ele não fará nenhuma dessas coisas –, mas depois ele pestaneja e a sua expressão aguça-se. Basta-me um olhar para perceber que a Rainha do Mar abriu caminho até ao seu campo de visão. Quando põem os olhos um no outro, o meu coração bate contra as costelas.

As sirenas crescem, preparando-se para o ataque, e sei que nenhuma delas usará o seu canto para deixar o Elían e a sua tripulação em paz. Isto não é uma caçada; isto é a guerra. E vão querer uma matança justa. Uma vitória brutal o suficiente para deixar a rainha orgulhosa.

A Rainha do Mar curva-se para baixo, os tentáculos roçando a minha mão, os lábios como vidro partido no meu ouvido.

– Rapariga estúpida – sussurra, e depois, como se fosse a pior coisa que podia dizer: – Rapariga humana estúpida.

A água é negra com sirenas e o mundo segue-as.

Cobrem a montanha de fuligem com a sua presença quase demoníaca e, à medida que o sol se esforça para se erguer mais alto, fere o céu. Ouve-se um encadeamento de assobios e gritos infernais enquanto as sirenas se aproximam da superfície da água, com os seus sorrisos ímpios e sedutores. Não posso evitar ficar hipnotizado. Criaturas tão bonitas. Tão enfeitiçantes e mortíferas. Mesmo quando afiam as presas em seus lábios e passam as mãos com garras pelos cabelos líquidos, não consigo desviar o olhar.

Tudo nelas é terrível, mas nada é hediondo. O fosso estende-se até oitocentos metros em cada direção e as sirenas enchem tudo. Deve haver umas centenas delas, num rácio de duas para um.

– Deuses! – O Kye tem a voz atordoada. – Estão em toda a parte.

– Já reparámos. – A Madrid alinha a visão da sua besta. – O que vamos fazer, Cap?

– Porta-te o melhor possível – digo.

Baixa a besta e franze o sobrolho.

– O quê?

Aceno com a cabeça para o centro do caos.

– Estamos na presença da realeza.

A Rainha do Mar é uma visão diante de nós, com vastos tentáculos azul-escuros e a filha numa pose de aliada, ao seu lado. Uma díade formidável. Independentemente do novo manto de humanidade da Lira, quando está ao lado da mãe, parecem capazes de atravessar a luz do dia.

A Rainha do Mar flutua através da água, a Lira seguindo o caminho instável. Quando ela me alcança, percebo que os seus olhos são da mesma cor do que os lábios.

– Assassino de sirenas – diz o Rainha do Mar, em jeito de saudação.

Quando fala, mesmo que apenas essas poucas palavras, e mesmo na minha língua, é diferente de tudo que eu já ouvi. Sórdido e odioso, sedutor e

repulsivo. A melodia deixa-me com uma espécie diabólica de melancolia. É como se ela falasse em canções fúnebres.

– Vossa Majestade. – Curvo-me o suficiente para que os meus olhos nunca a deixem.

– Lira. – A Madrid abana a cabeça, com a traição a ensopar-lhe a voz. – Não pode ser verdade, certo? Tu és uma de nós.

O riso da Rainha do Mar borbulha como água.

– Não tardarás a descobrir que a minha filha não tem lealdades. – Vira os olhos para a Lira. – Não passa de uma traidora.

– Eu sabia – diz o Kye, embora não haja satisfação na sua voz. – Eu sabia que não devíamos confiar em ti, mas confiei na mesma. Estiveste a enganar-nos este tempo todo?

É uma pergunta, como se ele não conseguisse acreditar. Como se não acreditasse, apesar de todas as suas suspeitas, até que a própria Lira o confirme. Mas ela não responde. Se é por não se importar o suficiente ou por haver muito a dizer, não sei ao certo. Mas ela não olha para ele, para nenhum de nós, para mim. Tem os olhos fixos na mãe. Vagando por cima dela. Sempre que a Rainha do Mar se move, os ombros da Lira contorcem-se na nossa direção.

– Tens uma coisa que me pertence – diz a Rainha do Mar.

O cristal bate no meu bolso.

– Não te preocupes. Pretendo devolvê-lo.

A Rainha do Mar inclina a cabeça para baixo, os braços estendidos num gesto incitador.

– Então, por quem és, vamos começar – diz ela.

Avanço.

A Rainha do Mar desliza, com um movimento elegante, para fora do meu campo e, quando está fora do caminho, a sua horda ascende. As sirenas saem da água, saltando para a minha tripulação, a gritar enquanto cravam as unhas e os dentes em toda a carne que consigam encontrar.

A Lira mergulha para o lado, e um número de tripulantes corre atrás dela. Tento mantê-la no meu foco, mas há muitas espadas e corpos, e é uma questão de segundos até a perder de vista.

Consigo, no entanto, ver a rainha. Paira ao centro do fosso, numa linha de gelo que atravessa a água como uma pequena ilha. Com o Cristal de Keto na minha posse, ela deixa as sirenas fazerem o trabalho sujo. Fica a vê-las sacrificarem-se pelo tesouro, sem nunca arriscar o próprio pescoço.

Se eu me conseguir aproximar o suficiente dela, posso usar o cristal para a mandar de volta para o inferno de onde veio.

Sigo, disparado, para as sirenas que saltam, com a tripulação ardente no meu encalço. Cortamo-las com as espadas, com o cuidado de evitar salpicos de sangue ácido. O Kye grita alguma coisa e eu viro-me a tempo de o ver cair no chão, com uma sirena inclinada em cima dele. A Madrid afasta-a com um pontapé antes que o sangue tenha tempo de provocar danos e puxa o Kye para

que se ponha em pé.

– Continuem! – grita a Yukiko, gesticulando para a rainha com a sua espada. – Nós vamos afastá-las.

Nesse momento, é o arquétipo da princesa de Págos, acima das garras do ciúme e das disputas pelo poder. Uma guerreira pura e crua, como cada um de seus irmãos e os reis e rainhas antes deles. Passa a espada sobre a cabeça, circulando-a pelo ar com força suficiente para criar uma tempestade. Está pronta para matar.

– Vamos lá! – ruge o Kye.

Empurra-me para a frente, a Madrid disparando fogo de cobertura atrás de nós. O som de tiros e gritos abala a montanha. A cada passo que damos, outro membro da minha tripulação destaca-se para guerrear uma sirena atacante. Estão por toda a parte, brotam da água e deslizam pelo chão como cobras. Passo por tantos corpos, as botas escorregadias de gelo e morte, até que uma legião de gritos diabólicos me faz parar redondo.

Um grupo de seis sirenas salta da água, com as unhas a brilhar como punhais. Aterraram como gatos, as barbatanas dobradas no meio e mãos arqueadas em garras.

– Cuidado! – grita o Kye, e a Madrid grunhe ao seu lado.

– Eu sei – diz ela, salpicando as criaturas mortais com flechas. – Não sou cega.

As sirenas saltam para fora do caminho, enganosamente ágeis mesmo em terra. As suas guelras expandem-se contra as costelas nuas, revelando a carne crua por baixo.

– Tens a certeza? – pergunta o Kye, e a Madrid dá-lhe uma cotovelada de lado antes de empurrar a besta para o chão e desembainhar a espada.

Atacamos com mais brutalidade do que nunca.

Atiro-me ao pescoço, antes que qualquer uma delas possa abrir a boca para cantar. Ao nosso redor, as canções de embalar colidem e ecoam ao lado dos gritos de misericórdia, mas há muito barulho para que tenha algum efeito além da tontura. Demasiada morte para que as suas canções tomem forma. Ainda assim, não vou arriscar. Uma nota e podem deixar-nos num frenesim.

Desfiro golpes com a espada, cortando uma jugular. E depois outra. Chegam numerosas e rápidas, como as cabeças da Hidra. Sempre que deixo uma sirena decepada no chão, salta outra no lugar dela.

Uma delas esfaqueia o Kye, as unhas deslizando no seu joelho. O seu dedo vai tão longe que estou meio à espera de que o resto de sua mão continue, mas ele coloca a pistola na têmpora dela e, quando ela cai sem vida no chão, saca a perna da mão dela sem estremecer sequer.

– Avança! – grita a Madrid, passando o braço do Kye sobre o ombro. Enterra a espada na boca de uma sirena. – Apanha a rainha!

Dou uma corrida, rolando para o chão para me baixar quando outra sirena salta na minha direção. Sinto a pele a ferver sob a manga da camisa quando eu a esfaqueio. Sangue de sirena, devorador. Rasgo o tecido e

amontoo neve em cima da pele chamuscada antes de continuar.

As balas são uma cascata à minha volta, disparando pelo ar como fogo de artifício. A água está crivada delas, ao lado dos corpos flutuantes das sirenas. Ouço os gritos de guerra e os gritos de morte. A minha tripulação está a morrer, as sirenas estão a morrer e eu não posso dizer que gritos pertencem a quem.

Arquejo quando chego finalmente à bifurcação da terra na água. Os meus pés batem nela, mas eu mal tenho oportunidade de me aproximar o suficiente do Rainha do Mar antes que algo bata em mim, levantando-me do chão. A minha face estala no chão.

Não é uma sirena. É um sereio.

A criatura vira-se na água e ruge com os dentes afiados de um tubarão. Engasgo-me um pouco, mas quando ele ataca de novo, estou pronto. Sou um tornado de aço e fúria, dou golpes limpos na carne borrachosa, no peito marcado e no estômago de sulco profundo. Mas o sereio não cede, por mais que sangue.

Agarra-me pela garganta com uma mão membranosa e ruge alto o suficiente para me furar os ouvidos. Deixo cair a espada. O rebordo dos dedos afiados fura-me o pescoço e a criatura levanta-me do chão com um braço musculoso. Atrapalho-me, tateando às cegas enquanto tento respirar. Quando as minhas mãos se prendem à volta da lâmina gritante, não perco tempo.

Bato com a faca na base do queixo, empurrando a lâmina até o punho bater contra o osso. O poder ressurgue através do aço, como nunca numa matança. É puramente animal e instinto e, quando a minha faca o bebe, eu também o faço.

A criatura cai no chão junto dos meus pés e a Rainha do Mar dilata as narinas.

– *Thapethánete* – diz ela, num latido.

– Desculpa. – Esfrego o pescoço com a mão. – Não falo *cabrês*.

A água ferve, em fúria, ao seu redor.

– Achas que quando morreres, a minha filha vai chorar? – pergunta ela.

Ergo a faca.

– Mata-me e descobre.

Chuto a espada do chão e apanho-a, segurando as duas lâminas diante da Rainha do Mar.

Ela silva.

– Tal e qual um humano, a depender de armas para matar.

Com a mão levantada, a Rainha do Mar levanta um corpo de água e empurra-o na minha direção. Afasto-me com um mergulho, mas a borda da grande onda prende-me o tornozelo e manda-me pelo ar a girar. Aterro a derrapar, o gelo a queimar-me o tecido da perna.

Ela olha-me com uma expressão endiabrada e de satisfação, depois levanta-se mais uma vez. Preparo-me para o impacto, mas o golpe não chega. Em vez disso, envia um martelo de água para uma linha de meia dúzia dos meus homens. Envolve-os instantaneamente e, em seguida, arrasta-os para o buraco cheio de garras das sirenas.

Rosno e atiro a espada na sua direção, mas faz ricochete na sua pele de vidro.

– Palerma – diz, cuspidando as palavras. – *Ilthia anóitos*.

– Já perdeste – digo-lhe, pondo-me em pé. – Tenho o Cristal de Keto. A Lira não conseguiu tirar-mo.

Mas digo as palavras com insegurança. O cristal pode ter cantarolado antes, mas quando muito, parece um peso morto no meu bolso.

A Rainha do Mar recua ao ver o cristal na minha mão.

– Vou assegurar-me de que a Lira será castigada quando isso acabar – diz ela, deslizando para trás. – De facto, acho que já está a ser.

Sigo a sua linha de visão e fico petrificado.

Do outro lado, a Lira luta com a Yukiko. A princesa empurra-a grosseiramente contra um pilar de gelo, e a Lira investe para lhe enterrar a espada no peito. Não preciso de as ouvir para saber que a Yukiko se está a rir. A Lira pode ser uma assassina no oceano, mas a Yukiko é uma guerreira paguesa e, em terra, na neve e especialmente nesta montanha, isso significa

muito mais. Os pagueses são treinados para serem impiedosos e, para a Yukiko, a Lira não passa de mais uma sirena. Só que agora é presa fácil.

Alguns membros da minha tripulação rodeiam-na, as espadas ansiosas para dar uma facada à traidora. Perdi de vista o Kye e a Madrid, mas mesmo que estivessem perto, não sei o que fariam. Se ajudariam a Lira ou a Yukiko.

A Yukiko levanta a mão para manter a minha tripulação afastada. Um sinal de que quer a Lira para si.

A Lira torce o braço erguido para dar um soco, mas a Yukiko esquivava-se e depois bate-lhe, com força, com as costas da mão na face. Quase consigo sentir o impacto. A Lira cospe e, logo a seguir, a Yukiko agarra-a bruscamente, rasgando o material no seu ombro. A Lira chuta, mas quando a Yukiko a atinge desta vez, estatela-se no chão.

A princesa de Págos saca de uma pistola do coldre e a Rainha do Mar faz um som de repreensão.

– Olha – diz, com um ronronar. – Tal e qual um humano.

A falta de preocupação na sua voz choca-me mais do que deveria. Para ela, é um jogo. Tudo, desde esta guerra até à morte da filha. Deixaria a Lira ser morta para que eu pudesse carregar a culpa. Recusar-se-ia a salvá-la para que eu fosse desgraçado ao fazê-lo.

Invisto na direção delas antes de pensar num plano sólido e a Rainha do Mar deixa-me abandoná-la nas profundezas aquáticas. Não preciso de olhar para trás para saber que ela me observa com um sorriso satisfeito. Rasga um sorriso enquanto faço o seu trabalhinho sujo, como mais um súbdito seu.

Chego tarde demais.

Algo embate na Yukiko, fazendo-a derrapar três metros na neve. A sirena grunhe, o cabelo amarelo encaracolando-se à frente dos olhos. Arqueia os ombros, lambe os lábios e depois salta mais uma vez. Soam tiros, mas a besta é demasiado rápida para que as balas a acompanhem.

O corpo da Yukiko é atravessado por fitas e eu engulo o vômito quando a sirena rosna e coloca a mão no peito da princesa, preparada para lhe tirar, como troféu, o coração ainda a bater. Empunho a espada, respiro num rumor baixinho, e preparo-me para o golpe da matança.

– Kahlia! – grita a Lira.

A sirena vira-se para me enfrentar, com gotículas vermelhas no rosto e no cabelo.

A Lira salta entre nós como um raio. Mal sou capaz de parar a lâmina antes que lhe corte o pescoço. Arregalo os olhos, os braços a tremer enquanto mantenho a espada a pairar, instável, junto à sua garganta. Desafiando-me a deixá-la viver de novo.

A Lira engole, o movimento batendo contra o aço, mas não recua. A bochecha dela está rosada e amassada e faço um esforço para desviar o olhar da marca.

– Ela não – diz, inclinando-se entre mim e a sirena.

Furioso, avanço até a minha sombra assomar à sua cara.

– Achas que não vou matar nenhuma destas coisas porque me dizes? – pergunto. – Acabou de tentar matar a princesa de Págos.

A Lira lança um olhar rápido à Yukiko.

– Ela parece viva – diz, e estende os braços que antes estavam ao lado do corpo, para proteger a sirena. – Era a princesa que tinha uma arma encostada à minha cabeça.

– Não quero saber.

Faço menção de passar por ela, mas a Lira coloca as mãos no meu peito. É quase um empurrão, mas quando recuo uns passos, aos tropeções, ela prossegue, ainda com as mãos espalmadas na minha camisa. A ligação desencadeia uma tempestade em mim.

Não é pele sobre pele, mas podia muito bem ser. Sinto o frio que dela emana e o calor confuso que isso traz. Quero estender a mão e puxá-la para perto, salvá-la como nos salvámos um ao outro no navio do Rycroft. Mas esse instinto é o problema, e o facto de que ela tentaria usá-lo contra mim – a fraqueza que ela própria criou – deixa-me a ferver.

Olho para a mão de Lira, pressionada no meu peito.

– És louca – digo. Não é uma pergunta.

– Elian – sussurra. – Não podes.

Afasto-lhe as mãos do meu peito e o meu olhar é fulminante.

– Errado.

Vou passar por ela de novo, mas agarra-me em desespero, os dedos deslizando para os meus como se fosse a coisa mais natural do mundo. Agarro-a.

– Elian – repete. O pulso dela vibra no meu. – Ela é minha prima.

Recuo.

Quando olho novamente para a sirena, vejo que não pode ter mais de quinze anos, com um olho no mesmo tom amarelo leitoso do cabelo e o outro, um par perfeito para o da Lira. Primas. Ela olha para nós inquiridora, mas não é a minha espada, nem a pedra apertada no mesmo punho, que parece manter o seu interesse. Mas a minha outra mão, enfiada descontroladamente na de Lira. As sobrancelhas finas fazem covinhas sobre os olhos arregalados e, de repente, parece muito mais menina do que demónio.

Afasto-me, e a minha mão cai da mão de Lira.

Ela estende-a novamente para mim, mas firmo o maxilar e abro a palma da mão, revelando o Cristal de Keto. Um aviso, creio, embora eu não tenha a certeza se para mim ou para ela.

A Lira abana a cabeça, sem se deixar intimidar, e dá um passo determinado em frente.

O cristal arde na palma da minha mão quando ela se aproxima. Bate furiosamente como o meu coração.

– Para – exijo, e a minha voz quebra-se.

Não acabar agora com esta guerra poria a humanidade em perigo. As sirenas mostraram que não são dignas de confiança e que não se pode

negociar com elas. Deixar que a sua raça assassina continue seria uma afronta a tudo aquilo em que acredito. E deixar viver a Desdita dos Príncipes... de todas as coisas que fiz, seria a pior. Colocar tantas pessoas em perigo seria monstruoso. E, no entanto, basta-me olhar para os olhos suplicantes de Lira, e sei que é exatamente isso que vou fazer.

Largo a mão e olho para o chão, desgraçado.

Ao apaixonar-me por um monstro, tornei-me um para ela.

– *Anóitos.*

A Rainha do Mar tem uma voz clínica quando desce para o meu campo de visão. Bela e grotesca. A raiva ferve dentro de mim e basta-me vê-la para ser tomado pela necessidade de enterrar a minha faca no seu coração negro e frio.

– Lira. – A cabeça da Rainha do Mar estala em direção à filha. – *Párteto apóton.*

A Lira observa-me atentamente, os olhos como ímãs nos meus. Quando abana a cabeça, o movimento é lento e pouco perceptível. Não olha para a mãe.

– Não – diz ela num midês firme, dizendo-me que não está só a falar com a mãe. Está a falar comigo. Com a tripulação, de que se tornou parte. Com o exército dos seus, que olham para a frente da água. Desobedecendo a qualquer ordem que lhe tenha sido dada para que todos possam ouvir.

A Rainha do Mar arqueia uma sobrancelha.

– Amas mais essa língua do que a tua? – questiona. – Se calhar devia cortar-te a tua, então?

Um tentáculo atinge as costas da Lira, atirando-a para a frente. O som da barbatana contra a pele corta o ar como uma chicotada e eu avanço para a Lira. Agarro-a antes que caia no chão, derrapando em seu lugar. As minhas pernas queimam contra a neve, torço o tornozelo quando os meus braços lhe apanham a cintura.

A Lira curva a mão no meu pescoço e cai sobre o meu joelho dobrado.

– Tens bons reflexos – diz ela, e sorri de uma maneira que cria uma detonação dentro de mim.

Aperto-a com mais força.

– Tu não.

A Rainha do Mar rosna e lança chibatadas num floreio, para se dirigir aos seus súbditos. Tudo o que ela faz é teatro, cada ameaça disfarça-se de espetáculo. É tão artista quanto rainha.

À nossa volta, a guerra faz uma pausa.

– Vejam como estes humanos conseguem virar contra mim até mesmo os meus mais leais – diz a Rainha do Mar em midês, para que até a minha tripulação entenda. – A minha filha foi vítima de mentiras e encanto. Tanto que eu tenho de me sujeitar a esta língua para que me ouça. Veem agora como os humanos nos podem matar com mais do que apenas lanças e facas? Este príncipe – aponta-me o dedo como uma pistola carregada – deve morrer às mãos da sirena que enfeitiçou. E assim a restaurarei à sua antiga glória. –

Vira-se para a Lira com um sorriso serpenteante e levanta o tridente num brinde. – Viva a Desdita dos Príncipes.

Acontece em segundos.

A Rainha do Mar empurra o seu tridente em direção ao céu e, quando os seus braços não se podem esticar mais, ele sobe sem ela. Paira sobre a sua cabeça, girando tão rapidamente que o brilho do rubi se torna um raio de sol perpétuo, cegando-nos a todos. E depois, tão depressa como começou, para.

A Lira tira os meus braços de si empurra-me para longe. Caio para trás a tempo de a luz disparar como uma lança do tridente no seu peito. E depois explode.

A Lira está de joelhos e os seus braços irrompem como asas, ao lado do corpo.

Um grito desumano solta-se da sua garganta e, de repente, o Kye está ao meu lado, apertando brutalmente o meu pulso. Só então percebo que me lancei para a frente. Que estava prestes a correr para ela novamente. Que mesmo agora, com a mão dele a segurar-me tão firmemente que meus os ossos estalam, não consigo tirar os olhos dela. Não posso perdê-la de vista.

A luz vem numa explosão, mas quando já não há mais gritos nela, enrola-se no seu corpo. A Lira tem uma convulsão, ao mesmo tempo rígida e a tremer. Os olhos reviram para trás e depois fecham-se e eu praticamente consigo ouvir os seus dentes a ranger.

Todos param. A minha tripulação faz uma pausa horrorizada. As sirenas observam fervorosamente.

Algumas soltam o ar como canções, em antecipação, os maxilares descaídos, abertos e famintos. Outras observam num estado de incerteza, os olhos estreitados e as presas no rebordo dos lábios. A sirena de antes, a Kahlia, assiste ao estremecimento da Lira. Quando o pescoço da prima vai bruscamente para trás, fica lívida.

Enquanto isso, a Rainha do Mar saliva.

Contra o gelo esmagado, as pernas da Lira unem-se. A pele derrete e mistura-se até as escamas lhe brotarem dos pés e subirem até à cintura. É uma cor que nunca vi antes, salpicada de tantos tons de laranja, é como se captasse a luz do sol. Mistura-se perfeitamente nas suas ancas, logo abaixo da curva do umbigo.

Acima disso, a sua pele começa a iluminar-se.

Começa ao longo da curva das costelas e desenrola-se como uma maré. Não é que ela fique mais pálida (acho que isso não é possível), mas a sua pele começa a brilhar. Uma luz líquida baila-lhe pelos braços abaixo e pelo peito. Rola sobre o recém-delicado arco da clavícula. O seu cabelo flui sobre os ombros como missangas de romã e, quando se lança para trás, de braços estendidos, a neve flui formando anjo ao seu redor.

A Lira arqueia o corpo, saboreando o frio, abrindo as guelras que atravessam as costelas a cada movimento. Enrola-se de lado, meio virada para a água e meio para mim. Há um momento em que ela está assim, de olhos

ainda fechados, aninhada na neve que espelha a sua pele, menos humana do que nunca, e eu me sinto estranhamente em paz.

Então a Lira abre os olhos e vejo que só um é do azul de que me lembro. E o outro é puro fogo do inferno.

Quase me tinha esquecido da minha força, da minha velocidade, mas quando entro na água, volta a mim. Liberto um uivo de caçador sob a superfície e sinto o frio gargarejar pela minha garganta abaixo, cortante nas guelras. Pode não ser o oceano, mas é suficiente. Uma água selvagem como eu.

O Elian está a observar quando eu surjo à superfície. Há tanta coisa escrita no seu rosto e a atravessar o meu corpo que não consigo decifrar as emoções nem decidir quais lhe pertencem e quais me pertencem. Vê-lo agora é como vê-lo com novos olhos.

Está mais brilhante, mais vívido. Os olhos refletem cada brilho do sol e da pele, não ficando atrás do ouro polido da sua terra. Cada centímetro dele é um contraste, luz e sombra misturando-se e tornando-se uma só, até que mal consigo pensar em desviar o olhar.

Coloco os braços contra a neve e observo-o como um caçador.

– Traz-me o coração dele – diz a Rainha do Mar.

A sua ordem assobia através do vento e, quando arranco o meu olhar do Elian, vejo os dedos dela apertarem o tridente, onde a sua parte dos olhos de Keto espera para se reunir com a irmã. Estou a ouvir. A chamada das duas metades, tão próximas uma da outra. É demasiado estável para ser uma canção e demasiado selvagem para ser um batuque. Um batimento cardíaco, então. Batendo impiedosamente nos meus ouvidos; as manchas do meu sangue revestem uma e a magia da minha mãe, a outra.

– Tira-lho – sibila a Rainha do Mar na nossa língua assassina.

Há uma nota de desespero na sua voz, nascida do facto de ela pensar que o Elian libertou o Olho do seu esconderijo. Receia o que possa acontecer se ele tentar usar novamente o Olho, e a sua magia se sobrepuser à do tridente, que ela tem usado para escravizar a nossa espécie na matança.

O Elian pode não saber, mas agora a Rainha do Mar acha que ele é o seu par.

Inclino o pescoço de lado e estendo a mão para que o Elian avance. Os seus olhos contraem-se, mas ele não vem e eu sorriria, se não achasse que esse movimento quebraria o meu rosto recém-gravado em pedra. Em vez disso, inclino a cabeça para trás e inspiro o vento, deixando o cabelo à deriva na água.

Atrás de mim, as sirenas começam a cantar em coro.

As suas melodias projetam-se e tomam conta dos humanos. Refrões delicados que fazem com que a tripulação oscile onde está, perdendo toda a noção do perigo. As ameaças tornam-se sonhos e os medos desvanecem-se na memória, até que os seus corações começam a pulsar a tempo da ária fatal.

– É lindo – diz a Madrid, com o corpo frouxo.

O Elian fica a ver a sua tripulação encantada permanecer na melodia do exército da Rainha do Mar, perplexo. Quando se vira para me enfrentar, o maxilar pulsa e basta esse olhar para quase transformar este corpo de água impossivelmente descongelado num glacier.

Sorrio, entreabro os lábios e deixo a música fluir.

Ao som da minha voz, o Elian caminha para a frente e, quando transformo o cantarolar em canto, ele cai de joelhos à minha frente. Continua a ter um plano para cada letra do alfabeto e, embora desempenhe bem o papel, sinto o seu coração a acelerar a cada batida. Os seus movimentos são ligeiramente rígidos demais. Demasiado preparados. E eu vejo o fogo selvagem arder-lhe nos olhos.

Não é afetado pela canção.

O Elian agarra o Cristal de Keto como se fosse a sua tábua de salvação. Para ele, essa imunidade recém-descoberta deve-se ao pedacinho da minha deusa que tem na palma da mão. Sorrio, porque, mais do que qualquer outra pessoa, o Elian não se devia deixar enganar. Devia saber ter mais fé no mito e no conto de fadas.

Quando a Maeve se dissolveu em espuma do mar no convés do *Saad*, a pequena parte de mim que acreditava em histórias estava feliz por o príncipe não ter tido hipótese de lhe tomar o coração, obtendo imunidade ao canto da sirena. Mas quando contei ao Elian sobre a lenda das nossas mortes, eu sabia que já não era uma história. E agora essa verdade está ajoelhada diante de mim, com os olhos selvagens forjados de terra e de mar. Folhas e algas marinhas nadando juntas.

Qualquer ser humano que tome o coração de uma sirena ficará imune ao poder do seu canto.

Só que o Elian não precisava de tomar meu coração; eu dei-lho.

Estendo a mão para lhe tocar no rosto e os seus olhos fecham-se por breves instantes. Ele inspira como se o próprio ato de respirar marcasse a memória na sua mente. Os meus dedos roçam as suas maçãs do rosto arqueadas. Ele ainda está quente e, ao contrário de antes, quando o sol fez o meu corpo de sirena estalar e latejar, o calor do Elian provoca em mim uma dor totalmente nova.

Deslizo a minha mão em torno do seu pescoço e puxo-lhe a cabeça para mim, usando o seu peso para afastar a minha cintura da água. Este anseio é mais do que eu consigo suportar.

– Sabes o que quero de ti? – sussurro.

O Elian engole.

– Eu não te vou dar o cristal.

Quando respondo, a minha voz é gutural.

– Não estou a falar disso.

– Então de quê?

Rasgo um sorriso de orelha a orelha, e há muito tempo que não me sentia tão perversa.

– O teu coração – digo, e beijo-o.

Não é nada parecido com o encontro suave e incipiente sob as estrelas. É selvagem e ardente, com algo agora territorial nele. Os seus lábios batem ferozmente nos meus, quentes e macios e, quando sinto a sua língua escorregar para a minha, tudo o que é animal em mim ganha vida. Está dentro dele também. O impulso predatório. Reivindicamo-nos mutuamente, mesmo à beira da guerra.

O Elian arrasta as mãos pelo meu cabelo e eu agarro-o, empurrando-o e puxando-o para mais perto de mim. Mesmo nenhuma distância parece demais. A sua mão aperta o meu maxilar e somos um emaranhado de dedos e dentes e o mundo desaparece à nossa volta. É tudo pó das estrelas.

Mordo-lhe o lábio e ele geme para dentro de mim. Devoramo-nos mutuamente, arquejando até extinguirmos o ar.

O Elian quebra o contacto, tão selvagem e brutal quanto o próprio beijo. Não é que recue, é mais que nos corta. Arranca os seus lábios dos meus. Quando olha para mim, os seus olhos são um espelho selvagem dos meus. Atordoados e furiosos e tão, mas tão famintos.

Passo a língua pelo lábio inferior, onde ainda sinto o sabor a pescador.

A minha mãe observa-nos à parte, toda ela reluzente. Não se dá conta de que o Elian não está mesmerizado, tal como não percebe que o seu exército está prestes a ganhar outro soldado.

– Elian – sussurro, baixo o suficiente para que a Rainha do Mar não possa ouvir. Mantenho os dedos pressionados na base do seu pescoço, inclinando-o para mim. – Tu tens de confiar.

– Em quê? – pergunta, rouco e incrédulo. – Em ti?

– No teu sonho – digo. – Que os assassinos podem deixar de ser assassinos.

Os olhos do Elian procuram os meus.

– Como posso acreditar no que dizes?

– Porque és imune ao nosso canto.

Ele franze a testa, estreitando os olhos, e demora um momento a interiorizar as minhas palavras. Consigo praticamente ver a memória percorrer a sua mente e o novo tipo de incerteza que ela traz. Dá cabo de mim, mas não

há nada que eu possa fazer, além de ter fé de que se lembrará de mais do que apenas a história e de menos do que apenas a minha traição. Preciso que se detenha no sabor que guarda de mim e que pense sobre como nos salvámos um ao outro. Como poderíamos fazer isso tão facilmente agora, de novo, e levar o mundo connosco.

– Elian – digo, e ele molha os lábios.

– Eu ouvi-te. – O seu rosto não deixa transparecer nada.

– E?

– E nada. – Lentamente, o Elian puxa a minha mão do seu pescoço, os olhos fixos, como um alvo, nos meus. Abana a cabeça, como se não compreendesse bem o que está prestes a fazer. E depois: – Eu acredito em ti – diz, e coloca o Olho na palma da minha mão.

No instante em que me toca a pele, sou infinita.

O que senti dentro do palácio de gelo é uma mera fração disto e agora sou um incêndio florestal, a arder e a arder. Um maremoto a erguer-se, a esmagar e a varrer o mundo. Não tenho apenas poder. Ele atravessa-me, substituindo o sangue ácido por uma magia negra e espessa.

O Segundo Olho de Keto fala comigo numa centena de línguas diferentes, sussurrando todas as maneiras em que posso usá-lo para matar os humanos. Pinta-se uma imagem tão vívida na minha mente, do olho a fundir-se com o tridente da minha mãe e a criar uma Rainha do Mar com toda a força de Keto. Uma deusa por direito próprio, moldando um mundo onde as sirenas andam e caçam com relva e cascalho por entre os dedos. Pele impenetrável e voz encantada e tanta morte que se seguirá.

E, para além disso, um sonho.

O oceano cintila como se estivesse cristalizado e um navio humano para a meio da sua viagem, sem terra à vista ao longo de quilómetros. A tripulação cansada e arrastada salta para a borda da sua embarcação, sentindo o vento suave como borboletas na pele antes de atingirem a água. As sirenas pairam nas proximidades, mas não atacam. Não estão a caçar ou a avaliar, mas a observar numa espécie de harmonia fortuita.

Paz.

– Dá-me o Olho – exige a Rainha do Mar, quebrando-me o meu transe.

Fecho a mão à volta dele.

– Preferia matar-te.

O Elian solta o fôlego, com diversão e surpresa e algo muito próximo do orgulho. Lanço-lhe um olhar e depois viro-me para a Rainha do Mar, o mais determinada que esta nova força me permite.

– Não tens esse tipo de poder – diz ela.

– Ah, mas enganas-te. – Dirijo-lhe um sorriso capaz de começar guerras. Ou talvez de as acabar. – Sabes, não foi o príncipe que libertou o Olho da sua câmara, mãe. Fui eu.

Quando ela grita, a montanha treme.

Sou o seu pior pesadelo tornado realidade. A filha que sempre foi tão

relutante em deixar tomar a sua coroa, agora preparada para usurpá-la. Ocorre-me que ela não tem poder sobre mim. Pela primeira vez na vida, estamos em pé de igualdade. Cada uma tem o olho de uma deusa e cada uma tem a lealdade um tanto vacilante da nossa espécie. Há um exército nestas águas, mas a sua lealdade poderia facilmente passar de uma para a outra. Podiam escolher o meu lado tão prontamente quanto o dela.

A Rainha do Mar lança um olhar à esquerda e rosna em *psáriin*. A sua garganta esforça-se e lateja e, numa questão de momentos, uma faixa cinzenta desliza pela minha visão.

Demoro um momento a perceber que o Elian desapareceu.

Viro bruscamente a cabeça para enfrentar o vasto corpo de água atrás de mim, varrendo-o com os meus olhos de caçadora. Há um clarão ofuscante de movimentos tão rápidos e bárbaros que até eu tenho de fazer uma pausa para o estreitar na minha visão.

O Elian está ao centro do fosso, cercado por sirenas que espumam da boca, quando o cheiro dele salga a água. Deslizam ao seu encontro, mas quando se aproximam muito, ele é sacudido violentamente para o lado. Puxado para mais longe pelo colarinho da camisa.

A minha respiração estremece quando olho para o agressor.

O Manja-Carne.

A sua cauda de tubarão é grossa, cinzenta, nervurada e manchada, como se um vírus o devorasse lentamente. É, em todos os aspetos, o demónio de que me lembro, com a cara de um verdadeiro assassino. As suas feições são planas, os olhos como buracos escancarados na cabeça e os lábios uma mera fenda atravessando o rosto. Têm uma marca laranja encrostada, de quem ele comeu na batalha.

O Manja-Carne rasga um sorriso, a saliva presa entre as linhas dos seus dentes de tubarão, a espada curta apontada ao coração do meu príncipe.

Estou presa no lugar por meia dúzia de braços. As sirenas ladeiam-me, unhas cravadas na minha pele. O Manja-Carne é mortífero quanto baste no deserto do oceano, com os sereios que vivem em brutal solidão, mas é mais perigoso aqui. Sob o comando da Rainha do Mar.

Estou ofegante, luto contra as sirenas, mas é inútil contra tantas e, com a tripulação do Elian desviando-se hipnoticamente para o lado, ele será despedaçado pelo Manja-Carne numa questão de minutos.

O Olho brilha na palma da minha mão. A magia negra chama, implorando para que eu me renda a ela. Para que oblitere todos os inimigos no meu caminho. Canta com a mesma luxúria vingativa que minha mãe tem. Mas ceder significaria seguir o caminho dela e eu não posso permitir isso. Só iria provar aos outros que sou igual a ela e a todas as rainhas que vieram antes. Se me vão jurar lealdade terá de ser por outra coisa que não medo.

– Deixa-me salvá-lo – digo.

Dou meia-volta e vejo a Rainha do Mar deslizar para junto de mim, os tentáculos sinuosos por entre os seus soldados.

– Achas mesmo que eu te iria deixar salvá-lo?

– Não estou a falar contigo – digo, com um silvo.

O seu rosto mortífero contrai-se.

– As sirenas não te seguem – diz ela. – Eu sou a rainha delas.

– Não por escolha – digo-lhe. Olho para as sirenas que me aprisionam. – É assim que querem continuar? Lutar e morrer sempre que ela lhes diz, sabendo que as vossas vidas não significam nada se não a ajudarem de alguma forma?

– Cala-te!

A Rainha do Mar lança um tentáculo na minha direção. O meu pescoço estala para o lado quando ela ataca, desenhando uma linha vermelha fina na maçã do meu rosto. Sinto as sirenas afrouxarem o aperto, chocadas com a explosão da Rainha do Mar.

– Esta é a vossa oportunidade – continuo, mais destemida do que tenho o direito de ser. – Se me seguirem, porei fim a isto de uma vez por todas. Podem ser livres.

A Rainha do Mar levanta outro tentáculo.

– Putéfia – diz ela.

E depois...

– Livres?

Uma das sirenas larga o meu pulso e afasta o cabelo azul profundo do rosto.

– Como seríamos livres?

– Calem-se! – rosna a Rainha do Mar.

– O que mudaria? – pergunta outra, cuja mão que me segura vacila.

– O mundo – respondo, honestamente. – Poderia haver paz.

– Paz? – A Rainha do Mar arqueia uma sobranceira. – Com aqueles humanos imundos?

O Olho queima na minha mão a cada palavra que ela profere. Apenas um movimento e eu poderia enviar uma onda forte o suficiente para a derrubar quase um quilómetro para trás. Podia fazê-la sangrar aqui, à frente de todos.

– Porque é que a Desdita dos Príncipes quer saber da paz? – pergunta uma sirena.

– É que eu vi a verdade das mentiras da rainha. – Olho diretamente para os olhos da minha mãe. – Passei tempo suficiente com os humanos para saber que eles não querem guerra. Só querem viver. Quanto mais depressa isto acabar, mais depressa podemos parar de morrer em nome de uma contenda que se criou quando nenhum de nós era nascido.

Há uma súbita discórdia entre elas. Murmúrios que acabam em gritos claros e raivosos. As sirenas assobiam a sua desaprovação, a par da tentação e eu pestanejo, tentando perceber para onde penderão os pratos da balança e se, de uma forma ou de outra, poderei salvar o Elian.

À medida que o tempo passa, vou ficando mais impaciente. Cada segundo a mais que levam a decidir é mais um segundo que o Elian está às mãos do Manja-Carne, os dentes prontos para rasgar o pescoço do Elian.

– Estou contigo.

Uma voz irrompe do caos; viro-me e vejo a minha prima. A Kahlia está rodeada por um grupo de jovens sirenas, jovens imaculadas e frescas, com os sorrisos de água salgada. Crianças maduras para a rebelião.

– A Lira sempre foi a mais forte – diz a Kahlia. – E agora tem o Segundo Olho de Keto sob o seu comando. Alguma de vocês duvida realmente que ela seja uma governante digna? – A autoridade na sua voz apanha-me de surpresa. É clara e segura, como se a própria ideia de não ficar do meu lado fosse ridícula.

– Enguia motinosa – diz a Rainha do Mar, a ferver.

– Não é um motim, se estivermos a seguir a nossa rainha – diz ela. – É lealdade. Pela minha soberana e pela minha família.

Eu sei que, neste momento, está a pensar na Crestell, porque eu também estou.

– A Lira estava pronta para tomar o teu lugar – diz a Kahlia, com a voz cada vez mais alta, mais ousada, a cada palavra. – Isso significa que, quando o fizer, seu primeiro ato como rainha será acabar com uma guerra que matou tantos de nós. E quando ela pegar no tridente – O olho amarelo da Kahlia estremece com a sua ousadia –, terá o dobro do poder que tu já tiveste.

– Eu podia usar o Olho agora para vos obrigar a todos a curvarem-se diante de mim – digo. – Podia atacar cada uma que me restringe com todo o poder de Keto. – As sirenas agitam-se, alongando a distância. – E, no entanto, estou a mostrar-vos a razão. A pedir lealdade quando eu tenho todo o direito de simplesmente a tomar.

Levanto a cabeça e analiso uma a uma, à vez, o fogo cintilando no meu olho direito. No início, o silêncio dá-me uma pausa e começo a questionar-me se o domínio da minha mãe será demasiado forte. Depois, lentamente, vejo.

Uma a uma, inclinam a cabeça em arco e as sirenas que me rodeiam recuam, as mãos caem do meu corpo e erguem-se ao peito numa demonstração de fidelidade. Então, como se os meus olhos o atravessassem, o exército começa a apartar-se e desenha-se ordenadamente uma linha no fosso.

Um caminho nítido até ao Manja-Carne.

O soldado monstruoso dá uma espreitadela às sirenas traidoras diante de si e arrasta o Elian para baixo da superfície.

Sigo com uma velocidade enlouquecedora, como uma flecha disparada contra ele, os braços estendidos e mais revestida de raiva que de água. Demoro segundos a alcançá-lo, demasiados para que me sinta grata. O Manja-Carne prende o Elian ao cascalho, a mão apoiada na sua garganta e pronto para sair disparado em qualquer direção.

Vê-me quando estou a poucos centímetros dos dois e levanta o Elian com garras oleosas, como se fosse um prémio a ser contemplado. Ranjo os dentes, um rosnar a gorgolejar na garganta. O Manja-Carne é um monstro, um guerreiro e um assassino voraz. E não tem hipótese.

Não preciso do Olho para isto. Vou dilacerá-lo.

Invisto e o Manja-Carne atira o Elian fora como se fosse lixo. Faço uma pausa, o tempo suficiente para ver o príncipe nadar de volta à superfície para respirar antes de avançar.

O punho do Manja-Carne explode na minha cara. Há um estalido e a sensação estranha de tudo a estourar e estilhaçar-se antes de a dor se instalar. Dos nós dos seus dedos ressoam poder e pura fúria e, quando me bate outra vez, fica tudo negro por um momento.

Agarro-lhe o punho e sacudo a tontura dos meus ossos. Ele é forte, mas trata-se de uma força vazia, que reside na ideia de dever e violência gratuita. Pela primeira vez, estou a lutar por alguma coisa. O rosto do Elian passa incessantemente na minha mente e mal me lembro de que se trata da vida dele, da vida do meu reino, a dor desaparece.

Torço o braço do Manja-Carne e abre-se uma fenda na água. Ele troveja, a mandíbula alongando-se muito para mostrar cada um dos dentes de predador. Enrola o corpo para trás, na minha direção, pronto para me bater no peito com o cotovelo. Mas eu sou ágil e rápida e, quando torço o corpo para me afastar do seu caminho, ele rosna.

Apanho-o por trás, batendo com o meu corpo no dele com a toda a força que os meus ossos permitem. Ele vai embater no leito de água, enterrando a cara na areia. Há sangue. Tanto que lhe sinto o gosto.

Endireita-se e desfere um braço contra mim. Por um momento, fico espantada por me agarrar, em vez de me bater, e ele usa isso a seu favor. Puxa-me para a frente e, um segundo tarde demais, dou-me conta do que está prestes a fazer. Morde-me o ombro e eu sinto a carne a ser-me arrancada dos ossos.

Grito e bato com a cabeça na dele, repetidas vezes, até a minha dor se misturar com a dele. Mas ele é implacável e rói, rasga e mastiga o meu corpo. Degustando-me como nunca pôde fazer antes. Só quando sinto uma pontada afiada, como um atizador em brasa, a deslizar na palma da minha mão, me lembro do Olho encerrado no meu punho.

O poder a chamar para ser aproveitado.

Num movimento firme, bato com a mão fechada no estômago do Manja-Carne e, quando ela sai do outro lado, ele imobiliza-se. Empurro-o para longe de mim, sem me atrever a olhar para a ferida no meu ombro. Ele pestaneja devagar, surpreso por, de repente, ser atravessado por um buraco. Por algo poder furar tão facilmente aquele corpo forjado na pedra.

Atrás dele, o Elian desce a flutuar.

Olha para além do Manja-Carne e fixa-se no meu ombro, que seguramente tem tão mau aspeto como aquilo que dói. Eu faço o mesmo, processando a visão da carne pisada vermelha na sua bochecha, as gretas nos lábios e o facto de o seu braço esquerdo não se mexer bem enquanto ele paira na água.

Estou prestes a nadar em direção a ele quando o Manja-Carne me agarra o pescoço com a sua garra cruel. Trata-se de um derradeiro ato de brutalidade e eu sinto a instabilidade da sua força. A cada momento que passa, o seu aperto oscila entre o insuportável e a quase inexistência.

Devagar, aperto a mão à volta do seu pulso grosso e aperto.

À nossa volta, as sirenas descem. Veem o soldado bárbaro agarrar-se desesperadamente à princesa delas. Veem-me esperar destemidamente que a morte o reclame. E quando o Elian enterra a faca na parte de trás do crânio do Manja-Carne, limitam-se a sorrir.



Quando subimos à superfície, um pedaço do Manja-Carne vem connosco. O Elian limpa da sua espada a pele esfolada e repuxa o lábio de lado. Por

alguma razão, isso parece-me engraçado. O guerreiro mais leal e imparável da Rainha do Mar, destruído por um príncipe humano que fica indisposto ao ver carne morta. Resfolego e o Elian vira-se para me lançar um olhar incrédulo.

– Achaste graça?

– Acho sempre graça à tua cara – digo-lhe.

Ele estreita os olhos, mas, debaixo de água, os seus dedos deslizam para os meus.

Aperto-lhe a mão e encaro a Rainha do Mar, que nos observa com ódio ardente. Tem os tentáculos espalhados em todas as direções, criando um paraquedas que a ergue acima da água, como se estivesse a flutuar.

– Vocês os dois morrem hoje – diz, a rosnar.

A água começa a girar à nossa volta, um remoinho que cospe bolhas pretas escaldantes. O Elian vacila quando o remoinho cospe para a sua pele e, quando vejo a carne crua que deixa para trás, puxo-o para mim e agarro-me com mais força ao Olho de Keto. Evoco a magia no seu interior para nos proteger, respondendo às suas chamadas desesperadas com uma minha. A minha pele irradia e o meu corpo solta-se à medida que o poder jorra de mim, separando as águas como uma maré.

O negro dispersa-se à nossa volta, deixando um círculo intocado de água fria, onde eu e o Elian permanecemos em segurança.

As sirenas saltam da água escaldante, sibilando quando a pele começa a formar bolhas e a dissolver-se. Atiram-se para a neve e a tripulação do Elian dá um salto, já não sob o feitiço do canto.

Nem todas conseguem.

As sirenas que estão no meio da água acendem-se como tochas antes que eu consiga pensar em salvá-las. Não demora tempo nenhum a que os seus gritos se transformem em vento e os seus corpos, em espuma, e o caldeirão de água reclama-os como se nunca tivessem existido.

As restantes sirenas agacham-se na neve e soltam uma legião de gritos sofridos.

– Vamos ver o teu exército traiçoeiro ajudar-te agora – diz a Rainha do Mar.

– Elian, baixa-te! – O grito do Kye perfura a ravina.

Viramo-nos em unísono e vemos a Madrid apontar a arma para a Rainha do Mar. O tiro dispara e, fiel à sua habilidade, a Madrid atinge a rainha em cheio nas costas. Se fosse outra besta qualquer, teria penetrado diretamente o seu coração. Mas a minha mãe é forjada de alguma coisa vinda das profundezas do inferno e, quando a bala faz ricochete nela, solta uma risada.

Num movimento ligeiro, a Rainha do Mar gira e aponta o tridente para eles. Um inferno dispara de cada dente, libertando brasas no ar até uma fileira de fogo arder sobre a neve, eliminando os nossos exércitos. Mal consigo vê-los sobre as chamas.

A Rainha do Mar solta um grito que é uma gargalhada.

– Ninguém te pode salvar – diz ela.

Estou a ferver e aperto um pouco mais a mão do Elían.

– Posso matar-te muito bem sozinha.

– Mas não estás sozinha – diz ela. – Ainda.

Arregalo os olhos e, quando ela se vira para o Elían, uso todo o poder que tenho para o empurrar para o lado. Ele arqueia no ar, tendo ainda a proteção do olho como uma orbe ao seu redor. Ouço a queda do corpo a bater na água mesmo a tempo de o tentáculo da minha mãe embater no meu peito. As minhas costelas estalam.

A minha mãe não perde tempo. Pequenos tornados irrompem do ar, circulando à volta dela como súbditos leais. Movem-se como se tivessem mentes próprias e, quando a minha mãe aponta o dedo na minha direção, aproximam-se de mim. Sem pensar, lanço os braços para o ar e arrasto a água para cima como um escudo. Ela salta a uma ordem minha e depois enrola-se em onda, engolindo as nuvens de trovoada rodopiantes.

A minha mãe pode ter truques, mas eu agora também os tenho, em igual medida. Assim que a onda lhe destrói a magia, sinto-me saciada. É como se sempre que usasse o Olho, uma lasca da minha fome desaparecesse. Alimentando o poder interior.

A Rainha do Mar solta um grito estridente e um trovão dispara ao meu lado. Acima, as nuvens começam a ribombar e a enegrecer. A trovoada geme e eu sinto o cheiro a eletricidade da tempestade iminente.

– Tens muito que aprender – diz minha mãe.

Ergue o seu tridente no ar, rodando-o, sempre à volta. A cada círculo, o céu parece torcer, as nuvens espreitam e agrupam-se num enxame até todo o céu seja ser feito exclusivamente de cinza.

Depois, chovem relâmpagos à minha volta.

Uma explosão atinge a água a centímetros da minha cintura. A carga vibra através do meu corpo como atizadores em brasa, e mais relâmpagos cospem em círculo, prendendo-me numa jaula de luz e fogo.

O Elian chama o meu nome e eu ranjo os dentes. Ao som da sua voz, a Rainha do Mar dirige-lhe um olhar ocioso. Como se ele fosse uma mosca da qual ela acaba de ser lembrada. Não sei quanto mais proteção o olho lhe pode oferecer, enquanto me mantém viva, mas o único pensamento claro que tenho é que não posso deixar que ela lhe faça mal. Não posso deixar que o mate nas profundezas destas águas negras.

Outra onda de relâmpagos cai do céu e eu subo da água para a apanhar. A minha pele parece líquida à luz do raio estrondoso e eu sei que não posso aguentar por muito tempo. Mas não preciso. Apenas uns segundos, o tempo suficiente para mirar com uma precisão que rivalizaria com a da Madrid, e lanço-o ao ar.

Atinge em cheio o flanco da Rainha do Mar.

Ela solta um grito monstruoso. Pele e ossos, sangue e magia. Explodem nela e espalham-se como o pó das estrelas. A ferida está aberta, mas embora a dor seja a única coisa que a Rainha do Mar consegue sentir, mal se permite uma pausa. Ataca com uma onda de água que me arremessa ao ar.

Afundo-me na água com a força do impacto antes de sentir a mão do Elian na minha, arrastando-me de volta à superfície.

– Afasta-te – digo-lhe, enviando uma rajada de vento em direção à minha mãe. Ela continua a aproximar-se a uma velocidade assustadora e eu procuro desesperadamente algo, qualquer coisa, que possa retardá-la. Os meus olhos captam a estrutura do palácio de gelo e não paro de pensar nisso antes de levantar jorros de água e de os transformar num bloqueio de icebergues. Eles sobem cada vez mais alto, pilares iminentes de geada que nos protegem como estacas de uma cerca.

– Tenho de te pôr em segurança – digo ao Elian. – Podemos nadar por

baixo. Se eu apagar o fogo, podes conseguir cobertura atrás da tua tripulação.

O Elian olha-me com uma expressão desvairada.

– Eu não me vou esconder – diz.

Um estrondo retumbante agita a linha de icebergues quando a minha mãe embate nela. Se com os punhos, se com a magia, não sei. Mas a força é suficiente para fazer a água tremer e eu sei que o novo muro não vai durar muito tempo.

– Está bem – disparo. – Não te escondas, corre. Não me importo, desde que saias daqui para fora.

O Elian dá uma gargalhada dissonante e exausta.

– Tu não estás a perceber – diz ele, segurando a minha mão. – Eu não vou te deixar.

– Elian, eu...

– Não digas nada de heroico e abnegado – diz-me. – Porque depois eu posso começar a pensar que realmente tens alguma humanidade em ti.

Faço um sorriso sarcástico.

– Isso seria uma chatice.

Ele anui, o corpo pressionado contra o meu. Os icebergues que conjurei chocam e grandes blocos de gelo tombam à nossa volta em pedras de granizo monstruosas. É como se o mundo estivesse a desmoronar.

– Não gosto de ti por seres simpática – diz o Elian. Toca com a testa na minha, com os lábios pairando a um sopro de distância.

– Isso diz muito sobre a tua psique.

E então beija-me. Só uma vez. Com uma delicadeza que só conheci com ele. E, depois, os icebergues caem e o impacto cria uma onda suficientemente elevada para nos engolir inteiros. Lanço os braços em torno do Elian e deixo que a minha magia nos cubra. Protegendo-nos das rajadas de neve que ameaçam esmagar-nos no leito de água.

Quando acaba, levanto a cabeça do conforto do ombro dele e solto o fôlego. Para lá da parede dizimada de gelo esmagado, a minha mãe acena.

– Seria um descrédito para a tua lenda morreres num abraço desses – diz ela. – Posso fazer com que ainda cantem canções sobre a Desdita dos Príncipes. Posso fazer com que esqueçam a tua contaminação cruzada e recordem apenas a glória do teu passado.

Empurro o Elian para trás de mim, de mão entrelaçada na dele.

– Tem graça, porque o meu plano é que esqueçam tudo o que existe acerca de ti – digo-lhe. – Exceto a tua morte. Vou fazer com que se lembrem disso.

O vento ganha velocidade, a fúria da minha mãe faz girar e arremessar o ar, acendendo ainda mais as chamas que mantêm o meu exército longe de mim. A tripulação do Elian. Essas pessoas que dariam a vida por nós. Mas eu não preciso que mais pessoas morram por mim. E também não preciso que morram por minha causa. A matança e o sacrifício terminam aqui e eu quero que cada um deles veja isso, para que possam confiar nas mudanças que

apregoei. Um novo mundo, com uma nova rainha no leme.

O fumo difunde-se no ar, só que desta vez é a minha magia que o leva. Envolve o vento em si mesmo até que cresça num ciclone que chegue à altura do sol. E depois outro. Um terceiro e um quarto, e durante esse tempo, a água enfurece e a minha mãe assiste com uma expressão fria e vazia.

O fogo extingue-se e o fumo dissipa-se e, no abismo da neve chamuscada e do cascalho derretido, dois exércitos fitam-nos. De humanos e de sirenas, lado a lado. À espera de que o seu príncipe e a sua princesa entreguem o fim prometido.

– Lamento que tenha de ser assim – digo à minha mãe.

Embora a deteste, há algo de pesaroso a pressionar-me o peito, aliviado apenas pelo suave puxão da mão do Elían, que permanece ao meu lado. Amarrando-me a este precioso resquício de humanidade.

A expressão da Rainha do Mar continua vaga.

– Então, és fraca – diz ela, sem nenhum sinal de arrependimento. – Sobrevivermos as duas revelaria uma verdadeira inépcia. – Passa a língua bífida pelos lábios, com um negrume implacável nos olhos. – Eu nunca te poderia deixar viver.

– Eu sei – digo-lhe. O vento aglomera-se mais depressa. – Eu também não te posso deixar viver.

Atiro as mãos para frente e os ciclones explodem contra ela, que se debate e rosna, tentáculos selváticos chicoteando contra as rajadas imparáveis. O seu tridente está aceso, mas ela não o usa. Mesmo quando é transportada da água e atirada pelo ar, como um trapo.

Percebo então que ela não consegue usá-lo. O meu corpo pulsa de poder, mas preciso de todo o meu foco para manter os ciclones em ação. Tais coisas exigem tanta concentração como ferocidade. Um desvio da mente e a minha mãe poderia cair no oceano e usar essa fração de segundo para recuperar.

Extraio mais magia da ponta dos dedos, ignorando os uivos nefastos da Rainha do Mar. Os ciclones reúnem-se como algodão-doce, fundindo-se à medida que a devoram.

Alguna coisa estilhaça. Um estrondo pesado que abala a montanha. E depois há a nítida sensação de o mundo estar a virar.

O Elían chama o meu nome e eu deixo cair as mãos, permitindo que os ciclones vacilem. Não vejo onde vai aterrar o corpo da minha mãe, mas ouve-se um estrépito diferente de tudo e o tridente afunda-se no chão junto da barbatana da Kahlia.

– Lira! – grita ela.

Uma sombra desce.

Levanto os olhos e vejo um pico dirigir-se a nós.

Lajes de pedra rolam pelas cataratas a uma velocidade assustadora, moldando-se com o ar da nevasca para formar rajadas gigantescas de fumo branco. Rapidamente, aperto os braços à volta da cintura do Elían e uso todo o meu poder para lançar um manto de energia sobre nós.

Os escombros do glaciador embatem contra o escudo mágico. Eu não olho, mantenho os olhos fechados enquanto me agarro desesperadamente ao Elian, rezando para que a defesa se aguentem. Grata por os demais estarem seguros do outro lado da água.

A neve sufoca o ar e eu tusso contra o peito do Elian, enquanto os cristais de gelo deslizam para as minhas guelras. Ele aperta-me mais para si, com tanta força que devia doer. Mas os meus ossos já parecem pó e, a cada pedra que martela o nosso escudo, o meu crânio explode.

Gira uma vida inteira à nossa volta até o desmoronamento parar por fim e um peso ser levantado do meu corpo maltratado. Procuro certificar-me de que os outros estão ilesos, mas o ar é uma vastidão branca. O Elian passa as mãos por cima dos meus ombros e depois pelos meus braços. Por um instante, não sei porquê, depois percebo que ele está a verificar se há ferimentos. A assegurar-se de que estou bem até poder ver com os seus olhos.

As suas mãos deslizam para o meu cabelo e a única coisa que eu quero é que esta sensação de total contentamento se mantenha, como um abrigo, sobre o meu coração. Mas, como todas as coisas, extingue-se, eliminado mal o mundo volta ao foco.

Quando o nevoeiro se dissipa, o corpo da minha mãe jaz, estropeado na neve. Nado para ela, com o Elian atrás. A sua tripulação tira-nos a ambos da água. A Madrid fita a minha barbatana, mas a sua mão agarra a minha com firmeza.

Quero explicar-lhe as coisas, a todos eles, mas as palavras não me vêm à cabeça.

O Elian instala-se ao meu lado, tomando-me nos seus braços. Quando me levanta, as minhas mãos curvam-se à volta do seu pescoço, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Não penso na sensação de ele abraçar-me, de ver realmente cada centímetro de mim. Não consigo concentrar-me em como o meu coração bate contra o peito, porque sempre que vejo o tentáculo aleijado diante de nós, ele morre mais uma vez.

As sirenas reúnem-se em torno da minha mãe, deslizando enquanto o Elian se aproxima comigo nos braços. Pousa-me no chão ao lado dela e recua um passo, para me dar o espaço de que eu preciso, mas não quero.

A Rainha do Mar é uma mancha na neve.

Os seus grandes tentáculos escuros cruzam-se como a seda de uma teia de aranha, criando um padrão de membros partidos. Não há sangue e, por um momento, acho que ela não pode estar morta. Não parece certo que tenha uma aparência intocada, como a estátua nitidamente esculpida de uma besta morta.

Fito-a, num silêncio espantado, a barbatana brilhando na fenda, o peso de dois exércitos às minhas costas. Aguardo, como filha obediente, que a espuma do mar lhe saia dos ossos e a derreta como o gelo em que ela jaz. Passam segundos sem nada, a não ser o seu corpo estranhamente abalado e a luz vermelha e brilhante dos seus olhos.

Ninguém fala. O tempo torna-se algo exterior à montanha, no mundo

abaixo. Aqui só há silêncio e o infinito que vem com a espera. Leva uma vida até que eu finalmente ouça um pequeno roçar de movimento e sinta o aroma fresco do alcaçuz no vento.

O Elian agacha-se junto a mim, envolvendo-me os ombros com o seu braço, abraçando-me no seu calor. Ficamos assim por uma eternidade até que, finalmente, a Rainha do Mar se dissolve.

A chuva cai em torrentes, lambendo o meu cabelo até o pescoço. O sol ainda está alto, como um crescente meio escondido atrás das nuvens, criando uma trama de cores no ar. O reino da minha irmã brilha algures atrás de mim, embora, com o nosso destino tão perto, possa muito bem-estar a um mundo de distância.

Em certo sentido, creio que está a um mundo de distância.

– Já não falta muito – diz o Kye, dando uma palmadinha nas costas da Madrid. – Em breve poderás apreciar-me em glória total.

Ela arqueia uma sobrancelha para ele, com um sorriso para lá de falso modesto nos lábios.

– A afogares-te, queres tu dizer?

– Não – diz ele, fingindo-se melindrado. – Encharcado.

A Madrid afasta a mão dele de sobrolho carregado.

– Prefiro o afogamento.

Rasgo um sorriso para eles e tiro a bússola do bolso. O ponteiro gira loucamente em todas as direções, fazendo-me saber que o Kye está certo.

Estamos perto. Acercamo-nos de um lugar onde a verdade e o engano se misturam, como velhos amigos. Onde toda e qualquer palavra dita se encontra mergulhada em ambos e em nenhum.

O *Saad* corre pela água e eu dirijo-me à ponta do navio quando o Torik guina um pouco para a esquerda. Abaixo, as nossas guias mantêm o ritmo tão facilmente como se seguissemos num barco a remos. As suas barbatanas formam um arco-íris através da água batida, como flechas prismáticas. Borrões, mistos e matizes criam um escudo de cor à volta do meu navio.

Nadam sem esforço nenhum e eu quase quero ser insultado por o ritmo do *Saad* ser tão facilmente igualado. Em vez disso, tomo-o como um elogio. Que o *Saad* consiga acompanhar o ritmo delas é prova da sua glória.

Algumas sirenas separam-se da multidão e dirigem-se para a frente do navio, liderando o caminho. Como se eu ainda não o tivesse memorizado.

Tem uma certa graça vê-las acomodarem-se com tanta facilidade a estes papéis precários. Marinheiros orientadores, em vez de perseguirem os navios à procura de sinais de fraqueza. Ajudar, em vez de caçar.

A Rainha do Mar forjou um novo mundo, tanto em terra como no mar. Uma vez reunidos os Olhos de Keto, criando um tridente sem limites, havia tantas escolhas a fazer, como promessas a serem quebradas. Embora uma coisa tenha permanecido sempre clara: o oceano precisava de uma rainha. Passei uma vida inteira a tentar evitar ser rei, sabendo que a Amara daria uma governante muito melhor (o seu coração mantinha-se firme a cada batida que o meu divagava), mas até eu compreendi que havia coisas mais importantes do que os caprichos. Os sonhos nem sempre podiam triunfar sobre o dever, e o compromisso era a base para qualquer bom tratado de paz.

A Lira também o sabia. E, portanto, em vez de explorar o mundo, criou um novo.

Quando Diábolos abriu as suas águas e o reino marítimo de Keto abriu os portões, os reinos humanos retribuíram o gesto. Pelo menos, a maior parte. A paz não é fácil, mas mais de metade do mundo aceitou a nova ordem e, com o apoio da nova rainha de Midas e do seu irmão errante, a hesitação está a tornar-se uma coisa do passado. Estão a ser celebrados novos tratados e, depois de a primeira dúzia ter regressado do reino marítimo de Keto, com as vidas intactas, outros fizeram a viagem à procura de uma audiência com a Rainha do Mar. Para oferecer comércio, a par de tratados e aproveitar as maravilhas desta dinastia recém-desbloqueada.

O reino cento e um.

– Capitão! – berra o Torik lá de cima, sinalizando a nossa chegada.

Não preciso da sua chamada, porque conheço o momento em que atravessamos as águas humanas para as de Diábolos. A água torna-se um fluxo interminável de safiras, misturando-se com o céu e captando todos os raios que o sol espalha. Deixa de haver chuva, ou escuridão. É mais luminoso do que qualquer coisa tem o direito de ser, mas não é quente. Isso nunca. As safiras são crepitantes e glaciares, mergulhando nas pontas dos meus dedos. O azul-ártico brilha sobre todos nós.

Abaixo, o coro de sirenas.

Continuamos até chegar ao arco. O azul funde-se com o laranja empoadado e a formação rochosa ergue-se à altura de uma centena de navios. Uma marca para o mundo, para sinalizar o reino de Keto, lá em baixo.

Estendendo-se até a largura de um quilómetro e meio, o arco é tanto um portal como uma qualquer porta. Os barcos são amarrados aos grandes picos que se destacam da sua curva, vazios, salvo uns quantos seres humanos deixados a vigiar o convés, para o caso de haver piratas. Embora os piratas pareçam ter-se tornado dos mergulhadores mais regulares aqui e as sirenas se deliciem na sua companhia, tanto como a sua rainha.

Há cinco navios no total, e reconheço pelo menos um como sendo da realeza. A bandeira de Eidýllion agita uma saudação ventosa. A Yukiko não

disse que estava a chegar, mas a verdade é que ela não gosta de me dizer muita coisa, se puder evitá-lo. Se não fosse já adepta das artes do segredo, eu diria que a Galina a educou bem. O casamento delas é de constante colaboração e trocas, ensinando uma à outra todos os truques que mantiveram escondidos até agora. Uma díade formidável, ofuscando lentamente os Kardiáns, que ameaçavam o reinado de Galina.

Não que eu espere que me agradeçam, mas como o meu pai já enviou mais ouro do que seria adequado – como compensação tanto para a minha astuta fuga ao casamento, como pelas novas cicatrizes da Yukiko –, achei que ficávamos quites. Ou, pelo menos, em terreno suficientemente sólido para dar conhecimento de uma visita à Rainha do Mar. Para que outra parte pudesse evitar totalmente a região.

Aparentemente, a Yukiko continua a gostar de surpresas.

Atracamos o mais longe possível deles e a minha tripulação prepara o equipamento de mergulho. Enfiam-se em roupa de mergulho como uma segunda pele, que suponho se tornou mesmo. Eu fico para trás, a observar, enquanto preparam o pesado aparato efévesico. Algo que eu nunca precisei, tendo a magia do meu lado. Sorrio quando as sirenas começam a cantar, sabendo melhor do que ninguém o que essa música significa. A água e a espuma dividem-se, transformando-se numa prata gloriosa em torno do pequeno redemoinho que se forma. Quando a sua canção atinge o pico, a Rainha do Mar aparece.

Sobe do oceano de uma forma que é nada menos que celestial. A água segue-a num trono, elevando-a à altura do meu navio. Os cabelos encharcados pelo oceano percorrem todo o comprimento do seu corpo e ela mantém o brilho sobrenatural que parece sempre iluminar-lhe a pele lunar. Só que agora ela é algo mais do que apenas uma sirena, ou uma rapariga disfarçada de pirata.

É uma deusa.

Oito pincladas largas de ónix fluem do corpo curvo da Lira, mais parecendo asas do que tentáculos. Umas gloriosas esferas violetas formam um halo por baixo e, quando ela se levanta o suficiente para que os seus olhos estabeleçam contacto com os meus, rasgo um sorriso. Os seus olhos continuam os mesmos, como botões afiados de rosas que florescem à noite e que crescem à medida que me aproximo.

Ela não pode ver o mundo comigo, por isso estabelecemos que eu lho trago. Já não caço, mas ando sempre à procura de experiências, de aventura e de histórias para guardar e trazer de volta. Para dias como este, que nunca chegam depressa.

– Vossa Majestade – digo.

– Já aqui estás.

A sua voz é como música e, mesmo agora, é-me difícil ajustar. Cada palavra é um refrão, dita com comando real.

– Se quiseres, posso ir-me embora e voltar.

Os lábios da Lira alongam-se num sorriso e o tempo torna-se uma coisa do passado.

– Não te importas? – pergunta, acertando com o meu tom de provocação.
– Dava-me mais tempo para me preparar para a tua chegada. Estava a planear erigir uma estátua.

Estendo a mão por ela.

– Que atencioso da tua parte.

A mudança é sempre extraordinária.

Num momento, é a Rainha do Mar, tão conto de fadas como os que li, no outro, é algo ainda mais milagroso. Os seus tentáculos fluem uns para os outros e tomam a forma de pernas; os seus tons de ameixa dão lugar a uma pele furiosamente pálida. A cintura estreita-se e ganha curvas e a cobertura polida dos seios transforma-se numa camisa de folhos com mangas de franja pesadas. O cabelo continua a ser da cor do vinho, longe do castanho-acobreado a que eu estava habituado e os seus olhos continuam a brilhar em duas cores distintas. Uma combinação entre Rainha do Mar e pirata, entre um passado vivido e futuro ainda a ser escrito.

A Lira desce graciosamente sobre o *Saad* e segura firmemente a minha mão estendida. Levo-a aos lábios com um sorriso provocador, depois pouse uma mão na sua face. É suave e afilada, tão cheia de contradições como ela própria.

– Estás pronto? – pergunta.

Beijo-a a título de resposta, surpreendendo-me por ter esperado um minuto inteiro para o fazer. É uma demonstração invulgar de paciência da minha parte.

A Lira sorri, os dentes roçando os meus lábios, e deixa a língua passar por cima da minha. Agarra o colarinho da minha camisa e envolve-me a cintura com os braços. É como segurar uma história em vez de uma pessoa; ela sente-se selvagem e infinita nos meus braços.

Agarra a minha mão na sua e puxa-me para a lateral do navio. Os olhos entrelaçados de Keto pendem da sua clavícula num pingente ornamental. Na Rainha do Mar que me cumprimentou momentos atrás, parecia uma gargantilha grandiosa, condizente com uma governante do oceano. Na Lira, na sua enganosa humanidade delicada, parece pesado o suficiente para a afundar no oceano.

A Lira capta o meu olhar e arqueia a sobrelanceira.

– Estás a olhar para o meu colar ou para o meu peito?

Ofereço-lhe um sorriso despidorado.

– Qual deles é que não me vai dar uma chapada na cara?

– Estou só a tentar avaliar se estás ou não a planear roubá-lo. – Passa um dedo esguio sobre a pedra. – Afinal, és um pirata.

– É verdade – digo. – Mas tu também.

A Lira olha para a sua roupa. As calças azul-marinhas que incham nas coxas e as botas castanhas pelos joelhos, com ouro suficiente nas fivelas para

comprar um reino. Ri-se e o rubi brilha no seu busto. Sal e magia.

Puxa-me para mais perto de si, os dedos bem apertados nos meus e, juntos, mergulhamos.

Agradecimentos

Chegou ao fim! Obrigada por ler a história da Lira e do Elían e depois virar a página para descobrir um pouco mais sobre a minha (a menos que tenha saltado diretamente para aqui sem ler. Nesse caso, alerta de *spoiler*: morrem todos).

Este livro tornou-se uma coisa real fora da minha imaginação devido a um punhado de pessoas maravilhosas, por isso vou dar o meu melhor para que todos saibam como são fantásticos.

Aos meus pais, que nunca me disseram para parar de sonhar. Por serem hilariantes e estranhos e não só grandes pessoas, mas também grandes amigos. Mãe, obrigada por me ligares todos os dias para verificares se ainda estou viva e por seres uma pessoa com quem posso falar sobre absolutamente tudo (mas não por escolher sempre exatamente a tinta errada. Todas. As. Vezes). Pai, obrigada por seres sempre o sorriso da sala e por resolveres qualquer problema que eu tenha, seja ele qual for (mas não por achares que sabes usar *artex*).

Ao resto da minha família (e, pá, são montes), por ser uma fonte constante de incentivo e doideira. E ao Nick, em especial, porque prometi que daria o teu nome a uma personagem, daquela vez, e depois não dei.

Aos meus amigos, que são o pessoal mais animador do mundo. Jasprit e Rashika, vocês os dois são o melhor tipo de pessoas: aquelas de quem eu não poderia prescindir e que não me lembro de não conhecer. Obrigada por me apoiarem em tudo o que faço, por estarem infinitamente no meu comprimento de onda e por me fazerem rir como nunca me ri. E à Siiri, por ser uma explosão de positividade e uma das primeiras amigas verdadeiras que fiz no mundo dos *blogs* (e por seres uma pessoa com quem posso desbobinar sobre *Kdramas* sempre que estou a procrastinar. Que é sempre).

Ao Charles e ao Alan, dois dos mais bizarros e talentosos professores de escrita criativa. Vocês fizeram-me esquecer tudo o que eu achava que sabia sobre escrever e aprender todas as coisas divertidas.

Ao pessoal da Feiwei & Friends por ser a equipa de sonhos e me darem

a capa mais incrível! E à Anna, por me ajudar a resolver os problemas e contar a história que precisava de ser contada, e por me fazer sentir em casa durante todo esse processo.

À minha agente, Emmanuelle, cujo amor e entusiasmo por este livro impediram que os meus vacilassem. Obrigada por defenderes tanto a Lira e o Elian e por veres potencial na sua história. E em mim. E à Whitney, por assegurar que a Lira e o Elian viajassem realmente pelo mundo!

Por fim, aos leitores, a todos vocês, por continuarem a inspirar e a lançar-se em novas histórias a cada dia. Por acreditarem na magia e no espanto, tanto no mundo real como nos mundos não tão reais.

Table of Contents

1.	Capa
2.	Ficha Técnica
3.	1
4.	2
5.	3
6.	4
7.	5
8.	6
9.	7
10.	8
11.	9
12.	10
13.	11
14.	12
15.	13
16.	14
17.	15
18.	16
19.	17
20.	18
21.	19
22.	20
23.	21
24.	22
25.	23
26.	24
27.	25
28.	26
29.	27
30.	28
31.	29
32.	30
33.	31
34.	32
35.	33
36.	34
37.	35
38.	36
39.	37

- 40. [38](#)
- 41. [39](#)
- 42. [40](#)
- 43. [41](#)
- 44. [42](#)
- 45. [43](#)
- 46. [Agradecimientos](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)
- 2. [Title-Page](#)
- 3. [Table of Contents](#)